UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Hermenêutica do existir do homem de meia-idade – Paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger

Ellika Trindade

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO–SP
2002

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Hermenêutica do existir do homem de meia-idade – Paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger

Ellika Trindade

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

Ribeirão Preto-SP
2002

FICHA CATALOGRÁFICA

Trindade, Ellika
Hermenêutica do existir do homem de meia-idade – Paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger. Ribeirão Preto, 2002.
322 p.: il.; 30 cm

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP – Dep. de Psicologia e Educação.
Orientador: Bruns, Maria Alves de Toledo

1. Meia-idade. 2. Sexualidade. 3. Fenomenologia Ontológico-Hermenêutica.

"Uma palavra, uma frase, uma definição,
nunca poderão dizer o que há a dizer."

Antônio Muniz de Rezende

"Hermes, é ao mesmo tempo,
o deus do hermetismo e da hermenêutica,
do mistério e da arte de decifrá-lo."

Jean Chevalier e Alain Gheerbrandt

Agradecimentos

Muitas pessoas com-partilharam e com-partilham minha trajetória pessoal e profissional, porém gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos especialmente a:

Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, pela orientação segura, profissional e ética e pelas inúmeras oportunidades de com-partilharmos idéias e opiniões. Ao longo de nossa trajetória nestes 11 anos o zelar pelo outro mostrou-se uma real possibilidade.

Janda Vieira e *Zilda Francisca Rafael Abbud*, pela solicitude com que se dispuseram a me auxiliar na busca por homens de meia-idade.

Célia Regina Vieira de Souza Leite pelos debates e trocas de idéias e referências bibliográficas as quais, ainda que via telefone, muito engrandeceram minha trajetória.

Profa. Dra. Regina Helena Lima Caldana e *Prof. Dr. Francisco Hashimoto* pelas valiosas contribuições durante o Exame de Qualificação.

Prof. Dr. Sérgio Kodato pela disponibilidade em ler o texto do Exame de Qualificação e me possibilitar ricos debates e reflexões.

Profa. Maria do Socorro Dias Novaes de Senne, pela leitura e revisão cuidadosa do texto final e pela inestimável oportunidade de novos aprendizados.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos ao longo do primeiro ano de realização da pesquisa.

RESUMO

Partindo de um contexto social demarcado por transformações sociais, como o incremento do uso de tecnologia e a inserção da mulher no mercado de trabalho, com a necessidade de maior flexibilização e preparo para nele se inserirem os cidadãos, bem como por transformações no âmbito das relações interpessoais, em especial as familiares, objetivamos, nesta tese, compreender como homens na meia-idade vivenciam esta fase do seu desenvolvimento. A meia-idade é um período demarcado por mudanças, em especial psicológicas para os homens. Isso porque a percepção do envelhecimento, da proximidade da fase adulta dos filhos e a competição com pessoas mais jovens no mercado do trabalho podem deflagrar a chamada "crise da meia-idade". Esse momento pode tanto levar a uma reflexão e a um re-direcionamento existencial como a uma estagnação, demarcada pelo marasmo e receio de empreender mudanças, pois pode haver uma percepção de que a proximidade da morte faz parte de sua vida. Nosso olhar para os homens, nessa fase do desenvolvimento, norteou-se pelas facetas da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida. A metodologia utilizada foi a fenomenologia ontológico-hermenêutica de Martin Heidegger em que a interpretação do existir humano é a principal tônica. Foram entrevistados sete homens com idade entre 41 e 52 anos, nível socioeconômico A e B, casados e com filhos adolescentes. Os resultados evidenciam que a inautenticidade – modo de ser em que o referencial são "os outros" – mostrou-se como principal norteadora da vida desses homens, embora a autenticidade – assunção das responsabilidades existenciais –, também tenha se revelado. A afetividade, desvelada na preocupação com os filhos foi o principal sentido dos discursos. A inautenticidade revelou-se quando o futuro pessoal dos homens mesclou-se ao dos filhos, não havendo uma percepção de indivíduo, mas sim de que seu papel social norteia seu existir. A autenticidade foi vislumbrada quando a preocupação com suas relações afetivas e seus projetos de vida foram colocados em pauta. O envelhecimento mostrou-se tanto como impeditivo de mudanças, tendo no comodismo sua principal marca, como despertou questionamentos a respeito do modo de vida individual e afetivo. Esses aspectos evidenciam que a meia-idade, vivenciada no mundo pós-moderno, pode propiciar, por meio dos questionamentos que envolvem o existir humano, oportunidades de transformação no contexto das relações interpessoais, abrangendo o mundo familiar, bem como o social mais amplo. Essa fase do desenvolvimento pode proporcionar às novas gerações valores e crenças que lhes oportunizem reflexões e modelos de conduta que sejam alternativos aos que estão presentes nos relacionamentos sociais. A aproximação entre as gerações e a transmissão de questionamentos, dúvidas e anseios podem ser importantes caminhos a serem trilhados por todos os que se preocupam com o existir humano. Como horizontes, percebemos que os sentidos e significados do existir humano são múltiplos e que a fenomenologia ontológico-hermenêutica pode trazer contribuições para a ampliação da compreensão da existência ao desvelar, por intermédio da linguagem, nosso modo de ser.

Palavras-chave – Meia-idade; Masculinidade; Sexualidade; Fenomenologia Ontológico-Hermenêutica; Psicologia existencial.

ABSTRACT

Starting from a social context marked by social transformations such as the improving use of technology and the influx of working women in the job market and the necessity of a greater flexibility and education of the citizens to make part of it, as well as the transformations occurring in the interpersonal relations, specially those happening within the family, this thesis aims at understanding how the middle-aged men act and experience this development phase of life. The middle age is a period that is marked by changes, specially those psychological ones to men. This happens due the perception of getting old, the proximity of the adult phases of the children and the competition with younger people in the job market, which can blow up the "middle age crisis". This moment can lead to a deeper thinking and to a re-direction of his existence as well as it can lead to stagnation marked by apathy and fear of making changes once the perception of the proximity to death makes part of his life. The glancing to the men at this phase of development was given emphasizing aspects as paternity, sexuality and projects of life. The method employed was based on the Martin Heidegger's ontological-hermeneutical phenomenology, which focuses the human existence as main point. Seven men with age ranging from 41 to 52 years old were interviewed, having a socio-economical level A or B, married, and having adolescent children. The results show that inauthentic existence - a way of being where the reference is based on the "others" - revealed that main guiding line to those men in this period of their life, although the authentic existence – the assumption of existence's responsibilities – has been shown up. The affection mixed up the deep worries towards the children was the main sense in the discourses. The inauthentic existence appeared when the future of the children was mixed up with their future, not existing a perception of the individual but the social role that guided his existence. The authentic existence was glimpsed when his worries and preoccupations with affective relations and projects of life were put in evidence. The aging process showed as being an obstacle to changes due to the self-indulgence as well as it raised some questions about of his individual and affection way of living. Those aspects put in evidence the middle age happening in a post-modern world may cause by means of questioning the human existence, in a series of transformation opportunities in a context of interpersonal relations, including the family and the society. This phase of development may proportionate to the coming generations values and beliefs that may give them opportunity to reason over the models and behavior patterns that are alternative ones to those present in the social relationships. The coming up of generations and the transmission of questionings doubts and hopes may be important tracks to be followed by those who really worry about the human existence. We can perceive as horizons that the meanings of the human existence are multiple and the phenomenology ontological-hermeneutical may contribute to wide the comprehension of the existence and may unveil by means of the language our way of living.

Key-words – Middle Age; Masculinity, Sexuality, ontological-hermeutical Phenomenology; Existentialist Psychology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – Inquietações despertadas pela existência humana: da sexualidade do adolescente ao existir do homem de meia-idade..... 01

PRIMEIRA PARTE – Temporalidade do existir do homem de meia-idade 21

CAPÍTULO I – O EXISTIR DO HOMEM DE MEIA-IDADE NO PRESENTE: O MUNDO PÓS-MODERNO..... 22

Distinção entre os termos modernidade e pós-modernidade..... 22

A família no mundo pós-moderno..... 26

O existir do homem de meia-idade no mundo pós-moderno..... 30

CAPÍTULO II – UM OLHAR AO PASSADO PARA AMPLIAR A COMPREENSÃO DO EXISTIR DO HOMEM NO PRESENTE..... 43

Família, sexualidade e paternidade: retrospectiva histórica da masculinidade..... 43

Envelhecimento humano: história de preconceitos e medos..... 59

CAPÍTULO III – MASCULINIDADE E ENVELHECIMENTO: CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA, DOS ESTUDOS DE GÊNERO E DA PSICOLOGIA..... 72

Relações sociais vistas à luz da Antropologia..... 72

Cultura e envelhecimento: algumas elaborações e modos de lidar com o processo de envelhecer..... 78

A formação da identidade masculina: contribuição dos estudos de gênero..... 83

O *Ser-aí* do homem na perspectiva psicanalítica..... 90

A importância da figura paterna na formação da identidade masculina..... 102

CAPÍTULO IV – MEIA-IDADE: DESENVOLVIMENTO E SEXUALIDADE..... 109

Contribuições da teoria de Erik Erikson para a compreensão do Ser-aí na meia-idade..... 109

O homem na meia-idade e a sexualidade..... 114

A fisiologia masculina: breve descrição do processo de ereção.. 117

Alterações fisiológicas no homem de meia-idade: mitos e realidades..... 119

Crise da meia-idade e sexualidade masculina: acontecimentos vinculados à realidade cultural..... 121

SEGUNDA PARTE – O caminho que conduz à hermenêutica do existir do homem de meia-idade 126

CAPÍTULO V – O CAMINHO QUE CONDUZ À COMPREENSÃO: FENOMENOLOGIA ONTOLÓGICO-HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER..... 127

Histórico da palavra hermenêutica..... 128

A visão de homem e de mundo de Heidegger: principais aspectos..... 140

O modo de ser cotidiano da *Abertura*..... 151

Da impropriedade à propriedade: a angústia enquanto caminho para essa transposição..... 156

TERCEIRA PARTE – A trilha percorrida na hermenêutica do existir do homem de meia-idade 166

CAPÍTULO VI – TRAJETÓRIA PERCORRIDA NO ACESSO AOS ENTREVISTADOS..... 167

Contato inicial com os entrevistados..... 167

As dificuldades enfrentadas ao longo da trajetória..... 168

Quem são os entrevistados? Uma breve apresentação..... 170

O encontro significativo mediado pela entrevista: alguns esclarecimentos..... 175

Análise dos depoimentos..... 177

QUARTA PARTE – Hermenêutica do existir do homem de meia-idade – Paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger 184

CAPÍTULO VII – O EXISTIR DOS HOMENS DE MEIA-IDADE: HERMENÊUTICA DOS DISCURSOS..... 185

Paternidade: a afetividade que se desvela na realização do outro..... 185

Sexualidade: o velar e o desvelar do universo afetivo..... 195

Projetos de vida: ser-no-mundo em uma mescla de projetos..... 206

CAPÍTULO VIII – QUEM VELA – DESVELA O SER? EXPLICITANDO SENTIDOS..... 222

CAPÍTULO IX – HORIZONTES 230

ANEXOS 235
Anexo 1 – Ofício de Aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética do HCFMRP – USP..... 236
Anexo 2 – Termo de Consentimento Informado..... 238
Anexo 3 – Questionário de Classificação Socioeconômica..... 242
Anexo 4 – Depoimentos dos Entrevistados..... 244

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 312

APRESENTAÇÃO

Inquietações despertadas pela existência humana: da sexualidade do adolescente ao existir do homem de meia-idade

A inquietação acerca da busca por compreender o existir do homem iniciou-se na graduação e, ao longo de um caminho percorrido, no aprendizado do modo de realizar pesquisa, foram sendo revelados novos horizontes que culminaram na busca pela compreensão do homem na **meia-idade***. É esse caminho que será apresentado a seguir.

Percorrendo uma trajetória de pesquisa durante a Graduação em Psicologia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, realizei, sob orientação da Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, um estudo acerca da maternidade e da paternidade na adolescência, com o título seguinte: *"Era Isso o que Eu Queria? Um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência"*. Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 1992 a 1994 e concluída em 1995, como Monografia de Bacharelado em Psicologia da qual se originaram as seguintes publicações: BRUNS & TRINDADE (1995) e TRINDADE & BRUNS (1996).

---

* Meia-idade compreende *"o período que começa no início dos 40 e termina no início dos 60 [anos]"* (DAVIDOFF, 2001, p. 484).

Nessa pesquisa, foram entrevistadas 20 mães com idade entre 15 e 21 anos e quatro pais com idade entre 18 e 21 anos. A metodologia utilizada foi a qualitativa fenomenológica, uma vez que se buscava compreender os significados atribuídos a essa vivência pelos próprios jovens pais e mães. Os resultados da pesquisa revelaram que a descoberta da gravidez foi vivenciada com muita angústia pelos adolescentes entrevistados, não só em relação às atitudes a serem tomadas após saberem que iriam ser mães e pais, mas também no que diz respeito à reação dos familiares. Importa destacar, aqui, as dificuldades enfrentadas na realização dessa pesquisa no que se refere à participação dos rapazes. Dos 20 jovens contatados, apenas quatro se dispuseram a dar seus depoimentos acerca da vivência da paternidade.

Esse silêncio dos jovens pais, bem como a escassez de bibliografia referente à paternidade na adolescência, instigaram-me a caminhar na busca da compreensão desse fenômeno. Assim, realizei ao longo do mestrado em Psicologia, na mesma Faculdade, a pesquisa: *" 'Eu, pai?' A paternidade na adolescência e seu significado*", TRINDADE (1997), financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). No decorrer desse estudo, foram publicados os artigos: "A presença da ausência" e "Meu filho vai ser pai!", BRUNS & TRINDADE (1997; 1998), "Pai adolescente: Quem é ele?", TRINDADE & BRUNS (1998) e os livros "Meu filho vai ser pai! E agora?" e "A paternidade: Presença da ausência?!" (BRUNS & TRINDADE, 2001a; 2001b). Utilizando-se dessa vez o referencial teórico-metodológico da Fenomenologia Ontológico-Hermenêutica de Martin Heidegger, ao final da pesquisa houve a publicação do livro "Adolescentes e paternidade: Um estudo fenomenológico" (TRINDADE & BRUNS, 1999).

Os resultados dessa pesquisa apontaram que os jovens não esperavam ou desejavam ser pais na adolescência. Confessaram os sentimentos de ambigüidade advindos dessa vivência, ou seja, disseram que, ao mesmo tempo que é bom ser pai, são muitas as dificuldades que se apresentam nessa experiência: o aumento inusitado de responsabilidades, mudanças indesejadas no relacionamento com a parceira e o difícil enfrentamento da reação dos familiares. Expressaram sentimentos de perda, uma vez que a paternidade não planejada levou-os a deixar de lado as atividades costumeiras de seu cotidiano, como jogar bola com os amigos, jogar videogame ou passear. Relataram, ainda, esses jovens que a função paterna desempenhada por eles era espelhada principalmente no modelo recebido de seus pais. A importância do pai dos rapazes entrevistados como um modelo desse papel social, também foi uma faceta dessa vivência expressa pelos pais entrevistados.

O referencial ontológico-hermenêutico de Martin Heidegger, utilizado nessa pesquisa, permitiu-nos perceber que o *ser-no-mundo* dos jovens pais é permeado por um modo de ser no mundo ***inautêntico***, o qual se revela na ausência de preocupação de virem a ser pais, pois embora mantendo relações sexuais com suas namoradas, muitos não fazem uso de preservativos nessas relações, da mesma forma que muitas garotas não fazem uso de métodos anticoncepcionais. Essa inautenticidade não carrega consigo nenhum juízo de valor, mas, sendo uma das possibilidades do ser humano viver sua existência, o homem vive mergulhado em um mundo de relações descompromissadas, evidenciadas na recorrência dos discursos das outras pessoas, muitas vezes sem terem refletido criticamente acerca de seus significados.

Esse modo de ser inautêntico revela que o universo de relações estabelecidas no decorrer da infância e da adolescência desses jovens foi marcado pela introjeção

de atitudes descompromissadas e superficiais, apreendidas sem reflexão crítica, e como tal, não possibilitam o comprometimento de co-responsabilidade com os próprios atos e tomadas de decisão.

No referencial de Heidegger esse modo de ser expressa-se pelo *falatório*, pela *tagarelice* em que as pessoas fazem uso cotidianamente de expressões como "eles disseram", "eles falaram" (HEIDEGGER, 1981; NUNES, 1992). Essas indeterminações diluem a responsabilidade uma vez que são de "ninguém" e, assim, não são dos adolescentes também. Nesse contexto, os adolescentes atribuem à sociedade e a outras pessoas razões e justificativas de suas atitudes e problemas, e se eximem de responsabilidades. Urge lembrar que é dessa maneira, muitas vezes, que as relações humanas estão ocorrendo em nossos dias, perpetuando o não-envolvimento e o não-compromisso.

É esse o legado que as gerações adultas vêm deixando aos jovens, especialmente no que diz respeito ao exercício da sexualidade. Por que as gerações adultas? Existe, de modo geral, uma dificuldade e às vezes até mesmo a ausência de diálogo em relação à vivência entre adultos e adolescentes e, em especial, entre pais e filhos. Essa dificuldade de conversar acerca da maneira como os relacionamentos afetivos estão sendo vivenciados pelos jovens é uma realidade e pode levar-nos a compreender o fato de que os jovens pais que participaram da pesquisa não se perceberam como co-responsáveis pela gravidez inesperada, já que não se julgavam responsáveis pela contracepção. Todavia expressaram em seus discursos que esse descompromisso com o próprio relacionamento sexual desencadeou sérias conseqüências em relação ao seu projeto profissional, isso sem falarmos dos projetos de suas parceiras adolescentes.

Expressaram também um modo de ser homem pautado em representações, em idéias construídas socialmente nas quais a principal tarefa é ser responsável após uma certa idade e também a de que essa responsabilidade será assumida apenas após uma certa fase da vida, qual seja, na fase adulta. Mesclada a essa idéia temos a noção de que o homem, quando é pai, restringe-se, prioritariamente, à função de provedor material da família, função que só pode ser exercida após o alcance de um certo patamar social e econômico, portanto, após a adolescência.

A paternidade vivida nessa fase de desenvolvimento pode vir a ser uma experiência que possibilite aos jovens um re-pensar de suas relações no mundo, levando desse modo a se perceberem como responsáveis por suas atitudes e, no que diz respeito à paternidade, tomarem consciência da importância de utilizar métodos contraceptivos e deles se valerem. Estando no mundo com outros seres humanos, cabe ao jovem, e também a outros homens que com ele compartilham de seu existir, abrirem-se para pausas reflexivas e críticas ao longo de suas vidas de modo a perceberem a maneira como vivenciam hoje sua sexualidade e seu *ser-no-mundo*.

Nesse sentido, embora as dificuldades de serem pais, as quais foram explicitadas pelos rapazes nessa pesquisa possam ter sido expressas em razão da especificidade da fase de desenvolvimento em que viviam – a adolescência – seus relatos, apesar de terem permitido uma melhor visão acerca da paternidade, apontam para a constatação de que existe um hiato lamentável na comunicação entre pais e filhos em relação à vivência da sexualidade.

Além disso, a importância do modelo de função paterna aprendida por esses jovens, bem como a dificuldade de relacionamento com o próprio pai, tal como esse relato expressa, *"meu pai... parece que me colocou de lado e eu fiquei muito*

abalado...” evidenciam que ainda há facetas da vivência da paternidade e, portanto, da masculinidade, bem como da relação entre pais e filhos as quais urge serem reconstruídas, a fim de que pais e filhos aprendam a dialogar.

Essa trajetória do ser pai adolescente demarcada por sentimentos de culpa e desestruturação do projeto profissional e também de vida evidencia que na busca por compreender o modo como a paternidade era vivenciada no período adolescente, desvelaram-se significativos aspectos do existir desse ser relacionados ao seu modo de ser-no-mundo. Dentre eles temos: dificuldades em expressar sentimentos, o descompromisso para consigo e para com a parceira, ação que acaba por levar a uma gravidez não planejada e, aliadas a essas dificuldades, temos um aspecto primordial: o de que esse modo de ser, despreocupado com o presente desvela a maneira como esses jovens projetam-se em termos de futuro.

Releva destacar que tal modo de ser inscreve-se como reflexo de um mundo de relações construído socioculturalmente, revelando a circunscrição desses adolescentes em um contexto que é histórico, político e cultural. Seus modos de ser nada mais expressam do que valores e ideais veiculados em seu mundo de relações sociais.

Nesse sentido, quando percebemos que o adolescente, que já nasceu em um mundo marcado por significativas mudanças como a inserção da mulher no mundo público, a presença maciça de métodos anticoncepcionais, a possibilidade de homens e mulheres, em especial das classes sociais de média e alta renda ingressarem em uma universidade, vive sua existência de modo predominantemente inautêntico, pautando seu modo de ser no que os outros fazem sem ter uma reflexão crítica norteando seu existir, surgem novas questões: Como os adultos, em especial os pais

desses adolescentes, experienciam seu existir? Como vivenciam a paternidade? Será essa vivência mais fácil do que para os adolescentes? Como é a relação do pai com o filho e/ou filha adolescente? Como se sente esse homem em face do jovem filho que busca cada vez mais trilhar caminhos próprios? Como o homem de meia-idade gerencia suas relações familiares em relação ao modelo de pai apreendido ao longo de sua existência em face das transformações que vêm ocorrendo no contexto familiar e social?

Essas questões motivaram-me a elaborar, ao longo de 1998, o projeto intitulado: "Ser pai: A vivência de pais de adolescentes", juntamente com o exercício de atividades docentes no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Ao final desse ano, participei do processo de seleção de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia ingressando nesse programa no início do ano de 1999. O projeto foi reformulado ao longo do primeiro semestre desse ano e encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, *Campus* de Ribeirão Preto e aprovado em agosto do mesmo ano (Anexo I). Ao longo das leituras e cumprimento dos créditos em disciplinas, o projeto inicial foi se ampliando na medida em que novas interrogações surgiram no percurso e, em relação à trajetória profissional, iniciei atividades docentes nas Faculdades Associadas de Ensino em São João da Boa Vista – SP, no início de 2000 ministrando Psicologia para o curso de Comunicação Social e Psicologia da Personalidade para o curso de Psicologia.

Assim, ao longo da trajetória de pesquisadora a inquietação que norteou a elaboração do projeto de doutorado, a paternidade, ampliou-se para a busca de compreensão do existir de homens de meia-idade, sendo a paternidade uma das

facetas dessa existência, mas não a única. Os questionamentos passaram a envolver também outras interrogações, incluindo as seguintes: Como é ser homem de meia-idade no contexto do pós-moderno? Quais são os significados atribuídos à paternidade na meia-idade? Como se percebem sendo pais de adolescentes neste momento de suas vidas? Momento esse em que o filho adolescente está iniciando o exercício de sua vida sexual. Sendo assim, com quais dificuldades e/ou facilidades defronta-se o jovem senhor com idade entre 40 e 50 anos em relação ao filho adolescente? Em relação à própria sexualidade, como se percebe esse homem que, segundo o senso comum, chega à meia-idade ou à tão temida "idade do lobo"? Como se percebe enquanto homem em suas relações afetivas e sexuais? Como é a relação consigo mesmo? Com a esposa? Em relação aos projetos de vida: como percebe o processo de seu existir? Como vislumbra o que realizou ao longo da existência? Como se sente em face desse processo? Que projetos ancoram seu existir futuro?

Essas questões inquietam-me a ponto de mobilizar-me em direção a reflexões profundas acerca do contexto social em que se insere esse homem, contexto esse marcado por importantes transformações sociais e culturais e denominado por alguns autores de pós-modernidade. Neste momento idéias relacionadas à construção de gênero, ou seja, à interpretação social que se atribuem a características biológicas, as quais nos permitem identificarmos como pertencendo ao gênero feminino ou masculino estão passando por importantes questionamentos, os quais interferem na vida familiar e na atuação social de homens e mulheres.

E, nesse contexto macrossocial, insere-se o homem de meia-idade, tendo filhos adolescentes e vivendo aspectos particulares próprios dessa fase da existência humana. Uma vez que as reflexões relacionadas ao mundo do homem na meia-idade

envolvem idéias de muitos autores, em especial as vinculadas às transformações no mundo atual, passo a redigir o texto na primeira pessoa do plural, pois a construção desse universo de conhecimentos não se fez isoladamente, mas é fruto da elaboração e reelaboração das idéias de vários autores.

Assim, após termos situado o mundo em que vive esse homem hoje, esclarecemos que o objetivo central desta pesquisa é o de **compreender o sentido atribuído à existência pelo homem de meia-idade.** Ou seja, **compreender o modo de existir do homem na meia-idade norteado pelas facetas da paternidade, da sexualidade e de seu (s) projeto (s) de vida.**

Esses questionamentos inserem-se no contexto atual de pós-modernidade em que transformações no âmbito macrossocial podem proporcionar a esse homem oportunidades de re-pensar seu modo de existir, avaliar a elaboração de projetos de vida em um momento em que a ameaça de desemprego é flagrante, deparar-se com a proximidade da terceira idade, o sentir-se envelhecendo e, nesse contexto refletir a respeito de sua relação com os filhos adolescentes e ao modo como vivencia sua sexualidade. Todos essas situações remetem a um aspecto mais abrangente: o questionamento da existência, ou seja, o questionamento do que foi realizado ao longo da vida até este momento e as possibilidades que se mostram à frente. Nesse sentido, tais questões vinculam-se ao existir do homem na meia-idade, a aspectos essenciais, inerentes à existência de todos nós e que permeiam nossas relações afetivas, sexuais e familiares: "Quem sou eu?", "Como me relaciono com as pessoas?", "Como me relaciono comigo?", "Que significados atribuo à sexualidade nesta fase de minha existência?" "Que fiz de meu existir até o momento presente?", "Que projetos ancoram meu existir futuro?". Essas questões remetem a uma mais

ampla que é: "que sentido atribuo à minha própria existência neste momento conturbado do pós-moderno em que vivencio a meia-idade?"

Colocar essas questões que envolvem a existência humana aqui não significa, no entanto, que os homens na fase de desenvolvimento citada as estejam colocando para si mesmos, dado que seu modo de ser-no-mundo, enquanto ser de projetos, lhes abre como possibilidade questionar, ou não, seu modo de existir. O que buscamos compreender é o modo de ser do homem de meia-idade nos dias atuais em que o contexto macrossocial se transforma rapidamente influenciando o contexto microssocial, qual seja, o universo pessoal e familiar das pessoas.

Nesse sentido buscamos empreender uma hermenêutica da existência do homem demarcada nos horizontes da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida tendo como visão de homem um ser lançado ao mundo com o qual estabelece relações permeadas pela afetividade e historicidade. Sendo assim, vive contextualizado em um momento histórico, social, político, econômico, cultural e, sua subjetividade estrutura-se nessas relações.

Nos primeiros capítulos desta tese buscaremos pistas já existentes em diversas áreas do saber que nos possibilitem ampliar nossa compreensão da constituição da masculinidade. Buscaremos, portanto, situar o fenômeno aqui indagado, fazendo uma pausa atentiva diante dos principais pontos que compõem o círculo hermenêutico, ou seja, os horizontes de compreensão que se mostram a nós, relativos ao universo do homem na meia-idade. Essa busca nos ajudará na compreensão das transformações do contexto social da atualidade as quais envolvem suas relações afetivas, familiares e sexuais, bem como a necessidade de compreendermos o **mundo** desse homem.

Podemos reconhecer que vivemos hoje em um contexto de transformações em muitos âmbitos de nossa existência. No contexto macrossocial, o capitalismo centra-se hoje mais na produção de serviços do que na de bens de consumo, sendo que o uso da tecnologia é cada vez maior e a fragmentação e descentralização do processo produtivo é uma realidade.

Por outro lado, as relações interpessoais são afetadas por esse contexto uma vez que há sempre uma inter-relação entre os múltiplos aspectos do mundo em que vivemos.

No âmbito científico, em especial no campo da Psicologia, assistimos hoje à busca por rumos alternativos aos consolidados na história desse campo do saber, quais sejam os métodos das ciências naturais. Cada vez torna-se mais perceptível que esses métodos, pautados prioritariamente na observação, mensuração e replicabilidade de experimentos, ainda que possam ter trazido significativas contribuições à Psicologia, não são suficientes para abranger a complexidade e riqueza de seu objeto de estudo: o ser humano enquanto indivíduo que experiencia um mundo e a ele atribui sentidos e significados.

A percepção e o questionamento das limitações dos métodos científico-naturais ao estudo do homem não surgiram em nossos dias, mas percebemos hoje profundo alento na busca por rumos diversos daqueles.

Nesse contexto, os campos de conhecimento da Fenomenologia e da Psicologia Humanista muito têm a contribuir para a compreensão do ser humano e para a Psicologia, uma vez que consideram o homem em suas peculiaridades, em seu mundo próprio, nas múltiplas significações a ele atribuídas, sem deixar de considerar

os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais que configuram o mundo em que habita o ser humano.

Autores como Medard Boss, Ludwig Binswanger, Karl Jaspers no âmbito da psiquiatria e Rollo May, Irvin Yalom, Monique Augras, Amedeo Giorgi, dentre outros no campo da psicologia, além dos estudiosos brasileiros Benedito Nunes, Ernildo Stein, Creusa Capalbo, Dulce Critelli, no campo da filosofia e Yolanda Cintrão Forguieri, Emílio Romero, Mauro Martins Amatuzzi, dentre tantos outros na psicologia evidenciam em suas pesquisas e produções acadêmicas a relevância que o modo de olhar o mundo da fenomenologia e da psicologia humanista e existencial são pertinentes para o estudo do homem enquanto homem.

Sendo assim, buscamos, nesta linha de trabalho, continuar nossa trajetória tendo como eixo norteador o referencial de Martin Heidegger, autor que traz inúmeros subsídios à reflexão do existir humano e sob a orientação da Dra. Maria Alves de Toledo Bruns cujos trabalhos são norteados pelas reflexões fenomenológicas e voltam-se a questionamentos relativos à sexualidade humana sob uma perspectiva ontológica.

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia em que foi desenvolvida esta tese tem como principal proposta incentivar e apoiar a construção e expansão de novos fazeres psicológicos e, portanto, de integrar o conhecimento desta área ao advindo das contribuições de outras ciências, em especial nesta tese, a sexualidade, vista sob uma perspectiva ontológica e, também, a Filosofia. Assim, ampliar os horizontes da ciência psicológica por uma perspectiva humanista é de fundamental relevância no contexto pós-moderno, pois, a cada dia novos questionamentos estão sendo apresentados a nós, seja em relação ao mundo em que vivemos, seja no que diz

respeito ao modo como as relações interpessoais e afetivas estão configuradas. A perspectiva humanista em Psicologia e em outras ciências do homem apresenta-se como importante alternativa para estudá-lo em suas peculiaridades, em especial nos dias atuais.

Dessa perspectiva, esta tese insere-se na linha de pesquisa denominada "Fundamentos Históricos e Sócio-Culturais da Psicologia" na qual, entre as áreas de pesquisa existentes encontra-se a seguinte: "Sexualidade – Construção e Desconstrução de seus Discursos" sob responsabilidade da Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns. A principal diretriz desta área é a reflexão acerca da sexualidade humana vista sob uma perspectiva ontológica e também sócio-histórica. A docente coordena também o grupo "Sexualidade e Vida", o qual encontra-se registrado no Diretório de Pesquisas do CNPq – Plataforma Lattes e onde se inserem as produções acadêmicas e científicas de pesquisadores, alunos de Mestrado e Doutorado sob sua orientação.

Nesse sentido, esta tese faz parte da produção intelectual produzida pelo grupo coordenado pela referida docente, tendo como seu eixo norteador a Fenomenologia e centrando sua atenção no modo de ser do homem de meia-idade sendo que o principal ponto de referência é a perspectiva desse homem, ou seja, suas vivências relativas à paternidade, à sexualidade e aos seus projetos de vida.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa está envolto na reflexão do Ser, da existência humana, do ontológico, razão pela qual continuamos em nossa trajetória utilizando o referencial de Martin Heidegger. Elegemos as idéias deste autor para nortear nossa busca por compreender o modo de ser do homem de meia-idade por acreditarmos que suas idéias são pertinentes e significativas para nós, em especial

por considerar o homem em seu todo de relações, incluindo o seu existir desde seu lançamento ao mundo até a possibilidade de sua morte a qualquer momento de sua vida. Acreditamos que, ao contrário do que costumeiramente se pensa, ao refletirmos que a morte nos é próxima e inesperada e de que dela não temos como fugir, podemos rever continuamente nosso modo de ser, buscando dar vazão aos nossos anseios, planos e perspectivas e priorizando nosso ser mais verdadeiro.

Face ao exposto, esta tese tem então como objetivo principal questionar o sentido do existir do homem de meia-idade tendo como fios condutores a paternidade, a sexualidade e os projetos de vida desse homem no momento sócio-histórico atual. Para compreender essa vivência neste momento empreenderemos uma trajetória hermenêutica tendo em vista diversos pontos nos quais focaremos nossa atenção e que nos possibilitem ampliar nosso círculo compreensivo e interpretativo no que diz respeito ao existir do homem na meia-idade.

Para tal, contextualizaremos primeiro o que está ocorrendo na sociedade ocidental, sendo assim na busca de compreensão do Ser-aí iniciaremos nossa trajetória com questionamentos acerca do que é o pós-moderno.

Feita essa explanação os capítulos que compõem esta tese serão os seguintes:

Primeira Parte – Temporalidade do existir do homem de meia-idade

Capítulo I. O existir do homem de meia-idade no presente: o mundo pós-moderno

Este capítulo é composto de esclarecimentos a respeito das distinções entre os termos modernidade e pós-modernidade, as relações dos acontecimentos no

momento atual com o modo de organização familiar e como estão sendo vividos e questionados o papel do homem e de pai, em especial na meia-idade, em face das transformações e questionamentos deste momento histórico.

A divisão deste capítulo é a seguinte:

Distinções entre os termos modernidade e pós-modernidade

A família no mundo pós-moderno

O existir do homem de meia-idade no mundo pós-moderno

Ao lançarmos nosso olhar para o mundo atual percebemos que uma compreensão mais profunda do mesmo, em especial do papel do homem na sociedade ocidental, só é possível se fizermos uma retomada da construção do modo de ser do homem pelas vertentes da paternidade, da família e da sexualidade ao longo da história. Assim, nosso próximo foco de atenção em nossa trajetória hermenêutica relativa à masculinidade na meia-idade serão as idéias relativas a esses temas no que diz respeito ao passado. Este é o objetivo do capítulo seguinte.

Capítulo II. Um olhar ao passado para ampliar a compreensão do existir do homem no presente

Não é possível abordar a elaboração histórica da função masculina na sociedade sem considerarmos as transformações na família e as concepções e práticas vinculadas ao exercício da sexualidade, bem como às idéias construídas ao longo da história a respeito do envelhecimento. Este capítulo está assim dividido:

Família, sexualidade e paternidade: retrospectiva histórica da masculinidade.

Envelhecimento humano: história de preconceitos e medos.

Capítulo III. Masculinidade e envelhecimento: contribuições da Antropologia, dos Estudos de Gênero e da Psicologia

Neste terceiro capítulo apresentamos contribuições importantes de áreas de conhecimento inter-relacionadas à Psicologia e que muito nos auxiliam a entender que o modo como o papel masculino é desempenhado em nossa cultura não é único nem universal.

Este capítulo está assim dividido:

Relações sociais vistas à luz da Antropologia

Cultura e envelhecimento: algumas elaborações e modos de lidar com o processo de envelhecer

A formação da identidade masculina: contribuição dos estudos de gênero

O Ser-aí do homem na perspectiva psicanalítica

A importância da figura paterna na formação da identidade masculina

Uma vez que estamos lidando com um período específico do desenvolvimento humano, a meia-idade, analisaremos no capítulo seguinte as idéias de Erik Erikson que, à luz da psicanálise estudou este processo desde o nascimento até o final da existência, bem como as principais transformações fisiológicas e psicológicas dessa etapa da vida.

Capítulo IV. Meia-idade: desenvolvimento e sexualidade

Contribuições da teoria de Erik Erikson para a compreensão do Ser-aí na meia-idade

O homem de meia-idade e a sexualidade

A fisiologia masculina: breve descrição do processo de ereção

Mudanças fisiológicas no homem de meia-idade: mitos e realidades

Crise da meia-idade e sexualidade masculina: acontecimentos vinculados à realidade cultural

Segunda Parte – O caminho que conduz à hermenêutica do existir do homem de meia-idade

Capítulo V. O caminho que conduz à compreensão: Fenomenologia Ontológico-hermenêutica de Martin Heidegger

Esta pesquisa tem como veio condutor lançar um olhar à existência do homem de meia-idade nos dias atuais. Sendo assim, a metodologia utilizada é a Fenomenologia Ontológico-Hermenêutica de Heidegger a qual questiona os aspectos ontológicos do humano. Este capítulo conterá:

Histórico da palavra hermenêutica

A visão de homem e de mundo de Heidegger: Principais aspectos

O modo de ser cotidiano da *Abertura*

Da impropriedade à propriedade: a vivência da angústia enquanto caminho possível para essa transposição

Terceira Parte – A trilha percorrida na hermenêutica do existir do homem de meia-idade

Capítulo VI. Trajetória percorrida no acesso aos entrevistados

Este capítulo apresenta ao leitor os passos percorridos para obter os depoimentos dos participantes da pesquisa no que diz respeito à vivência da meia-idade neste momento sócio-histórico. Está composto das seguintes partes:

Contato inicial com os entrevistados

As dificuldades enfrentadas ao longo da trajetória

Quem são os entrevistados? Uma breve apresentação

O encontro significativo mediado pela entrevista: alguns esclarecimentos

Análise dos depoimentos

Quarta Parte - Hermenêutica do existir do homem de meia-idade – Paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger

Capítulo VII – O existir dos homens de meia-idade: hermenêutica dos discursos

Este capítulo contém a hermenêutica dos depoimentos dos sete homens relacionados a cada uma das facetas de seu existir, quais sejam: Os Horizontes da Paternidade, Os Horizontes da Sexualidade e os Horizontes dos Projetos de Vida.

Está assim dividido:

Paternidade: a afetividade que se desvela na realização do outro

Sexualidade: o velar e o desvelar do universo afetivo

Projetos de vida: ser-no-mundo em uma mescla de projetos

Capítulo VIII. Quem vela – desvela o ser? Explicitando sentidos...

Apresentamos algumas considerações relacionadas ao fenômeno por nós interrogado – o existir do homem na meia-idade – e as reflexões que este estudo nos possibilitou em relação aos horizontes existenciais no mundo pós-moderno, em especial às facetas da impropriedade e da propriedade existencial. Ler atentamente, buscando ir além do dito, os depoimentos dos sete entrevistados, fez com que vislumbrássemos algumas pistas de como podemos, por intermédio da reflexão crítica de nosso modo de ser, buscar modos de ser diversos dos explicitadores da impropriedade existencial.

Capítulo IX. Horizontes

Os horizontes vislumbrados ao final da trajetória são apresentados neste capítulo, em especial no que se refere a possibilidades de continuidade da trajetória de pesquisa. A hermenêutica revela-se como principal ponto de interesse, em especial, por suas contribuições para a compreensão do ser humano.

Anexos

Estão contidos os seguintes textos: Ofício de Aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética do HCFMRP-USP (Anexo 1); Termo de Consentimento Informado (Anexo 2), Questionário de Classificação Socioeconômica (Anexo 3) e as 7 entrevistas realizadas em sua íntegra (Anexo 4).

Referências Bibliográficas

Os livros e textos citados ao longo da tese encontram-se discriminados neste item.

Primeira Parte

Temporalidade do Existir do Homem de Meia-Idade

CAPÍTULO I

O EXISTIR DO HOMEM DE MEIA-IDADE NO PRESENTE: O MUNDO PÓS-MODERNO

Distinção entre os termos modernidade e pós-modernidade

Atualmente é bastante comum o uso de termos como crise da família, crise dos costumes, modernização, pós-modernidade e, especialmente neste estudo que abrange o contexto familiar, bem como a sexualidade humana, torna-se relevante esclarecer alguns termos antes de aprofundar reflexões a respeito de como está o panorama atual da vivência da meia-idade masculina.

Alguns autores abordam as transformações que estão ocorrendo nos dias atuais como modernidade, outros como pós-modernidade, de modo que esclareceremos a seguir o leitor acerca dos significados desses termos.

Etimologicamente, de acordo com FERREIRA (1999), o termo moderno, do latim *modernu* significa enquanto substantivo *"aquilo que é moderno ou ao gosto moderno"* e enquanto adjetivo entre outros significados *"1. Dos tempos atuais ou mais próximos de nós; recente, 2. Atual, presente, hodierno"*. Já o termo pós-moderno (de pós + moderno) enquanto adjetivo designa algo *"que, nas últimas décadas do séc. XX, adota uma postura descomprometida, independente, em face das transformações profundas ocorridas na ordem socioeconômica"* e no campo das

artes plásticas algo *"relativo a, ou próprio de qualquer criação artística que reabilita e adota a complexidade, a contradição, a ironia, a mistura de estilos e de gêneros, por oposição às referências de pureza, de integridade, que ainda dominam a crítica de arte moderna".*

A expressão pós-modernidade (de pós-moderno + -(i)dade) refere-se, enquanto substantivo à *"condição ou caráter de pós-moderno"*; *"época pós-moderna".*

É possível perceber, já com essa consulta ao dicionário, que os termos moderno e pós-moderno podem, dependendo das circunstâncias, ser utilizados nos dias atuais para se referirem ao mesmo contexto social, qual seja, o da atualidade com a diferença de que o termo pós-moderno parece explicitar melhor o caráter instável e mutável de nossos dias.

O termo modernidade, ao qual se associa modernismo e moderno, refere-se a uma época histórica, sendo usado comumente para referir-se ao Renascimento, movimento dos séculos XV e XVI. O termo pós-modernidade e seus derivados, pós-modernismo e pós-moderno, foram usados pela primeira vez na década de 30 por Federico de Onis *"para indicar uma reação de menor importância ao modernismo"* (FEATHERSTONE, 1995, p. 25), mas ficou popular na década de 60 em Nova Iorque no meio artístico. A partir daí o termo ganhou espaço nos campos da arquitetura e da música, nas décadas de 70 e 80 e ampliou-se, a partir de intercâmbios entre Estados Unidos e Europa, abrangendo outros campos de conhecimento como as ciências humanas.

Na perspectiva do autor, existe uma dificuldade muito grande ainda de se definir adequadamente pós-modernismo dada a grande confusão conceitual existente

nas várias áreas em que ele é utilizado. Em suas palavras não há *"nenhum significado consensual para o termo pós-moderno"* (FEATHERSTONE, 1995, p. 29). Entretanto ele é bastante relevante no mundo artístico e, em especial para nós, nas ciências humanas, pois evidencia as transformações que estão acontecendo na cultura contemporânea. Elas abrangem os campos artísticos, intelectuais e acadêmicos; a esfera cultural mais ampla (modos de produção, consumo e circulação de bens simbólicos), as quais podem ser relacionadas com mudanças nas instâncias do poder e relações grupais e de classe e transformações nas práticas e experiências cotidianas de diversos grupos. Há nesse item o uso de diferentes regimes de significação bem como o desenvolvimento de *"novos meios de orientação e estruturas de identidade"* (FEATHERSTONE, 1995, p. 30).

Essa última transformação possui grande relação com o tema enfocado nesta tese, dado que os significados atribuídos ao que sejam os papéis sociais de homens e mulheres vêm sendo repensados, havendo a busca por novos caminhos no que diz respeito às relações interpessoais, bem como à expressão da afetividade. Assim, torna-se relevante neste momento sócio-histórico de transformações questionar: como vivem hoje homens e mulheres seus papéis sociais? Com as transformações afetando a vivência da subjetividade, como estão se estruturando os papéis e identidades de gênero? Em especial como o homem que tem entre 40 e 50 anos vive a masculinidade? Como o homem vê os horizontes da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida? Que significados atribui a seu papel de pai? Como se dão as relações entre pai e filho neste contexto de pós-modernidade? Como são as relações afetivo-sexuais deste homem? Como estão seus projetos para o futuro?

Tais questões se mostram pertinentes enquanto alvo de estudo, pois encontramo-nos em um momento peculiar da história em que modelos existentes estão sendo questionados e onde as pessoas cada vez mais estão vivendo sob a perspectiva da pluralidade de modos de organização familiar e de possibilidades de atuação social. Conhecer o que sentem e pensam as pessoas envolvidas nesse processo se mostra como de máxima relevância para todos os seres que compartilham seu existir neste momento atual. Em especial, voltar nossa atenção para o homem de meia-idade revela-se importante, pois ele teve oportunidades de vivenciar um processo educativo pautado em valores considerados tradicionais e vive hoje um contexto de transformações sociais significativas para a constituição de seu ser, além das mudanças intrínsecas à chegada na meia-idade.

Assim sendo, voltar nosso olhar para o modo de ser desse homem, no momento sócio-histórico atual, buscando compreender como vive esse período do desenvolvimento pelas facetas da paternidade, da relação com os filhos, com a família, da vivência de sua sexualidade, enfim tendo como perspectiva seus projetos de vida nesta importante fase de seu existir mostra-se instigante a nós.

Partimos da perspectiva de que, mesmo com as modificações que vêm influenciando a vida social, a instituição familiar ainda hoje se mostra como importante grupo social no desenvolvimento dos indivíduos. E mais, como teremos oportunidade de aprofundar no próximo item, a família continua sendo palco de estruturação da identidade sexual e pessoal de homens e mulheres, bem como o principal meio de convívio afetivo e social para ambos.

A família no mundo pós-moderno

No que tange à pós-modernidade relacionada à família, é possível perceber que há uma sensação por parte de inúmeras pessoas de se "estar perdido". Segundo VAITSMAN (1994), o modelo de família "tradicional" composta de pai-provedor, mãe dona de casa e filhos, unidos "até que a morte os separasse" já é, em especial nas classes médias urbanas, lembrança do passado.

Assistimos nos dias atuais a transformações no modo como as relações entre os **gêneros**[*] vêm se organizando, advindas especialmente dos movimentos de reivindicação feminina por melhores condições de trabalho. Em especial nas famílias de classe média, alguns casais buscam alternativas na divisão de atividades nos âmbitos público e privado, em razão do fato de homens e mulheres trabalharem fora de casa. O anseio por relações mais igualitárias entre ambos vem auxiliando na desconstrução do modelo de família tradicional, havendo hoje diversas maneiras de união. Além desse modelo de família temos, por exemplo: casais unidos consensualmente, famílias matrifocais (composta pela mãe e pelos filhos), bem como casais com filhos de uniões anteriores.

Existem ainda casais homossexuais, casais cujos filhos são adotados, filhos gerados a partir de inseminação artificial, enfim, cada vez mais ampliam-se as possibilidades de organização do grupo familiar. Todas essas possíveis organizações

[*] O termo **gênero** enfatiza o caráter *"fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo"* (SCOTT, 1990, p. 05).

evidenciam as transformações no exercício dos **papéis de gênero**[*] e, conseqüentemente no modo como as **identidades de gênero**[**] irão se desenvolver.

Importa destacar, portanto, que as transformações pelas quais vem passando a família acompanham o momento histórico da sociedade em que se insere, o que muito bem retratam os modos de organização citados acima. O próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para efeitos de contagem estatística define família da seguinte forma: *"Conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência residentes na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar"*. Como dependência doméstica esse órgão explica que é *"a relação estabelecida entre a pessoa de referência e os empregados domésticos e os agregados da família"*. Já por normas de convivência *"as regras estabelecidas para o convívio de pessoas que moram juntas, sem estar ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica"* (NOVA FAMÍLIA..., 2001, p. 13).

Essa definição nos mostra que, apesar de situar-se como parâmetro para se empreender contagem estatística, a instituição família não pode ser considerada como constituindo um único e homogêneo agrupamento social.

Com relação à prática das relações cotidianas, existe ainda um certo descompasso entre as necessidades e a realidade. Em muitas famílias em que a mulher exerce um trabalho remunerado, muitas vezes ganhando até mais do que o parceiro, atuando praticamente em todos os setores da sociedade, as tarefas

---

[*] Papel de gênero segundo COSTA (1994, p. 23) *"nada mais é que o nosso comportamento frente às demais pessoas e à sociedade como um todo"*.

[**] Identidade de gênero, termo criado por Robert Stoller em 1964, refere-se à *"sensação interna de pertencermos ao gênero masculino ou feminino, bem como à capacidade de nos relacionarmos socialmente"* (COSTA, 1994, p. 11).

domésticas – ainda que em alguns lares seja dividida entre os familiares - são, de maneira geral, vistas como responsabilidade feminina, do mesmo modo como a responsabilidade pela educação dos filhos ainda é relegada à mãe, conforme revela pesquisa realizada pela Datafolha em todo o território nacional a respeito da família brasileira (FOLHA DE S. PAULO, Caderno Especial A, 1998). Assim, o diálogo acerca da sexualidade também fica sob a responsabilidade da mãe, e o pai, ausenta-se também dessa tarefa.

No mundo público, o homem convive cada vez mais com mulheres participativas e batalhadoras e, no mundo privado, o *status* feminino ampliou-se à medida que, além de responsabilizar-se pelas tarefas "tradicionalmente femininas", participa também do orçamento doméstico, contribuição que é, geralmente, bastante significativa. Por outro lado, o homem não ampliou sua participação no âmbito privado, mesmo com a cobrança por parte de muitas mulheres para que tal ocorra.

É possível perceber, em face do exposto, que o papel do homem na família encontra-se num momento de transição em que se desconstrói o antigo, mas os modelos alternativos nos quais os homens possam se espelhar no exercício de seus relacionamentos são frágeis, seja com as parceiras, seja com os filhos.

A função de pai-provedor, que foi durante muito tempo soberana, vem sendo cada vez mais contestada, sendo que o mesmo ocorre no que se refere ao modo de relação familiar calcada na hierarquia e distribuição desigual do poder.

Esse modo de organização e divisão dos papéis dos membros da família – pai provedor, mãe dona de casa – está cada vez mais sendo alvo não só de questionamentos, mas também de sentimentos de insatisfação por parte dos envolvidos.

Segundo SILVEIRA (1998), esses sentimentos são experimentados não só por mulheres como também por homens e crianças com relação ao modo como as tarefas relativas à família são divididas. Cada vez mais há uma sensação de perda, vazio, falta de amor no ambiente doméstico.

Durante muito tempo, foi legada à mulher a responsabilidade de educação dos filhos, enquanto o homem devia responsabilizar-se pela manutenção material da família. Sendo assim, ambos foram limitados em sua atuação familiar: a mulher foi praticamente impossibilitada de participar de atividades fora do âmbito doméstico e o homem de viver relações mais próximas afetivamente dos filhos.

Cada vez mais as pessoas percebem hoje que os papéis de maridos, esposas e filhos foram constituídos a partir de imposições externas nem sempre possuindo relação com seus sentimentos. E é nesse contexto que muitas pessoas estão buscando outros caminhos. Em especial, o autor nos chama a atenção para dados que, relacionados à família, extrapolam suas barreiras internas.

É o caso da quantidade do envolvimento de homens em situações de risco. O autor cita que a maioria dos atos de violência criminal são cometidos por homens (85%), há um maior número de homens envolvidos com drogas e álcool, quando comparados às mulheres (quatro vezes mais homens envolvidos) e também maior proporção de suicídios entre homens do que entre mulheres (três para um). Dessa forma, também as mulheres apresentam problemas em seus cotidianos. Sobrecarregadas pela dupla jornada de trabalho, muitas sofrem de depressão, além de estresse e ansiedade.

Da parte dos filhos, muitos dados significativos remetem à importância da figura do pai, principalmente quando destacam os efeitos de sua ausência. Prática de

assassinatos, estupros, delinqüência juvenil, fracasso escolar, suicídio e internação em hospitais psiquiátricos são comumente relacionados à ausência paterna.

Todos os aspectos descritos acima evidenciam a importância de estudos que busquem compreender como as transformações nos papéis sociais e de gênero estão sendo vivenciadas por parte de diferentes grupos. Nesse sentido o foco deste estudo, a vivência da meia-idade masculina, é de grande importância para o momento social atual e apresentaremos em seguida alguns aspectos da masculinidade no mundo pós-moderno.

O existir do homem de meia-idade no mundo pós-moderno

De acordo com NOLASCO (1993), tem sido cada vez mais comum atualmente a quantidade de estudos acerca da masculinidade e do mundo masculino bem como da paternidade sendo esta, muitas vezes, vista como via de acesso a esse mundo, tal como afirma o autor. Esses estudos vêm crescendo tanto no exterior como também no Brasil, envolvendo homens e pais em diversas classes sociais e fases do desenvolvimento.

Para esse autor, atualmente os homens vivem um momento em que a angústia e a tensão se mostram como parte de suas vidas. Realizando um trabalho com grupos de homens com o objetivo inicial de sistematizar conhecimentos a respeito de como eles se viam e de como imaginavam ser a expectativa existente a respeito do ser homem, o autor foi percebendo que um sentimento de angústia foi emergindo ao longo do trabalho. A angústia possuía relação com a busca de um modelo masculino

que não fosse o de "machão", modelo construído ao longo do processo histórico e que demarca a vivência de sentimentos e relações afetivas de muitos homens, ainda hoje.

Nessa busca por novos modelos, os homens foram percebendo diversas dificuldades em suas vidas. Uma delas refere-se às implicações da eliminação de determinadas características de suas relações cotidianas tais como traços sensíveis, os quais, por meio do processo de aprendizagem social, foram sendo vistos como terreno eminentemente feminino. Assim, em suas relações cotidianas, os homens estão percebendo, cada vez mais, como alijaram de seu ser características que, enquanto seres humanos possuíam, mas que as necessidades sociais fizeram com que não se desenvolvessem.

NOLASCO (1993) afirma que os homens vivem uma relação de fusão entre o mundo do trabalho, a sexualidade e a afetividade. A própria constituição da identidade masculina sempre esteve relacionada ao âmbito público, razão dessa fusão. Então, determinados traços afetivos como sensibilidade e demonstração de emoções como tristeza sempre foram vistos como associados ao feminino.

Assim, as transformações que ocorrem no mundo do trabalho afetam de modo significativo o modo de ser dos homens, visto que lhes são solicitadas novas formas de atuação para as quais não estão preparados. Esse mundo, embora ainda necessite de pessoas dinâmicas e arrojadas também necessita de pessoas cujo equilíbrio emocional seja peça-chave de sua conduta. E lidar com as emoções é algo que os homens não aprenderam a fazer, dado que a constituição masculina pautava-se, até bem pouco tempo, em um modelo de ser homem despojado de emoções, a não ser agressividade e frieza.

Na perspectiva do autor, a crise da identidade masculina teve início com a crise do mundo do trabalho. Durante muito tempo, em especial após a Revolução Industrial, características consideradas masculinas eram exigidas dos homens e vistas como marcas de sucesso e produtividade. Em tal situação, a fragmentação interna acabava sendo vista como algo normal, ou seja, alijar-se, despojar-se de sentimentos e emoções era tido como importante para o sucesso profissional. Aliava-se a isso o distanciamento das relações familiares, dadas as exigências de longa permanência no local de trabalho.

O meio profissional hoje, além de contar com mão-de-obra feminina, vem cada vez mais valorizando características como flexibilidade, iniciativa, capacidade de comunicação interpessoal, características que não são necessariamente relacionadas ao sexo do empregado. Sendo assim, valores considerados masculinos como a força física e a superioridade atualmente estão em menor evidência do que no período da Revolução Industrial até o fortalecimento das indústrias. Isso porque durante esse período ocorreu a consolidação do sistema capitalista, acarretando o reforço e a definição dos padrões de comportamento masculino.

A luta pelo patrimônio, a obtenção e manutenção de um emprego, a formação de uma família transformaram-se em elementos constitutivos do modelo masculino, o qual encontra-se atrelado ao modo de produção capitalista. Na visão de NOLASCO (1993), ocorre um processo de fragmentação interna visto que existe a cisão entre mundo do trabalho e mundo dos sentimentos. Para ser bem sucedido no trabalho, o homem deveria ser frio, prepotente, dominador, não exteriorizar seus sentimentos a não ser quando referidos à agressividade e força.

Hoje a cadeia homem – trabalho passa por significativas transformações na medida em que se inserem novos valores e ideais quanto às características do chamado "trabalhador ideal". Elas nem sempre se coadunam às consideradas "características viris" (capacidade para a ação, praticidade, objetividade, competitividade).

Assim, vemos que não é possível falar de masculinidade sem falarmos do modo como a sociedade está organizada econômica e socialmente e que, portanto, o ser encontra-se envolvido em seu mundo, sendo este parte inerente de seu existir.

Buscando compreender a crise do masculino, BADINTER (1993) realizou importante estudo. Na perspectiva desta autora, a preocupação atual com o masculino teve início por volta dos anos 60 com os chamados *men's studies*, inaugurados nos Estados Unidos, estudos que se desenvolveram nesse país e também na Inglaterra e Austrália, além de, em menor grau, nos países do norte da Europa.

Para a autora, o movimento feminista dos anos 60, ao contrário do que muitos afirmam, não foi propriamente o responsável pelos questionamentos acerca do masculino, funcionando mais como um explicitador de uma situação, pois, à medida que as mulheres buscaram colocar fim à diferenciação dos papéis masculinos e femininos exercendo funções até então consideradas exclusivamente masculinas, elas *"fizeram evaporar-se a característica universal masculina: a superioridade do homem sobre a mulher"* (BADINTER, 1993, p. 06).

Além do movimento feminista, os movimentos *gay* e lésbico também exigiram novas reflexões a respeito das identidades sexuais no momento em que seus integrantes lutaram por sua visibilidade social (ARILHA, MEDRADO & RIDENTI, 1998).

Diferente da visão de NOLASCO (1993), para BADINTER (1993), o feminismo teria sido o principal desencadeador da chamada "crise do masculino". A autora aponta ainda em seu trabalho que houve outras crises da masculinidade antes da atual. Já nos séculos XVII e XVIII ocorreram movimentos femininos questionando o papel masculino na sociedade. Foi o caso das "preciosas francesas". O *preciosismo* foi um movimento surgido na França e que teve seu apogeu entre 1650 e 1660. Tinha como objetivo principal questionar o modelo de homem bruto, exigente e autoritário. As "preciosas" lutavam por relações matrimoniais pautadas no amor, além de emancipação em face dos valores tradicionais, e, em especial o de submissão ao marido.

Esse movimento, ainda que de curta duração, demonstra que o questionamento a respeito das diferenças entre homens e mulheres não é algo novo. Outro momento importante da história para a discussão da participação feminina na sociedade se deu após a Revolução Francesa, em 1789. Embora a reivindicação empreendida pelas mulheres por seus direitos de cidadãs nessa época tivesse sido negada, as transformações sociais como a consolidação da República e as perturbações econômicas pelas quais passaram a Europa e os Estados Unidos fizeram com que houvesse uma crise social ampla que possibilitou novamente os questionamentos femininos e, conseqüentemente, o revisar da atuação masculina.

Podemos perceber que o contexto social influencia de modo bastante relevante as relações interpessoais no âmbito afetivo e familiar uma vez que são facetas da construção humana em seu ser-no-mundo.

Outro trabalho que nos auxilia a entender a relação dos modos de produção com a família é o de GIFFIN (1998). Esta autora afirma que, embora a

industrialização tenha deslocado para a esfera pública o processo de produção (processo que antes da Revolução Industrial ocorria pela atuação do grupo familiar), a família permaneceu como base social da reprodução. No caso, a reprodução subordina-se à produção e a família vai desenvolver estratégias para sua sobrevivência incluindo aqui o trabalho feminino e mesmo o infantil.

Ao longo do processo sócio-histórico, algumas leis foram criadas de modo a organizar as relações de trabalho, seja no que tange às horas semanais, seja à idade mínima para inserção nessa atividade. Essas leis regem principalmente normas relacionadas ao trabalho infantil nos dias atuais.

Com relação à participação feminina no trabalho no âmbito público temos que, hoje ele é um fato incontestável e, sendo assim, os homens não mais garantem, sozinhos, o papel de provedores da família. E há um importante ponto destacado por GIFFIN (1998), o de que a organização familiar se pauta em uma contradição, pois embora as mulheres cada vez mais sejam importantes para a manutenção dos lares, as relações familiares ainda se baseiam em um modelo relacional em que o poder está dividido desigualmente entre os membros da família. Nessa conjuntura, as transformações sociais são "processadas" pelos indivíduos que as vivem, e lhes atribuem significados, os quais também possuem relação com as transformações sociais. Entretanto, muitas vezes existe um descompasso entre a velocidade das transformações macrossociais e sua apropriação e internalização em termos de subjetividade das pessoas.

Alguns homens, mergulhados neste processo, experienciam suas existências de modo alienado. Outros, diante dessas transformações deparam-se com a angústia, percebem-se insatisfeitos diante de uma realidade que, ao longo da história, alienou-

os de seu próprio ser e buscam, vivendo essa realidade, novos modos de ser homem, novas possibilidades de construção para o modelo de masculino.

Nessa perspectiva, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, bem como a exigência já existente de dedicação exclusiva do empregado ao emprego, são elementos que podem levar e têm levado um número cada vez mais significativo de homens a buscarem reavaliar o modo como sua atuação social foi construída ao longo da história.

Alguns segmentos da sociedade, em especial os componentes da classe média, estão sendo cada vez mais levados a questionar o modo de ser homem no contexto atual. O excesso de envolvimento com o trabalho, o distanciamento das famílias, o aumento do suicídio entre jovens, o estresse, as exigências das mulheres no âmbito afetivo, as doenças cardiovasculares que cada vez mais atingem homens, em especial quando chegam aos 40 anos, tudo isso vem sendo alvo de questionamentos por parte de homens das mais diversas profissões. Claro está que muitos, em especial os mais velhos, acabam por se questionar, apenas quando algo mais sério acontece como uma doença ou o pedido de separação da esposa, mas de qualquer forma existe cada vez mais necessidade de que os homens, e não apenas eles, revejam sua maneira de ser-no-mundo.

Dessa forma, a família permanece, mesmo com toda a flexibilidade e pluralidade nos modos de organização, como ponto de referência para a constituição do ser e elaboração da afetividade, e talvez exatamente por isso, as pessoas estão cada vez mais questionando o modo como têm construído suas relações afetivas.

E no que diz respeito aos homens, em especial os que estão na faixa etária entre 40 e 50 anos, inúmeros são os questionamentos: Como viveram suas vidas até

este momento? Como educaram seus filhos? Como conviver com novas maneiras de organização familiar, tendo sido educados em um modelo ainda influenciado pela família "tradicional"? Como vivem a paternidade no contexto de pós-modernidade? Como os homens se relacionam com seus filhos adolescentes os quais são frutos do momento pós-moderno? Como se percebem? Como se sentem?

Em um momento em que muitas vezes sua excessiva dedicação ao trabalho distanciou os homens da família, fazendo com que suas relações afetivas ficassem, muitas vezes enfraquecidas ou esvaziadas, qual é seu projeto de vida? Pensando que o momento de se aposentar se aproxima, como vêem o modo como viveram até o presente?

Pensamos que o momento sócio-histórico atual é de grande importância, pois no movimento dialético de mudanças sociais e também no contexto familiar existe a possibilidade de homens e mulheres buscarem novos modos de vivenciarem sua afetividade, sexualidade e relações interpessoais ou, ao contrário, aferrarem-se aos modelos já existentes de feminilidade e masculinidade. A meia-idade, por ser geralmente um período de transição, de transformações na vida de muitas pessoas, pode vir a ser um agente facilitador para questionamentos relacionados ao modo de ser, desde que a eles o indivíduo se abra.

Os estudiosos do desenvolvimento humano referem-se à fase dos 40 anos como a chegada da meia-idade, fase que geralmente envolve transformações e crises devido às mudanças sociais e familiares, mas, também, muitas vezes, ao próprio momento de desenvolvimento em si. Entretanto, é importante ressaltar que viver essa fase não implica, necessariamente, em questionamentos relativos ao modo de ser, pois muitos homens encontram-se de tal forma mergulhados em um modo

inautêntico de ser que se apegam ao mundo em que vivem, buscando estratégias de rejuvenescimento ou de competição com homens mais novos, nos mais diversos setores da vida. Muitos homens só passam a questionar seu modo de ser e suas vidas quando vivem algum problema sério, seja familiar ou de saúde.

Como já dissemos, o trabalho também é para o homem motivo de angústias e dificuldades, pois é um importante setor a que dedica suas energias físicas e afetivas.

MARDEGAN JR. (1993) realizou um estudo com homens empresários e executivos de meia-idade e percebeu que apesar do bom salário e do sucesso profissional alcançado por muitos, havia, por trás de uma máscara de agressividade e frieza – a máscara do "lobo" –, homens amedrontados e frágeis.

Segundo o estudo realizado pelo autor, o homem que hoje vive na faixa etária dos 40 aos 50 anos atravessa, além das mudanças sociais abordadas, importantes transformações no que se refere ao desenvolvimento individual, sendo bastante comum a idéia de que, por volta dos 40 anos, o homem estaria diante da vivência de uma profunda crise em sua vida. Sem dúvida, ao longo de nossa existência, vivenciamos diversas "crises", porém torna-se importante analisar tal expressão mais detalhadamente.

A idéia corrente é de que crise representa algo negativo, uma etapa em que se enfrentam dificuldades, sendo bastante habitual relacionar a palavra "crise" com depressão e atitude negativa. Entretanto, esse conceito remonta às diversas transformações pelas quais passa todo ser humano ao longo de seu desenvolvimento. Inicialmente proposta por Else Frankl-Brunswick, nos anos 20, a idéia de ciclos vitais foi também desenvolvida por Erik Erikson. Os dois autores inspiraram os estudos de Daniel Levinson a respeito do ciclo de vida dos indivíduos, desde o

nascimento até a morte, relacionado ao mundo do trabalho e às relações familiares (MARDEGAN JR., 1993).

Ao longo desse processo existem momentos de "crise" sendo que, embora o conceito tenha herdado uma conotação negativa, não é assim que Levinson, Erikson e Franckl-Brunswick o consideram. Os momentos de crise vivenciados pelos seres humanos, ao longo de sua existência, possuem relação com a idéia de transformação, mudança, e nesse sentido não são necessariamente negativos.

O que ocorre, de acordo com a análise de MARDEGAN JR. (1993), é que, em nossa sociedade, foram sendo construídos diversos mitos, em especial relacionados ao homem, razão pela qual as mudanças, especialmente relacionadas com o avançar da idade cronológica, são consideradas como negativas, da mesma forma que as crises a ela relacionadas. Nesse contexto existe o **mito do envelhecimento**, **o tradicional papel masculino**, o **modelo destrutivo de vida** e a **perda do sentido no trabalho**.

O mito do envelhecimento refere-se ao modo como nossa sociedade lida com tal acontecimento, inerente ao existir humano. Nesta perspectiva *"ser adulto e envelhecer significa, na sociedade brasileira, entrar num período crítico da vida – um período rígido, inflexível, irreversível e de declínio"* (MARDEGAN JR., 1993, p. 26). Existe uma supervalorização do novo e mesmo com o aumento da estimativa de vida e com inúmeros exemplos de que é possível viver com qualidade de vida em idades avançadas, a idéia corrente é a de que a chegada aos 40 anos é o prenúncio do término da existência.

Esse mito, em especial na vida dos homens, alia-se ao modo como a masculinidade é construída: separação de tarefas entre os sexos, em que o tradicional

papel masculino é o de pai, marido e chefe de família, e o modelo destrutivo de vida em que, por conta da fragmentação do ser homem, o homem cobra de si mesmo ser super-realizador, bem sucedido em tudo o que faz e impossibilitado de falhar.

Todas essas características do masculino relacionam-se ao modo como ocorre sua vida no trabalho, em especial quando chega aos 40 anos. Estando esse mundo pautado prioritariamente na produtividade e, como vimos, estando o homem imerso nesse mundo, existe, com relação aos outros homens e, principalmente com relação aos mais novos, grande competitividade. Esta provoca grande angústia, medo, pois o prenúncio da aposentadoria mostra que seu período produtivo está chegando ao fim. E como a masculinidade se pauta no que o indivíduo produz, ele, geralmente, sente-se deprimido, desolado e, abrem-se aos homens, nessa fase da vida, duas possibilidades: um mergulho cada vez maior na inautenticidade evidenciado na busca por "disfarçar" e negar o avanço das marcas do tempo vivido ou a vivência da ***angústia***[*] abrindo-se para uma análise crítica do modo como construíram suas existências.

O estudo de BRUNS & ABREU (1997), referente à compreensão dos significados do trabalho e da aposentadoria para 50 homens e 50 mulheres de diferentes classes sociais acima de 65 anos, auxilia-nos no esclarecimento de como a organização social e econômica influencia nas vivências individuais de cada pessoa. Sendo o trabalho uma das mais importantes realizações do ser humano é

---

* A angústia é um estado de ânimo peculiar, inerente ao *Dasein*. *"O que caracteriza o referente da angústia é o fato do ameaçador não se encontrar em lugar algum. Ela não sabe o que é aquilo com que se angustia"* (HEIDEGGER, 1995, p. 250). *"A angústia é uma experiência única"* (MENEZES JR., 1987, p. 63). *"É o* Dasein *que nos angustia e nos angustiamos ante o* Dasein*, porque a angústia, que nô-lo revela, abre-nos a ele já desabrigados da proteção do cotidiano como ser-no-mundo, de que o próprio angustiar-se é uma "forma fundamental", enquanto no incômodo de sua ameaça sem objeto, na indeterminalidade de seu perigo difuso, libera-se o que mais propriamente somos"* (NUNES, 1992, p. 110).

especialmente a profissão de cada um, bem como sua produtividade, o que lhe possibilitará o reconhecimento de que é alguém importante na sociedade. É nesse sentido que é possível compreender que *"as contingências sociais, políticas, ideológicas e econômicas de cada sociedade exercem influência e afetam o universo significativo e/ou semiótico de cada pessoa"* (BRUNS & ABREU, 1997, p. 07).

Tendo todos esses pontos em vista, percebemos que o mundo da meia-idade masculina é complexo e que seu modo de ser alicerçou-se no não-ser uma vez que seus sentimentos, medos, angústias não puderam se expressar, muitas vezes até por desconhecimento, uma vez que não aprendeu em seu processo de tornar-se homem a lidar com eles.

Sendo assim, o homem que chega hoje aos 40, 50 anos exercitou de forma invejável o papel de mantenedor da família, pai-provedor, mas encontra-se, na maior parte dos casos, distante de si.

É nesse contexto, que as relações com seu trabalho e com seus familiares serão influenciadas pelo mundo em que se insere, mundo este que veicula idéias, valores e concepções do que é bom ou mau.

Dessa construção, o trabalho e a sexualidade apresentam-se como dimensões do humano submetidas a normas e controles e a chegada aos 40 anos é um momento doloroso da existência humana no mundo capitalista em face da consideração dessa fase como próxima à improdutividade e à morte.

Percebemos ao longo do que foi exposto que o homem de meia-idade vive em um mundo que possui várias situações que o envolvem em seu existir: exigências do mundo do trabalho, hierarquia nas relações familiares, cisão entre mundo público e mundo privado, ausência do pai associada a dificuldades dos filhos. A trajetória

hermenêutica realizada, até este momento, nos auxiliou, por meio da compreensão e da interpretação das idéias dos autores citados, no entendimento da complexidade das relações que permeiam os horizontes existenciais humanos. Mas sentimos que se torna relevante ampliar esse círculo hermenêutico e questionamos ainda: Será que a vida dos homens sempre foi tal como o que foi discutido acima? Será que as dificuldades que eles possuem, hoje, de aliar trabalho e mundo afetivo sempre existiu?

Compreender a vivência da meia-idade para o homem hoje remete-nos a buscar a compreensão do modo como sua existência, em especial focando como os valores e as idéias relacionadas à instituição familiar e à sexualidade foram construídos ao longo dos séculos, dado que a historicidade e a temporalidade humanas nos remetem constantemente ao passado e ao futuro, no presente vivenciado.

Assim, para que possamos acompanhar melhor como a realidade chegou a ser como é hoje, ou seja, compreender o mundo em que vive o homem na meia-idade, torna-se necessário empreender uma retrospectiva do processo de construção sócio-histórica do ser homem, ou seja, desvendar o modo como sua atuação social foi sendo construída ao longo da história no que diz respeito à organização econômica, social e familiar. Imbricada nesse processo, está a sexualidade, parte essencial de cada ser humano, cuja construção social, histórica e cultural relaciona-se, sem dúvida, ao processo de elaboração da masculinidade.

CAPÍTULO II

UM OLHAR AO PASSADO PARA AMPLIAR A COMPREENSÃO DO EXISTIR DO HOMEM NO PRESENTE

Como foi exposto no capítulo anterior, a vida familiar e a sexualidade são facetas importantes na vida do homem, bem como a meia-idade, enquanto fase do desenvolvimento humano. Assim sendo, apresentaremos uma retomada histórica das transformações pelas quais a instituição familiar e as práticas sexuais passaram ao longo do tempo e, em seguida abordaremos historicamente o envelhecimento.

Família, sexualidade e paternidade: retrospectiva histórica da masculinidade

O homem sempre teve significativa atuação social ao longo da história, em especial se consideramos as camadas sociais vinculadas ao poder. Nesse sentido, ao abordarmos as transformações sociais da instituição familiar e da sexualidade estaremos também falando em autoridade e poder masculinos.

Segundo DUPUIS (1989), o processo de tomada de consciência da participação masculina na procriação e as conseqüentes transformações sociais e familiares dela decorrentes teve seu início por volta de 9000 a.C., sendo que,

gradualmente as mudanças foram acontecendo ao longo do período *Neolítico* (de 9000 a 5000 a.C., aproximadamente). Ao longo desse período, de acordo com NUNES (1987) e DUPUIS (1989), ocorreram mudanças significativas nas organizações humanas existentes. Até por volta de 9000 a.C., a superfície terrestre não era muito povoada; entretanto com as descobertas de novas maneiras de caça ocorreu um aumento populacional, o que causou diminuição na produção de alimentos advinda da caça e da pesca. Além disso, há indícios de que neste período ocorreram significativas alterações climáticas e a descoberta da pedra polida. Esse contexto favoreceu a sedentarização e a caça foi sendo substituída pelo pastoreio e coleta de frutos e sementes. Todas essas transformações, além de repercutirem na organização social dos povos, dando início à propriedade de terras, embora ainda sem a existência de formas monetárias, tiveram também repercussão na descoberta da participação do homem na procriação, com base na observação de animais em locais mais restritos, a partir do pastoreio.

Para DUPUIS (1989), essa descoberta, ocorrida por volta de 5000 a. C. trouxe mudanças significativas na organização da humanidade. Os homens ampliaram seu poder. Até então a mulher tinha um destaque significativo, seja na vida social, seja na religiosa. Eram as entidades femininas as principais deusas, bem como era a mulher a principal responsável por conhecimentos acerca da fertilidade da terra, e os mistérios da vida e da morte, já que era ela quem participava diretamente do nascimento.

Alguns autores como BADINTER (1985) e DUPUIS (1989), entre outros, acreditam que o período de grande repressão e anulação da mulher, que ocorreu ao longo da história, deve-se à dificuldade do ser humano, em especial, do homem, em lidar com os mistérios ligados ao nascimento e à morte, sempre vinculados à mulher.

Embora não seja o objetivo desta pesquisa a realização de uma profunda análise acerca desse tema, sem dúvida, ele relaciona-se à masculinidade, ou seja, à maneira como homens vivenciam e elaboram seus modos de ser-no-mundo.

Retornando à história, não é possível falar da masculinidade sem falar da família, já que esses temas estão constante e intimamente relacionados. Desse modo, eles serão abordados conjuntamente, de maneira a facilitar ao leitor essa retrospectiva.

Paralelas à tomada de consciência da participação masculina na reprodução, iniciaram-se também formas ainda bastante rudimentares de organizações tanto familiares como políticas. O poder masculino intensificou-se com o passar do tempo, bem como com o aumento das guerras, ocorrendo o surgimento da propriedade privada e da prática da escravização dos povos vencidos.

A estruturação do patriarcalismo foi, portanto, segundo os autores citados, a principal conseqüência da tomada de consciência da paternidade. Além de sua influência social, é incontestável a modificação na estrutura religiosa, marcada pela tradição hebraica, pela estrutura social greco-romana e pelas instituições familiares bárbaras medievais (NUNES, 1987).

O poder paterno, tanto familiar como também religioso, era inegável na tradição hebraica. Sendo o homem considerado como criado à imagem e semelhança de Deus, cabia-lhe exercer sua autoridade e poder sobre as pessoas sob sua responsabilidade.

Nesse período, as instituições familiares primavam por seu caráter político e econômico, e as uniões entre homens e mulheres eram arranjadas por seus pais, no

que as mulheres não eram sequer consultadas. Da dependência dos pais as mulheres passavam, após o casamento, para a dependência do marido.

Na estrutura social greco-romana, (Grécia: de aproximadamente 2000 a. C. a 1000 a. C. e Roma: de 1000 a. C. a 476 d. C.), que se baseava no escravismo, a família abrangia um amplo grupo de pessoas, além de objetos e bens, sobre os quais o chefe exercia plena autoridade. Esse chefe não era obrigatoriamente o genitor ou pai, mas alguém dotado de poder econômico e autoridade inconteste. O grupo familiar caracterizava-se por ser uma unidade de produção. Na Grécia, a economia era vinculada a essa estrutura. Nesse sentido, a realidade social da família, bem como a economia e a organização religiosa, estavam interligadas (CHAUÍ, 1991).

Em Roma, a família também era considerada uma estrutura de poder, porém o pai, ou *pater familiae*, exercia autoridade não só sobre os membros da família, mas também era poderoso como cidadão. Participava de instituições políticas e religiosas e seu domínio e prestígio dependiam tanto da antigüidade de sua família como também de suas realizações militares.

De acordo com FOUCAULT (1985), embora o casamento fosse predominantemente um ato privado relacionado à autoridade e regras praticadas pela família, sem exigir intervenção dos poderes públicos, na Grécia e em Roma, gradativamente inseriram-se transformações em sua prática.

Em Alexandria, por exemplo, já nos séculos II e I a. C. existiram indícios de que a esfera pública iniciou sua participação nessa relação. Havia a necessidade de que a cerimônia de matrimônio fosse realizada publicamente.

Em Roma, foi tomado um conjunto de medidas legislativas ampliando o poder da autoridade pública no que se refere a essa instituição. Por outro lado, as

liberdades individuais pareceram crescer em espaço, sendo que homens e, principalmente mulheres, passaram a ter certa autonomia no que diz respeito ao casamento.

Apesar de ser privado em relação à cerimônia, o casamento, ou união entre um homem e uma mulher, tinha efeitos de direito ou de *status* tais como: transmissão de nome, de herança, organização de sistemas de aliança. Uma vez que o contexto socioeconômico também influencia as práticas sociais, sejam elas públicas ou privadas, as mudanças sofridas por ele vão alterar também a forma de organização do casamento. Nas classes privilegiadas da época, por exemplo, à medida que o *status* e a fortuna ficaram menos dependentes da aliança entre grupos familiares, houve também maior "liberdade", na escolha da esposa, na decisão de casar-se ou não, enfim, abriu-se um espaço para reflexão acerca da individualidade dos cônjuges.

Cada vez mais o casamento passou de um acordo entre os grupos familiares dos cônjuges a um contrato efetuado com a anuência dos indivíduos, futuros cônjuges interessados.

Esse ponto introduz a análise de modificações ocorridas em outro nível, que é o da organização das relações conjugais. Seguindo a linha de modificações sociais, o aumento da participação ativa dos cônjuges no casamento, fez com que houvesse maior proximidade do casal. Esta proximidade recebeu influências também das obrigações e deveres conjugais delimitados no contrato de casamento.

Na perspectiva de FOUCAULT (1985, p. 84), o casamento tornava-se cada vez mais importante na vida privada, sendo

> *"mais público enquanto instituição, mais privado enquanto modo de existência, mais forte para ligar os cônjuges e, portanto, mais eficaz para isolar o casal no campo das outras relações sociais".*

Na análise do autor, o casamento tornou-se, em algumas regiões e grupos sociais, um foco de experiências importantes e intensas, além de mais difíceis e problemáticas. Casamento aqui deve ser entendido não só como uma instituição útil à família e à sociedade, nem apenas envolvendo as atividades domésticas segundo regras de uma boa casa, mas como "estado" de casamento, como forma de vida, o compartilhar de existências, vínculo entre pessoas e posição respectiva dos parceiros na relação.

Iniciou-se nessa época, por volta do século II a. C., a formulação de exigências vinculadas ao matrimônio, este sendo visto como um modo de vida cujo valor vinculava-se tanto, ou até mais, na maneira como se organizava a relação entre os cônjuges, do que no funcionamento da casa. A regulação de conduta do cidadão relacionava-se não somente a partir de seu *status*, seus privilégios e funções domésticas como também de um "papel relacional" com respeito à sua mulher, papel este inscrito num complexo jogo de reciprocidade afetiva e de dependência.

Na perspectiva de FOUCAULT (1985), essas mudanças ocorreram em um contexto em que aconteciam outras transformações. Por volta do século III a.C., as cidades-Estado foram perdendo parte de sua autonomia ocorrendo, também alterações nas condições do exercício do poder. Elas ocorreram em relação ao

recrutamento de pessoas para cargos políticos, havendo um aumento de indivíduos envolvidos na vida política.

Tais alterações no nível político e social refletiram-se na prática da vida cotidiana, na reflexão acerca da moral relativa à vida privada e aos prazeres. É nesse sentido que as mudanças sociais relativas ao *status*, às funções e obrigações sociais fizeram com que os gregos buscassem novas formas de se relacionar com esse *status* e com essas obrigações. As novas regras referentes à vida política dificultaram uma definição de relações entre o que o indivíduo era, o que lhe era permitido fazer e suas obrigações. Assim, a constituição de si tornou-se bastante complexa, uma vez que foi vista como vinculada à vida política.

Segundo o autor, iniciou-se uma "cultura de si", não como oposição à vida nos negócios e na política, mas como uma maneira de relação do indivíduo consigo, relação que permitisse a fixação de maneiras e condições de participação ou não nesse mundo público.

Da mesma forma, no contexto doméstico havia a relação entre o controle que o indivíduo fazia de si mesmo, as regras e normas que ele mesmo ia, muitas vezes, criando, e o modo como estabelecia o relacionamento com a esposa. Abriu-se espaço para que algumas formas de reciprocidade e igualdade fossem inseridas na relação conjugal. Isso porque estava em jogo a elaboração de uma ética que *"permitisse constituir o próprio sujeito enquanto sujeito moral em relação a essas atividades sociais, cívicas e políticas"* (FOUCAULT, 1985, p. 100).

A análise empreendida até aqui mostra que, embora tanto em Roma como na Grécia o chefe da família fosse o detentor de ampla influência no que se referia à política, à economia e também à religião, a união entre um homem e uma mulher

possuía relação com o contexto social e econômico, independente de ser uma cerimônia privada ou pública, o que evidencia que a organização das relações não era tão simples como à primeira vista poderia parecer. Nessa época, estavam presentes também preocupações mais amplas no âmbito da moral e das relações entre o modo do indivíduo se portar e sua participação política e social.

Até o século V, as leis e normas sociais priorizavam a atuação masculina, tal como vimos na descrição da organização social grega e romana. Sendo a sociedade européia formada sob a influência de diferentes povos, os quais, em alguns momentos, conviveram pacificamente e, em outros, passaram a guerrear entre si, além do povo romano, participaram da formação da cultura européia os chamados povos bárbaros, os quais se constituíam de comunidades que não falavam o latim e que, comparados com os romanos, não haviam alcançado grande avanço técnico. Além disso, o modo como eram organizadas as relações entre os gêneros nessas comunidades era diverso das relações gregas e romanas.

Tendo esse aspecto em vista, uma breve análise da maneira como viviam os povos germânicos e celtas pode clarear a visão acerca da Europa, nesse período.

Como já foi citado anteriormente, em Roma o homem era o dominador com autoridade e poder, sendo os interesses familiares os reguladores das relações sociais, entre as quais estava o casamento. Além disso, havia grande relação entre família e política. Entre os celtas havia uma equiparação maior entre homens e mulheres. Uma mulher solteira tinha autonomia na realização do matrimônio, bem como direitos importantes depois de casada. Cabe destacar que, para esse povo, o homem era o chefe da família, mas não o chefe do casal (MACEDO, 1995).

Analisando as sociedades germânicas, percebemos que elas tiveram grande influência na formação do povo europeu. De acordo com relatos antigos, até aproximadamente o século V, havia evidências de respeito e até de veneração à mulher. Sendo um povo que ainda vivia em tribos, quando da formação do povo europeu, pode-se supor que a participação masculina na procriação ainda não houvesse sido descoberta, ou, ao menos, que esse povo passasse por um momento de transição. Ao longo do período do século V ao VII, profundas alterações foram ocorrendo em relação a um aumento das restrições impostas às mulheres.

No que diz respeito à organização familiar, até o século IX, a chamada família aristocrática compunha-se de uma vasta rede social que englobava ligações biológicas, bem como alianças entre membros de outros grupos. Nesse sentido, o grau de parentesco era amplo e definido horizontalmente. Ao longo dos séculos X e XI, com o auge do feudalismo, a organização familiar sofreu gradualmente alterações a fim de que o patrimônio fosse preservado. O grau de parentesco foi substituído por novas relações, as quais ocorriam verticalmente, a partir de uma descendência direta. Iniciou-se, assim, a linhagem. Nessa nova maneira organizacional, os componentes do sexo masculino, em especial os filhos primogênitos, passaram a ser beneficiados nas regras de sucessão da herança familiar. Nesse sentido, o casamento era um pacto entre duas famílias de modo a manter o patrimônio. Esses arranjos mantinham e organizavam as relações sociais, políticas e econômicas, permitindo, portanto, sua reprodução.

No que concerne aos relacionamentos internos ao grupo familiar, esses abrangiam crianças, jovens e adultos. Além disso, a sexualidade não se pautava pela

noção de pecado, a qual foi se intensificando em razão do fortalecimento e atuação da Igreja Católica.

Com o passar do tempo, ocorreram alterações significativas na sociedade, em parte graças à crescente influência da Igreja Católica. Na sociedade romana, havia diversas formas de organização familiar, por causa da invasão dos chamados povos bárbaros (estrangeiros), mas a influência da Igreja veio homogeneizar lentamente a maneira como a família se organizava.

Ao longo dos séculos X a XII, o casamento aristocrático, por exemplo, tinha a cerimônia propriamente dita antecedida de um conjunto de ritos, como a promessa e o pacto conjugal, além do estabelecimento do dote (quantia que a esposa levava para o matrimônio e que ficava sob responsabilidade do marido). O matrimônio não era hábito universal, nem indissolúvel, mas era mantido de acordo com os interesses dos grupos familiares. Caso houvesse esterilidade, por exemplo, nada impedia a dissolução da união. Lentamente a Igreja foi impondo novas idéias e costumes. Foi no século XIII que as mudanças elaboradas pela Igreja passaram a ser implantadas, de modo gradativo, dado que os costumes anteriores estavam bastante arraigados. As noções de pecado, culpa, bem como a indissolubilidade do casamento foram paulatinamente sendo incorporadas (CHAUÍ, 1991). A cerimônia matrimonial de privada passa a pública, ocorrendo na Igreja e não mais nos lares (ARIÈS, 1981).

Além dessas modificações ocorridas na concepção do casamento, as relações conjugais, bem como as familiares, também foram sendo alteradas. Foram introduzidos conceitos e proibições relativos ao exercício da sexualidade, como por exemplo, a virgindade até o casamento, regras para o comportamento sexual após o casamento e o exercício da confissão. A ação da Igreja sobre as mulheres foi bastante

intensa, na medida em que ela era vista como encarnação do pecado e da luxúria. Vista como mal necessário, a atividade sexual ficou restrita ao casamento e sob diversas regras, regulamentadas pela Igreja como, por exemplo, a abstinência nos dias santos, ao longo da gravidez e pós-parto, no período menstrual. Além disso, o Estado também exercia influência à medida que estipulava ações que eram permitidas ou proibidas no que concernia à sexualidade.

Apesar dessas alterações, os casamentos ainda ocorriam segundo os interesses familiares e não em razão dos sentimentos dos cônjuges. A noção de amor como motivo de união entre um homem e uma mulher foi sendo paulatinamente praticada sob influência dos trovadores, bem como da ação da Igreja, mas só se estabeleceu por volta do século XVIII.

No que diz respeito às regras que norteavam as relações conjugais, bem como à concepção de amor que se tinha na época, a análise empreendida por ARIÈS (1985) e FLANDRIN (1985) fornece alguns esclarecimentos importantes.

De acordo com ARIÈS (1985), a questão do amor já se fazia presente desde a Grécia antiga. O autor discute a questão de que existiu durante muito tempo uma diferenciação importante para o entendimento nos dias atuais, das relações conjugais e afetivas entre homens e mulheres. Essa diferenciação relaciona-se a dois tipos de amor: o *amor conjugal* e o *extraconjugal*.

Embora com exceções, de modo geral o amor entre os cônjuges, quando existia, devia ser expresso comedidamente. Segundo o autor, a influência estóica no cristianismo foi significativa no que diz respeito a esse fato.

Importante destacar que para ARIÈS (1985, p. 156),

> *"fecundidade, reserva da esposa e da mãe, dignidade de dona-de-casa são características permanentes que, até o século XVIII, opuseram o amor dentro do casamento e o amor fora do casamento".*

Nítida distinção se fazia, portanto, entre o amor no casamento e o amor extraconjugal. Amor reserva *"com discernimento e não com paixão"* (ARIÈS, 1985, p. 157) no casamento, amor-paixão fora dele.

Essas idéias variaram ao longo da história, mas em diferentes nuanças, sempre se fizeram presentes, seja em nível real, seja em nível imaginário.

Releva destacar que, na perspectiva da Igreja, o homem deveria prever os desejos da mulher uma vez que a ela era interdita a demonstração e a confissão dos mesmos. Assim sendo, existe aqui um ponto que nos chama a atenção: segundo as idéias de São Paulo, cada homem deveria ter sua mulher e cada mulher o seu marido, sendo que cada um deveria cumprir o dever conjugal para com seu consorte. Ainda mais *"a mulher não dispõe de seu corpo, mas é o marido quem dispõe. Do mesmo modo o marido não dispõe de seu corpo; mas é a mulher quem dispõe"* (I Carta aos Coríntios, cap. 7, vs. 2-4, *apud* FLANDRIN, 1985, p. 139).

Baseando-se nessas idéias, os teólogos medievais e seus sucessores até o início do século XX colocaram a noção de ***dívida*** como central na prática sexual do casamento. Tudo o que se refere à sexualidade nos trabalhos destinados ao matrimônio em todo esse período encontram-se sob o título DEBITUM.

Essas idéias, citadas num primeiro momento, denotam igualdade entre os cônjuges, pois ambos eram considerados credores e devedores. Entretanto, e é esta a

contradição para a qual gostaríamos de chamar a atenção, a igualdade era apenas com relação à dívida e não no que dizia respeito a outras instâncias. Sendo assim, o homem era visto como ativo no ato sexual e, portanto, superior à mulher. Esta por sua vez deveria ser *"submissa aos seus assaltos"* (FLANDRIN, 1985, p. 140).

O que nos interessa primordialmente aqui, é que, de acordo com a análise do autor, nesse período a Igreja considerava a visão do ato sexual no casamento vinculada estritamente à procriação, visão que predominou até por volta do século XVI.

Outro aspecto relevante relacionado a esta tese, e que é levantado por esse mesmo autor, é a alteração do número de filhos dos casais. Enquanto do final da Antigüidade (século III d. C.) ao início da Idade Média (século V d. C.), exortavam-se os casais a cessarem de praticar uniões carnais quando a descendência estivesse assegurada, por volta do século XVI até o início do século XX, havia uma exortação aos casais no sentido de não recearem ter muitos filhos.

Podemos perceber o importante papel que a ação da Igreja Católica tinha no modo como as relações conjugais e familiares ocorriam. O poder e controle da Igreja se fizeram presentes na vida dos cidadãos a respeito das relações sexuais, dos dias em que estas eram permitidas ou proibidas, à função das mesmas e o número de filhos do casal, durante um longo período. Ação esta que ainda hoje influencia a vida de muitas pessoas.

Com o passar do tempo e a partir da ação de moralistas e religiosos, foram ocorrendo transformações na organização familiar, seja com relação ao número de filhos, seja com relação às regras de convívio conjugal.

Entretanto o acontecimento que foi marcante nas modificações sofridas pela instituição familiar foi a ascensão da burguesia. O feudalismo, existente até então, era basicamente rural, e, com essa mudança, a organização social foi gradualmente passando a ser urbana. Ao longo dos séculos XIV e seguintes, ocorreu a revivificação das atividades comerciais. Com relação à organização das casas, seu espaço interno foi, progressivamente, dividido em razão do nascimento de um sentimento de intimidade e individualismo (ARIÈS, 1981). Além disso, as uniões matrimoniais derivaram para grupos menores de pessoas, uma vez que eles passaram a viver nas nascentes cidades, em espaços físicos menos amplos do que os grandes feudos. A família gradualmente foi criando um espaço que possibilitou uma maior intimidade entre os seus componentes. Em razão dos princípios cristãos e da ação moralizante do Estado, a família tornou-se uma organização não apenas social, mas também palco de relações afetivas.

De acordo com ARIÈS (1981), o aspecto afetivo nas relações familiares foi determinado pela preocupação em relação aos filhos. A noção de infância e, mais tarde, a de adolescência tal como concebidas hoje, são recentes historicamente (REIS & ZIONI, 1993) e foram essas novas concepções acerca da criança que trouxeram para as relações familiares a dimensão afetiva. Sem dúvida, a afetividade existia anteriormente, porém houve uma intensificação desse aspecto com a visão da infância como um período especialmente importante da vida de cada pessoa, dada sua fragilidade e vontade de conhecer o que a cerca.

As mudanças sociais, econômicas e familiares culminaram com uma modificação na maneira como se viam as crianças, bem como acarretou a extensão do período do desenvolvimento considerado para a formação do ser. Durante o

feudalismo, era alto o índice de mortalidade infantil. Além disso, não existia uma acentuada consideração desse período do desenvolvimento. Aos sete anos, aproximadamente, a criança já era vista como um adulto em miniatura. A ascensão da burguesia trouxe a ampliação da visão do período da infância e, com a criação de escolas, ocorreu a divisão entre crianças mais novas e mais velhas (surgimento da adolescência) (ARIÈS, 1981; REIS & ZIONI, 1993).

Data do século XVIII uma alteração que teve grande repercussão na vida familiar: a distinção nítida entre função masculina e feminina. Até então, embora sob o poder do homem, a mulher, dependendo, sem dúvida de sua classe social, participava, em maior ou menor grau, da organização social e econômica da casa. Muitas vezes, responsável pela organização formal do espaço onde a família residia, a mulher tinha grandes responsabilidades já que, como foi visto, a família era um grupo composto por um grande número de pessoas (ARIÈS, 1981). A ascensão da burguesia fez com que aos homens fosse dada maior responsabilidade acerca do domínio público e a mulher ficasse como responsável pelo âmbito doméstico. De acordo com CHAUÍ (1991) e VAITSMAN (1994), a diferenciação entre o espaço público e o privado (família) ocorreu graças às mudanças econômicas decorrentes dessa ascensão. A economia não mais dependia diretamente do grupo familiar como ocorria em Roma e na Grécia, por exemplo, perdendo essa instituição seu caráter de unidade produtiva voltada para o mercado. Além disso, houve uma hierarquização de atividades, as quais foram classificadas como produtivas e improdutivas.

Nesse contexto, diminuiu o número de componentes da família e a mulher passou a ter sob seus cuidados os filhos e outras atividades domésticas (atividades improdutivas), ao passo que o homem tinha que trabalhar fora de casa de maneira a

ganhar o dinheiro para o sustento do lar (atividade produtiva). Iniciava-se o delineamento de novas relações não só de classe, mas também de gênero. A diminuição da prole deveria ocorrer para não causar a dissolução do patrimônio. Ao mesmo tempo, a Igreja condenava, e condena até hoje, qualquer prática artificial contra a natalidade. É nesse contexto que, segundo CHAUÍ (1991), ao longo dos séculos XV ao XIX, a chamada dupla moral instaurou-se mais claramente. Abstinência após o nascimento do número de filhos desejados, para as mulheres e prática sexual com prostitutas, para os homens: esses são os principais exemplos dessa moral que tem repercussão até os dias atuais, particularmente no processo educacional de crianças e adolescentes, e que permeia, portanto, a formação da identidade de gênero de homens e mulheres, processo que será abordado no próximo capítulo.

VAITSMAN (1994) analisa que, ao longo do processo de ascensão da burguesia, surgiu o conceito de igualdade entre os indivíduos. Todos seriam iguais perante a lei, possuindo direitos semelhantes. No entanto, as mulheres, por estarem vinculadas aos pais ou maridos, não possuíam direitos nem pelo seu corpo e nem pelo seu trabalho. Assim, a burguesia, ainda que transformando o modelo econômico, manteve, sob o discurso da igualdade, a hierarquização não só de classes, mas também de papéis de gênero no âmbito privado.

Após analisarmos o processo pelo qual foram sendo elaboradas as práticas sociais vinculadas às relações familiares bem como a participação masculina nesse contexto, devemos voltar nossa atenção ao modo como o envelhecimento humano foi considerado ao longo da história das sociedades ocidentais. Embora nosso foco de estudo seja a meia-idade, ao falarmos da história do envelhecimento e da velhice,

teremos como ampliar nossa compreensão acerca do modo como essa fase existencial é vivida nos dias atuais.

Envelhecimento humano: história de preconceitos e medos

A principal obra a ser citada por nós será o livro de Simone de Beauvoir "A Velhice", uma vez que ele traz uma retrospectiva histórica do modo como os velhos foram tratados ao longo do desenvolvimento da sociedade ocidental e também por ser uma obra possuidora do veio analítico da fenomenologia. Além disso, é importante destacar que o conceito de meia-idade é recente em nossa história, estando relacionado à organização econômica e social de nossa sociedade, à maneira como nos relacionamos com o trabalho e, principalmente, ao modo como nos relacionamos com o envelhecimento (ALTAVILLA, 1979).

Uma vez que nossa maneira de elaborarmos e atribuirmos significados ao envelhecimento é também influenciada pela construção social a ele relativo, a obra de Beauvoir torna-se fundamental para nossa investigação.

Ao iniciar o estudo das sociedades históricas, no que tange ao seu modo de lidar com a velhice e com os velhos, BEAUVOIR (1990) aborda significativos elementos para a reflexão desse tema.

Além da imagem da velhice ser confusa, incerta e contraditória, devido à sua maior ou menor valorização de acordo com as circunstâncias, ela *"é para cada indivíduo um destino singular – o seu próprio*" (BEAUVOIR, 1990, p. 109). Outro ponto relevante é que os relatos históricos relacionados à velhice representam os

pontos de vista de legisladores, moralistas e poetas. Quase sempre em oposição uns aos outros, esses narradores pertencem a classes sociais privilegiadas, razão pela qual suas palavras perdem muito de seu valor, pois verbalizam apenas facetas da verdade, havendo também muito de idealização em seus textos.

A autora afirma também que outra dificuldade em se escrever uma história da velhice diz respeito ao tema em si. Sendo eminentemente uma condição humana e, além disso, condição impossível de ser vencida, torna-se difícil aos velhos terem voz própria, sendo a elaboração da velhice e a ocupação do lugar social dos velhos um problema dos adultos ativos, uma vez que são eles que dizem o que é a velhice e quem é velho. Importante aspecto que nos remete às elaborações sociais e culturais e, conseqüentemente à organização econômica da sociedade. Análise que nos leva à questão do poder nas relações sociais e na construção dos sujeitos enquanto indivíduos.

Percebemos que a velhice, ao envolver relações de poder, alude às elaborações sociais dos membros das classes dominantes. A velhice, até recentemente, era um assunto de ricos e poderosos, sendo somente por volta do século XIX que foram inseridas preocupações com os velhos pobres, preocupação que, como veremos ainda neste capítulo, possui relação com a organização social e econômica.

Feitas essas considerações, é importante não esquecermos que envelhecer em uma classe social poderosa é diferente de envelhecer pertencendo a uma classe social menos favorecida, e envelhecer enquanto homem é diverso de envelhecer sendo mulher. Envelhecimento, portanto, envolve classe social e gênero e, sendo assim, não podemos falar em uma única categoria e modo de envelhecer.

Retomando a história, a autora relata que o primeiro texto conhecido dedicado à velhice foi escrito em 2500 a. C. e se encontra no Egito. Esse texto, escrito por um filósofo e poeta chamado *Ptah-hotep*, traça a respeito da velhice um quadro sombrio. O autor enumera uma série de deficiências que demarcam a velhice incluindo a diminuição da capacidade dos órgãos sensoriais e vitais, além das capacidades intelectuais e a presença de dores corporais.

O tema da velhice, enquanto fase em que deficiências assolam o indivíduo, repete-se em todas as épocas e, apesar das elaborações culturais a que a velhice está sujeita, sua concepção se mantém enquanto um fato que transcende a história. A permanência da idéia de declínio e, portanto de fase difícil e negativa, é fundamental para que possamos compreender o modo como ainda hoje o envelhecimento é temido.

Com relação ao modo como os povos antigos lidavam com as pessoas mais velhas, ainda que existam poucas fontes, os relatos bíblicos e também a mitologia nos auxiliam na análise referente às idéias e práticas sociais.

Os relatos bíblicos geralmente abordam a velhice de maneira positiva, o que não significa, de acordo com a autora, que eles sejam reais. Muitas vezes os autores desses relatos poderiam ter projetado em suas narrativas, valores que desejavam que fossem reconhecidos por seus contemporâneos ou buscavam manter vivas as lembranças do passado.

A mitologia por sua vez nos mostra a velhice sob a perspectiva dos conflitos de gerações em que os velhos são sempre usurpados de seu poder pela geração mais jovem. A autora destaca que a disputa pelo poder não ocorre porque o indivíduo mais

velho ficou velho, mas sim por seu abuso no que tange ao uso do poder sob sua responsabilidade.

Outro tema que se repete, em especial na mitologia grega, é o do velho cego. Cegueira exterior que era compensada por uma visão interior desenvolvida e manifesta no dom de profetizar.

Na Grécia, nada indica que os velhos foram maltratados ou desrespeitados, pelo menos não os pertencentes à classe abastada. A própria palavra **velhice** remonta ao grego *géra*, *géron* palavras que "*designam a idade avançada e também o privilégio da idade, o direito da ancianidade"* (BEAUVOIR, 1990, p. 121-2), havendo entre os gregos, portanto, relação entre o envelhecimento e a noção de honra.

Embora honrada, enquanto relacionada à organização social, a velhice não o era em nível individual, tal como dela testemunharam os poetas e inúmeras peças teatrais de Eurípedes, Aristófanes, Menandro, dentre outros. O velho nessas obras é uma figura vista com desprezo, sendo alvo de deboche ou de pena.

Significativas são para nós as visões de Platão e Aristóteles da velhice. Enquanto o primeiro exaltava a velhice por ver nela a ampliação da capacidade intelectual, sendo que o indivíduo só adquiriria a capacidade para governar após os 50 anos, Aristóteles via a velhice como relacionada também ao corpo. Assim sendo, a velhice somente seria acompanhada da felicidade, caso o corpo sofresse poucas mudanças. Para esse filósofo, corpo e alma estão ligados e o declínio de um leva ao declínio do outro. E, em sua concepção a velhice seria como o coroamento de um acúmulo de erros angariados ao longo da vida, razão pela qual não são os velhos mais sábios que os jovens, tal como afirmava Platão.

A análise da percepção da velhice na Grécia e também em Roma e, posteriormente nas fases históricas mais recentes evidencia que há uma estreita relação entre a condição do velho e a estabilidade da sociedade.

Em Roma, os velhos proprietários, no período em que a propriedade era garantida por lei, eram respeitados e dotados de grande poder político. Podemos ver tal poder na atuação despótica do *pater familiae*, poder que se estendia tanto a coisas como a pessoas: matar, mutilar ou mesmo vender e que somente se extinguia com a morte do pai. Durante toda a Antigüidade, ou seja, de 2000 a 1000 a. C. na Grécia e de 1000 a. C. a 476 d. C. em Roma, ambas as sociedades foram relativamente estáveis econômica e politicamente e o poder das pessoas mais velhas foi exercido de modo significativo.

O final desse período, marcado pela invasão dos bárbaros e o triunfo do cristianismo não nos traz informações precisas a respeito da condição dos velhos. Embora as idéias cristãs fizessem referência à igualdade, parece haver poucos indícios de que o cristianismo tenha sido eficaz em suas práticas, ao contrário este *"só conseguiu fazer-se adotar por diferentes povos dobrando-se aos costumes deles"* (BEAUVOIR, 1990, p. 155).

Assim sendo, a visão negativa relacionada à velhice permaneceu, embora devido à contribuição da Igreja, a partir do século IV começaram a ser criados asilos e hospitais para os velhos.

Durante o período que vai do Baixo Império (final do Império Romano, aproximadamente 27 a. C. a 476 d. C.) à Alta Idade Média (séculos V a X), devido às invasões bárbaras, houve a marca da destruição e da confusão em termos econômicos

e sociais e foram principalmente os jovens que conduziram a sociedade devido à sua participação no mundo das armas.

Temos aqui, novamente, a evidência de que o exercício do poder é exercido por grupos de pessoas jovens ou velhas de acordo com o modo de organização econômica e social vigente.

A sociedade feudal, que se fortaleceu por volta do ano 1000, trouxe avanços sociais e econômicos e, também nessa época, os jovens possuíam primazia em relação aos velhos. Isso porque a organização feudal era pautada no uso de armas, ainda que baseada em uma economia rural. Essa foi a época da cavalaria, das relações de suserania e vassalagem e, portanto do uso da força como modo de domínio. Ao filho primogênito era legado poder e força na classe aristocrata e o poder da espada se sobrepunha ao da religião e ao do trabalho, neste período.

Durante todo o feudalismo, aproximadamente cinco séculos, não somente os velhos, mas também as crianças e as mulheres estavam em condições desfavorecidas e esse fato ocorria independente da classe social daqueles. Nesta época, o maior interesse recai sobre os jovens, razão pela qual a preocupação com as crianças também era ínfima: quanto antes os mais aptos e saudáveis eram vistos como pequenos adultos que teriam que treinar para ser soldados ou trabalhadores nos campos. Assim, até por volta dos séculos XIII e XIV apenas o jovem adulto era considerado socialmente.

A supremacia do filho em relação ao pai, estabelecida ao longo do feudalismo, influenciou a ideologia que predominou durante a Idade Média, qual seja, o cristianismo, com ênfase na figura do Cristo e não mais na de Deus pai. Ainda que o pai não fosse esquecido é o Cristo quem, cada vez mais, é detentor de

destaque. Essa transformação, segundo BEAUVOIR (1990), é de grande importância para a representação das relações entre jovens e velhos e para evidenciar a diminuição da relevância social dos últimos. A partir do século XI, a superioridade do filho em relação ao pai afirmou-se cada vez mais.

Durante toda a Idade Média, portanto, foi essa a tônica das relações sociais e também das idéias acerca da velhice: a exacerbação do poder da juventude, razão pela qual existia de modo forte, o sonho de se empreender uma vitória sobre a velhice.

Em todo esse período, em especial a partir do século XI, ocorreu a supremacia dos mais jovens e houve pouco interesse a respeito do assunto. Acrescenta-se a esse fato o aumento do poder dos filhos em relação aos pais, o que atesta ainda mais o poderio da juventude.

Introduz-se aqui, de modo claro, a perspectiva temporal do existir humano. Ao longo da Antigüidade foi o caráter ambíguo do tempo – *Kairós*: oportunidade, fugacidade/ *Aion*: princípio criador – que foi enfatizado. Ao longo desse período não havia a representação do tempo vinculado à idéia de declínio e destruição. Plutarco assinalou a contaminação entre o nome grego do tempo – *Crono* – e o de *Krono*, o mais terrível dos deuses, aquele que devorava seus filhos. Para Plutarco, *Krono* significava o Tempo, mas ainda havia uma interpretação otimista do Tempo em que ele era sempre representado segurando uma foice nas mãos, instrumento agrícola que era o símbolo de fertilidade.

Foi na Idade Média (séculos V a XV) que essa imagem foi destruída e o tempo passou a ser considerado como causa de declínio. À semelhança do macrocosmo (Universo), o microcosmo (homem) passaria por seis idades à

semelhança dos dias da semana sendo a última a da decrepitude. Nesse período foi, então, uma perspectiva pessimista a que norteou os governantes e também a ideologia religiosa: a de que o futuro da humanidade não lhe reservaria nada de bom. Isso porque a Idade Média foi um período em que ocorreu de modo gradativo a organização da sociedade com o feudalismo, mas ainda manteve-se durante algum tempo o pessimismo advindo do período anterior, marcado por guerras, miséria e instabilidade social.

A libertação das misérias terrenas era vista como caminho para a salvação dos homens, razão pela qual pouca perspectiva se percebia na vida terrena e, conseqüentemente, mais uma vez, a velhice era vista como dotada de negatividade.

Por volta do século XIII, ocorreu o início do renascimento da vida urbana e o desenvolvimento da prosperidade burguesa. Ainda que existisse a possibilidade do velho exercer seu poder por intermédio da emancipação econômica e haver maior preocupação com essa faixa etária do que nas épocas anteriores, nesta época conviviam duas correntes ideológicas, quais sejam, uma otimista e espiritualista e outra pessimista e materialista.

Na perspectiva otimista, a velhice é considerada como o final da trajetória existencial, final este, que deve ser visto com serenidade e sabedoria. A partir do ponto de vista religioso, a velhice era percebida como o momento de alcance da salvação, o que não significa que fosse particularmente valorizada. Na visão pessimista, criticava-se especialmente o velho rico que esbanjava fortunas em especial com atividades de caráter sexual. A sexualidade do velho, particularmente, foi motivo de desprezo e nojo desde remotas épocas da história da humanidade.

Como já havíamos citado anteriormente, a idéia negativa da velhice sempre existiu e em caráter prioritário ao longo da história. A figura do velho cego também teve bastante prioridade. O vínculo velhice – cegueira já estava presente desde a Antigüidade, sendo que a cegueira possuía dois significados: o isolamento daqueles que viviam muito tempo e a condição física de muitos idosos, dado o desconhecimento da operação de catarata nesse período.

Ao longo dos séculos XIV e XVII permaneceu, a visão negativa e pessimista relacionada ao idoso, mesmo quando se buscava exaltar a velhice.

No século XVI, embora permanecessem concepções negativas da velhice, transmitidas por intermédio de clichês, tais como o velho pobre, o velho cego, surgiram também, ainda que de modo não predominante, idéias que visavam a transmitir noções mais harmônicas e positivas da velhice, devido ao surgimento da noção de busca de igualdade e de harmonia entre os homens. No entanto, como durante esse mesmo período a beleza física era bastante cultuada, as tentativas de ressaltar a igualdade entre os indivíduos não obtiveram bons frutos, pois a velhice continuou sendo relacionada ao negativo, ao feio e à pobreza.

Foi somente por volta do século XVIII que a ordem das coisas começou a mudar. Com a melhoria das condições de higiene, ocorreu uma diminuição na taxa de mortalidade e um aumento da longevidade. Ainda que restrita às classes privilegiadas, essas transformações tiveram caráter social significativo na medida em que possibilitaram melhoras na vida da população, incluindo-se aqui os idosos. Concomitante a esses acontecimentos, ainda que de maneira vagarosa, ampliaram-se atividades assistenciais aos pobres. A melhoria econômica dos mais ricos privilegiou, ainda que de modo indireto e restrito, os menos favorecidos.

Esse século assistiu ao progresso das técnicas e ao desenvolvimento da indústria, finanças e comércio, possibilitando maior riqueza e poder aos abastados que tomaram consciência de si, enquanto pertencentes a uma classe específica. A moralização dos costumes e a preocupação com o indivíduo cresceram ao longo desse período e também a crença otimista no homem. Data dessa época a crescente preocupação com as crianças e com os velhos. As crianças lembravam aos adultos o que já foram e os velhos o que os esperava no futuro. Durante esse século a sensibilidade, portando, foi a principal tônica das práticas fazendo que a beneficência fosse encorajada.

Foi durante o século XIX que significativas mudanças sociais influenciaram o modo de lidar com a velhice, o qual perdura até nossos dias. O grande impulso demográfico e o desenvolvimento dos conhecimentos da medicina fizeram que, com o aumento do número de idosos, a velhice pudesse ser estudada e conhecida em suas características.

Isso não significou, de maneira alguma, uma melhoria nas condições de vida dos idosos, pois a situação econômica influenciou seu modo de vida. Temos três fenômenos interligados ao longo desse século: a Revolução Industrial, o êxodo rural e o crescimento de uma nova classe, o proletariado.

O êxodo rural, causado pela utilização de maquinários na agricultura e também pelo aumento das indústrias, ocasionou uma piora na condição de vida dos idosos, mas não apenas na desse grupo, pois a exploração dos trabalhadores atingia a todos, fossem crianças, homens, mulheres e idosos. Sem condições de enfrentar as duras condições de trabalho, os velhos viviam na indigência e mendicância.

No campo, a situação não era melhor, visto que os velhos ficavam à mercê dos filhos, os quais muitas vezes os abandonavam em asilos uma vez que também não tinham condições para mantê-los.

Mesmo com os esforços de leis para evitar a exploração dos bens dos velhos, com a obrigatoriedade dos filhos pagarem mensalmente uma parcela aos pais após a partilha dos bens, tal não ocorria na prática sendo que muitos provavelmente foram assassinados. Embora não haja dados a esse respeito, de acordo com BEAUVOIR (1990), a excessiva preocupação pública para com os idosos deixa claro que tal fato não era difícil de ocorrer, de modo a que a família ficasse livre do fardo de ter que lhes fornecer o dinheiro a que tinham direito.

Entre a burguesia, havia muitos poderosos ricos e idosos cujo poder acabou por lhes ser destituído em prol do banco e da indústria. Mesmo assim, ao longo da consolidação industrial, houve certo equilíbrio na participação social de velhos e jovens, estes com sua audácia, aqueles com seus conhecimentos e ponderação.

Esse respeito ao idoso, entretanto, só ocorria porque a ideologia burguesa da época lhe conferia grande valor. Tanto na Inglaterra como na França a representação do velho como destituído de apetites e asceta era a regra. A principal idéia em vigor era a de que se devia acumular o máximo de riquezas possível. A velhice era vista como o apogeu da vida e, portanto, nada mais lógico do que vinculá-la ao acúmulo de bens materiais.

As transformações familiares, da organização patriarcal à família nuclear, fizeram com que os jovens pudessem fundar seus lares, mas, durante muito tempo, a tradição familiar permaneceu cara à burguesia e se perpetua por intermédio da veneração que cercou nesse período o ancião e, por vezes o cerca ainda hoje. Há

também a proximidade dos avós e netos, pois, não sendo mais o chefe da família, o avô transformou-se em cúmplice das crianças.

Foi ao longo do século XX, com a crescente urbanização social e fragmentação da instituição familiar em grupos menores, que os velhos foram sendo alvo de cuidados da sociedade mais ampla.

BEAUVOIR (1990) ressalta que, por outro lado, o desenvolvimento do capitalismo fez com que o prestígio vinculado à velhice diminuísse muito, dado que não mais se dava crédito à noção de experiência, ao contrário, o valor maior voltava-se ao novo. É essa a principal concepção vinculada ao envelhecimento e à velhice que permeia nossos dias e também a configuração subjetiva de homens e mulheres em nossa sociedade.

A história nos revela, então, que o envelhecimento na cultura ocidental sempre foi, em maior ou menor grau, representado prioritariamente de modo negativo, estando a ele vinculadas idéias de decadência, sujeira, cegueira, pobreza, iminência de morte. Mesmo quando pessoas mais velhas possuíam algum prestígio, este relacionava-se muito mais à posição social e econômica do que ao fato de serem pessoas de mais idade.

Assim, podemos compreender melhor o modo como hoje temos dificuldade em lidar com o envelhecimento e como as pessoas negam a velhice por lembrá-los, de modo mais intenso, da sua finitude existencial.

Após essa apresentação que intencionou abordar as principais transformações do modo como o papel do homem e da mulher, bem como da organização familiar e das representações da velhice e do envelhecimento foram sendo vistos ao longo da história, cremos ser importante em nossa trajetória hermenêutica de busca de

elucidação de aspectos inerentes à masculinidade na meia-idade questionar: E em outras culturas, como ocorre a organização dos papéis sociais de homens e mulheres? Como será a elaboração da função masculina em locais cuja organização social é diferente da nossa? Como é visto o envelhecimento nessas culturas?

Tais questões nos remetem ao capítulo seguinte em cujas páginas lançaremos nosso olhar inquiridor à antropologia, campo de conhecimento que se volta a outras culturas, de modo a ficar mais clara a questão de que as funções sociais exercidas por homens e mulheres, de acordo com a posição social e a faixa etária, são construções culturais e, sendo assim, variam não só em uma mesma cultura ao longo da história, como foi visto neste capítulo, mas também em diversos agrupamentos sociais e culturais.

Esse passo é fundamental para que nosso olhar para o homem de meia-idade possa conter conhecimentos suficientes e relevantes para sua compreensão. Seu modo de ser possui relação com a cultura, com a sociedade e com a história, razão pela qual olhar para estas instâncias é ampliar o círculo hermenêutico deste ser-no-mundo.

No capítulo seguinte, voltaremos nosso foco de atenção primeiro a outras culturas no que diz respeito ao seu modo de lidar com a atuação masculina e com o envelhecimento para, em seguida, focarmos nossa cultura analisando como ocorre a constituição dos gêneros e os aspectos psicológicos do indivíduo tendo como veio norteador de nossa compreensão sua contextualização sócio-histórico-cultural.

CAPÍTULO III

MASCULINIDADE E ENVELHECIMENTO: CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA, DOS ESTUDOS DE GÊNERO E DA PSICOLOGIA

Tal como exposto anteriormente, após abordarmos o modo como a organização familiar e os papéis sociais masculinos e femininos e o modo de se perceber o envelhecimento foram se transformando ao longo da história, cremos que se faz importante conhecer alguns discursos construídos a respeito dessas relações. Neste capítulo apresentaremos contribuições da antropologia para em seguida, analisarmos a questão de gênero e os aspectos psicológicos relacionados ao ser homem.

Relações sociais vistas à luz da Antropologia

Na visão de CANEVACCI (1985), o campo de conhecimento antropológico possui algumas vertentes bem delineadas. O **evolucionismo** acentua a evolução histórica do indivíduo, bem como da organização familiar a qual teria passado por diferentes modelos, culminando na família monogâmica. Seus principais representantes são: Morgan, Bachofen, Lubbock, Engels entre outros.

O **funcionalismo** afirma que todo fato sociocultural pode e deve ser explicado por meio de sua específica função no interior do grupo em questão. Nessa perspectiva, a família é vista como uma instituição fundamental para a sociedade sendo que sua função é bastante relevante. Radcliffe Brown, R. Firth, B. Malinowski, M. Mead, entre outros, encontram-se entre os teóricos desse grupo.

O **estruturalismo,** trabalhando com a noção de sistemas de parentesco busca as constantes relações entre os muitos sistemas existentes intencionando chegar à determinação de suas estruturas elementares. Claude Lévi-Strauss é um de seus principais expoentes.

Sem que nosso objetivo nesta tese seja analisar cada uma das linhas de pensamento presentes na antropologia, mas buscando fazer uma análise mais ampla de suas idéias, vemos que uma das principais contribuições desse campo de conhecimento para a compreensão da organização familiar refere-se à sua análise unindo a natureza e a cultura.

A natureza poderia ser considerada como a realidade objetiva, o mundo material que é ao mesmo tempo interior e exterior ao homem. Nos dizeres de CANEVACCI (1985), a natureza só pode ser considerada a partir de sua relação com o estado alcançado pela sua apropriação social. A cultura refere-se à atividade criadora determinada pelo homem.

No que diz respeito ao estudo da família, temos claramente a procriação relacionada ao âmbito da natureza. Entretanto o modo como esse fato biológico é elaborado e interpretado cultural e socialmente, demandando diversas formas de organização familiar, encontra-se no campo da cultura.

LINTON (S/D) é um dos autores que nos fornece informações relacionadas aos diferentes modos de organização familiar e de prática de casamento. Destaca-se, primeiramente, em sua obra que, em sua perspectiva de estudo, a família é entendida como **unidade cooperativa**. Esta existe em todas as sociedades. Claro está que o modo como essas unidades são organizadas nas sociedades, ou mesmo em uma mesma sociedade ao longo do processo histórico, é bastante diverso. No entanto, o fato de que os seres humanos busquem sempre um mínimo de organização social é bastante relevante, pois mostra que o modelo de família nuclear não é universal e nem natural.

Podemos então questionar: Como se formam essas chamadas unidades cooperativas? Segundo o autor, qualquer agrupamento humano necessita de uma organização mínima, de modo que as relações sociais e econômicas – como a produção de alimentos e outros bens necessários ao grupo – possam ser estabelecidas com uma certa ordem. Nesse sentido é que cada indivíduo precisa conhecer sua função dentro do grupo, o que dele é esperado, enfim, qual é seu papel no mesmo grupo. Assim, as sociedades organizam-se em unidades que ocupam um lugar intermediário entre o indivíduo e a sociedade total da qual ele faz parte.

De acordo com o autor, a qualidade de membro da unidade cooperativa pode ser dada de duas maneiras: em uma base de parentesco biológico, estabelecida pelo acasalamento, ou pela ascendência comum, a partir de um parentesco biológico ou social. Considerar essas duas possibilidades é de máxima importância para podermos entender, não só culturas diferentes da nossa, como também a cultura ocidental. E não apenas isso: esse entendimento possibilita ao homem da atualidade perceber que

a família composta a partir de laços de parentesco biológico não é a única maneira de organização de grupos sociais menores dentro de uma sociedade mais ampla.

O autor destaca que a qualidade de membro de um grupo *"também pode ser atribuído numa base de relações reconhecidas como substitutos desse parentesco, tais como a paternidade presuntiva e adoção"* (LINTON, S/D, p. 165).

Essa afirmação é bastante esclarecedora, permitindo-nos entender que não é apenas a ligação biológica entre as pessoas que demarca o lugar social de um indivíduo, mas que existem regras sociais que delimitam esses lugares sem que, necessariamente exista um vínculo biológico. Esse aspecto é importante, em especial no que se refere ao entendimento das relações sociais que definem e norteiam a construção da masculinidade, em especial da função paterna.

Embora em nossa sociedade a relação biológica coincida com a relação social, no que diz respeito à função e delimitação do papel masculino de pai, isso não ocorre em todas as sociedades e nem em todas as culturas. Assim, um grupo familiar nem sempre engloba uma família tal como entendida por nós (pai, mãe e filhos).

O autor utiliza um termo específico, o de **família institucional**, para designar esses dois grupos, quais sejam: a família tal como entendida por nós, e a família que não coincide com a unidade reprodutiva. Esse termo na nossa cultura é o mesmo grupo da família reprodutora, mas em outras culturas nem sempre possui a mesma importância que nós lhe damos. É possível perceber então que, mesmo quando se conhece o papel masculino na reprodução, o lugar social do indivíduo do sexo masculino pode variar.

Em culturas não ocidentais como, por exemplo, entre os nativos das ilhas Trobriand, arquipélago de coral localizado a nordeste da Nova Guiné, existe uma interpretação bem diversa do papel do homem na sociedade.

Esses povos foram estudados por MALINOWSKI (1983) e segundo ele os trobriandeses formam uma sociedade matrilinear onde *"o parentesco e todas as relações sociais são fixadas legalmente tendo como referência exclusiva a mãe"* (p. 30).

O pai ou *tama*, para os trobriandeses, é entendido por eles mais comumente como *"o marido de minha mãe"* (MALINOWSKI, 1983, p. 32). Embora exista proximidade física entre o pai e os filhos, dado que a mulher ao casar passa a morar na aldeia de origem do marido, conforme os filhos vão crescendo o sentido da palavra muda. A criança vai aprender que em realidade não pertence ao mesmo clã que seu *tama.* Surge aqui outro homem chamado de *kadagu* ("*irmão de minha mãe*", MALINOWSKI, 1983*,* p. 33). É na aldeia onde mora esse homem que estão as propriedades e direitos de cidadania dos filhos e, conforme eles vão crescendo a autoridade do *kada* ("*irmão da mãe"*, MALINOWSKI, 1983, p. 33) vai crescendo e a do pai vai diminuindo.

Assim, existem duas figuras masculinas: a do pai e a do tio materno sendo que a primeira não se encontra vinculada à paternidade fisiológica, dado que, na concepção desse povo, o filho é feito da mesma substância de sua mãe. Na crença dos membros desse grupo, o processo de inserção de novas pessoas na comunidade decorre dos *"esforços combinados do mundo dos espíritos e do organismo feminino, sem deixar qualquer espaço para a paternidade física"* (MALINOWSKI, 1983, p. 193).

Nessa sociedade, portanto, o pai possui um lugar social junto com o irmão da mãe da criança, sem que exista conhecimento de sua participação fisiológica na procriação.

A autoridade masculina encontra-se organizada socialmente a partir dos laços de ligação com a mãe e, as funções que o pai exerce para com o filho independem do laço sangüíneo existente. Esse fato é corroborado, por exemplo, em casos citados pelo autor, de homens que ficaram algum tempo fora da aldeia e que quando voltaram depararam-se com a mulher grávida ou já com filho. Esse fato não os impediu de agirem como pais da criança. Questionar a paternidade, tal como em nossa sociedade, entre os trobriandeses nesses casos, é algo totalmente impensável.

Podemos perceber que, no exemplo, o olhar para o modo como outros povos se organizam, constroem sua vida social e criam seus modos de pensar a realidade, envolvendo interpretações de fatos biológicos, nos mostra que o nosso modo de elaboração do mundo não é único, e que existem outras maneiras de vê-lo e interpretá-lo. No que se refere à cultura ocidental, a figura masculina do pai coincide em termos biológicos e sociais. Isso não significa, entretanto, uma única maneira de experienciar o papel masculino.

O que ocorre é que há uma ênfase maior na participação materna na relação com os filhos. Essa participação foi sendo construída ao longo do processo sócio-histórico e em nossos dias possui importante relação com o modo como meninos e meninas são educados, e na maneira de homens e mulheres viverem os papéis atribuídos a cada um.

Percebemos da análise empreendida que os papéis sociais, embora estejam relacionados à procriação, estão mais ainda relacionados ao modo de organização da

sociedade. No que diz respeito à maneira de lidar com o envelhecimento, o estudo de BEAUVOIR (1990) novamente será utilizado por nós para que possamos compreender a relação existente entre envelhecimento e cultura.

Cultura e envelhecimento: algumas elaborações e modos de lidar com o processo de envelhecer

Afirmamos que alguém é velho, geralmente em comparação com alguém que é considerado novo, porém quando questionamos – O que é a velhice? O que é ser velho? Que critérios podemos usar para falar que determinada pessoa é velha? Deparamo-nos, então, com uma dificuldade: Quando começa a velhice? Quando podemos dizer que alguém "é velho" ou "está velho"? A análise de práticas sociais em sociedades primitivas pode ser uma pista para ampliarmos nossa reflexão a este respeito.

Embora não aborde especificamente a meia-idade, a obra de Simone de Beauvoir nos possibilita compreender melhor o modo como outros povos lidam com o envelhecimento, além de lançar luz ao modo como nossa própria sociedade elaborou e elabora este acontecimento, tal como visto no Capítulo II.

Um dos pontos que nos chama a atenção é que, em nossa cultura não existe um ponto preciso em que afirmamos que a velhice tem início. Isso também ocorre para a chegada da meia-idade. Não havendo marcos definidos como saber o que é a meia-idade? Ou o que é a velhice? Sob esta perspectiva a análise realizada pela

autora de outros povos e mesmo de animais primatas nos ajuda a compreender nossa maneira de perceber o envelhecimento.

Entre as espécies animais mais evoluídas, os membros idosos possuem grande prestígio em seu grupo, sendo eles os que transmitem conhecimento e autoridade aos demais. Em especial os antropóides possuem sempre no macho idoso um representante de dominação em relação às fêmeas e aos mais jovens. Quando exercido em demasia, seu poder pode ser desafiado por um grupo de machos mais jovens, dos quais o mais velho irá lutar com o líder. Este pode ser morto ou ferido e, em ambas as situações, deixará o grupo, ficando sozinho até morrer.

Do mesmo modo que entre os animais, em muitas sociedades humanas o velho tem como trunfo suas experiências e conhecimentos. Porém, aqui também existe a possibilidade de expulsão do grupo, em especial por motivos econômicos. O velho entre os humanos é aquele que por não poder trabalhar acabou por tornar-se uma boca inútil. Insere-se aqui importante aspecto com relação à análise dos significados e elaborações culturais relativos à velhice *"sua condição* [a de velho] *nunca depende simplesmente dos dados biológicos: fatores culturais intervêm"* (BEAUVOIR, 1990, p. 51).

Tendo a variedade cultural em vista, a autora nos esclarece a respeito da presença de duas práticas bastante comuns nos grupos humanos: o abandono ou morte dos velhos, tal como praticado entre os *hotentotes* da África e os *ojibwas* do norte, habitantes próximos ao lago Winnipeg, e o respeito ao velho enquanto possui determinadas capacidades consideradas relevantes para o grupo, em especial as de manutenção da coesão grupal, tal como ocorria entre os *yahgans* que viviam na costa da Terra do Fogo ou entre os *aleútas*, habitantes da Mongólia.

Importante papel também possui o conhecimento da magia e religião por parte dos velhos em sociedades mais complexas. Além das habilidades desenvolvidas com o passar dos anos, com relação a atividades rotineiras como o conhecimento de costura, alimentação, fabricação de remédios, o conhecimento de magia confere aos idosos um alto poderio em vários grupos sociais.

Essa crença e a importância da tradição oral entre os povos não letrados são fatores significativos para a atitude de respeito e temor diante dos velhos. Isso porque são eles os responsáveis pela transmissão do conhecimento adquirido pelo grupo às gerações mais novas.

Em culturas letradas em que não se encontra presente a crença em magia os velhos representam um papel social de menor importância. Os que possuem família são respeitados como, por exemplo, entre os *lepchas* que vivem no Himalaia, porém os que não possuem filhos e não mais conseguem trabalhar são vistos como trastes. Nessa sociedade, é o amor dos filhos o que mais possui valor quando a pessoa atinge a velhice.

Há também sociedades em que a idade não é nem motivo de prestígio nem é considerada como decadência, sendo que os indivíduos velhos e jovens possuem o mesmo respeito social.

Temos como exemplo dessa prática a sociedade inca, importante civilização americana, que alcançou grande desenvolvimento econômico, político e social. Desde muito cedo, aproximadamente aos cinco anos de idade, todas as pessoas, fossem meninas ou meninos, homens ou mulheres, tinham que ser úteis de alguma maneira ao grupo social. A idade avançada não suprimia de maneira nenhuma a obrigatoriedade de trabalhar. Mesmo quando possuidores de algum tipo de

deficiência física, devido à idade avançada, a capacidade dos indivíduos era aproveitada de alguma forma pela sociedade, na realização de algum tipo de tarefa. Vemos que nessa sociedade todos os indivíduos, independente de sexo ou idade, possuíam importância social.

BEAUVOIR (1990), ao estudar diversos grupos de sociedades primitivas, pôde analisar quão variadas são as elaborações culturais referentes ao envelhecimento.

À primeira vista, nas sociedades ricas, os velhos teriam mais condições de subsistência do que nas sociedades pobres, da mesma forma que isso ocorreria nas sedentárias em relação às nômades. No entanto, segundo a autora, de modo algum a situação econômica de uma sociedade é determinante para a condição do velho. Parece haver mais uma opção feita pela sociedade em relação ao modo como os velhos são tratados, o que independeria do nível econômico da organização social.

Outro aspecto relevante, a religião, parece também não mostrar unilateralidade em seu modo de perceber e lidar com a pessoa idosa. A religião, quando exercício de poder do idoso, pode conferir-lhe respeito, mas isso não é uma regra. Existem povos em que a obediência às regras sagradas é mais relevante do que o envelhecimento individual.

Da análise realizada da obra de BEAUVOIR (1990), percebemos que o envelhecimento é um processo biológico elaborado cultural e socialmente de diversas formas. Para alguns povos, o velho é dotado de autoridade e deve ser respeitado, para outros, deve ser temido e abandonado. Temos aqui a ambigüidade que marca a abordagem do idoso: respeito e temor. Essa marca como vimos no

capítulo anterior é a que nós trazemos também conosco, quando falamos do processo de envelhecimento.

Voltando nossa atenção à nossa sociedade, percebemos que esta ambigüidade não é tão facilmente perceptível. Em princípio, não temos tanto temor da velhice ou da figura do velho, uma vez que a magia não mais está enraizada na sua figura, como em culturas não letradas. Além disso, o avanço tecnológico nos propicia o disfarce dos sinais do passar do tempo em nossos corpos. Cirurgias plásticas, cremes, medicamentos e outras ferramentas nos são dispostos de modo a distanciarmo-nos do envelhecimento e de sua inexorabilidade existencial. Porém, esses aparatos não nos impedem, no máximo nos distanciam, do fato de sermos-para-a-morte. Mesmo quando buscamos fugir dos sinais da passagem do tempo em nossos corpos e em nossa vida, eles podem estar presentes no outro com o qual nos relacionamos. Assim, refletir sobre o envelhecimento é aprendermos a lidar com algo mais profundo e inabalável: a temporalidade de nossa existência.

Vista em uma perspectiva social, a temporalidade aproxima, de certa forma, os velhos das crianças, com a flagrante diferença de que as crianças rumam para o futuro, enquanto os velhos representam o passado e a decadência. E essa perspectiva sem dúvida influi no modo como as sociedades lidam com a velhice.

As considerações levantadas relativas à análise das culturas não letradas e também às reflexões realizadas no que diz respeito à nossa sociedade, permite-nos perceber que ser velho depende do contexto social e mais: segundo BEAUVOIR (1990, p. 107) *"ele tem um destino biológico que acarreta fatalmente uma conseqüência econômica: torna-se improdutivo"*.

Releva destacar ainda que, na perspectiva da autora, a consideração de quem é velho, a partir de que idade e de quais características relaciona-se aos recursos existentes na sociedade. Enquanto em algumas a decrepitude começa aos 40 anos, em outras será por volta dos 80 anos que isso ocorrerá. Nesse sentido, não basta o avanço econômico ou tecnológico social para possibilitar que o velho seja considerado positivo ou negativo socialmente. É necessário que o grupo social, em especial os governantes, esteja disposto a reconhecer o velho em seus direitos. E o estatuto social dos idosos dependerá dos objetivos perseguidos pela coletividade.

Percebemos até aqui, em nossa construção hermenêutica da masculinidade e da meia-idade, vista sob diversas perspectivas, que a abordagem histórica, bem como o estudo de culturas diferentes da nossa nos possibilita ampliar nossos horizontes de compreensão do fenômeno que buscamos compreender.

Assim, o item seguinte terá como objetivo um aprofundamento do olhar para a figura do homem de meia-idade e de sua existência no mundo pelo foco dos estudos de gênero e da psicologia. Conhecer o modo como se constrói sua subjetividade será nosso próximo assunto lembrando que essa construção ocorre na interface com a organização cultural, social e histórica da sociedade.

A formação da identidade masculina: contribuição dos estudos de gênero

Como foi abordado no Capítulo II, a família conjugal moderna tornou-se individualista estruturando-se por intermédio de uma hierarquia em que a divisão

sexual do trabalho impedia o exercício da liberdade e igualdade entre os sexos e, assim, o poder masculino patriarcal foi legitimado nesse contexto.

O exercício das funções masculinas e femininas relaciona-se às configurações sociais de poder, que ao longo da história foi prioritariamente exercido por homens.

Com base nessa idéia e, com a concepção de que ser homem e ser mulher implica em construções políticas, sociais, históricas e culturais do que lhes é permitido ou proibido, abordaremos a seguir as contribuições dos estudos de gênero para a compreensão da masculinidade.

A nítida separação das funções paterna e materna na sociedade ocidental data do século XVI aproximadamente. A partir dessa cisão, as tarefas domésticas, incluindo a educação dos filhos, passaram a ser consideradas prioritariamente função feminina. Podemos questionar: neste contexto como ocorre a formação da identidade masculina? Como o menino torna-se homem? Como esse processo influi no modo de ser do homem de meia-idade?

Sem dúvida, essa divisão de tarefas em masculinas e femininas exerce grande influência na formação da identidade de gênero, bem como dos papéis e relações de gênero.

O conceito de **gênero** pode ser entendido como o sexo sociológico, ou seja, a interpretação social que se tem das características biológicas. Assim, ao passo que biologicamente existem o homem e a mulher, sociologicamente existem os gêneros masculino e feminino (GUIMARÃES, 1995).

Tendo em vista essa idéia, quando abordamos os conceitos de identidade de gênero e papéis de gênero, nos referimos a variadas elaborações relativas ao modo como as diferenças entre homens e mulheres atuam em sociedade e constituem suas

subjetividades. Tal como nos esclarece COSTA (1994), o conceito de **identidade de gênero** remete ao sentimento que indivíduos de ambos os sexos possuem a respeito de serem de um ou de outro sexo, ou seja, é a sensação interna que cada pessoa possui de ser alguém pertencente ao gênero feminino ou masculino. Envolvidos na formação desse sentimento, encontram-se elementos biológicos, em especial a atuação dos hormônios sexuais no cérebro, como também fatores sociais. Estes últimos são principalmente a atuação dos pais e da família do indivíduo, além da atuação de outros membros da sociedade que lhes ensinam o que é ser homem e mulher naquela cultura.

Já o termo **papel de gênero**, ou papel sexual, refere-se ao comportamento da pessoa diante das outras e na sociedade como um todo (COSTA, 1994). Esse conceito relaciona-se, então, ao que a pessoa revela ou torna público para designar se é homem ou mulher, ou seja, envolve modelos e expectativas relativos ao comportamento social de indivíduos de ambos os sexos (GUIMARÃES, 1995). Existem modos de ser considerados masculinos ou femininos e é nesse aspecto que o homem na nossa sociedade vive experiências, muitas vezes difíceis.

Percebe-se claramente por meio dessas definições que as diferenças ente homens e mulheres, quanto à participação social, política e familiar, são construtos sócio-históricos.

Como foi citado no capítulo anterior, a masculinidade foi construída tendo como base a subordinação do feminino e a negação dos aspectos considerados femininos na subjetividade dos homens. Nesse processo, a mulher sempre foi dominada, em maior ou menor grau, submetendo-se ao poder masculino. Assim, as diferenças entre os sexos redundaram em superioridade do homem e inferioridade da

mulher. Entretanto é relevante destacar que o homem, ao negar a possibilidade de manifestação de aspectos inerentes à sua pessoa, identificados com o feminino e, portanto, com o inferior, negou a si mesmo a possibilidade de desenvolvimento pleno de seu ser, possibilidade esta que hoje vem sendo lentamente vivenciada por alguns homens.

Com relação ao processo de formação de identidade dos humanos, temos o seguinte: sendo a principal função feminina as atividades de âmbito doméstico, incluindo o cuidado e educação dos filhos, tal processo relaciona-se ao que ocorre nesse contexto. Assim, meninos e meninas sofrem grande influência da mãe. É nesse palco relacional que vai sendo formada a identidade e o papel de gênero de acordo com a atribuição de cada um.

CHODOROW (1979) estudou a questão da formação da identidade masculina e feminina tendo em vista um maior contato que filhos e filhas têm com a mãe. Tomando como base de análise o referencial psicanalítico, o qual atribui ao processo de **identificação*** uma grande importância na formação de cada pessoa, a autora considera que meninos e meninas nos primeiros anos de vida têm como principal figura identificatória a mãe. A menina vivencia essa identificação como um processo em que a figura materna contribuirá para compreender o que se espera dela como mulher e a ligação afetiva que as une pode ser alimentada, uma vez que a filha deve desenvolver características aceitas socialmente como "femininas" e que espera-se que a mãe possua.

---

* Processo de identificação *"é o processo psicológico por meio do qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e o transforma, total ou parcialmente, a partir daquele modelo"* (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 295).

O menino vivencia um processo diferente. Embora nos primeiros anos de vida identifique-se também com a mãe, para construir sua identidade própria deve afastar-se dela, já que não deve receber influência de uma mulher, mas sim, de um homem. Nesse sentido, a vivência da separação, de acordo com a autora, acontece mais cedo no menino do que na menina. Além disso, o menino vive um processo em que para ser homem deve aprender a negar aquilo que é considerado socialmente "feminino", uma vez que essas características são vistas como inferiores às consideradas "masculinas". Sensibilidade e delicadeza não fazem parte da formação do menino e a definição da identidade masculina pauta-se na negação dessas características. O menino, na formação de sua identidade, vivencia, portanto, um processo em que "ser homem é não ser mulher" incluindo também não ter características "femininas".

Embora a autora tenha como principal objetivo de seu trabalho a análise da formação da identidade feminina, seu estudo contribui para a compreensão de que o processo social de construção do masculino e do feminino reflete-se na vivência psíquica e individual de cada pessoa. Essa contribuição ocorre à medida que a autora evidencia que a maneira como ocorre a construção social do que é eminentemente feminino ou masculino é introjetada individualmente e vista, muitas vezes, como algo natural, dado biologicamente.

Outro aspecto a ser destacado nesse contexto refere-se às perdas que tanto homens como mulheres experienciaram em relação à sua participação social e às suas vivências individuais, ao longo da construção sócio-histórica dos gêneros na medida em que, mediante esse processo, foram sedimentados e cristalizados práticas e modelos que impediram a flexibilidade e versatilidade no modo de se relacionarem,

seja em ambientes públicos, como trabalho, lazer, seja no âmbito privado das relações afetivo-sexuais fazendo com que o ser de cada um, em que estão presentes inúmeras características ditas "masculinas" e "femininas", pudesse aflorar de modo mais verdadeiro.

Esse modo de relacionamento, em que os papéis acabam por ser tomados como modelos rígidos de ser no mundo, influencia também a paternidade, a qual é uma faceta do ser homem. Como no processo de formação de sua identidade, o homem teve que negar suas características de sensibilidade, afetividade e fragilidade, a vivência da paternidade acabou sendo restrita ao papel de pai-provedor.

Essa realidade vem sendo discutida e até mesmo contestada por alguns homens, os quais buscam abertura para poderem expressar seus medos, angústias e fantasias diante do ser pai. Estudos acerca da paternidade mostram que o pai também tem importante papel na formação da identidade dos filhos bem como em sua educação. Mostram ainda a necessidade de se buscar ampliar a compreensão da vivência da masculinidade e da paternidade nos dias atuais.

PARSEVAL (1986) realizou um estudo com diferentes "tipos" de pai, com o objetivo de compreender os "fantasmas" paternos. A autora ouviu a fala de "primipais" (pais que estavam passando pelo nascimento do primeiro filho), doadores de esperma para inseminação artificial, homens que haviam solicitado uma vasectomia e homens com vivências de diferentes paternidades (os "multipais"), como um segundo casamento ou mais de um filho. Num total de 11 entrevistas, sendo quatro com "primipais" biológicos, dois doadores de esperma, três "multipais" e dois homens que haviam solicitado uma vasectomia, a autora pôde perceber quão rico é o universo da paternidade.

Ao longo do período de gravidez, muitos pais vivenciaram fantasias em relação ao sexo do bebê, ao seu nascimento, sonharam que estavam "grávidos" e muitos, reelaboraram as relações vividas com seus próprios pais ou outra figura paterna, como o avô. Além disso, vivenciaram também sentimentos negativos como por exemplo, ciúme da parceira por se dedicar muito ao bebê, medo de que o filho nascesse com algum problema, entre outros. A autora avalia que, permeadas por aspectos culturais, como a ênfase na mãe como principal figura na concepção, gravidez e parto, tanto a vivência da paternidade, como as fantasias a ela relacionadas, são elaboradas individualmente. Tal processo é, portanto, uma mescla de elaboração da cultura com o modo pelo qual o homem viveu a relação com seu próprio pai e com a parceira.

Podemos perceber, então, que a construção social da masculinidade está relacionada ao modo como cada homem vivenciou e vivencia até hoje a relação com seus pais, relação esta que tem fundamental importância no modo como vive sua sexualidade, a relação com os filhos e consigo mesmo. Nesse sentido torna-se relevante olhar mais de perto para estudos que abordem os aspectos psicológicos envolvidos na vivência do ser homem de modo a ampliarmos nossa compreensão dos múltiplos aspectos relativos à masculinidade e, portanto, nossa trajetória hermenêutica relativa à meia-idade.

O *Ser-aí* do homem na perspectiva psicanalítica

Para compreendermos o modo como os homens vivenciam a masculinidade, é necessário que nos reportemos a estudos relacionados à análise do processo de formação de identidade masculina sob uma perspectiva psicanalítica, dado que esta tese busca compreender o ser que vivencia a masculinidade na meia-idade. Acreditamos ser essa abordagem muito rica por remeter-se a facetas do indivíduo vinculadas às suas primeiras relações afetivas, relações estas que, sem dúvida, configuram e norteiam o modo como será após o alcance da vida adulta, em especial no que diz respeito à organização de suas relações afetivas e sexuais.

O primeiro autor que analisaremos será Sigmund Freud dada sua importância teórica para o campo de conhecimento psicológico e por ser o iniciador da psicanálise, enquanto referencial teórico e metodológico das ciências psicológicas.

A primeira obra por nós analisada será "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (FREUD, 1905). Uma das idéias centrais na psicanálise é o conceito de **libido**, entendida *"como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual"* (FREUD, 1905, p. 204). Para Freud, a libido se diferencia em sua origem da energia supostamente oculta nos processos anímicos em geral, ou seja, possui um caráter quantitativo e também qualitativo, sendo considerada diferente das demais formas de energia psíquica como impulsos de fome ou sono, por exemplo.

Outra idéia fundamental nessa teoria e que será de grande importância para esta tese é a de que desde criança o ser humano é dotado de impulsos sexuais. Isso significa que a libido (pulsão sexual) ao contrário do que se acreditava não existe

apenas na vida dos adultos, mas também nas relações infantis, seja com o próprio corpo seja com outras pessoas. Essa linha de raciocínio afirma que nosso corpo é dotado de **zonas erógenas**, ou seja, zonas ou partes *"da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade"* (FREUD, 1905, p. 171). Há algumas zonas em nosso corpo às quais Freud denomina de zonas erógenas predestinadas que são aquelas onde a propriedade erógena vincula-se de modo mais evidente. Sendo assim, ao longo do desenvolvimento humano, a libido passaria de uma zona erógena à outra até alcançar o pleno desenvolvimento do indivíduo.

A seguir, portanto, apresentaremos em linhas gerais as idéias do autor referentes ao desenvolvimento psicossexual e às suas principais fases para, em seguida, focarmos nossa atenção no processo de desenvolvimento da identidade masculina à luz da psicanálise.

FREUD (1905) nos esclarece acerca da atividade oral da criança por intermédio de sua busca por obtenção de um prazer, dissociado das atividades de alimentação como o mamar ou ingerir outro alimento. Isso fica muito claro na atividade de chuchar em que a criança coloca parte de seu corpo na boca, como o dedo do pé ou da mão ou também outro objeto que lhe cause prazer auto-erótico.

A zona seguinte em termos de obtenção de prazer é a anal. Na observação do nervosismo da criança, quando de algum distúrbio intestinal, na recusa em eliminar as fezes quando algum adulto assim lhe solicita, na retenção das fezes por prolongado período de modo a expeli-las quando lhe aprouver, Freud viu manifestações da importância que as atividades vinculadas à região anal possui na

obtenção de prazer, atividades estas que permanecem, assim como as da região oral, após a chegada à fase adulta.

Em seguida, temos o interesse que suscita nas crianças seus genitais. Seja na micção, durante o banho, na fricção destes com as roupas ou mesmo por intermédio da auto-estimulação, a criança obtém grande prazer nessa região. Com relação à última forma de obter prazer, FREUD (1905) distingue três fases da atividade masturbatória infantil quais sejam: a primeira própria do período de lactância, a segunda durante o quarto ano de vida e o terceiro durante a puberdade, segundo o autor *"o único a ser levado em conta"* (FREUD, 1905, p. 176). Isso porque, nessa obra, o autor inicia o desenvolvimento da análise das diferenças de desenvolvimento da identidade entre meninos e meninas e será em obras posteriores, em especial FREUD, (1923a; 1923b; 1924), a serem analisadas aqui, que ele irá desenvolver de modo amplo a noção de **complexo de Édipo** bem como sua dissolução.

Ainda em FREUD (1905), temos a visão de que é a partir da chegada da puberdade que ocorrem mudanças que levam a vida sexual infantil à sua configuração normal definitiva. De predominância auto-erótica, como vimos acima, a pulsão sexual vai encontrar o objeto sexual. A pulsão, que atuava partindo de várias pulsões e zonas erógenas distintas, as quais independentemente buscavam certos tipos de prazer como alvo sexual exclusivo, terá agora um novo alvo sexual para o qual todas as pulsões parciais vão se conjugar *"enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital"* (FREUD, 1905, p. 195).

Uma vez que o novo alvo sexual

> *"atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o desenvolvimento sexual de ambos passa agora a divergir muito. O do homem é o mais conseqüente e também o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher apresenta até mesmo uma espécie de involução"* (FREUD, 1905, p. 195).

O novo alvo sexual nos dizeres do autor *"consiste na descarga dos produtos sexuais"* (FREUD, 1905, p. 195), sendo que a obtenção do prazer, o alvo anterior, não lhe é de modo algum estranho, mas seja de que maneira for, o prazer sexual vincula-se ao último ato do processo sexual, qual seja, a descarga. Nesse momento, ocorre algo muito importante: a pulsão sexual *"coloca-se agora a serviço da função reprodutora"* (FREUD, 1905, p. 195) e, assim, de auto-erótica torna-se "altruísta".

Assim, nesta obra para Freud será apenas a partir da puberdade que se estabelecerá nítida separação entre as características masculinas e femininas. Apesar disso, segundo o autor, já na infância é possível reconhecer as disposições masculinas e femininas como, por exemplo, o desenvolvimento mais precoce e com menor resistência, das inibições da sexualidade como vergonha, nojo e compaixão nas meninas do que nos meninos. Outros aspectos observados são: a aparência de maior tendência ao recalcamento nas meninas e a preferência feminina à forma passiva das pulsões sexuais parciais.

Interessante ressaltar que o autor afirma ser a atividade auto-erótica das zonas erógenas idêntica em ambos os sexos, sendo que antes da puberdade a diferenciação sexual é mais difícil do que após sua chegada. Aqui temos importante observação

feita por Freud: a tese de que, com relação a atividades auto-eróticas e masturbatórias, a sexualidade das meninas teria um caráter masculino. Ao afirmar isso, o autor esclarece em nota escrita em 1915 os possíveis significados dos termos masculino e feminino. Eles estariam em sua concepção entre os termos mais confusos da ciência e poderiam ser decompostos em pelo menos três sentidos: atividade e passividade, sentido biológico e sentido psicológico.

O primeiro seria o essencial, sendo o mais utilizado em psicanálise. E é nesse sentido que a libido é descrita como masculina por ser uma pulsão e, assim, sempre ativa *"mesmo quando estabeleceu para si um alvo passivo"* (FREUD, 1905, nota 1, p. 207). Apesar da libido ter essa característica, na perspectiva do autor, não existiriam masculinidade ou feminilidade puras, seja em âmbito biológico, seja em âmbito psicológico. Há uma mescla dos seus caracteres sexuais com os do sexo oposto e, portanto, uma conjugação de atividade e passividade em ambos os sexos. O autor considera ainda a bissexualidade como o fator decisivo para a compreensão das manifestações sexuais tanto no homem como na mulher.

Essas idéias auxiliam na compreensão de que, embora a cultura especifique o que é próprio do homem ou da mulher, essa diferenciação em termos até mesmo biológicos não é muito rígida.

Retomando ao indivíduo que atingiu a puberdade, embora lhe seja possível direcionar a libido para o objeto sexual correto, a escolha desse objeto deve excluir pessoas a quem o indivíduo ama desde a infância. Isso porque há uma exigência cultural da sociedade – a barreira do incesto – que *"exclui expressamente da escolha objetal na qualidade de parentes consangüíneos, as pessoas amadas na infância"* (FREUD, 1905, p. 212). Aqui se configura o terreno das fantasias como esfera inicial

da consumação da escolha do objeto, muitas vezes composto de representações que têm como destino sua não-concretização. Isso porque as fantasias comumente direcionam-se à figura dos pais, o que, como vimos, é impedido de ocorrer concretamente. Nesse momento, ocorrem a subjugação e o repúdio dessas fantasias e também o desligamento da autoridade dos pais.

Nessa obra já se insere a questão do complexo de Édipo uma vez que as fantasias a que Freud se refere remontam ao período do desenvolvimento psicossexual do final da infância, bem como a relação entre escolha objetal de homens e mulheres e a maneira como ocorreram as relações com os genitores, porém, essas idéias foram melhor desenvolvidas nas obras posteriores que analisaremos a seguir.

Na obra intitulada "O ego e o id" (FREUD, 1923a), o autor desenvolve idéias a respeito da mente e de seu funcionamento. Interessa para nós especialmente, a noção, já citada na obra anterior (FREUD, 1905), de que os acontecimentos vividos na infância, no que tange às relações objetais, são fundamentais para a formação do indivíduo. Aqui, o conceito de identificação passa a ter um importante papel. Vimos que, na obra citada anteriormente, Freud afirma que será apenas com a chegada da puberdade que a libido direcionar-se-á para objetos que não o próprio corpo. Já nesta obra o autor cita a questão das relações com as figuras paternas e sua importância para a configuração das relações objetais futuras.

FREUD (1923a) diz que as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe encontram desfecho em uma identificação direta e imediata, sendo mais primitivas, portanto, do que anteriormente havia sido citado. Por outro lado, esse processo é bastante complexo devido a dois

fatores: *"o caráter triangular da relação edipiana e a bissexualidade constitucional de cada indivíduo"* (FREUD, 1923a, p. 23).

Focaremos a seguir como o autor descreve nessa obra o desenvolvimento identificatório do menino.

Em idade muito precoce, o menino desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio e identifica-se com o pai. Esses relacionamentos durante certo período são concomitantes. No entanto, quando os desejos do menino para com a mãe se tornam intensos, o pai é percebido como obstáculo e disso se origina o complexo de Édipo. A identificação com o pai assume um caráter de hostilidade, transformando-se num desejo de livrar-se dele de maneira a ocupar o seu lugar junto à mãe.

A relação com o pai passa, então, a ser ambivalente, ou seja, dotada de sentimento opostos, e a ambivalência para com o pai e *"uma relação objetal de tipo unicamente afetuoso com a mãe constituem o conteúdo do complexo de Édipo positivo simples num menino"* (FREUD, 1923a, p. 46).

Com a dissolução do complexo de Édipo, a catexia objetal da mãe deve ser abandonada e pode ocorrer em seu lugar uma identificação com a mãe ou a intensificação da identificação com o pai, sendo que este último é o que estamos acostumados a perceber como normal.

No entanto, a bissexualidade constitucional em ambos os sexos traz alguns complicadores para a análise. Assim, o autor afirma que um estudo mais aprofundado revela que o complexo de Édipo é mais completo, é de caráter dúplice, ou seja, positivo e negativo. Esse fato evidencia uma das maneiras pelas quais a bissexualidade seria responsável pelas modificações posteriores no complexo. Sob o

prisma da bissexualidade, o menino teria ao mesmo tempo uma atitude ambivalente para com o pai e afetuosa feminina também a ele direcionada além de, concomitantemente, ter uma escolha objetal afetuosa pela mãe e uma hostilidade correspondente a ela dirigida.

Freud atribui à bissexualidade a dificuldade em descrever e compreender com clareza o que ocorre nesse período, porém as idéias que ele desenvolve aqui são muito importantes para melhor compreendermos como ocorre o processo de desenvolvimento masculino e com quais forças psíquicas ele se depara ao longo desse processo.

Ao caráter ambivalente em relação à mãe e ao pai simultaneamente, Freud referiu-se como revelador do complexo de Édipo mais completo e a este caráter relaciona-se o processo de dissolução do mesmo. Percebemos, então, que a dissolução do complexo de Édipo não é tão simples como descrito anteriormente pelo próprio autor.

No processo de dissolução do complexo tal como descrita acima, ou seja, tendo como veio condutor a ambivalência em relação ao pai e à mãe, *"as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna"* (FREUD, 1923a, p. 48). A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe, pertencente ao complexo positivo, ao mesmo tempo em que subsistirá a relação de objeto com o pai, a qual pertencia ao complexo invertido. Do mesmo modo, a identificação materna preservará a relação de objeto com o pai e substituirá a relação de objeto com a mãe, pertencente ao mesmo complexo invertido.

Assim, o processo de formação normal do indivíduo é bastante complexo para Freud na medida em que o complexo de Édipo em sua amplitude e caráter quádruplo deve ser resolvido. Como resultado desse processo há a

> *"formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial, ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego"* (FREUD, 1923a, p. 49).

Nessa obra, Freud descreve o superego não apenas como *"um resíduo das primitivas escolhas objetais do id"* (FREUD, 1923a, p. 49), mas também representando uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. O ideal de ego possui um aspecto duplo, pois, relaciona-se com o ego evidenciando como ele deveria ser e também como não pode ser. Esse caráter duplo refere-se à missão do ideal do ego de reprimir o complexo de Édipo. Assim, com o surgimento da instância do superego o complexo passaria por sua dissolução.

Releva destacar que, durante a fase fálica, onde se desenvolve e é resolvido o complexo de Édipo, ocorre a elaboração de idéias relativas às diferenças genitais entre os sexos, bem como a assunção do órgão genital masculino, enquanto papel principal para o desenvolvimento sexual da criança (FREUD, 1923b).

A obra "A dissolução do complexo de Édipo" (FREUD, 1924) nos auxilia na compreensão desse acontecimento uma vez que nela Freud nos presta alguns

esclarecimentos complementares às suas explicações citadas em FREUD (1923a; 1923b).

O autor questiona: o que ocasiona a destruição desse complexo? Duas possíveis explicações são citadas por ele: os efeitos de sua impossibilidade interna ou sua determinação hereditária cujo fim já estaria predeterminado. O fato é que se torna importante entender melhor como ocorre o processo de dissolução do complexo à luz das idéias relativas ao papel que o órgão masculino possui para o desenvolvimento do indivíduo, seja ele menino ou menina, sendo que aqui focaremos nossa análise no desenvolvimento do menino.

Durante a fase fálica, o interesse pelos genitais é intenso, e o menino tende a manipulá-los com freqüência, acarretando, em maior ou menor grau, punição por parte dos adultos. Outro fato que geralmente acarreta ameaça de punição vinculada aos genitais, ou a cortar as mãos, é o molhar a cama à noite. Para Freud, seria a ameaça de castração que ocasionaria a destruição da organização genital fálica da criança. E como isso ocorreria?

O processo sobreviria de modo gradual, havendo alguns acontecimentos como a retirada do seio materno e as exigências cotidianas vinculadas ao processo de expulsão dos conteúdos do intestino, que prepararia a criança para vivenciar a possível perda de mais uma parte de seu corpo. Em princípio, as ameaças de castração não são levadas a sério pelo menino, mas geralmente, em algum momento nesse período, o menino toma contato com alguma menina e percebe que ela não possui pênis como ele. Será a partir desse contato que o menino acabará por perceber que como ela não possui pênis, a possibilidade dele perder o seu é considerável.

Estando no período em que vivencia o complexo de Édipo, o mesmo oferece ao menino duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Ele *"poderia colocar-se no lugar do pai"* ao modo masculino e ter relações com a mãe, sentindo logo o pai como um estorvo ou *"poderia querer assumir o lugar da mãe e ser amado pelo pai"* (FREUD, 1924, p. 220) e então a mãe seria quem assumiria uma posição supérflua.

Com a aceitação da possibilidade de castração, ocorre o fim dessas duas possibilidades de satisfação do complexo de Édipo, pois ambas acarretam a perda do pênis: a masculina como punição e a feminina como precondição.

> *"Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte do corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito triunfa normalmente a primeira dessas forças* [seu caráter narcísico]: *o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo"* (FREUD, 1924, p. 221).

Ocorre, aqui, algo fundamental para o entendimento da formação da identidade: *"As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações"* (FREUD, 1924, p. 221).

Percebemos, então, a importância do processo de identificação. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego formando o núcleo do superego. Este vai

assumir a severidade do pai e perpetuar a proibição do mesmo contra o incesto. O superego defende, portanto, o ego do retorno da catexia libidinal.

Além disso, podemos compreender que, psiquicamente, a formação de um indivíduo, bem como a percepção de si enquanto ser do sexo masculino ou feminino, perpassa por um processo bastante complexo o qual insere-se em um contexto social de permissões e proibições quanto ao que indivíduos de cada sexo podem, ou não fazer. Vemos que, na perspectiva de Freud, carregamos em nós características semelhantes, sejamos homens ou mulheres, embora a vivência dos processos psíquicos possa ser diferente.

Isso implica dizer que ser homem é algo intricado desde o ponto de vista psicológico até uma perspectiva mais ampla que considere esse contexto inter-relacionado ao mundo mais amplo.

Percebemos que a participação dos genitores para Freud é fundamental para a formação da identidade, seja de meninos seja de meninas. E, embora ele não teça considerações a respeito da inserção dos pais no contexto social mais amplo, podemos refletir que o modo como o pai foi distanciado da prática de educação dos filhos pode interferir nessa formação. Esse é o aspecto da masculinidade a ser analisado por nós a seguir, qual seja, a relevância da figura masculina, sobretudo o pai, na construção da identidade do homem.

A importância da figura paterna na formação da identidade masculina

A participação masculina, em especial do pai no processo de formação e educação dos filhos, é bastante recente ao longo da história. Durante mais de metade do século XX, a literatura relativa a estudos de Psicologia concentrou-se no papel materno, destacando-se estudos de Anna Freud, René Spitz, Winnicott e Bowlby, entre outros (VIZZOTTO, 1995).

Uma das vertentes teóricas que estudou a relevância da figura paterna relacionada à formação dos filhos, tal como vimos, foi a psicanálise. Na visão de Anna Freud, a atuação paterna na configuração da identidade ocorreria em idade posterior aos dois anos. Para ela, até esta idade, as relações parentais centrar-se-iam na figura materna.

A perspectiva teórica de Melanie Klein é outro referencial que contribui para estudos relacionados à paternidade. VIZZOTTO (1995) realizou uma análise das concepções psicanalíticas desse referencial teórico, o qual contribuiu também para os estudos de Arminda Aberastury relativos à função do pai desde os primeiros meses de vida do bebê.

Na visão de Melanie Klein, o mundo infantil seria dominado por fantasias. Ao longo dos três primeiros meses de vida, os objetos pulsionais (objetos de desejo) são apreendidos de maneira parcial. O seio, principal objeto nessa idade, ora será percebido como bom, ora mau, de acordo com as experiências gratificantes e frustrantes, respectivamente.

Conforme o bebê vai crescendo e seu ego se desenvolve, novos objetos vão sendo introjetados e projetados por intermédio de identificações. Por volta do

quarto/quinto mês de vida, a criança começa a ter uma vivência do objeto total e vai tendo a percepção de que aquele objeto que sente como bom é também mau.

A partir desse momento, os objetos são vistos não mais parcialmente, mas de maneira total. Nesse período há também um progresso nas funções do ego e a criança adquire a possibilidade de reconhecer pessoas totais. É nessa fase que a figura paterna vai adquirir grande importância, pois a criança passa a reconhecer duas pessoas: os pais. A relação será fonte de gratificações, mas também de estimulações e frustrações geradas pela relação triangular – pai, mãe, filho. Esse triângulo representa a origem do complexo de Édipo que, como abordamos anteriormente é o processo inconsciente em que o (a) filho (a) passa a perceber o genitor do mesmo sexo como rival na relação com o genitor do sexo oposto; a superação desse complexo levaria à identificação com o genitor do mesmo sexo.

Nessa fase de desenvolvimento, o bebê também vai adquirindo habilidades cognitivas e físicas, por exemplo, segurança na apreensão de objetos materiais, no plano físico, e a capacidade simbólica, no plano mental. Essa segunda habilidade permite que a criança recupere objetos em sua mente. Tal capacidade, aliada ao maior controle motor, traz maior autonomia em relação à dependência materna.

Puente (1989), *apud* VIZZOTTO (1995), destaca o fato de que, já no segundo semestre de vida, a criança adquire capacidades diferentes em todas as partes funcionais. Além das capacidades citadas acima, a dentição, que também se inicia nessa fase, faz com que o processo de desmame ocorra, e a erotização (fonte de satisfação) oral desloca-se para o restante do corpo.

Essa etapa do desenvolvimento coincide com o reconhecimento do pai, já que o bebê possui a capacidade de percepção de objetos totais, explorando outras

dimensões do mundo exterior. Para Melanie Klein, será nessa fase que os impulsos edipianos da criança serão liberados pelas frustrações orais havendo, simultaneamente, o início da formação do superego.

A figura paterna, pela perspectiva teórica kleiniana, vincula-se, portanto, *"ao desenvolvimento da capacidade simbólica, ao estabelecimento das relações da criança com o mundo externo e, logo, com o desenvolvimento do ego e do superego"* (VIZZOTTO, 1995, p. 7). A vivência edipiana ocorreria, nessa fase do desenvolvimento, já no primeiro ano de vida. O menino seria impelido a buscar outro objeto – o pai – dadas as frustrações advindas do desmame e também pela própria percepção da pessoa do pai. Assim, a estruturação do complexo de Édipo ocorreria no nível oral, a partir da frustração oral com o peito materno.

Percebe-se, aqui, que na perspectiva de Melanie Klein a vivência e a dissolução do complexo de Édipo ocorreriam bem antes do que Freud afirma.

Arminda Aberastury (*apud* VIZOTTO, 1985) é outra autora que concorda que o complexo de Édipo ocorre nos primeiros meses de vida, mas insere uma visão um pouco diferente de Melanie Klein. Para essa autora, a busca pelo pai não ocorreria na fase oral, porém em uma fase posterior à qual denominou "fase genital prévia". Para Freud, tal como vimos, as fases de desenvolvimento psíquico estão assim divididas: oral, anal, fálica, período de latência e fase genital (nomes referentes às principais fontes de satisfação). Aberastury acredita que, além de um desprendimento da mãe e uma busca pelo pai, haveria também uma troca de zonas erógenas, da oral para a genital. Assim, haveria uma fase genital imediatamente depois da oral (VIZZOTTO, 1995).

Nessa fase, segundo ABERASTURY (1994), o menino identifica-se com a mãe e deseja possuir o pai. Existe aqui, na perspectiva da autora, um período homossexual normal no processo de desenvolvimento do indivíduo, que estaria vinculado *"ao desejo de transformar o conteúdo de seu corpo em um filho que desejaria oferecer à mãe"* (ABERASTURY, 1994, p. 74).

Percebemos, aqui, que tanto meninos como meninas passam por um período em seu desenvolvimento em que existem fantasias de ter um filho, as quais se originam do processo de identificação com a figura materna. No entanto, em nossa cultura ao menino é negada a possibilidade de demonstrar o desejo de ter um filho em brincadeiras e jogos, razão pela qual, nos dizeres da autora, tal negação é a raiz de muitas inibições do homem para assumir, quando adulto, um filho.

Pela análise da perspectiva teórica psicanalítica, é possível perceber que sua principal contribuição para a compreensão do ser homem refere-se à participação do pai no processo identificatório dos filhos desde os primeiros meses de vida. E que o modo como ele exerce seu papel depende do modo como a sociedade foi construindo essa função social, a qual foi internalizada pelo homem e que exerce profunda influência na sua maneira de ser.

Da análise empreendida até aqui podemos perceber que o psiquismo é desenvolvido no contexto relacional do indivíduo e que normas, valores e diretrizes de permitido e proibido influem no nosso modo de ser. Nesse sentido, em uma perspectiva de análise sócio-histórica da atuação masculina na sociedade, incluindo a de pai, GADOTTI (1987) insere alguns pontos relevantes para nossa reflexão em um sentido mais amplo. O autor analisa esta atuação no mundo atual, o qual, em sua visão, é caracterizado pela propriedade. Na sua análise, o pai-provedor é o reflexo da

sociedade autoritária e da divisão social do trabalho em que o autoritarismo paterno seria um reflexo da submissão da mãe. Numa perspectiva mais ampla, o modo de o homem e a mulher se organizarem seria um reflexo da família burguesa, que, como já foi analisado, estruturou-se numa hierarquia de poder entre o mundo público (masculino) e o privado (feminino).

Numa perspectiva dialética, ou seja, numa visão em que existem possibilidades de transformação, ainda que se mantendo alguns dos elementos anteriores, o autor nos auxilia a compreender a dinâmica das relações entre pais e filhos. Para ele, embora a figura do pai-provedor seja histórica, bem como a concepção de que as relações familiares estão envoltas em afetividade, outras maneiras de relacionamento familiar tais como a união consensual, a relação dos filhos com apenas um dos pais ou a de um cônjuge vivendo uma segunda ou terceira união, carregam em si não apenas elementos novos, como também características das relações que lhes deram origem.

Esse modo dialético de analisar as relações familiares e as atuações sociais masculinas e femininas possibilita compreender que os questionamentos relativos a tais modos de ser envolvem transformação de alguns aspectos e manutenção de outros.

Nesse sentido, o autor afirma que é essencial a compreensão dos aspectos históricos da construção da masculinidade como uma forma de melhor compreender os conflitos psicológicos advindos de suas vivências, de modo a possibilitar um aumento da compreensão da subjetividade masculina.

O percurso percorrido até aqui evidencia que essa construção encontra-se atualmente envolta em um contexto bastante amplo e complexo, realidade que

desvela a importância de ouvir a fala de homens na meia-idade de modo a melhor compreender os significados atribuídos à existência, sendo uma das facetas o ser pai.

Com base nessa imensa e rica realidade que abarca o existir do homem, esta pesquisa visa a ampliar horizontes de compreensão acerca da existência do homem na meia-idade. Dessa perspectiva buscamos ampliar a visão em relação ao seu modo de existir, tendo como veio condutor as facetas da paternidade, da sexualidade e de como ancora seus projetos de vida. Essa busca se dá no sentido de compreendermos as vivências em um contexto permeado pelo convívio de modelos de homem já sedimentados, como o do provedor, juntamente com novas idéias de que o homem deve ser sensível e participativo, o que envolve a expressão da afetividade. Em face desta realidade questionamos: que sentidos norteiam o existir do homem de meia-idade? Que significados atribui esse homem à sua vida nesta fase de desenvolvimento? Como vivencia a paternidade? Como ocorrem as relações desse homem com os filhos nesse contexto de mudanças? Como se percebe na meia-idade com a chegada dos filhos à adolescência, momento em que o jovem também vivencia um momento de crise, em que deve explicitar os rumos que deseja seguir em sua existência? Como vive sua sexualidade? E, diante do envelhecimento, que projetos ancoram sua vida?

Cremos que essas perguntas nos remetem à compreensão do processo de desenvolvimento deste homem na meia-idade. Para isso nos reportamos às idéias de Erik Erikson, pois, em nossa busca por desvelar seu modo de ser elas muito têm a contribuir para o olhar que lançamos a essa fase específica do desenvolvimento. O autor, ao nosso ver, com sua teoria que envolve a existência global do indivíduo, do nascimento à morte, auxilia-nos em nossa trajetória hermenêutica de compreensão

dos aspectos vinculados à meia-idade, em especial aos psicológicos vinculados a um contexto social mais amplo. Apresentamos também alguns esclarecimentos relacionados às transformações fisiológicas bem como à sexualidade nessa fase da vida.

CAPÍTULO IV

MEIA-IDADE: DESENVOLVIMENTO E SEXUALIDADE

Contribuições da teoria de Erik Erikson para a compreensão do Ser-aí na meia-idade

De acordo com ERIKSON (1976a), o ser humano passaria por oito ciclos ao longo do desenvolvimento, de acordo com as realizações sociais a serem vivenciadas nesse processo. As "oito idades do homem" são: confiança básica *versus* desconfiança básica; autonomia *versus* vergonha e dúvida; iniciativa *versus* culpa; indústria *versus* inferioridade; identidade *versus* confusão de papel; intimidade *versus* isolamento; generatividade *versus* estagnação e integridade *versus* desesperança. A seguir, uma breve descrição do que ocorre em cada fase com ênfase especial nas duas últimas que envolvem a faixa etária do homem, foco desta pesquisa.

A fase denominada de **confiança básica *versus* desconfiança básica** envolve os sentimentos para com a mãe nos primeiros anos de vida. A de **autonomia *versus* vergonha e dúvida** relaciona-se à fase do desenvolvimento em que a criança explora o mundo que a cerca, quando adquire a capacidade de manipulação de objetos. A terceira fase **iniciativa *versus* culpa** envolve a aquisição por parte da criança da capacidade de andar sozinha. Esta nova atividade torna a criança cada vez mais

independente, e, assim, mostra-se capaz de tomar a iniciativa para explorar cada vez mais o mundo que a cerca. A ampliação de sua independência pode, dependendo do modo como ocorrer sua relação com as outras pessoas, levá-la, muitas vezes, a sentir-se culpada por seus atos. A quarta fase, **indústria *versus* inferioridade**, coincide com a idade escolar. O ingresso na escola, o aprendizado de novas informações, em especial a leitura e a escrita e a ampliação da convivência com outras crianças poderá fazer que suas tentativas de realização de atividades sejam comparadas com as de outros e sentir-se inferiorizada.

A quinta fase é a da **identidade *versus* confusão de papel**, a qual é vivida ao longo da adolescência, fase de desenvolvimento em que a pessoa vivencia uma série de acontecimentos importantes em sua vida, sendo o principal a consolidação da **identidade**[*] Deve escolher uma profissão, inicia relacionamentos afetivo-sexuais mais íntimos e busca definir o que vai realizar na sociedade. Para esse autor, seria um período de moratória social, ou seja, período em que o jovem deve elaborar o que aprendeu ao longo da infância para inserir-se no mundo adulto. Nesse sentido envolve, geralmente, conflitos com os adultos, dado que se amplia sua atuação na busca por caminhos próprios e individuais.

A "idade" seguinte para o autor seria: **intimidade *versus* isolamento**. Nesta fase o adulto jovem, após ter tido sua identidade formada, busca fundir esta com a de outros. Encontra-se preparado para vivenciar a intimidade, bem como inserir-se em grupos e associações. Por outro lado, essa possibilidade pode ser vivida com

---

[*] *"Individualmente falando, a identidade inclui (mas é mais do que) a soma de todas as identificações sucessivas"* dos primeiros anos de desenvolvimento. *"A identidade é um produto singular que enfrenta agora* [na adolescência] *uma crise a ser exclusivamente resolvida em novas identificações"* (ERIKSON, 1976b, p. 86)

dificuldades e receios (como por exemplo, o de perder a própria identidade recém-conquistada em prol dos outros).

As duas últimas fases de desenvolvimento propostas por Erikson relacionam-se ao tema em questão nesta tese, o existir do homem de meia-idade nas perspectivas da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida, e são as seguintes: fase de **generatividade *versus* estagnação** e fase de **integridade *versus* desesperança**. A primeira envolve a necessidade que os seres humanos maduros, os quais já viveram diversas experiências, têm de transmitir aos mais jovens o que aprenderam e experienciaram. A generatividade envolve exatamente a preocupação em guiar a nova geração. As mesmo tempo, nessa fase muitas pessoas podem ter uma sensação de que, ao envelhecerem, podem vir a serem considerados "ultrapassados", ou seja, como pessoas que nada mais têm a acrescentar no mundo e sentirem-se, assim, estagnados, como se tivessem chegado ao "fim da linha".

A fase de **integridade *versus* desesperança**, considerada pelo autor como a última, talvez seja a mais importante, embora muitas vezes a menos considerada. O homem nessa fase pode olhar para trás e ver tudo o que foi realizado, pode perceber o ciclo vital vivenciado como algo que tinha que ser daquela maneira. Assim, o ser humano pode ter a possibilidade de perceber que seu estilo de vida foi adequado, que seus objetivos foram realizados, que sua relações com os outros foram satisfatórias e pertinentes. Como o autor percebe as fases como inter-relacionadas, nessa fase o homem é capaz de poder amadurecer tudo o que foi realizado ao longo das etapas anteriores em um estado denominado pelo autor de *integridade do ego*. No entanto, a falta ou a perda dessa integração é simbolizada pelo medo da morte, em que o ciclo vital não é visto como tendo em seu extremo a morte. Nesse estado, a desesperança é

sentida pelo homem e ele vivencia o tempo como curto demais para recomeçar uma nova vida ou empreender novos projetos.

Outro estudo relevante para esta tese é o de HASHIMOTO (1998). O autor nos auxilia na compreensão da fase da existência humana denominada **maturidade**, momento que envolve a vivência de *"um processo de mudança de um período mais produtivo para outro de elaboração das suas experiências"* (p. 15). Esse momento da vida pode provocar sentimentos de ambivalência, pois a pessoa *"sente sua vitalidade mas percebe o início de alterações físicas e psíquicas do processo de envelhecimento"* (p. 15).

Com o objetivo de compreender como homens **nisseis** (descendentes de imigrantes japoneses) vivenciavam este momento de suas vidas, o autor entrevistou 10 nisseis com idade entre 39 e 54 anos.

Tendo como recorte para seu estudo a maturidade vivenciada por homens influenciados por duas culturas, a japonesa e a brasileira, o autor nos esclarece a respeito de algumas facetas do ser neste momento de sua existência.

Reconhecendo que o existir humano envolve sua cultura e sua história, suas reflexões nos auxiliam na compreensão de que a vivência de possíveis dificuldades, conflitos e angústias nessa etapa da vida têm relação com o modo de elaboração cultural e social ao longo da história dos processos de desenvolvimento do homem. Na cultura japonesa, existe uma valorização ampla e profunda das pessoas de mais idade. Elas são vistas como experientes e são muito respeitadas por todos, incluindo os indivíduos mais novos. Acresce-se a isso que chegar à maturidade significa, nessa cultura, atingir o auge da existência, a plenitude do ser. Nessa perspectiva, a maturidade é a fase que aproxima a pessoa da velhice e na cultura nipônica ela é

vista como ponto máximo de sabedoria e experiência, estado que para ser alcançado exige o cultivo de um modo de ser que busca o equilíbrio entre o interior e o exterior, ao longo de toda a vida.

Já no Brasil, tal realidade é bem diferente. Envelhecer é visto como negativo, o velho é oprimido e visto como alguém que não merece respeito e cuidado específicos, pois é considerado um ser que já produziu o que deveria e que nessa fase não tem mais possibilidades de contribuir para a sociedade. Visão esta que, tal como abordamos no Capítulo II, possui uma longa tradição em sua consolidação. De acordo com CHAUÍ (1994), a visão opressora relativa ao idoso lhe é transmitida de diversas formas. Existem mecanismos institucionais visíveis, como a burocracia da aposentadoria e dos asilos que lhes dificultam o acesso a um envelhecimento digno e com mínimas condições de uma vida confortável. Existem ainda mecanismos psicológicos sutis, muitas vezes praticamente invisíveis como a tutelagem, a recusa do diálogo e da reciprocidade, que relegam o idoso à realização de comportamentos monótonos e, muitas vezes, ao banimento social. A autora acrescenta, ainda, a ação de mecanismos científicos, como muitas pesquisas que demonstram, cientificamente, a incapacidade e a incompetência social do velho.

Essas condições opressoras acabam por levar a pessoa que chega a esta fase da existência a experienciar sentimentos de incapacidade e perda. No caso dos nisseis, existe, como abordamos, uma dupla influência cultural. Esses indivíduos aprenderam a ver a maturidade e a velhice como positivas e valorizadas por seus pais; ao mesmo tempo a cultura brasileira, local onde vivem, lhes mostra uma realidade bastante diferente.

Os costumes da cultura japonesa estipulam rituais de iniciação ao final de cada uma das fases da vida. Existe o ingresso na adolescência, a passagem para a fase adulta, a chegada à maturidade e a entrada na velhice.

Ao chegarem aos 40 anos, os japoneses e nisseis vivem o ritual correspondente à entrada na maturidade. Ao mesmo tempo em que a fase possui virtudes, pois há a possibilidade de crescimento existencial, há também restrições que podem mostrar à pessoa o declínio de sua própria vitalidade. Chegar à maturidade pode, então, mobilizar sentimentos de insegurança e angústia.

Nesse sentido, abordaremos a seguir um aspecto bastante significativo da existência humana: a sexualidade. Questionamos: Como o homem vive sua sexualidade na meia-idade? Que dimensões da sexualidade se apresentam em seu cotidiano? Por quais transformações o corpo passa nesta fase do desenvolvimento? E como o homem experiencia as mudanças em seu existir? Essas perguntas nos mobilizam a mais uma parada em nossa trajetória hermenêutica, buscando ampliar nossos horizontes de compreensão da masculinidade na meia-idade.

O homem de meia-idade e a sexualidade

A sexualidade, enquanto faceta peculiar da existência humana, sempre teve sua expressão, ao longo da história, cerceada em maior ou menor grau por normas, crenças e valores sociais que delimitavam o que seria correto, lícito ou esperado pelos indivíduos dos diversos grupos sociais.

Assim, homens e mulheres tiveram e têm ainda hoje sua vivência sexual e

afetiva pautada nos valores veiculados pelo meio social em que vivem. Além do gênero a que pertence, cada indivíduo insere-se em um grupo social específico, a uma faixa etária determinada, o que confere ainda maior especificidade ao que é considerado aceito ou não em seus comportamentos concernentes à sua sexualidade.

Focando nossa atenção no homem que vive a meia-idade, buscaremos, a seguir, ampliar nossa compreensão a respeito do modo como a sexualidade é vivida por tal grupo etário, considerando a cultura ocidental e os valores nela veiculados.

Como foi visto ao longo dos capítulos anteriores, a expressão da sexualidade vincula-se diretamente à organização política, econômica e social das sociedades. No que se refere à cultura ocidental, a sexualidade masculina relaciona-se ao exercício de poder. Claro está que o poder é distribuído de acordo com o grupo social em que os homens estão inseridos. Assim sendo, um político possui mais domínio do que um operário, o que não impede, no entanto, que as representações a respeito da masculinidade sejam compartilhadas por homens de diferentes contextos sociais.

Ao longo dos séculos, em uma sociedade cuja autoridade política e econômica sempre se concentrou em maior quantidade nas mãos masculinas, o exercício da sexualidade masculina refletiu e reflete ainda hoje maior liberdade, quando comparado a manifestações da sexualidade feminina. O que não significa total ausência de diretrizes e normas relativas ao modo de agir dos homens, mas ideais de maior raio de atuação social e expressão de sua sexualidade.

É nessa realidade que a formação da identidade de gênero masculina bem como de seus modos de ser ocorrem. Há a concepção de que ser homem é ser superior à mulher, em especial porque ser homem implica em maior poder social. E, mesmo nos dias atuais em que as mulheres compartilham com os homens as

atividades de cunho público, ambos ainda compartilham de concepções de masculinidade em que esta é mais vinculada ao exercício do poder do que a feminilidade. Dessa perspectiva, homens e mulheres muitas vezes ajudam a alimentar concepções veiculadas ao longo do processo histórico, muitas vezes sem questionar sua veracidade.

Nesse contexto relacional, a sexualidade masculina experienciada no período da meia-idade certamente será influenciada por concepções veiculadas socialmente a respeito dessa faceta humana e internalizadas ao longo do desenvolvimento dos homens, concepções relacionadas ao que é esperado de homens e mulheres em diferentes contextos, e a comportamentos que definem o que é próprio de cada gênero.

No que diz respeito aos homens, tal como já explicitamos no Capítulo I, durante muito tempo a concepção do que é definido como masculino esteve relacionado a um modo específico de ser: uso prioritário da força física ou de autoridade, distanciamento do mundo das emoções, à exceção da agressividade e violência, produtividade no mundo do trabalho e em outros contextos, são as principais marcas da construção do masculino em nossa cultura (NOLASCO, 1993). E, importante aspecto, a sexualidade masculina é englobada em uma concepção, ou seja, a vivência sexual para os homens está vinculada à produtividade (quantas vezes ocorreram relações sexuais ou com quantas parceiras), à ausência de afeto (sexo com prostitutas, sexo com a esposa muitas vezes apenas com o intuito de satisfação física) e mesmo à demonstração de força (demonstração da durabilidade de uma ereção ou da capacidade de viver mais de uma relação em um mesmo dia).

Cultural e historicamente construídas essas concepções direcionaram e ainda direcionam a vivência subjetiva do ser homem.

Tendo tal realidade em vista questionamos: E na meia-idade o que ocorre? Quais são os sentimentos norteadores da vivência da sexualidade masculina nesse período do desenvolvimento?

Como já citado ao longo desta tese, a meia-idade é um período do desenvolvimento em que ocorreria uma crise denominada "crise da meia-idade" vivenciada por homens e mulheres, mas de modo geral sendo mais pronunciada nos homens.

Para compreendermos melhor no que consiste esse acontecimento, abordaremos primeiramente as transformações fisiológicas vividas na fase, focando nossa atenção no homem, para em seguida, tecermos considerações a respeito das principais ocorrências da crise.

A fisiologia masculina: breve descrição do processo de ereção

De acordo com ROSENTHAL (1987), embora as pessoas geralmente creiam que a ejaculação é um processo simples, bastando ocorrer um estímulo para que o pênis fique ereto e apto para a ejaculação, a verdade não é bem essa.

A ejaculação depende dos estímulos eróticos serem recebidos e decodificados pelo cérebro, ou seja, do reflexo da ereção que ocorre quando os estímulos passam pelo sistema nervoso o qual irá acionar uma série de ações vasculares sincronizadas. Para isso o sistema arterial precisará enviar um suprimento satisfatório de sangue

para o pênis e um sistema unidirecional de válvulas das veias penianas agirá bloqueando parcialmente a saída do sangue. É assim que o pênis cresce em tamanho e fica ereto. Para que este sistema funcione apropriadamente faz-se necessária uma quantidade apropriada de testosterona, o hormônio masculino que auxilia no mecanismo da ereção e é responsável, em grande parte, pelo desejo e excitação sexuais.

De acordo com o autor, essa é a descrição do mecanismo ideal da ereção, mas sabemos que o processo ocorre sempre contextualizado e, nesse sentido, será influenciado por inúmeros acontecimentos: tensão, local em que o homem está, estado de ânimo (cansaço, nervosismo), uso de bebida alcoólica, fumo, além dos sentimentos para com a parceira ou para consigo mesmo. Esses são alguns dos influenciadores no mecanismo.

Além dos fatores vinculados ao contexto, o envelhecimento possui relação com a ocorrência desse processo. Na medida em que o homem envelhece o mecanismo, em si bastante complexo, sofrerá um desgaste natural. Sendo assim, o mecanismo reflexo não será tão preciso, além de que os vasos que irrigam o pênis poderão sofrer certo endurecimento, o que acarretará uma redução da velocidade de ereção.

Outro acontecimento importante é que, ao longo do desenvolvimento masculino, aproximadamente a cada década de vida, o nível de testosterona sofre um pequeno decréscimo em termos de produção, o que poderá influenciar na rapidez das respostas sexuais, mas que não significa incapacidade de viver prazerosamente a sexualidade.

Feitas essas considerações relativas ao mecanismo da ereção e da ejaculação, nos aproximaremos um pouco mais de algumas crenças errôneas vinculadas às alterações fisiológicas vividas pelos homens na meia-idade.

Alterações fisiológicas no homem de meia-idade: mitos e realidades

Embora em termos hormonais as mudanças no organismo masculino não sejam tão marcantes como ocorre com as mulheres, não devemos esquecer que o corpo humano se transforma e que por volta dos 40, 50 anos algumas alterações são previsíveis e, até mesmo, normais.

Com relação à sexualidade, segundo ROSENTHAL (1987), o homem após os 40 anos apresentará algumas ocorrências vinculadas ao funcionamento de seus órgãos sexuais, que, embora perfeitamente normais, quando não conhecidas, são motivo de preocupação e mesmo de crenças errôneas a elas vinculadas.

Nessa faixa etária, um dos acontecimentos refere-se a que as ereções espontâneas não se apresentam de modo tão rápido e fácil como quando o homem estava na faixa dos 20 ou 30 anos. Isso porque os sistemas fisiológicos, incluindo-se o reprodutor, com o passar do tempo, sofrem modificações tornando-se mais lentos em seu funcionamento. Não significa, de modo algum, incapacidade de ter uma ereção ou experimentar excitação, mas sim que o modo como a excitação ocorre passa por mudanças. Assim, enquanto um homem de 20 anos muitas vezes tem uma ereção apenas com fantasias eróticas, o homem mais velho necessita de maior estimulação física direta do pênis do que quando jovem, para que ocorra a ereção.

Outro fato significativo é que a ereção, quando comparada com as exibidas na juventude, pode aparentar ser menos rígida, o que também não interfere de maneira alguma na capacidade de sentir e proporcionar prazer.

Muitos homens nessa faixa etária, segundo o autor citado, apresentam menos ejaculações do que quando mais jovens e ficam assustados com o fato, pensando que é sinal de impotência, o que não é verdade. Isso é interpretado por muitos como uma condição certa para a diminuição nas relações sexuais devido à crença, errônea, de que só há prazer sexual, quando há a ejaculação. Como o organismo está passando por transformações, há menor necessidade de ejacular, o que não significa diminuição na capacidade de sensações prazerosas.

Outro aspecto importante da fisiologia masculina é a presença do ***período refratário***, período em que, após a ejaculação, o pênis permanece sem ter a possibilidade de ficar ereto. Esse período varia de indivíduo para indivíduo e, muitas vezes em um mesmo homem, dependendo das circunstâncias, mas, de modo geral, na juventude, após alguns minutos a ereção pode ocorrer novamente, enquanto com o avanço da idade, tal período vai tendendo a durar mais. Essa ocorrência é perfeitamente normal e não significa impotência ou incapacidade sexual.

Existem outras alterações que podem ocorrer nesse período tais como: a diminuição da força com que o sêmen é expelido, a diminuição da *sensação de ejaculação inevitável* (percepção do momento em que a ejaculação ocorrerá) e também a maior rapidez com que a ereção desaparece após a ejaculação.

Conhecer o funcionamento do corpo, bem como as alterações que fazem parte do desenvolvimento normal masculino, auxilia na minimização de experiências

negativas no âmbito da sexualidade, experiências que são vividas negativamente por causa da ausência de conhecimentos adequados ou preconceitos injustificados.

Feitas essas considerações relacionadas à fisiologia masculina, abordaremos a sexualidade em um contexto mais amplo tendo como foco principal de nossa atenção o homem na meia-idade.

Crise da meia-idade e sexualidade masculina: acontecimentos vinculados à realidade cultural

Como foi visto acima, muitas crenças errôneas permeiam a percepção e o entendimento do funcionamento do corpo masculino. Além disso, as mudanças vividas fisicamente na meia-idade somam-se ao contexto mais amplo em que vive o homem, bem como a crenças outras que norteiam seu existir. Assim, ao nos propormos a compreender o que é vivido pelos homens que se encontram na meia-idade, é fundamental considerar o mundo em que estão inseridos.

Já afirmamos anteriormente que valores, idéias e crenças construídas e transmitidas social e culturalmente alicerçam o modo como a subjetividade é vivida por cada um de nós. No que diz respeito à meia-idade masculina, temos a junção de crenças relativas a cada um dos aspectos existenciais, quais sejam, o envelhecimento e a masculinidade. E, em ambos, as concepções concernentes à sexualidade estão presentes de modo constante.

Sendo assim, a vivência da meia-idade pelos homens é, de modo geral, experienciada de modo bastante difícil e conflituoso, razão pela qual o período é visto como englobando a crise da meia-idade.

Mas, no que consiste afinal a crise? Esse período, para os homens, envolve muito mais transformações psicológicas e sociais do que propriamente físicas. Não que as mudanças físicas não ocorram, tal como explicitado no item anterior, mas ao contrário da mulher, não parecem existir evidências de que os conflitos psicológicos vividos por muitos homens tenham relação direta ou proporcional com as mudanças de ordem física (ALTAVILLA, 1979; KUSNETZOFF, 1996).

No homem, a crise da meia-idade, ou período também referido como **andropausa**[*], comporta uma série de sentimentos e comportamentos que parecem estar vinculados à concepção de homem, presente tanto no nível individual como no social. Um aspecto bastante significativo pode ser o sentimento de impotência, em face do processo de desenvolvimento. A inexorabilidade do envelhecimento e, conseqüentemente, a percepção da proximidade da morte, podem desencadear profundos sentimentos de angústia, medo, dos quais o homem pode buscar escapar via "disfarce", em relacionamentos com parceiras mais novas, realização de atos que nunca fez antes ou mesmo adoecimento.

Em relação à sexualidade, ALTAVILLA (1979) esclarece que podem existir dois comportamentos, em princípio, antagônicos. A recusa em continuar a vida sexual ativa – como se o homem aproveitasse a meia-idade para "entregar os pontos"

---

[*] Embora não haja concordância entre os estudiosos acerca de uma definição do que seja andropausa, KUSNETZOFF (1996) a define, provisoriamente, como *"um conjunto de fenômenos de natureza psicológica e social e às vezes de caráter fisiológico que ocorrem com o sexo masculino por volta dos quarenta e cinco ou cinqüenta anos de idade"* (KUSNETZOFF, 1996, p. 13).

e não mais se dedicar a uma atividade que já havia deixado de lhe ser prazerosa muito tempo antes – ou, ao contrário, a busca desenfreada por experiências sexuais, seja com prostitutas ou amantes ocasionais.

Quando buscamos aprofundar nossa compreensão desse horizonte existencial masculino, percebemos que a andropausa envolve algo muito importante: a súbita alteração na percepção subjetiva do tempo, ou seja, a temporalidade humana é percebida de modo angustiante e, desencadeia em muitos homens a fuga a respeito da possibilidade de questionar ou avaliar como vivenciou sua vida até aquele momento.

Além disso, em relação à masculinidade, o receio de envelhecer e, conseqüentemente ficar improdutivo, inválido ou impotente – mesmo quando fisiologicamente não há justificativa para isto – está vinculado ao modo como a constituição subjetiva do homem ocorreu e, ainda ocorre. Quais são os valores subjacentes à concepção corrente de ser homem? Como já citamos a produção, a capacidade de controle do corpo e das pessoas e situações que o rodeiam, a distância emocional dos acontecimentos, além de valores enaltecidos em nossa cultura como os únicos positivos como a juventude, o corpo esbelto, a força e vigor físicos, aliados à desvalorização do velho, todo esse contexto compõe e influencia a vida do homem e sua percepção do envelhecimento.

Porque a andropausa envolve exatamente isto: a percepção de que se está chegando a um momento crítico da vida em que o que foi proposto a ser realizado não o foi, como se sonhava ou se pretendia, e de que, mesmo com os avanços tecnológicos que prolongam a vida e rejuvenescem o corpo, resta pouco tempo ou mesmo há a impossibilidade de se buscar realizá-los.

A temporalidade é, então, novamente posta em foco, o que nos remete a um referencial que a leve em consideração de modo evidente, sendo essa uma das razões por nossa opção metodológica ser a Fenomenologia Ontológico-Hermenêutica de Martin Heidegger.

Do círculo hermenêutico percorrido por nós até aqui, ficou claro que ao questionarmos o modo de ser do homem na meia-idade, a análise das múltiplas facetas que compõem o mundo, podem nos auxiliar na compreensão desSe fenômeno.

Evidenciamos que o modo como ocorre a expressão afetiva dos homens, ainda que muitas vezes pautada na repressão de determinados sentimentos, é aspecto significativo de seu existir, sendo vinculado ao processo de elaboração de valores e crenças de permitido e proibido, a cada gênero realizado ao longo da história. A chegada à meia-idade, por ser um momento existencial de profundas mudanças, físicas e psicológicas, pode vir a ser uma fase da vida em que o homem abre-se para a possibilidade de re-significar seu modo de ser. Pode também ser uma etapa em que não se vislumbram novas possibilidades existenciais, ou seja, a pessoa nessa fase, tal como nos explicita ERIKSON (1976) pode ser tomada pelo sentimento de desesperança.

No entanto, toda a caminhada realizada por nós com suas múltiplas paradas – desde a análise do contexto pós-moderno, passando pela história da família, sexualidade e envelhecimento, por perspectivas culturais diversas da nossa no que se refere à organização social e das atividades entre os gêneros, até chegar ao psiquismo do homem na meia-idade – embora tenha nos auxiliado na compreensão do que seja

a meia-idade vivida pelos homens, tendo nos trazido inúmeras pistas, não traz algo fundamental a nosso ver: a perspectiva do homem que vive essa fase da existência.

Assim, finalmente chegamos ao ponto de nosso círculo hermenêutico cujo tempo de parada será maior e mais atentivo: o experienciar a meia-idade na perspectiva de quem a vivencia. Isso se dá porque ao nosso ver, sendo o homem horizonte de possibilidades, as mesmas poderão ser conhecidas, compreendidas e interpretadas apenas quando estivermos de posse da descrição que ele realiza de suas vivências.

Tal como Heidegger nos diz o ser humano pode ser explicitado por intermédio da expressão alemã ***Dasein***[*].

O ser tem a possibilidade de atribuir sentidos e significados ao seu existir, razão pela qual ouvir o homem que vive a fase da maturidade, como se projeta em seu existir, quais são os sentidos que norteiam seu modo de ser, é nosso próximo passo. Releva compreender que aspectos significativos envolvem suas relações no mundo e para isso nosso olhar é guiado pelas trilhas da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida.

Tal como já explicitado anteriormente, nossa trajetória tem como base o referencial da Fenomenologia Ontológico-Hermenêutica de Martin Heidegger, pois este considera o homem em seu existir, em seus modos de ser, tendo como eixo primordial a temporalidade desse existir. O capítulo seguinte apresenta o método hermenêutico bem como as idéias desse autor.

---

* *"Esse ente que cada um de nós somos e que, entre outros, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós a designamos com o termo pre-sença"* [*Dasein*, Ser-aí] (HEIDEGGER, 1995, p. 33).

Segunda Parte

O Caminho que Conduz à Hermenêutica do Existir do Homem de Meia-Idade

CAPÍTULO V

O CAMINHO QUE CONDUZ À COMPREENSÃO: FENOMENOLOGIA ONTOLÓGICO-HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER

Sendo o objetivo principal desta pesquisa buscar compreender o modo de ser do homem de meia-idade pelas facetas da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida, nada mais adequado do que trilhar um caminho que seja coerente com este objetivo.

Entendendo-se a palavra metodologia como *methodos* + *logos*, sendo *methodos "caminho pelo qual se atinge o objetivo"* e *logos* "conhecimento" vindo de *logia*, *"discurso, expressão, linguagem, estudo"* (FERREIRA, 1999), é possível entender que a metodologia nos fornece o conhecimento do caminho que se pretende percorrer.

Tendo em vista que, desde o princípio desta pesquisa, consideramos o homem como ser intencional, possuindo como aspectos essenciais e inerentes ao seu ser a compreensão, a metodologia escolhida para nortear a busca dos sentidos e significados do existir de homens na meia-idade neste momento sócio-histórico, foi a fenomenolgia ontológico-hermenêutica com base nas idéias de Martin Heidegger.

Sendo os questionamentos que permeiam esta busca eminentemente **ontológicos*** e existenciais, o que implica dizer que a interpretação do fenômeno envolve o existir humano, a metodologia a ser utilizada deve levar em consideração esses aspectos, razão principal da opção por tal vertente metodológica, a qual já norteara nossa trilha de realização da pesquisa de Mestrado, como foi explicitado na Apresentação.

Após esses esclarecimentos, faz-se necessário, pois, apresentar ao leitor o significado da palavra hermenêutica, bem como as principais idéias de Martin Heidegger.

Histórico da palavra hermenêutica

A palavra ***hermenêutica*** tem suas raízes no verbo grego *hermeneuein*, que é comumente traduzido por "interpretar", e no substantivo *hermeneia*, "interpretação" (PALMER, S/D). Seu significado remete-nos à interpretação do sentido de palavras ou textos bíblicos ou exegese, podendo, também, significar dizer, explicar, ou arte de interpretar (ESPOSITO, 1991; 1994).

CORETH (1973, p. 01) acrescenta a esses significados os de *"declarar, anunciar, interpretar ou esclarecer e, por último, traduzir"*.

Essa multiplicidade de acepções relacionadas ao termo coincide com seu significado, qual seja o de que algo é *"levado à compreensão"*, ou *"tornado*

* As características fundamentais que possibilitam as várias maneiras de algo se tornar manifesto, realizado, são aquilo a que se chama ***ontológico***" (SPANOUDIS, 1981, p. 11).

compreensível" (CORETH, 1973, p. 01). Para ele, esse algo se refere a qualquer enunciado lingüístico que pretenda despertar uma compreensão, ou seja, esclarecer um enunciado que se apresente obscuro ou de difícil compreensão. Encontra-se, portanto, vinculada à idéia de compreensão a de interpretação, dado que algo que não é compreendido possui seu sentido oculto, velado, devendo, então ser *"levado à compreensão"* (CORETH, 1973, p. 02).

Nascida e empregada primeiramente pela teologia, a hermenêutica surgiu vinculada à idéia de "arte de compreensão" ou "doutrina da boa interpretação", por volta do século XVII.

Já na Antigüidade, *hermeneuein* e *hermeneia* aparecem em suas diversas formas. Aristóteles escreveu um tratado acerca do tema intitulado *Peri hermeneias* (Da Interpretação). Além desse filósofo, outros pensadores antigos reportaram-se à expressão, como Plutarco, Xenofonte, Eurípedes, Epicuro, entre outros.

As duas palavras que deram origem ao termo Hermenêutica remetem ao deus grego Hermes, deus mensageiro alado, cuja função associava-se à transformação de tudo o que ultrapassava a compreensão humana em algo inteligível para esta capacidade. Outra função atribuída a Hermes pelos gregos é a descoberta da linguagem e da escrita, ferramentas utilizadas pelo homem para alcançar o significado das coisas e também para transmitir o significado a outras pessoas (PALMER, S/D).

Apresentamos, a seguir, a história da trajetória do deus grego Hermes a qual nos fornecerá esclarecimentos significativos em nosso trabalho.

> *"Filho de Zeus e de Maia, nascido numa caverna do monte Cilene, na Arcádia. No mesmo dia de seu nascimento o*

deus demonstrou uma precocidade prodigiosa, indo até a Tessália, onde Apolo, seu irmão, cuidava dos rebanhos de Ádmeto. Apolo, distraído com seu amante Himeneu, filho de Magnes, esqueceu por momentos os rebanhos, e Hermes roubou-lhe numerosas reses. Em seguida amarrou um ramo de árvore à cauda de cada rês para apagar os rastros, e depois de subornar um velho chamado Bato (a única testemunha do roubo) levou-as através da Grécia até Pilos. Lá Hermes sacrificou duas das reses roubadas e cortou-as em doze pedaços, um para cada um dos doze deuses do Olimpo. Após esconder as reses restantes ele voltou à caverna do monte Cilene. Em frente à caverna Hermes encontrou uma tartaruga, apanhou-a, abriu-a, tirou-lhe as vísceras e pôs na carapaça cordas feitas com as tripas das reses que matara, fazendo assim a primeira lira. Nesse ínterim Apolo, que procurava suas reses por toda parte, chegou afinal a Pilos, e por meio de Bato ficou sabendo onde estavam os animais roubados. Apolo subiu então ao monte Cilene e relatou a Maia a façanha do filho dela. Maia não acreditou e mostrou ao deus o recém-nascido de fraldas em seu berço, censurando Apolo por acusá-lo. Inconformado, Apolo chamou Zeus, que deu ordens à criança para devolver os animais roubados, indiferente aos seus protestos de inocência. Apolo, entretanto, viu no interior da caverna a lira nas mãos de Hermes e ouviu os sons que este tirava do instrumento por ele criado. Encantado, Apolo trocou

os animais roubados pela lira. Além desse instrumento Hermes inventou a flauta; Apolo desejou também possuí-la, e ofereceu em troca o cajado de ouro que usava para cuidar dos rebanhos de Ádmeto. Não satisfeito, Hermes quis receber também de Apolo lições de arte da profecia. Este último aceitou a proposta, e o cajado de ouro passou a ser um dos atributos de Hermes (o caduceu).

Zeus, orgulhoso com o espírito inventivo e a atuação do filho mais novo, designou-o para ser o seu arauto e prestar o mesmo serviço a Hades e a Perséfone, rei e rainha do inferno. Na luta entre os deuses e os gigantes Hermes teve a idéia de usar o capacete de Hades, e aproveitando-se da invisibilidade que o mesmo proporcionava a quem o usava, matou o gigante Hipólito. Em outra luta – a dos deuses contra os Aloadas – Hermes salvou Ares tirando-o do vaso de bronze onde os dois gigantes o puseram. Ele também salvou Zeus na luta contra Tífon; para isso roubou os tendões do deus, arrancados por Tífon e deixados sob a guarda de Delfine, um monstro em forma de mulher da cintura para cima e de serpente da cintura para baixo.

Mas Hermes aparece nas lendas principalmente como mensageiro de Zeus e das divindades infernais. Entre outras missões nessa condição ele veio perguntar a Deucalião após o dilúvio, qual era o seu desejo, entregou a espada a Heraclés, o

capacete de Hades e as sandálias aladas a Perseu, permitindo-lhe agir sem ser visto e voar, e a lira a Anfíon. Hermes ajudou Ulisses duas vezes durante o retorno do herói de Tróia para Ítaca. Ele cuidou também de Heraclés na descida deste ao inferno.

Hermes era o protetor dos comerciantes e dos ladrões, e guiava os viajantes; por causa desta sua última atribuição havia nas encruzilhadas bustos seus sobre pilares baixos (as hermas), nos quais apareciam os órgãos sexuais do deus. Como Hermes Crióforo ("carregador de cordeiros") ele protegia os pastores. Uma de suas funções era levar as almas dos mortos ao inferno, e em seu desempenho Hermes recebia o epíteto de Psicopompo ("acompanhador das almas"). De seus numerosos casos amorosos, principalmente com ninfas, Hermes deixou muitos filhos, entre os quais se destacavam Autólico, avô de Ulisses, famoso como o pai por causa de sua eficiência na arte de furtar; e Êurito, um dos Argonautas. Atribuía-se também a Hermes a paternidade de Pan, que o deus teria tido com Penélope, numa versão da lenda que contraria a fama de fidelidade conjugal absoluta da mulher de Ulisses.

Os romanos identificavam seu deus Mercúrio com Hermes" (KURY, 2001, p. 193-4). (Grifos nossos).

Por meio do mito podemos perceber que Hermes possui uma tarefa dúbia. Ao mesmo tempo em que está em contato com os deuses, está também em contato com os reis do inferno. A lábia e a astúcia são suas principais armas e sua principal tarefa é mediar a relação entre os deuses, portanto, é um mensageiro. CHEVALIER & GHEERBRANT (1998) esclarecem que Hermes é o mediador entre a divindade e os homens, sendo que a referida tarefa fica clara quando ele é nomeado transportador das almas humanas ao inferno. Nos dizeres desses autores Hermes *"simboliza os meios de troca entre o Céu e a Terra, a mediação, em suma, meios que se podem perverter em comércio, simoníaco*[*] *ou elevar-se ao contrário, até a santificação"* (p. 487). É ele quem assegura a viagem, a passagem entre os mundos infernais, terrestres e celestes.

Outro ponto importante ressaltado por esses autores é que

> *"a simbologia de Hermes inspirou-se também na simbologia do deus egípcio Tot, substituto de Ré, o deus supremo: mensageiro, iluminador, juiz interior (consciência), guia, mediador. Personifica a revelação da sabedoria aos homens e do caminho da eternidade. É a palavra que penetra até o fundo das consciências, conforme seu grau de abertura"* (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998, p.488).

A partir dessa importante noção os autores afirmam: *"Hermes é o deus quádruplo, tetramorfo, dos quatro ventos dos céus e dos quatro rostos"* (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998, p. 488). Esses atributos elucidam a nós

---

* *"Referente à simonia, tráfico de coisas sagradas"* (FERREIRA, 1999).

algo fundamental: sua duplicidade de sentido.

> *"Representam, de modo objetivo, o conjunto dos conhecimentos vindos dos quatro pontos cardeais do horizonte e de todos os níveis da existência (agência mundial de informação); de modo subjetivo, os múltiplos aspectos ou interpretações que tomam a palavra no espírito das pessoas, todas igualmente convencidas de que entenderam bem. Hermes é, ao mesmo tempo, o deus do hermetismo e da hermenêutica, do mistério e da arte de decifrá-lo"* (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998, p. 488) (Grifo nosso).

Esta trajetória explicita o caráter dinâmico e também ambíguo da tarefa da interpretação, dado que ao mesmo tempo em que é possível desvelar facetas do texto ou fenômeno interrogado, permanecem sempre veladas outras tantas.

Assim, é possível perceber que o processo de "tornar compreensível", relacionado à hermenêutica, encontra-se implícito nas três vertentes básicas do significado de *hermeneuein* e *hermeneia*, vale dizer, exprimir em voz alta, explicar e traduzir.

O sentido de dizer relaciona-se à Teologia, pela qual o sacerdote expressa, diz, anuncia a mensagem divina. Da mesma forma como o faz Hermes, a mensagem divina é traduzida, o que já implica uma interpretação. Na segunda orientação da palavra hermenêutica, não apenas se expressa algo, como também explica-se o que se expressa, havendo, portanto, uma racionalização a respeito do que se fala. Esta

racionalização ajuda a clarear o sentido do que foi dito e novamente há a presença de uma interpretação, ao se tentar explicar o que foi expresso.

Na terceira vertente, interpretar é entendido como traduzir. Nessa acepção, algo estrangeiro, ininteligível, como, por exemplo, um texto, é transformado em algo inteligível, compreensível, por intermédio da própria língua do tradutor, o qual atua como o mediador entre um mundo, que é estrangeiro, e vincula-se àquele que entrou em contato com o texto e o deseja compreender e o mundo de quem elaborou o texto. Para realizar essa tarefa, o tradutor faz uso da língua e seu trabalho de tradução também envolve uma interpretação, já que necessita tornar algo escrito em uma língua compreensível em outra (PALMER, S/D).

Essa apresentação foi necessária para que o leitor possa ter em mente a amplitude do termo hermenêutica e de como as acepções apontadas relacionam-se ao trabalho realizado por um pesquisador. Releva destacar que com a interpretação, intenciona-se alcançar o sentido do texto, mas essa tarefa mostra-se sempre incompleta, pois implica em um processo de mediação do texto e de quem o lê, ou seja, o entendimento alcançado em relação ao texto relaciona-se à leitura realizada pelo intérprete.

Dado esse caráter complexo do ato interpretativo, o estudo desse campo de conhecimento é bastante relevante e apresentaremos a seguir algumas idéias concernentes a ele.

Na visão de BLEICHER (S/D), a hermenêutica contemporânea caracteriza-se por opiniões divergentes em relação à questão do reconhecimento de significados verbalizados por determinado sujeito e que devem ser transpostos para seu sistema de valores e significados. Essa questão bastante complexa originou o problema da

hermenêutica, qual seja, *"saber como é possível este processo e como tornar objetivas as descrições de sentido subjetivamente intencional, tendo em conta o fato de passagem pela subjetividade do próprio intérprete"* (p. 13).

Na perspectiva desse autor, a hermenêutica contemporânea possui três tendências, três modos diversos de tratar dessa questão sendo eles: teoria hermenêutica, filosofia hermenêutica e hermenêutica crítica.

A **teoria hermenêutica** tinha como principal objetivo a construção de uma linha de pensamento que conseguisse "resolver" o problema da interpretação, ou seja, buscava-se o conhecimento da compreensão e da interpretação a partir da criação de uma teoria geral da interpretação *"como metodologia das ciências humanas"* (BLEICHER, S/D, p. 14-15). Como principais expoentes deste grupo temos Wilhelm Dilthey, Friedrich Schleiermacher e Emilio Betti.

A **filosofia hermenêutica** rejeita essa esperança de encontrar uma base teórica para a investigação científica do sentido. Nessa perspectiva existe a idéia de que o filósofo ou intérprete encontra-se vinculado por um contexto de tradição ao objeto que busca interpretar. Isso significa a *"existência prévia de uma compreensão do seu objeto quando o aborda"* (BLEICHER, S/D, p. 15). O objetivo principal do segundo grupo é alcançar uma *"explicação e descrição do Dasein humano, na sua temporalidade e historicidade"* (BLEICHER, S/D, p. 15). Representantes deste grupo são: Martin Heidegger, R. Bultmann e Hans Georg Gadamer. Temos nessa acepção que a interpretação é compreendida enquanto atividade humana vinculada a um contexto e, sendo assim, o desvelar do sentido de um texto relaciona-se ao mundo em que se insere o intérprete.

A **hermenêutica crítica** tem como principal busca desafiar os pressupostos idealistas existentes tanto na teoria como na filosofia hermenêutica, a partir do pressuposto de que esses dois grupos não consideram fatores extralingüísticos que também se encontram na constituição do pensamento e da ação, tais como as relações de trabalho e de poder subjacentes a todo processo comunicativo. Critica também a reivindicação de universalidade da filosofia hermenêutica *"ao considerar a tradição inserida na linguagem como formando um consenso corroborante em si mesmo e inquestionável"* (BLEICHER, S/D, p. 17). Representantes deste grupo são: Apel, Lorenzer, Sandkühler e Jürgen Habermas.

Na perspectiva de BLEICHER (S/D), existe ainda o trabalho de Paul Ricoeur colocado por ele como representante de novas tendências no estudo hermenêutico.

Outra maneira pela qual o pensamento acerca da hermenêutica pode ser dividido é o citado por ESPÓSITO (1991). A autora cita duas "avenidas" pelas quais seguiu o estudo da hermenêutica: a hermenêutica alemã, representada por Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer, e a hermenêutica representada pelo pensamento franco-suíço de Paul Ricouer.

Uma vez que o objetivo é o de abordar o pensamento de Heidegger, como base para a realização desta tese, e apenas para um esclarecimento, elucidamos aqui que, embora com enfoques e características diferentes, as duas "estradas" possuem uma relação comum: o sentido para o qual confluem é a **ontologia**[*].

Isso posto, retomamos as principais idéias de Schleiermacher e Dilthey, autores que influenciaram o trabalho de Martin Heidegger.

---

[*] Ontologia é a *"parte da filosofia que trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres"* (ESPÓSITO, 1991, p. 86).

Para Friedrich Schleiermacher (1768-1834), a hermenêutica, quando vista como arte da compreensão, não existiria como uma área de conhecimento geral, mas como uma pluralidade de hermenêuticas, ou seja, a do Direito, a da Teologia e assim por diante. O autor acreditava ser possível construir uma hermenêutica como arte de compreensão, a qual poderia servir de base para as áreas específicas. Tendo essa idéia como norteadora de seu trabalho, Schleiermacher buscou realizar um exame profundo do ato fundante de toda a hermenêutica, o qual é a compreensão.

Para esse filósofo, a compreensão é um ato concreto de todo ser vivo, existente com sentimentos e emoções, atuante no processo de diálogo (ESPÓSITO, 1991). É possível perceber que a hermenêutica nessa visão abre-se para a Psicologia, não se centrando apenas na questão da compreensão como algo relacionado à linguagem, embora esta não seja descartada. Na realidade, sua linha de pensamento aproxima-se das concepções atuais em que o pensamento do indivíduo, e até ele mesmo, como um todo, é essencialmente determinado pela linguagem.

Outro filósofo bastante importante para auxiliar na compreensão das idéias de Heidegger é Wilhelm Dilthey (1833-1891). Filósofo e também historiador literário, Dilthey viu na hermenêutica um fundamento para as *Geisteswissenschaften* (termo alemão referente às Ciências humanas, as humanidades), ou seja, todo o campo de conhecimento cujo objetivo fosse o de interpretar as expressões de vida interior do homem. Buscou, assim, desenvolver uma teoria hermenêutica, tentando superar a dicotomia existente entre sujeito pensante e objeto pensado, que nas Ciências Humanas, é o próprio homem.

Uma de suas elaborações é a de que a experiência vivida (*Erlebnis,* em alemão) já existe antes do ato reflexivo e da própria separação sujeito-objeto. A

experiência não é construída como o conteúdo de um ato reflexivo da consciência, mas ela é o próprio ato, sendo, portanto, algo no qual e pelo qual existimos. Assim, ela é nossa própria atitude em relação à vida a qual vivemos. Nesse sentido, o experienciar não difere do próprio apreender e é possível entender a *Erlebnis* como aquele contato com a vida entendida como *"a experiência imediatamente vivida"* (ESPÓSITO, 1991, p. 92).

Em relação à compreensão, Dilthey a entende como algo que vai além de uma operação puramente cognitiva da mente, ela *"é aquele momento muito especial em que a vida compreende a vida"* (PALMER, S/D, p. 120). É, portanto, nesse processo mental, que faz uso de *"todos os poderes mentais da apreensão"*, nos dizeres de Dilthey (PALMER, S/D, p. 120), que podemos compreender a experiência viva.

Outro aspecto importante do pensamento desse filósofo é sua visão acerca da História. Para o pensador, a História não é algo passado, que deva ser visto como um objeto, mas ele a trabalha com base no conceito de historicidade. Este conceito envolve uma idéia de dinamismo em que existe a possibilidade de o homem compreender a si próprio por meio da experiência direta da vida. Nessa perspectiva, Dilthey vê o homem como um ser histórico e, nesse sentido, o objetivo das ciências humanas é exatamente este: o de compreender a vida não com categorias exteriores a ela, mas baseando-se em categorias intrínsecas a ela e dela derivadas (PALMER, S/D).

A experiência nessa visão não é algo estático, mas tende a alcançar e abranger tanto o passado como a antecipação do futuro e ambos, passado e futuro, constituem uma unidade formal que abrange toda a experiência. Assim, a temporalidade da experiência é algo que já se encontra implícita nela mesma.

Do que foi exposto até aqui, é possível perceber que em sua busca por unir o que havia sido separado, isto é, vida e ciência, teoria e *práxis*, Dilthey lega uma série de idéias e conceitos básicos que serão utilizados por Heidegger.

Dentre esses estão o de compreensão, bem como o de historicidade e o de mundo da vida os quais, entre outros introduzidos ou desenvolvidos por Heidegger serão apresentados a seguir.

A visão de homem e de mundo de Heidegger: principais aspectos

Tendo como principal preocupação a questão do Ser[*], Heidegger empreendeu uma busca por sua recuperação. Na busca, Heidegger realizou primeiramente uma analítica do **Ser-aí**, ou ***Dasein***, expressão alemã utilizada para denominar o ser humano. Esse termo designa o homem, uma vez que evoca o processo de sua constituição ontológica à medida que a ele, e apenas a ele dentre todos os entes, abre-se a possibilidade de via linguagem vir a ter acesso ao Ser. Outro termo utilizado para traduzir Ser-aí ou *Dasein* é **pre-sença**.

Na trajetória de retomada da questão do Ser por meio da analítica do Ser-aí, ou seja, de uma hermenêutica da existência, Heidegger fará uso do método fenomenológico. Para o autor o termo fenomenologia, considerado em suas raízes gregas, significa a maneira como é possível retomar a questão do Ser. *Phainomenon*

---

[*] *"Ser é o conceito mais universal e mais vazio"* (HEIDEGGER, 1995, p. 27). *"Ser é aquilo pelo qual o ente é'* (BEAINI, 1981, p. 24). "*(...) o Ser não se 'mostra' como tal, simplesmente porque não 'é'. O Ser é antes a possibilidade inexaurível do ser isto ou aquilo, a saber, do 'é' dos entes particulares. Ele próprio indemarcável, torna contudo possível todo contorno que demarca cada ente no seu 'é'"* (MUCHAIL, 1981, p. 8).

significa o manifesto, o revelado e logia provém de *logos*, significando tornar manifesto algo sobre o que alguém está falando. Para Heidegger, o que pode se mostrar e se manifestar, por intermédio do discurso do Ser-aí, é o Ser, assim, a Fenomenologia para Heidegger explicita uma metodologia, um "como" na busca por alcançar a questão do Ser por intermédio da analítica do *Dasein*, na medida em que analisa o *Dasein* em seu modo de ser com vistas a alcançar o Ser.

Para Heidegger, a fenomenologia como caminho a ser percorrido, ou seja, como possibilidade metodológica, fundamenta-se no modo como entramos em contato com as coisas. E no que consiste este modo de contatarmos as coisas? Heidegger vai buscar num primeiro momento compreender este único ente* que questiona o que significa ser, qual seja o *Dasein*.

De acordo com GILES (1989), Heidegger fará uso da fenomenologia fundamentada no que se chama de *hermenêutica da facticidade*, ou seja, busca por meio da interpretação anunciar o ser do ente, de modo a que se possa chegar ao Ser. É nesse sentido que numa primeira instância Heidegger empreendeu a Analítica do *Dasein* partindo da análise do modo de ser deste ente especial que questiona a si e ao mundo para poder alcançar, então, o Ser.

O questionar o ser possui um caráter ontológico, pois é próprio do *Dasein* o questionar e este é o primado ontológico da questão do ser.

Por outro lado, existe também um primado **ôntico**** envolvendo essa questão. Assim, o questionar (caráter ontológico do *Dasein*) pode manifestar-se de diversas

---

* *"Ente é tudo aquilo de que nós falamos, tudo em que pensamos, tudo em relação a que nos comportamos, mas também o que nós próprios somos e a maneira como somos"* (HEIDEGGER, 1995, p. 32).

** O termo **ôntico** refere-se a *"tudo o que é percebido, entendido, conhecido de imediato"* (SPANOUDIS, 1981, p. 11).

maneiras tais como o questionar filosófico, o histórico, o científico. O ente em questão, a pre-sença, se distingue onticamente de outros entes *"pelo privilégio de em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser"* (HEIDEGGER, 1995, p. 38).

É possível compreender que o *Dasein*, também denominado **pre-sença** pode manifestar-se no mundo questionando a si e a tudo o que o rodeia de inúmeras maneiras, o que corresponde ao primado ôntico. Esses questionamentos possuem como fio condutor exatamente a possibilidade de questionar (primado ontológico).

Assim, a fenomenologia, pela perspectiva de Heidegger, é ontológico-hermenêutica uma vez que busca, pela compreensão e interpretação da existência do *Dasein*, tal como ela se mostra em si mesma, alcançar a questão do Ser.

Feitas essas considerações, aprofundaremos a explanação da Analítica do *Dasein* em cujas idéias se norteiam esta tese.

Heidegger buscou, na trajetória citada em busca do sentido do Ser, explicitar as estruturas da pre-sença que fazem com que a ela seja possibilitada abertura ao Ser. Nesse sentido, temos três conceitos fundamentais para a compreensão da pre-sença, quais sejam, a **temporalidade**, a **espacialidade** e a **historicidade**.

A **temporalidade** (*Zeitlichkeit*) para Heidegger é o sentido da pre-sença, ou seja, a perspectiva do projeto primordial em que a pre-sença pode ser concebida em suas possibilidades.

A pre-sença é lançada ao mundo e um *ser-para-a-morte*, sendo assim é ontologicamente vinculada ao tempo, ao qual atribui sentidos e significados, do mesmo modo que a relação que estabelece com sua finitude existencial é permeada por uma multiplicidade de significados, tal como pudemos apreender nos capítulos anteriores, quando analisamos as diversas maneiras de lidar com o envelhecimento.

A **espacialidade** remete-nos à relação que a pre-sença já sendo lançada estabelece com o mundo, seja com os entes seja com os seres presentes ao seu redor. Essa relação ocorre por intermédio do aproximar-se ou distanciar-se de objetos e pessoas, isso porque a espacialidade possui uma ligação ontológica com o mundo. É assim que, com base nesse caráter ontológico da espacialidade, a pre-sença volta-se atentivamente para o mundo.

Temporalidade e espacialidade, enquanto **existenciais***, vinculam-se à característica fundamental da pre-sença de possuir uma história que lhe é própria e da qual pode ter consciência. Ao afirmarmos que temos história, que fazemos história, estamos desvelando características ônticas vinculadas à historicidade, a qual só é possível de ser compreendida em seu fundamento na temporalidade.

Nesse sentido, a pre-sença não é um ser simplesmente dado, mas um ser de possibilidades que se concretizam em seu modo de ser-no-mundo, noção que será aprofundada por nós na análise que se segue.

A partir dos três conceitos citados é que o existir humano abre-se para suas possibilidades, dentre as quais temos o modo **impróprio** ou **próprio** de ser, por intermédio das características da pre-sença de ser-no-mundo e ser-no-mundo-com-os outros.

No que consiste então o caráter de ser-em e ser-com da pre-sença?

Lançada ao mundo, a pre-sença vincula-se a ele, sendo que nele se encontram entes e seres intramundanos. A expressão ser-no-mundo advém da realidade mesma da pre-sença de ter sua existência indissociada do mundo, ou seja, não existe

---

* **Existencial** (*Existenzial*) *"remete às estruturas que compõem o ser do homem a partir da existência em seus desdobramentos advindos da pre-sença"* (HEIDEGGER, 1995, nota 5, p. 311).

primeiro um para depois existir o outro, mas ambos já constituem uma unidade. Por essa perspectiva, o mundo já constitui um caráter da pre-sença e nesse sentido é utilizado o termo **mundanidade**, enquanto conceito ontológico que *"significa a estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo"* (HEIDEGGER, 1995, p. 105). Isso posto, releva destacar que ao buscar explicitar o Ser por intermédio do caminho da Analítica do *Dasein* Heidegger está analisando também o mundo, dado seu caráter indissociável da pre-sença. Amplia-se aqui a perspectiva de mundo enquanto natureza, dado que, apesar de ser parte dela, quando falamos em mundo, falamos em algo mais, algo além da mera idéia de que estamos em um mundo natural.

Assim, faz-se necessário esclarecer o modo como o homem é-no-mundo e, portanto, explicitar os três possíveis sentidos da palavra **mundo** na perspectiva existencial.

MAY (1988) nos esclarece que, na perspectiva existencial, é possível distinguir três aspectos simultâneos do conceito citado que caracterizam a existência da pre-sença. Temos primeiramente o **mundo circundante** (*Umwelt*) que, segundo HEIDEGGER (1995), é o mundo mais próximo da pre-sença cotidiana. É o mundo natural das coisas que nos cercam em nosso dia-a-dia. O segundo é o **mundo compartilhado** (*Mitwelt*), ou seja, é aquele em que somos-com-os-outros, no qual nossas relações se dão. Por fim temos o **mundo próprio** (*Eigenwelt*) o mundo de relações de sentidos e significados da pre-sença para com ela mesma.

MAY (1988) nos diz que enquanto o primeiro mundo nos é comum com os demais entes, o segundo e o terceiro fazem parte do universo humano. Isso porque apenas o homem é capaz de dotar de sentidos e significados o seu mundo de

relações, seja ele o mundo natural, o de relações interpessoais ou seu mundo próprio. Além disso, a pre-sença vive simultaneamente nos três mundos, sendo assim, esses não são isolados uns dos outros, estanques, mas constituem três facetas simultâneas do ser-no-mundo.

Prosseguindo em nossa apresentação temos, que em sua Analítica, Heidegger desvela-nos diversas facetas da pre-sença que lhe são inerentes, ontológicas. A principal faceta da pre-sença é seu ser enquanto **Cura** ou **Cuidado** (*Sorge*). O que significa isso? Esse termo abrange a idéia de que *"o ser da pre-sença diz preceder a si mesma por já ser em (no mundo) como ser junto a (os entes que vêm ao encontro junto do mundo)"* (HEIDEGGER, 1995, p. 257). É a partir de seu caráter ontológico de Cura que a pre-sença se relaciona no mundo no qual se desvela, enquanto voltar-se atentamente aos entes e seres seja no modo da **preocupação (***Besorgen***)**, seja no modo da **ocupação (***Fuersorge***)**. Os entes intramundanos compõem dois grupos distintos: os objetos, ferramentas, ou utensílios que a pre-sença utiliza em sua relação de contato, conhecimento e domínio do mundo; e os seres que são as demais pre-senças com as quais compartilha seu existir. A pre-sença relaciona-se com os entes no modo da ocupação, enquanto sua relação com os outros seres é permeada pela preocupação. Essas duas maneiras de relacionamento da pre-sença com entes e seres intramundanos podem, então, ser entendidas como possíveis manifestações da Cura.

Uma característica fundamental da pre-sença, tal como já afirmamos acima, é a de ser o único ente que reflete acerca de si e do mundo. A possibilidade de questionar nos mostra que a *"compreensão do Ser caracteriza a existência humana como o modo de ser que lhe é próprio"* (GILES, 1989, p. 99).

A compreensão é, na perspectiva de Heidegger, uma das três dimensões originárias do estado ontológico do *Dasein*, que é o de **Abertura** (*Erschlossenheit*). Em alemão, Abertura possui conotação de abrimento (fresta, passagem) e a de luminosidade (iluminação, espaço iluminado, clareira). Neste termo inclui-se *"tudo o que investe o Dasein como ser-no-mundo ou que está por ele investido"* (NUNES, 1992, p. 99).

Assim, ser enquanto Cura está vinculado à temporalidade, à espacialidade e à historicidade às quais exprimem o modo de ser da pre-sença enquanto Abertura.

Temos como três dimensões originárias da Abertura a **disposição** (*Befindlichkeit*), o **compreender** (*Verstehen*) e o **discurso** (*Die Rede*).

A *disposição* é um primeiro aspecto do investimento da pre-sença pelo mundo. Existe, segundo Heidegger, uma *dominância da afetividade*. É esta afetividade a que estamos entregues que nos revela nosso irredutível aí *"onde sempre já nos encontramos lançados"* (NUNES, 1992, p. 99).

O *compreender* é outra dimensão existencial tão originária quanto a afetividade. Entendemos aqui que a compreensão enquanto modo de ser amplia a manifestação do ser de possibilidades da pre-sença, na medida em que lhe possibilita a abertura para a atribuição de inúmeros significados ao seu existir.

Assim, a pre-sença, tendo como existencial a compreensão, já "sabe" a quantas ela mesma anda, ou seja, como ela é, bem como o que lhe é possível fazer, o que implica dizer que é pela compreensão que ela pode se perder e desconhecer. É esse existencial que explicita o poder-ser da pre-sença pois *"em si mesma a compreensão possui a estrutura existencial que chamamos de* ***projeto*** *(Entwurf)*"

(HEIDEGGER, 1995, p. 200). O projeto consiste exatamente no exercício do existencial humano de estar-lançado.

Devido à pre-sença possuir inerentemente a si a estrutura de ser de projeto, será a compreensão que projetará o ser da pre-sença na sua destinação. Assim, a pre-sença não tem como estagnar, ela já é em si ser de projetos *"como pre-sença ela já sempre se projetou e só é na medida em que se projeta"* (HEIDEGGER, 1995, p. 201).

Prenuncia-se aqui que os modos de ser da pre-sença, impropriedade e propriedade, são possibilidades existenciais. O *Dasein* pode *"compreender-se a partir de seu mundo"* ou *"a compreensão se lança para as destinações, isto é, a pre-sença existe como ela própria"* (HEIDEGGER, 1995, p. 202).

Percebemos, então, que *"na compreensão a pre-sença projeta seu ser para possibilidades"* (HEIDEGGER, 1995, p. 204). Sendo assim, enquanto estrutura do poder-ser, a qual é inerente ao *Dasein*, o compreender é o **projeto** (*Entwurf*). Este projeto é exatamente a possibilidade do *Dasein* ser, é sua característica ontológica de poder-ser. Nessa perspectiva poder-ser e compreensão encontram-se unidos, são inseparáveis e constituem a existência do *Dasein*.

Depreende-se disso que, embora lançado ao mundo em estado de *derrelição,* ou seja, de maneira irrevogável, não escolhendo o meio em que vive e, portanto, não escolhendo classe social, momento histórico, ambiente familiar e de convívio social, o *Dasein*, enquanto ser de possibilidades (poder-ser), é uma estrutura projetiva. Anteriormente a qualquer ato mental o *Dasein* já se compreende como projeto.

Por fim, a terceira dimensão da Abertura originária, do mesmo modo que a disposição (afetividade) e o compreender, é o *discurso*. Este é fundamento

existentivo da **linguagem** (Die Sprache) a qual é um prolongamento da **interpretação** (Auslegung).

A interpretação se apresenta como *"desenvolvimento do compreender apropriando-se das possibilidades em que se projeta o poder-ser"* (NUNES, 1992, p. 101). A compreensão desenvolve-se em interpretação, ou seja, ao compreendermos partimos de um ponto inicial, um ponto de referência, o qual explicita-se em conceitos prévios. Nesse sentido antes de enunciarmos um pensamento ou julgamento racional, já nos movemos no âmbito compreensivo. Sendo que a interpretação se desenvolve tendo como base a compreensão, não é possível interpretar sem compreender.

Para Heidegger, a interpretação, enquanto explicitação da compreensão, sempre se funda em uma **posição prévia**, em uma **visão prévia** e em uma **concepção prévia**. O que querem dizer tais conceitos? Que a compreensão já apreende a totalidade do que vem ao encontro da pre-sença no mundo e que, mesmo quando há interpretação, a totalidade que já existia pode se recolher a uma compreensão implícita. Assim, a interpretação se baseia em uma posição prévia, pois se dirige para uma totalidade estrutural já compreendida, ou seja, por meio da interpretação pode haver uma apropriação do que já foi compreendido e esse apropriar-se se dá partindo de um parâmetro já fixado na compreensão. O que for assumido, na posição prévia, será destacado, "recortado" por meio da visão prévia, ou seja, a interpretação conceituará o que havia sido vislumbrado pela posição prévia, a partir de uma visão previdente, de uma possibilidade determinada de interpretação. Por fim, o processo interpretativo já se decidiu por uma ou outra conceituação, pois se funda na

concepção prévia. A interpretação já se volta a explicitar algo que já estava presente, a compreensão.

Da explanação empreendida até este momento, temos um aspecto de grande importância na perspectiva de Heidegger: compreender é um aspecto existencial, ontológico do *Dasein*. Movemo-nos, portanto, no terreno compreensivo e a interpretação é a projeção da compreensão em formas específicas. Assim, a manifestação da interpretação envolve uma apropriação do compreendido e, portanto, ela se move em círculo dentro da compreensão. Tal como nos esclarece o autor, esse caráter circular da interpretação é denominado **círculo** (*Zirkel*) **hermenêutico** da constituição do *Dasein*, ou seja, a estrutura ontológica da pre-sença é circular movendo-se no âmbito da compreensão. Ou seja, movemo-nos na compreensão, e a interpretação, sendo dela derivada, não é jamais única e fechada, dado que o ser do homem nunca se esgota. Em sendo assim, é possível ampliar nossa compreensão fazendo uso de diversas interpretações, mas a interpretação só é possível porque já compreendemos previamente o que nos é dado.

"É essa primeira articulação do compreender, desenvolvido na interpretação e modificado na proposição que constitui o discurso" (NUNES, 1992, p. 102). Devemos aqui introduzir um conceito primordial relacionado à compreensão e à interpretação: o de **sentido**. Vimos que, por meio do projeto da compreensão, a pre-sença abre-se em suas possibilidades. Essa abertura em possibilidades é, exatamente, modo de ser da pre-sença. Lançada ao mundo, ou seja, projetada, a pre-sença é também projetada a um *"todo de significância em cujas remissões referenciais a ocupação se consolida antecipadamente como ser-no-mundo"* (HEIDEGGER, 1995, p. 208). Ou seja, enquanto ser de projetos que se manifestam por intermédio da

compreensão e da interpretação, a pre-sença é um ser de sentido, ou seja, tem sua compreensibilidade sustentada por ele. Para HEIDEGGER (1995, p. 208), sentido é *"aquilo que pode articular-se na abertura da compreensão"*. Ampliando esta perspectiva o autor nos diz que "*o conceito de sentido abrange o aparelhamento formal daquilo que pertence necessariamente ao articulado pela interpretação que compreende"* (HEIDEGGER, 1995, p. 208, destaque do autor) e, mais adiante complementa esta idéia afirmando que ele *"é a perspectiva em função da qual se estrutura o projeto pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia"* (HEIDEGGER, 1995, p. 208). Será a partir dessa perspectiva que algo irá se tornar compreensível enquanto algo. E mais, como a compreensão e a interpretação são constitutivas do ser do pre (abertura), o sentido é concebido como *"o aparelhamento existencial-formal da abertura pertencente à compreensão"* (HEIDEGGER, 1995, p. 208). Ele é, então, um existencial da pre-sença e não uma mera propriedade da mesma. É por isso, então, que dizemos que a pre-sença é um ser de sentido, ou nos dizeres do filósofo ***"Somente a pre-sença pode ser com sentido ou sem sentido"*** (HEIDEGGER, 1995, p. 208, grifo do autor), o que significa algo fundamental: que somente o *Dasein* tem a possibilidade de apropriação de seu ser na compreensão ou de recusá-lo na incompreensão.

Sendo assim, o existir humano enquanto horizonte de possibilidades desvela-se por intermédio da linguagem, pois será ela que explicitará o compreensível ou velará o incompreensível. No entanto, a linguagem é a mediadora do homem e do ser, sendo assim ela não é o ponto de partida. Este ponto será exatamente o discurso, visto por Heidegger como o fundamento da linguagem e também como um existencial (BEAINI, 1981). A distinção principal entre discurso e linguagem,

portanto, refere-se à Abertura do *Dasein*. O discurso já revela o sentido do ser, mas este pode ou não ser apreendido pelo *Dasein*, o que só ocorre mediante a linguagem. A linguagem nos revela os horizontes de possibilidade da pre-sença. Ela é, portanto, possibilidade de desvelar o discurso ou aproximar-se do *status* intramundano do utensílio, sendo vista como coisa, qual seja como **falatório**, **tagarelice**, **parolagem**. Para compreendermos essas possibilidades, devemos nos remeter aos conceitos de ***autenticidade*** (***propriedade***) e ***inautenticidade*** (***impropriedade***) do existir humano.

Ao mesmo tempo que tem aberto para si um horizonte de possibilidades, o *Dasein* tem como possíveis maneiras de ser-no-mundo o viver de maneira **inautêntica*** ou **autêntica****. Essas condições, de acordo com a visão de Heidegger são maneiras de ser-no-mundo inerentes a todo ser humano. Para melhor compreendermos a impropriedade e a propriedade do ser, apresentaremos a seguir as principais facetas do modo inautêntico (impróprio) de ser.

O modo de ser cotidiano da *Abertura*

Inicialmente, lançado ao mundo, o homem procura conhecê-lo e com ele relacionar-se. Tendo no mundo seu ponto referencial imediato, buscará sentir-se partícipe dos acontecimentos e concordar com conceitos, normas e idéias veiculadas

---

* Existência **inautêntica** é aquela *"absorvida no mundo e sujeitada ao 'se'"* (MENEZES JR., 1987, p. 03). *"A existência inautêntica existe para o* Dasein *decaído de uma forma que é consistente e constante"* (MENEZES JR., 1987, p. 8).

** Existência **autêntica** *"é aquela que transcorre de uma forma na qual ela se torna o desdobramento verdadeiro e legítimo de si mesma, resgatada das dispersões que a levaria a extraviar-se de si mesma"* (MENEZES JR., 1987, p. 02).

em seu cotidiano. Nesse sentido, introduzem-se em nossa explanação alguns conceitos fundamentais relativos ao modo de ser impróprio da pre-sença no mundo dentre os quais estão o ***falatório***, a ***curiosidade***, a ***ambigüidade*****,** a ***de-cadência*** e o ***estar-lançado***.

O **falatório** (*Das Geredete*) relaciona-se ao modo de ser da compreensão e da interpretação da pre-sença cotidiana. No modo de se relacionar com o mundo impessoalmente, o discurso, articulado em linguagem, pode não ser compreendido originariamente pelo ser da pre-sença, isso porque, mais importante do que se diz e como se compreende, nesta perspectiva do impessoal, é que se diga algo. O que Heidegger denomina **impessoal** (*Das Mann*) pode ser entendido como a maneira pela qual a convivência entre os homens se dá na maior parte das vezes. Ao mesmo tempo em que buscamos a diferença entre os demais, em nossa convivência cotidiana estamos, tal como explicita o autor, sob a tutela dos outros, somos o que "os outros" dizem para sermos, e isso ocorre sem nos darmos conta. Releva destacar que esse modo de ser-junto-com-os-outros não comporta nenhuma valoração, é uma das possibilidades de ser. O impessoal pertence, portanto, aos outros e consolida seu poder sobre nós. Assim, "o '*quem'* não é esta ou aquela pessoa, mas sim o neutro, o impessoal.

Feito esse importante esclarecimento, voltemos ao falatório. O conceito remete à manifestação da linguagem no modo impróprio de ser em que o impessoal tem seu domínio. Nesse âmbito repetimos o que "os outros" disseram, o que "falaram", portanto, o discurso do impessoal. *"O falatório é a possibilidade de compreender tudo sem se ter apropriado previamente da coisa"* (HEIDEGGER, 1995, p. 229). É nesse nível que, ao ser lançado ao mundo, o homem se comunica

com os outros. No falatório temos, então, aparentemente, uma abertura aos outros, mas, ao mesmo tempo, um caráter de fechamento, por não possuirmos uma compreensão total e verdadeira, mas por estarmos meramente repetindo o que os outros dizem, estarmos em uma relação de encobrimento com os outros. Não abarcamos nem o nosso próprio ser e nem o dos demais. É assim que, inicialmente nos comunicamos e, desse modo de comunicação não escapamos por sermos-no-mundo-com-os-outros.

Outro aspecto inerente à cotidianidade é a **curiosidade** (*Neugier*). Empenhada imediatamente no mundo das ocupações, a pre-sença se ocupa dos entes que a circundam subordinando-se à multiplicidade de referências do **"ser-para"** (*Um-zu*), sendo que a visão dessa subordinação é denominada de **circunvisão** (*Umsicht*). O que isto quer dizer? Que os utensílios movem-se na multiplicidade de suas utilidades e que a pre-sença lança-se nas relações dirigida por um estado de curiosidade em que se aproxima e se distancia das coisas, apenas para vê-las e, nesse movimento, não busca realmente compreendê-las. Assim, a relação da pre-sença com o que a cerca é de um constante ir e vir, sem se ater por muito tempo em nada. Essa é uma faceta existencial bastante visível em nossos dias em que as pessoas buscam, mais do que saber realmente algo, o novo sempre; em especial essa faceta é patente na exacerbação do consumismo e na instabilidade dos relacionamentos interpessoais, em que rapidamente se vai de um objeto a outro ou de uma relação a outra, sem haver o interesse pela real compreensão do significado do objeto ou da pessoa com quem se relaciona.

Podemos dizer que *"a curiosidade está em toda parte e em parte alguma"* (HEIDEGGER, 1995, p. 233) e que ela é regida pelo falatório na medida em que é

ele que nos diz o que devemos ver, ler, ouvir ou buscar. Ambos estão intrinsecamente relacionados e oferecem à pre-sença, ao menos na aparência, a impressão de que possibilitam a ela muito saber e de que lhe falam com conhecimento e sabedoria. Ou seja, o falatório e a curiosidade oferecem à pre-sença uma pretensa autenticidade existencial, estado que é reforçado com uma outra faceta humana: a **ambigüidade**.

Por intermédio da ambigüidade, tudo o que foi visto, ouvido e falado parece ter sido compreendido quando, em realidade não o foi, ou por outro lado, algo que parece não ter sido compreendido na realidade o foi. Sob sua manifestação está uma falsa compreensão do que foi visto, bem como sua verbalização aos demais. Para Heidegger, essa falsa compreensão do que foi visto *"é o modo mais traiçoeiro em que a ambigüidade propicia à pre-sença possibilidades, a fim de sufocar-lhes a força"* (HEIDEGGER, 1995, p. 234).

No âmbito do falatório, da curiosidade e da ambigüidade é "como-se" a pre-sença tivesse alcançado autonomia e responsabilidade por seu existir quando, em realidade, isso não ocorreu. E essa maneira cotidiana de ser fica evidente, quando analisamos o modo de ser do homem de meia-idade. Ele pode achar que ainda tem muito o que viver, ou, por outro lado, que a morte ronda seu existir, podendo ser ambas as percepções muito mais oriundas do que "os outros" dizem e afirmam ser verdadeiro, real e instransponível, a verdade portanto, do que o que ele, em seu mais íntimo ser acredita como adequado. E, por intermédio da ambigüidade, pode sentir-se como certo em suas crenças quando, na verdade, não está. Muitas vezes quando intuímos que algo vai mal ou não está correto, a ambigüidade pode nos dar a falsa sensação de que estamos errados, pois "os outros" assim o afirmam, por terem outra

perspectiva. Nesse sentido, *"a ambigüidade oferece à curiosidade o que ela busca e confere ao falatório a aparência de que ele tudo decide"* (HEIDEGGER, 1995, p. 236).

Chegamos, então, à maneira de expressão imprópria da convivência da pre-sença e de como se manifestam o falatório, a curiosidade e a ambigüidade, qual seja, pelo modo fundamental da cotidianidade denominado **de-cadência** (*Verfallen*). Este termo remete-nos ao entendimento de que a pre-sença já se encontra junto e no mundo das ocupações, modo esse que geralmente se perde na **public-idade** (*Oeffentlichkeit*) do impessoal, a qual rege toda e qualquer interpretação da pre-sença e do mundo, por meio da *medianidade* e do *nivelamento*. Assim, o discurso do impessoal deixa a pre-sença com a sensação de estar inserida no mundo, porém em realidade é regida pelo obscurecimento e não-entendimento do que lhe ocorre. É a esse caráter de perder-se no mundo da pre-sença por intermédio de sua abertura que Heidegger denomina *public-idade*.

Feitos esses esclarecimentos é possível tomar contato, após a explicitação da de-cadência da pre-sença, com o significado do caráter de impropriedade existencial: ela consiste de uma absorção do *Dasein* pelo mundo e pela co-presença dos outros no impessoal, o que faz que a pre-sença não seja ela mesma, embora muitas vezes acredite e verbalize a crença de sê-lo.

Isso posto, é importante lembrar ao leitor que, de modo algum, temos nesses conceitos, juízos de valor, pois a impropriedade, assim como a propriedade, são modos de ser da pre-sença, sendo que a primeira é aquela em que a pre-sença se mantém na maior parte das vezes. Destaca Heidegger também que o termo de-cadência não se refere à saída de um estado superior, original e puro para um impuro

e inferior, mas sim a uma maneira de ser em que a pre-sença já se move e é no mundo.

Podemos, assim, sintetizar o que foi exposto, afirmando que a pre-sença em seu estado de ser lançada ao mundo move-se na de-cadência tendo como modo de expressão e relação consigo e com os outros a impropriedade em que se desvelam o falatório, a curiosidade e a ambigüidade.

Mas, se questionamos possibilidades do existir do homem na meia-idade e se Heidegger nos fala de modos de ser impróprio e próprio, feitas as explanações acima, podemos agora questionar: Como, então, é possível o alcance do modo próprio (autêntico) de ser?

Da impropriedade à propriedade: a angústia enquanto caminho para esta transposição

Da trajetória que percorremos até o momento, percebemos que o modo impróprio de ser só ocorre por estar em jogo na pre-sença seu próprio ser. Sendo ser de Abertura em de-cadência, portanto lançada ao mundo, o modo de projetar-se da pre-sença é impróprio, porque está em jogo em seu existir o seu poder ser mais próprio.

Fica claro, aqui, mais uma vez que a impropriedade enquanto modo de ser da pre-sença possui um caráter ontológico, pois funda-se na possibilidade de ser próprio.

Sendo um ser de possibilidades, de projetos, a pre-sença tem na impropriedade e na propriedade modos de ser possíveis de serem vividos, mas, na maior parte das vezes, a pre-sença mergulha na cotidianidade e, portanto, em sua impropriedade de ser. Nesse modo de ser, ela se distancia de si, dado que, como vimos, o falatório, a curiosidade e a ambigüidade, remetem-na a um falso conhecer a si mesma.

Na de-cadência, então, o ser próprio da pre-sença encontra-se obstruído e fechado, sendo que o fechamento não se refere à ausência de abertura mas à *privação* da mesma. A pre-sença foge de si mesma em sua dis-posição imprópria, porém esse acontecimento só é possível onticamente (no nível da vida concreta, cotidiana), porque ontologicamente a pre-sença se coloca essencialmente diante de si mesma. Esse desviar-se ou voltar-se a si, entretanto, não possibilita que se apreenda do que se foge. Mas é nesse desvio de si mesma, que se descortina o pre (Abertura) da pre-sença, ou seja, é o seu caráter de abertura que fornece ao caráter ôntico de desvio a possibilidade de se apreender aquilo de que se foge.

Na de-cadência, a pre-sença se desvia de si mesma em face de uma ameaça. Esta não é causada por algum ente intramundano, pois se tal ocorresse seria passível de causar o temor (sentimento de medo em relação a algo nominável). Heidegger, ao explicitar o desviar-se de si por uma ameaça, lembra que a pre-sença é ser-no-mundo, sendo então exatamente por esse seu modo de ser que a angústia surge. Angustiamo-nos, então, com nosso próprio ser-no-mundo pois, a angústia é um estado de ânimo, ou estado afetivo, em que não podemos nomear o que nos causa esse sentimento. É por isso que, geralmente, buscamos em nosso cotidiano, causas concretas para nossos medos e temores. A angústia, porém, deles se difere por não

conseguirmos nomear o que nos angustia. Em realidade, quando questionamos esse estado respondemos que "nada" nos angustia, ou seja, não conseguimos nomear o que nos traz esse sentimento, não o encontramos entre os entes intramundanos ou mesmo entre outras pre-senças. Esse "nada" que não é possível de ser encontrado no mundo da manualidade ou das relações com os outros se funda, ontologicamente, no mundo e pertence essencialmente ao ser da pre-sença, enquanto ser-no-mundo. Então esse "nada" que nos angustia é exatamente o próprio ser-no-mundo.

É a angústia que nos abre o mundo enquanto mundo, mas em nosso cotidiano nos desviamos desse sentimento que pertence essencialmente ao *Dasein*, ou seja, ao mais recôndito de nosso ser, com o intuito de nos sentirmos em casa. Porque ser-no-mundo enquanto possibilidades é sempre ser tomado por um sentimento de estranheza diante do mundo, dado que cabe unicamente a nós a responsabilidade por nosso ser. Assim, mergulhamos na impropriedade, sendo que este modo de ser funda-se na propriedade e não o contrário. E é por fundar-se nela que é possível mergulharmos no mundo impróprio. Dessa perpectiva *"o ser-no-mundo tranqüilizado e familiarizado é um modo da estranheza da pre-sença e não o contrário"*. (HEIDEGGER, 1995, p. 253-4). Isso remete-nos aos dizeres de Heidegger: *"O não sentir-se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário"* (HEIDEGGER, 1995, p. 254).

Será, então, somente pela angústia que a pre-sença poderá ter revelada a si a compreensão de que propriedade e impropriedade são possibilidades de seu ser. MENEZES JR. (1987) nos esclarece que, por intermédio da angústia, o sentido de mundo existente até então, impróprio, é desarticulado, e a pre-sença percebe o mundo e os outros que nele estão reduzidos à insignificância. Aqui a pre-sença vê o

que a atraía no mundo, não mais como tendo o significado que antes possuía. A pre-sença, então, não mais se sente "em casa". Essa perda de sentido do mundo leva a pre-sença a não mais se compreender, pois seus pontos de referência foram reduzidos em sua importância. Seu sentido de eu, construído e partilhado com e no mundo, se esvai junto com a transformação do sentido do mesmo. Ao romper essa ligação com o mundo, é que a pre-sença tem na angústia a oportunidade de retornar a si mesma em suas possibilidades. *"O* Dasein *percebe que ele mesmo é a fonte de seu poder-ser, das suas possibilidades"* (MENEZES JR, 1987, p. 65).

A angústia evidencia algo que já havia sido prenunciado, qual seja, que em seu existir a pre-sença tem em jogo seu próprio ser. Somente por intermédio da angústia seu poder ser mais próprio é percebido, enquanto faceta da liberdade humana. E aqui, impropriedade e propriedade mostram-se enquanto possibilidades existenciais.

Insere-se, neste momento algo, que já havia sido vislumbrado e citado mas ainda não explicitado: o ***ser-para-a-morte*** da pre-sença. Ao falarmos em seu poder-ser mais próprio, estamos falando de uma característica da pre-sença qual seja, a de ser-sempre-adiante-de-si-mesma. Em sendo assim, a pre-sença é o único ente que tem a possibilidade de vislumbrar sua finitude existencial, seja por intermédio da observação da morte de outras pessoas, seja pelo pensar em sua própria morte. Por outro lado, essa é sua irrevogabilidade existencial na medida em que não sabe quando, como ou onde morrerá, nem tem como antecipá-la, sabendo apenas que irá morrer. Assim, a totalidade do ser da pre-sença nunca é vivida, mas somente vislumbrada. Isso porque a totalidade abrange também a morte, mas que ao ser alcançada fará com que ocorra a perda do ser-no-mundo.

Podemos perceber que, ao afirmarmos que nos angustiamos com nosso ser-no-mundo, fica clara a relação existente também entre a angústia e a finitude existencial, a qual faz parte da constituição ontológica da pre-sença. Lançado ao mundo de modo irrevogável, o *Dasein* tem na morte seu fim e não tem a possibilidade de antecipá-la no sentido de saber como será. Por outro lado, somente a pre-sença tem em seu ser a possibilidade de assumir sua propriedade existencial. Esse assumir-se ocorrerá por intermédio da angústia. *"A angústia com a morte é angústia 'com' o poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável"* (HEIDEGGER, 1996, p. 33).

Questionamos então: Como será possível ocorrer a compreensão de que inautenticidade e autenticidade são modos possíveis de ser? Como a pre-sença toma contato com a angústia? É o que veremos a seguir.

Ao mergulhar no modo impróprio de ser do impessoal, o homem não escolheu explicitamente este modo de ser, na medida em que não teve oportunidade para fazê-lo. Ele mergulhou neste modo de ser por ser este que primeiramente a ele se apresentou. Portanto, fica indeterminado quem escolheu o que, e encoberta à pre-sença a percepção de que há outro modo de ser. Podemos dizer que a pre-sença no modo impróprio de ser do impessoal encontra-se perdida e, para poder vir a alçar o modo próprio de ser, ela precisa primeiro encontrar-se. E como isso ocorre? É necessário que ela se mostre a si mesma em sua propriedade, que ela testemunhe seu poder-ser si mesma que como possibilidade ela já sempre é.

Será o fenômeno denominado de **voz da consciência** que possibilitará à pre-sença a auto-interpretação de seu modo de existir.

Como citamos a Abertura do ser da pre-sença se dá por intermédio da dis-posição, da compreensão do discurso e também da de-cadência. A voz da consciência manifesta-se enquanto **clamor** o qual é um modo de discurso. Será por intermédio da voz da consciência que a pre-sença se abre para seu poder-ser mais próprio.

A voz da consciência possui, então, o caráter de abrir algo, qual seja, o modo próprio de ser. E por que ela se manifesta em clamor que é uma forma de discurso? Porque do mesmo modo como a impropriedade da pre-sença em seu mergulho no impessoal ocorre por meio da escuta do falatório, ou seja, desse modo de manifestação da linguagem, o mesmo irá ocorrer no momento da apropriação do modo de ser próprio.

Mergulhada na impropriedade, a pre-sença dá ouvidos ao que "os outros" lhe dizem e, portanto, está perdida de si mesma. Assim sendo, a voz da consciência deverá manifestar-se de modo outro que não o falatório.

Dessa perspectiva, o clamor da consciência tal como nos explica Heidegger *"não exprime nada, não fornece nenhuma informação sobre acontecimentos do mundo, nada tem para contar"* ou seja *"o clamor dispensa qualquer verbalização"* e, então *"o discurso da consciência sempre e apenas se dá em silêncio"* (HEIDEGGER, 1996, p. 59).

Ao ouvir a voz que lhe fala em silêncio, junto ao estado de ânimo angustiado, é que será possível à pre-sença resgatar seu ser mais próprio e, assim, assumir sua responsabilidade por seu próprio ser, tendo como horizontes seu ser-lançado e seu ser-para-a-morte.

De toda a análise por nós realizada dos principais conceitos de Heidegger, percebemos que sendo um ser de relações, as quais envolvem o mundo individual, social, histórico e político, o homem busca integrar-se a esse mesmo mundo. O estado inautêntico de existência é aquele em que os valores sociais são aceitos por ele, sem passarem por um crivo crítico e reflexivo. O homem nesse estado "é levado" em sua existência, muitas vezes sem o perceber.

Por outro lado, o homem é o único ente que permanece continuamente aberto a tudo o que o cerca, mantendo contínuo contato com os demais entes. Ele é o único que tem a possibilidade de modificar o mundo em que vive. É por intermédio da linguagem que o homem se abre para o mundo e para os outros, o que o torna um ser eminentemente simbólico. Essa capacidade de abstração, de simbolização, é que faz do homem um ser histórico e temporal, remetendo-nos às noções heideggerianas de **historicidade** e **temporalidade**.

A historicidade relaciona-se ao dinamismo das relações sociais em que o homem não apenas tem consciência de que herda de outras gerações valores, normas e visões de mundo, mas também está ciente de que tem a possibilidade de modificá-los. Historicidade relaciona-se à temporalidade, à noção de que o homem é lançado ao mundo e vivencia uma limitação ontológica, sua própria morte. No espaço temporal, que é sua existência, o homem pode integrar passado, presente e futuro em seu próprio existir. Assim, esses três momentos temporais, são mais do que uma sucessão estanque, ou seja, o passado não é simplesmente o que já foi e o futuro não é apenas o agora que ainda não chegou. Na perspectiva de Heidegger, o passado afeta o agora da existência humana, da mesma maneira que o futuro já está contido

no presente. Tal como nos diz BEAINI (1981, p. 42): *"(...) eu sou o meu futuro, ao sair de mim, ao abrir-me para as possibilidades, ao importar-me com o meu ser".*

Essas são possibilidades passíveis de serem vividas por todo ser humano. No entanto, na vida cotidiana nem sempre os fatos ocorrem dessa maneira. Seduzido pelo descompromisso com os outros seres, envolvendo pessoas e meio ambiente, o *Dasein* deseja nele inserir-se, sentir-se como parte dele e, nesse sentido, sua fala manifesta-se na "tagarelice", no "falatório" (HEIDEGGER, 1981). Essa maneira de fazer uso da linguagem envolve a repetição de falas alheias, discursos anônimos, em que há uma aceitação dos modismos. Nesse modo de ser, o homem atribui ao destino, à sorte, suas possibilidades de sucesso e/ou fracasso. Essa forma de expressar-se é bastante comum e fica evidenciada em falas que incluem o "a gente", o "disseram", maneiras impessoais, vagas, de expressão. Esse modo de ser, tal como vimos, caracteriza a inautenticidade, ou impropriedade de ser.

Será por intermédio da **angústia**, que a tomada de consciência dessa maneira de ser pode vir a ocorrer. Sem um motivo específico que a cause, a angústia é uma experiência única em que o homem percebe sua finitude de maneira irrevogável.

Essa tomada de consciência faz com que o homem perceba suas limitações ontológicas (próprias do ser humano, ou seja, de que é lançado ao mundo e de que é um ser cuja existência é finita – é um ser-para-a-morte). Essa ação envolve a compreensão de ter sido lançado e, mesmo assim, perceber-se como responsável pelos seus atos e suas relações, envolvendo outras pessoas. Essa é a maneira *autêntica* de ser-no-mundo.

Sendo o homem o único ente que fala, abre-se-lhe a possibilidade de abarcar o Ser, ou seja, o que lhe é inerente e essencial: a consciência de que é um ser de

possibilidades, ainda que lançado ao mundo e um ser-para-a-morte. Percebe-se que a linguagem pode velar o Ser (fala inautêntica) ou desvelar o Ser (fala autêntica).

Essa característica de velar e desvelar remete-nos ao conceito de interpretação, ou seja, de que, sendo a existência humana um horizonte de possibilidades, os sentidos não se esgotam. Buscar compreender e interpretar um fenômeno implica em realizar uma leitura que deve buscar ser a mais completa possível, porém tendo-se consciência de que não se esgotarão os sentidos do mesmo.

Evidencia-se a nós que a leitura da existência empreendida por Heidegger desvela-nos o caráter dialético do existir humano, pois ontologicamente a pre-sença é Abertura, portanto, é um ser de possibilidades, podendo ser isto e aquilo, mergulhar na impropriedade ou alçar-se, pela angústia, na propriedade, ser o que "os outros" lhe dizem ou assumir a responsabilidade por sua trajetória de vida. Isso tudo porque ser homem é experienciar esse modo único de ser: simbólico. Assim, desvelar e velar, impropriedade e propriedade fazem parte inerente ao existir humano, cuja ferramenta que nos possibilita explicitar e, portanto, compreender e interpretar sua multiplicidade de sentidos e significados é a linguagem.

Tal como nos diz REZENDE (1990, p. 31), *"a experiência da interpretação se faz também na forma de um 'conflito de interpretações'"*. Isto porque *"interpretar é tentar desvelar, no sentido em que o desvelamento é possível"* (REZENDE, 1990, p. 29) o que implica dizer que o sentido do existir humano não se esgota, pois se refere exatamente ao simbólico, o qual, na perspectiva do autor, está indissociado do existir humano. Vale dizer, o símbolo é concebido de modo existencial, o que implica afirmar que ele jamais será unívoco, sendo sempre polissêmico, comportando uma multiplicidade de sentidos.

Dessa forma, intencionamos por intermédio da fenomenologia ontológico-hermenêutica ouvir a fala de homens na meia-idade, abarcando facetas de seu ser-no-mundo, de modo a ampliar a compreensão acerca de seu existir, ou seja, do modo como vivenciam a meia-idade pela óptica da paternidade, da sexualidade e dos significados de seus projetos de vida, por intermédio de uma interpretação a qual não temos a intenção de ser a única dado que, tal como afirmamos acima, o sentido pleno do existir humano não se esgota. Acreditamos, entretanto, que, por intermédio da leitura e interpretação dos depoimentos de homens na meia-idade há a possibilidade de desvelamento de aspectos existenciais que se encontram ocultos em suas práticas cotidianas no mundo.

Terceira Parte

A Trilha Percorrida na Hermenêutica do Existir do Homem de Meia-Idade

CAPÍTULO VI

TRAJETÓRIA PERCORRIDA NO ACESSO AOS ENTREVISTADOS

Contato inicial com os entrevistados

Os entrevistados desta pesquisa foram contatados no universo familiar em que estávamos inseridos, qual seja, o contexto de trabalho e de contato com vizinhos e amigos. Conversamos com várias pessoas a respeito dos objetivos da pesquisa e elas se colocavam à disposição para conversar com algum amigo ou pessoa próxima que se enquadrasse nas características solicitadas: ser homem de meia-idade (entre 40 e 50 anos), casado, pai de filhos adolescentes e ser proveniente do estrato socioeconômico de média renda, uma vez que esta camada populacional de acordo com estudos na área, SALEM (1989) VAITSMAN (1994), ROMANELLI (1995), vivencia de maneira mais evidente as transformações e contradições inerentes ao convívio social.

O primeiro contato com os entrevistados ocorreu pessoalmente ou por telefone. Nele nos apresentávamos e explicávamos os principais objetivos da pesquisa e perguntávamos da disponibilidade em participar de uma entrevista individual. Nessa conversa era então agendada a entrevista em horário e local convenientes para a entrevistadora e o homem. Este encontro foi confirmado por telefone com o participante no dia agendado para a entrevista.

O encontro proposto para a realização de cada entrevista individual iniciou-se com um diálogo acerca do contexto em que a pesquisa se insere, seus objetivos e o modo como a entrevista seria realizada. Nesse momento foi também explicada a questão do sigilo e do anonimato sendo solicitado a cada participante a leitura e assinatura de duas cópias do Termo de Consentimento Informado (Anexo 2), uma ficando com a pesquisadora e outra com o entrevistado. Ao longo da leitura deste Termo, era explicado a cada entrevistado que poderiam ficar à vontade, caso não quisessem participar da entrevista, ou mesmo se ao longo da mesma tal necessidade surgisse. Da mesma forma que a entrevistadora colocou-os à vontade para fazerem perguntas em relação a qualquer dúvida que houvesse naquele momento.

Nesse diálogo inicial foi também solicitada a gravação em áudio da mesma, com a qual todos os participantes concordaram.

As dificuldades enfrentadas ao longo da trajetória

Ao longo do processo de contato e realização das entrevistas com homens de meia-idade foram vivenciadas algumas dificuldades, as quais passamos a relatar a seguir.

Em sua maioria os homens, nessa primeira entrevista focaram suas falas apenas nos aspectos vividos da paternidade, com especial atenção para a pessoa dos filhos ou o relacionamento com eles. Quando instados a falarem das outras facetas de seu existir – vivência da sexualidade e projetos de vida – embora eles já tivessem sido questionados no início da entrevista, alegavam que não dispunham de tempo

para continuar a entrevista naquele momento, dado que até aquele momento as entrevistas já haviam durado por volta de uma hora. Em vista disso, era sugerido então novo encontro para a continuação da entrevista.

Face a essa trajetória, no período de março a dezembro de 2000 foram entrevistados dez homens.

Entretanto desses depoimentos, quatro foram descartados para comporem o quadro de discursos desta tese por terem sido superficiais e seu conteúdo não ter contemplado de modo pertinente e consistente os aspectos do existir do homem destacados para esta pesquisa.

Os outros seis homens, cujos discursos não contemplaram totalmente a questão, mas chegaram a considerá-la, foram convidados a participar de nova entrevista. Em face da solicitação mostraram-se dispostos, porém só foi possível realizar nova entrevista com dois deles. Dessa etapa inserimos os depoimentos de quatro homens por nós entrevistados.

Diante dessa trajetória entramos em contato com outros sete homens, e realizamos três entrevistas. Os outros quatro homens contatados não se dispuseram a participar.

Ao todo entramos em contato com 17 homens, foram entrevistados 13 e selecionados os depoimentos de sete homens, os quais são apresentados a seguir.

Quem são os entrevistados? Uma breve apresentação

Os sete entrevistados são provenientes do estrato sócio-econômico de média renda tal como mostrado no quadro a seguir:

Entrevistado	Idade	Estado civil	Profissão	Número de filhos	Idade dos filhos	Nível socioeconô-mico*
E. 1	49	Casado	Securitário	1 filho e 1 filha	21 e 18	A
E. 2	51	Casado	Secretário	1 filha	19	B
E. 3	44	Casado	Bancário	2 filhos	16 e 15	B
E. 4	52	Casado	Bancário	2 filhos	16 e 14	B
E. 5	49	Casado	Investigador de polícia	1 filha e 1 filho	16 e 11	B
E. 6	42	Casado	Engenheiro	2 filhos	18 e 17	B
E. 7	41	Casado	Dentista	2 filhas e 1 filho	23, 21 e 15	B

Entrevistado 1

É casado há 22 anos, casou aos 27 anos de idade tendo como um dos objetivos principais do casamento o nascimento e educação dos filhos, embora não tenha se casado "grávido" tal como afirma. Trabalha com seguros e tem dois filhos, um filho e uma filha respectivamente com 21 e 18 anos, quando foi entrevistado. Com a chegada da meia-idade percebeu mudanças principalmente decorrentes da percepção de que sua autoridade e participação na vida dos filhos não eram tão significativas quanto havia imaginado ao longo de sua trajetória como pai. Ressente-se da pouca participação que tem nesse setor e busca suprir o distanciamento dos filhos e do ambiente doméstico (relata ser a mulher quem "controla" a vida da família e dos filhos) com atividades extras como coral e

* De acordo com a Tabela de Classificação Socioeconômica modificada a partir da elaborada por ABA e Abipeme (TEM MENOS RICOS NO BRASIL..., 1991).

passeios.

Ressente-se também da distância em relação às atividades que poderiam ser realizadas com a esposa, mas que não o são porque ela se justifica dizendo que deve estar próxima aos filhos.

No que diz respeito à sexualidade afirma em termos bem explícitos que *"já virou irmão"* da esposa e que não há mais aquele fogo, aquela paixão do início do casamento.

Seus projetos para o futuro revelam-se fortemente vinculados ao existir dos filhos e ao seu papel, frustrado em certo sentido, de pai. Tal como diz: *"espera pelos netos".*

Entrevistado 2

Casou quando tinha 31 anos de idade. Está casado há 20 anos. Diz que foi pai um pouco mais velho o que fez com que ele "curtisse" bastante a paternidade, como diz, é um pai bastante "coruja".

A vida com a esposa é harmoniosa, da mesma forma que a vida em família. Costumam fazer atividades em conjunto e, apesar da filha ter 19 anos, quase sempre os acompanha a passeios e viagens.

Embora da mesma forma como o Entrevistado 1 tenha, em alguns momentos de seu depoimento, mesclado os projetos para sua vida e os projetos para a vida da filha possui uma perspectiva de vida diferente, pois afirma possuir a noção de que a filha seguirá um rumo de vida que lhe será próprio. Possui projetos pessoais como viajar ainda mais do que o que costuma fazer, após a aposentadoria, apesar de não ter ainda certeza do que intenciona realizar após esse momento.

Entrevistado 3

Bancário, seu discurso centrou-se na descrição de sua relação com os filhos que relata ser boa, de amizade e companheirismo e também de busca de diálogo com relação a direitos e deveres dos filhos.

Relata ser companheiro dos filhos realizando inclusive atividades em comum como jogo de futebol, passeios e até mesmo é, às vezes, confidente dos filhos, é com ele que eles conversam sobre algum assunto mais delicado.

A diretriz principal de seu discurso é a preocupação com ambos os filhos, apesar de ter sempre maior preocupação com um deles por ser mais "saidinho" em sua opinião.

Não abordou ao longo da entrevista os aspectos da sexualidade e de seus projetos de vida no primeiro encontro e não foi possível agendar nova entrevista.

Entrevistado 4

Bancário. Relata ter um bom relacionamento com os filhos, buscando orientá-los e acompanhá-los mesmo que "à distância". Saber onde vão, com quem vão, levá-los e buscá-los nos locais são práticas comuns no dia-a-dia da família.

A tônica direcionadora de seu discurso foi a paternidade, sendo o diálogo o principal meio de aproximação, e a preocupação e troca de informação sobre drogas, violência e outros assuntos uma constante. Refere-se que o contato com os filhos é muito bom, percebendo-se como um mediador da relação dos filhos com a esposa, dizendo, inclusive ter mais paciência na relação.

Tal como o Entrevistado 3 em sua entrevista a sexualidade e os projetos de vida não foram abordados.

Entrevistado 5

Casado há 13 anos. Tem uma filha de 16 para 17 anos e um filho de 11 anos. Natural do interior do Estado é proveniente de uma família grande e sempre trabalhou.

Relata estar vivendo um momento de grande expectativa em sua vida com a proximidade da aposentadoria e a oportunidade de concretizar um sonho antigo: a possibilidade de ter um pedaço de terra para trabalhar.

Seu relacionamento com esposa e filhos é bastante próximo, têm o hábito de realizar atividades em grupo. Ele e a esposa compartilham idéias e projetos de vida desde o início do casamento, tal como diz "tudo é planejado, sem sustos". Relata que quando vai sair para fazer alguma coisa, os filhos sempre querem ir com ele. Ele e a esposa procuram acompanhar as atividades dos filhos.

A entrevista foi inicialmente pontuada por pausas, interrupções relativas à dificuldade do entrevistado se expressar, mas ao final "soltou-se" mais, explorando os assuntos que no momento o inquietavam e lhe eram significativos em seu existir, em especial as transformações corporais.

Entrevistado 6

Casado há 20 anos, trabalha na área de engenharia. Tem dois filhos um de 17 e um de 16 anos.

A relação com a esposa e os filhos é boa, buscando equilibrar o trabalho com a realização pessoal. A tônica de seu discurso foi exatamente esta: a busca do equilíbrio emocional e pessoal aliados à vida profissional. Nesse sentido relata ter feito determinadas escolhas no início de sua carreira devido a conjunturas externas,

mas também ao seu projeto de vida de casar e voltar para a cidade em que nasceu para ficar próximo à sua família e à família de sua esposa.

Como projeto de vida pretende tentar retomar planos que havia deixado de lado, embora sem esquecê-los, no início de sua carreira. Além disso, quer ver os filhos bem e realizados profissional e pessoalmente.

Entrevistado 7

Casado há 15 anos. Relata que os filhos estão em uma fase bastante interessante em que há uma proximidade de diálogo, de compartilhar atividades, pois todos já são praticamente adultos.

Diz estar vivendo, percebendo mudanças tanto no modo de expressão da sexualidade – como se houvesse maior tônica sexual, não em termos de atividade, mas de percepção da sexualidade em diferentes contextos e pessoas – como também no próprio relacionamento, em que há um certo desgaste pela rotina e monotonia.

Expressa uma busca por tentar compreender essas mudanças, qual sua participação neste contexto e quais os significados que elas possuem em sua vida.

Após esta breve caracterização, abordaremos em seguida o modo como ocorreram os encontros com os entrevistados e algumas reflexões relacionadas à entrevista utilizada nesta tese com o intuito de obter as descrições dos sentidos e significados do existir da meia-idade para este grupo de homens.

O encontro significativo mediado pela entrevista: alguns esclarecimentos

A entrevista pode ser definida como *"conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas"* (Morgan, 1988 *apud* BOGDAN & BIKLEN, 1997, p. 134). Em especial, nas pesquisas de modalidade qualitativa é bastante utilizada seja como principal estratégia para recolher dados seja em conjunto com outras técnicas.

Na pesquisa de cunho fenomenológico, a entrevista é um recurso fundamental, pois possibilita a obtenção da descrição do fenômeno interrogado. Como o interesse recai na vivência por parte de alguém de determinado fenômeno, ou seja, no sujeito da experiência, torna-se essencial o acesso ao modo como essa vivência está ocorrendo e que significados são a ela atribuídos. Nesse sentido, a entrevista será conduzida de um modo que possibilite ao depoente expressar-se naquilo que, para ele, torna-se mais significativo.

Embora exista um objetivo que conduz à entrevista, ela não é inflexível e rígida, pois o encontro com cada participante possui características peculiares a cada indivíduo. Revela-se, aqui, que o entrevistador, com o entrevistado, constrói um momento particular de comunicação. O entrevistador busca criar uma situação em que o entrevistado sinta-se livre para expressar-se naquilo que lhe foi solicitado. Há a evidência da **intersubjetividade**, ou seja, de envolvimento e troca entre entrevistador e entrevistado, em que o primeiro vai buscar ouvir o relato do segundo sem emitir juízos de valor, mas tentando sempre captar o relato tal como ele está sendo descrito.

Por intermédio da entrevista, é possível entrar em contato não apenas com conteúdos relatados (verbalizados) como também há a possibilidade de observar o modo como eles são relatados (comunicação não-verbal).

O momento da entrevista na pesquisa de modalidade fenomenológica é de máxima importância, pois é nele que se obtém o depoimento, a descrição da vivência do fenômeno interrogado pelo pesquisador e vivido pelo participante da pesquisa, a qual possibilitará uma busca de compreensão e de interpretação – a hermenêutica – do que está sendo interrogado.

É necessária uma abertura para o outro, de modo a buscar já na entrevista estar em contato com o mundo que o outro nos revela (BRUNS, 2001). Desde o momento em que buscamos esclarecer o participante dos objetivos da pesquisa e da importância de seu relato, já nos colocamos abertos para que haja uma compreensão do outro. Assim, mostrar ao depoente que possui tempo livre para falar, que tem possibilidade de solicitar esclarecimentos já são evidências de que nos abrimos ao seu discurso.

Tendo esses elementos em vista é que a entrevista nesta modalidade de pesquisa é uma **entrevista compreensiva**. Necessitamos da compreensão do outro para que ele possa narrar sua vivência e necessitamos ser compreensivos para perceber o mundo que esse outro desvela a nós. E também para solicitarmos que determinados aspectos que podem ser velados em sua fala nos sejam esclarecidos.

Como o principal objetivo da entrevista é o de proporcionar ao entrevistado oportunidade para relatar o modo como experiencia sua realidade em relação a um determinado fenômeno que está sendo indagado – que nesta pesquisa é a existência do homem na meia-idade – este encontro, foi mediado pela questão:

> *"Agora que você está vivendo a meia-idade e seu/ sua (s) filho/a (s) está (ão) na adolescência gostaria que você falasse a respeito de como você percebe este momento de sua vida, ou seja, como está vivenciando a paternidade, sua sexualidade e mesmo seu projeto de vida."*

A pergunta pode ser focada de outras maneiras quais sejam: *"Como você se sente com a chegada da meia-idade sendo pai de filho(a)/ filhos (as) adolescente (s), como você está vivendo sua sexualidade e seus projetos de vida?*" ou ainda: *"Com a chegada da meia-idade gostaria que você falasse sobre os significados da paternidade, de sua sexualidade e de seus projetos de vida neste momento de sua vida."*

Importante destacar que muitos dos entrevistados tiveram dificuldade em falar de si, mesmo com as explicações que antecederam o início da entrevista, sendo que um dos aspectos convergentes nos relatos foi o foco na paternidade, em detrimento das outras facetas de seu existir questionadas, a sexualidade e seus projetos de vida.

Análise dos depoimentos

Após a realização das entrevistas, cada uma foi transcrita de modo literal e em seguida iniciou-se o momento de análise das mesmas. A análise foi feita com

vistas a empreendermos uma compreensão e interpretação do sentido da meia-idade na existência dos entrevistados.

Como citado no capítulo anterior utilizamos o referencial ontológico-hermenêutico de Martin Heidegger. Segundo STEIN (1973), o método utilizado por Heidegger na obra "Ser e Tempo" possibilitou-lhe, a partir da análise da facticidade da pre-sença, alcançar o Ser.

Em sua trajetória nesta obra o filósofo fez uso do método fenomenológico e também hermenêutico na medida em que empreendeu uma compreensão e interpretação das estruturas do existir humano de modo a chegar ao sentido do Ser. Isso porque, sua questão inicial – o sentido do Ser – só poderia ser atingida por intermédio do questionar o modo de ser da pre-sença, único ente que, ontologicamente, pergunta por seu ser.

Sua análise desvelou as estruturas existenciais da pre-sença, quais sejam, a temporalidade, a espacialidade e a historicidade manifestas por meio do Cuidado. Todo este caminhar ocorreu mediado pelo exame atento dos modos de manifestação da linguagem, pois é ela que faz com que o homem seja o único ente a questionar seu ser. Como vimos no capítulo anterior a linguagem inautêntica – manifesta no "falatório" – encobre o Ser. Já o silencioso angutiarmo-nos diante de nossa existência pode nos possibilitar emergir rumo à autenticidade. O binômio velamento–desvelamento do Ser é explicitado, portanto, pela linguagem.

Assim, nossa compreensão e interpretação do existir dos sete homens na meia-idade pelas facetas da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida terá na linguagem, acessada por meio das entrevistas, seu ponto primordial. Isso

porque é pela linguagem que o homem se mostra, seja em um modo impróprio, seja em um modo próprio de ser.

De posse dos sete depoimentos realizamos diversas leituras de cada discurso buscando principalmente significados que emergissem dessas leituras e sentidos norteadores do existir dos homens entrevistados.

Baseamos-nos, nesse momento, nos critérios utilizados por REZENDE (1990) para explicitar os sentidos que possam estar presentes nos discursos. Tal como nos esclarece o autor, quando se busca realizar uma investigação de cunho fenomenológico, faz-se necessário ter uma descrição, e mais, para ele a descrição já é compreensiva.

Essa dimensão refere-se à característica simbólica humana sendo que **símbolo** refere-se à *"concentração semântica do sentido e dos sentidos e sua articulação numa estrutura concreta, no interior do qual há também articulação do sentido*" (REZENDE, 1990, p. 27).

O símbolo possui um caráter duplo: de encarnação e de polissemia. Encarnação por ocorrer somente no mundo concreto, o mundo da existência. Polissemia por comportar múltiplos significados, os quais, se referem ao sentido pleno. Entendemos que esse sentido pleno a que o autor se refere tenha o mesmo sentido da palavra para HEIDEGGER (1995) a de que ele funda a existência humana, pois é somente por seu intermédio que se sustenta nossa compreensão.

Para ser compreensiva, entretanto, a descrição deve possuir algumas características assim enumeradas por REZENDE (1990): as descrições devem ser **significantes**, **pertinentes**, **relevantes**, **referentes**, **provocantes** e **suficientes**.

Uma descrição é **significante** quando consegue abranger ao máximo a riqueza de sentidos que envolvem o existir humano. Isso implica dizer que a descrição *"tenta dizer em que sentido (s) há sentido (s)"* (REZENDE, 1990, p. 19). Só podemos afirmar que há sentido porque somos nós, humanos, a quem se abre a possibilidade de captá-los, dado que somos seres mediados em nossas relações pelo símbolo. Assim, a descrição deve buscar enumerar todos e somente os aspectos indispensáveis para que possamos dizer *"que fenômeno é este"* (REZENDE, 1990, p. 18). Deve, então, dizer de nossa existência, revelando a nós e ao mundo em que vivemos, ou seja, referir-se à existencialidade do fenômeno e à nossa consciência perceptiva. Além disso, deve dizer de nosso sentido, de nossa direção existencial, qual seja, de nossa liberdade. Isso implica dizer que ao homem é possível *"dar sentido, mudar rumos, fazer revoluções"* (REZENDE, 1990, p. 20).

A **pertinência** da descrição decorre de que o discurso não deve omitir *"nenhum dos aspectos que realmente integram a estrutura significante do fenômeno"* (REZENDE, 1990, p. 20-1). Isso significa que a descrição deve mostrar o fenômeno em sua articulação de sentidos, explicitando a significância do fenômeno que intenciona desvelar, e não de outro.

A descrição é **relevante** quando explicita as relações existentes entre pertinência e significância. Ou seja, para a descrição ser significante ela deve ser pertinente e também relevante. A relevância diz respeito à concretude do fenômeno interrogado, ou seja, sua presença no mundo.

A **referência** da descrição remete-nos às relações no interior da estrutura do fenômeno no que diz respeito aos seus múltiplos aspectos, bem como relação entre a estrutura e o contexto em que está inserido. Isso significa que deve haver uma inter-

relação dos elementos que constituem o fenômeno, ou seja, sua contextualização no mundo, no tempo e no espaço.

A descrição é **provocante** quando explicita os sentidos existentes para o sujeito que se depara com ele e o provoca a tomar uma direção, seja para envolver-se com ele, seja para alienar-se dele. Podemos vislumbrar aqui uma faceta existencial que Heidegger explicita: a de ambigüidade, ou seja, a de possuirmos como faceta inerente a nós possibilidades de assumirmos a impropriedade existencial ou alçarmo-nos à propriedade de ser.

No que tange à uma descrição **suficiente**, REZENDE (1990) nos esclarece que não significa que ela deva ser completa e acabada. Sua suficiência refere-se a dizer o máximo possível do existir humano, à história, ao tempo, ao espaço. Nos dizeres do autor

> *"o discurso fenomenológico descreve uma espiral em torno do núcleo central que é a existência, de sorte que se torna indispensável completar ao menos uma volta, percorrendo os diversos lugares de manifestação do sentido"* (REZENDE, 1990, p. 26).

Isto mostra que devemos tentar empreender ao máximo uma explicitação dos sentidos presentes na descrição, mas que é possível ir além, buscando-se explicitar que sentidos poderiam ainda existir.

Sendo assim, quando solicitamos, por parte dos homens na meia-idade, que nos fornecessem seus depoimentos, eles já iniciaram um processo em que se envolvia

uma compreensão. No entanto, ao buscarmos interpretar os significados relativos ao fenômeno por nós indagado, e sendo este de ordem simbólica, em que há possibilidades de múltiplos sentidos, partimos dos depoimentos e nos baseamos neles em nossa trajetória indo, porém, além do conteúdo neles expresso.

Falamos de uma realidade – a vivência da meia-idade – simbólica, por ser expressão de uma faceta do existir humano. Dessa perspectiva nossa busca por compreensão dessa vivência se dá dentro de uma linha: a de que há multiplicidade de sentido no universo humano.

Segundo REZENDE (1990), há diversos sentidos em que há sentido ou, fazendo um paralelo com as idéias de HEIDEGGER (1995; 1996), há um sentido ontológico que funda as manifestações ônticas de sentido – os sentidos e significados por nós expressos em nosso cotidiano. Esses são sempre expressos por intermédio da linguagem, razão pela qual REZENDE (1990) nos diz que podemos apreendê-los a partir de uma análise das relações semânticas estabelecidas nas estruturas simbólicas.

O autor nos esclarece a respeito de três significados acerca da palavra sentido. O primeiro é a referência aos nossos sentidos e nossa condição corporal. Nesse contexto, o sentido envolve nossas experiências cinestésicas podendo nossa fala revelar o que nos é significativo nesse âmbito. O segundo diz respeito a conteúdos direcionados ao nosso aprendizado cognitivo. Aqui há alusão a idéias, valores e conceitos apreendidos ao longo da vida e que podem se descobrir via linguagem. Por fim, o terceiro sentido está relacionado aos rumos, à orientação que a existência está tendo e também à que ela poderia ter. O terceiro aspecto envolve os anteriores por relacionar-se tanto ao *"posicionamento dos sujeitos ante à realidade do mundo"*

(primeiro sentido) (REZENDE, 1990, p. 57) como à sua significação tal como percebida e interpretada.

Feitos esses esclarecimentos, buscamos nos nortear pelas diretrizes propostas pelo autor, quais sejam: organizar os significados por nós encontrados nos depoimentos dos entrevistados com vistas a empreender uma descrição suficiente e significativa da situação estudada por nós, o existir do homem na meia-idade. Em seguida, empreendemos nossa caminhada buscando relacionar estes significados à realidade mais ampla na qual os homens entrevistados se inserem e, por último, objetivamos, a partir do que foi por nós captado nos depoimentos, realizar uma interpretação ampla do fenômeno interrogado, explicitando suas características, desvelando seus sentidos e horizontes de possibilidades.

Quarta Parte

Hermenêutica do Existir do Homem de Meia-Idade – Paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger

CAPÍTULO VII

O EXISTIR DOS HOMENS DE MEIA-IDADE: HERMENÊUTICA DOS DISCURSOS

Este capítulo contém a hermenêutica dos depoimentos tendo como principal eixo norteador as temáticas da Paternidade, Sexualidade e Projetos de Vida.

Tal como abordamos ao longo desta tese, nossa linha condutora da hermenêutica é a perspectiva de que o homem é o único ser que tem a possibilidade de refletir e vir a modificar os rumos de seu existir.

Sua capacidade simbólica, concretizada por intermédio da linguagem, lhe permite fazer e re-fazer seus caminhos de acordo com a atribuição de sentidos e significados relativos à sua existência, a qual é compartilhada com outros homens.

Será, então, essa idéia principal, bem como as demais a ela vinculadas, desenvolvidas por Martin Heidegger e por nós apresentadas no Capítulo V, que subsidiarão nossa busca da compreensão do existir do homem de meia-idade.

Paternidade: a afetividade que se desvela na realização do outro

A paternidade, enquanto faceta do existir do homem, desvela-se como possibilidade de relacionamento com outro ser, qual seja o filho e/ou filha

adolescente.

Os entrevistados verbalizaram facetas significativas de seus relacionamentos com os filhos, as quais evidenciam que a afetividade está presente de modo significativo em seu existir.

A preocupação com a educação dos filhos, com o contexto de violência e consumismo presente na vida de todos, a preocupação com sua sexualidade e seu futuro profissional foram alguns dos pontos citados pelos entrevistados.

Quando abordamos as falas desse grupo de homens de maneira geral, percebemos que o falar a respeito de como se relacionam com os filhos e quais preocupações permeiam as relações é uma possibilidade recente em termos históricos. A participação paterna na educação dos filhos nem sempre ocorreu tal como expressam os entrevistados. Ao longo do processo sócio-histórico, o pai exercia autoridade inconteste e à esposa e filhos cabia obedecer. Assim, a proximidade afetiva de pai e filhos tem o início de sua prática por volta do século XVII (ARIÈS, 1981). Não que os textos históricos não tenham relatado casos de envolvimento afetivo de pai e filhos, entretanto, enquanto prática corrente, foi a partir da data citada, com as transformações familiares advindas da ascensão burguesa que a demonstração de afeto entre pais e filhos teve sua prática fortalecida. E em um período mais recente de nossa história, foi por volta da década de 60, com o pós-guerra e as transformações econômicas, bem como com os questionamentos das mulheres com relação ao seu papel social, que a busca por alternativas ao papel do pai-provedor foi intensificada (NOLASCO, 1993).

Nesse sentido, as falas dos homens demarcam que suas relações com os filhos não são meramente relacionadas ao ato de provisão de bens materiais. Verbalizam

suas inquietações relacionadas ao mundo atual em que vivem os jovens, permeado por fatos que os preocupam como o consumismo, o uso de álcool e drogas, bem como a sexualidade. Tal como nos expressa o Entrevistado 3:

> *"(...) Então a gente tem medo, né porque afinal de contas, 'cê tá cuidando de dois jovens, te dá uma certa insegurança em relação a esse mundo inteiro em que 'cê tá vivendo aí de violência, de consumismo, coisas de impacto né?" "(...) esse consumismo, essa violência que 'tá imperando, esse alcoolismo liberado preocupa muito a gente."*

Evidencia-se que ser pai, mais do que meramente exercer de longe a autoridade e o poder, implica também em educar os filhos, transmitindo-lhes valores que permeiem solidamente seu existir. Essa prática atesta uma importante transformação no exercício da masculinidade e, assim, da paternidade, qual seja, a possibilidade de vivenciar o envolvimento afetivo com os filhos, buscando mostrar suas preocupações e receios. A paternidade, enquanto horizonte da existência dos homens de meia-idade, lhes possibilita um modo de expressar e viver suas relações afetivas com os filhos que, até há pouco tempo, não era concebido.

Ao longo da história, como já citado nos capítulos I e II desta tese, ao homem não foi permitido durante muito tempo a expressão de sentimentos, em especial os considerados "femininos" como sensibilidade, fraqueza ou delicadeza. De acordo com NOLASCO (1993), os homens, ainda hoje, vivenciam dificuldades em expressar sentimentos que não os de agressividade e raiva, pois não aprenderam a

lidar com eles. Atualmente, existe um número cada vez maior de homens que buscam articular essas características, negadas durante muito tempo, ao seu ser.

Para HEIDEGGER (1995), o *Dasein* enquanto ser de afetividade tem nesse aspecto essencial a possibilidade de já-no-mundo vincular-se afetivamente ao que o rodeia, seja a objetos ou a outros seres humanos. Nesse sentido podemos considerar que o homem tem, na negação ou impedimento de expressão de determinados sentimentos, um elemento dificultador de seu ser-no-mundo. Assim sendo, seu ser de projeto encontra-se limitado já que existe um impeditivo social e cultural para a expressão plena de seu ser. A impossibilidade de demonstrar determinados sentimentos, considerados inadequados social e culturalmente para os homens, fez com que muitos deles tivessem, e muitos ainda vivem esta situação até o presente, dificuldades de lidar com sua afetividade.

Pensamos que a possibilidade que os homens têm de expressar sua preocupação com o ser dos filhos, tendo na abertura para o diálogo uma prática cotidiana, evidencia significativa modificação no modo de ser do homem. Em especial, quando pensamos que esses homens foram educados, tendo ainda como modelo, a figura do pai dotado de autoridade e poder incontestes.

Percebemos que a paternidade mostra-se como importante faceta do existir desses homens. Em sua prática cotidiana como pais, parecem estar buscando novos caminhos no modo como se relacionam com seus filhos, o que nos parece evidenciar uma busca por autenticidade em suas relações. Busca que se concretiza no modo como tentam, em seu cotidiano, expressar suas preocupações e anseios em relação aos filhos, preocupações estas que envolvem desde a educação, a sexualidade, a imposição de limites até a escolha profissional. A marca principal desa vivência é a

procura do diálogo como mediação para essa relação. No que diz respeito à sexualidade dos filhos o Entrevistado 3 expressa-se desta maneira: *"(...) A gente conversa, procura orientar, mas não sou o guarda, o anjo da guarda deles todo ali, toda hora, então cabe também a eles absorver muita coisa né?"*. Citando a respeito a imposição de limites, no sentido de colocação de limites norteadores da conduta, assim afirma o Entrevistado 7:

> *"Agora parece que fica muito mais fácil 'cê conversar.* (...) *Mas às vezes eu continuo exigente, quer dizer, eu acho que eu ainda continuo só que sem brigar entendeu? Eu sou bem incisivo assim eu não... (...) Não é tudo o que faz, tudo tem que ser conversado, não, tem coisas que eu ainda não converso, eu acho que quando a gente percebe que 'tá faltando limite, que eles 'tão querendo, pedindo limite, eu dou o limite rapidinho e não converso vai, nessa hora não tem discussão (...)".*

Essas falas exprimem que a proximidade que tentam concretizar na relação com os filhos é destituída de autoritarismo, ou seja, do exercício do poder pelo poder, mas não está isenta de autoridade, de regras delimitadoras de uma relação em que ao pai cabem determinadas tarefas e ao filho outras. Nesse sentido, podemos perceber que as idéias veiculadas no mundo e construídas ao longo da história são apreendidas, processadas e, de acordo com o modo de ser de cada homem, utilizadas em seu cotidiano. No entanto, esses homens delas fazem uso buscando pensar em sua procedência para as relações que vivem com os filhos nos dias atuais. Sem perder a

idéia de que o pai deve educar os filhos, a abertura ao diálogo, cuja prática parece ser analisada de acordo com a situação, é uma constante.

Temos, então, que a paternidade evidencia a relação com o outro, a busca pela transmissão de ideais e valores à geração futura remetendo-nos sem dúvida à temporalidade existencial que fica ainda mais clara, quando relatam suas preocupações com relação ao futuro dos filhos.

Os entrevistados 1 e 2 revelam essa preocupação concreta que permeia seu cotidiano de pai. Diz-nos o Entrevistado 1 *"(...) falta ainda alguma coisa né, vamos dizer, falta a gente ver os dois encaminhados na vida mas por enquanto..."*. No mesmo rumo temos a fala do Entrevistado 2: *"(...) Então isso também é o tipo de preocupação que realmente a gente tem né, é... com relação à questão de futuro dela sabe (...)"*. As falas nos mostram que existe um voltar o olhar aos projetos de vida dos filhos e que esse aspecto é importante para o homem de meia-idade que é pai.

A preocupação com os filhos, seja com sua educação, com sua sexualidade e também com a colocação de limites e seu futuro demarcam a expressão da afetividade em diversos contextos. Além dos citados acima, os entrevistados também se referiram de modo explícito a esse modo de ser, quando verbalizaram a importância da proximidade, do contato, do diálogo cotidiano com seus filhos e seu ressentimento e frustração quando fica privado desse ato (Entrevistado 1).

Na perspectiva dos entrevistados, a relação com os filhos mostra-se como prazerosa e pautada pela proximidade afetiva. Amizade, companheirismo, diálogo e intimidade são as principais tônicas da relação. Os entrevistados são praticamente unânimes (à exceção do Entrevistado 1) em afirmar que se relacionam de modo próximo não somente fisicamente como também emocional e afetivamente. O

Entrevistado 2, por exemplo, afirma que *"(...)* [a maior intimidade que tem com a filha do que a que ele teve com os pais] *é em termos de conversa, de você... contato, contar assim, em termos de contato, mais intimidade assim, sabe, de por exemplo falar de... ela falar de namorado, falar de garotos que 'tá paquerando ela (...)"*. Corroborando essa fala diz o Entrevistado 3:

> *"(...) Eles vêm muito comigo (...) eu não entendi porque mas quando tem alguma coisa pra definir (...) vem comigo. Não é que eu sou bonzinho também que cedo tudo, não, mas... é questão de relacionamento né?" "(...) Então, é... a gente é bastante amigo"*.

O Entrevistado 1 que relata haver um maior distanciamento, tanto físico como também emocional, explicita o significado e a importância da relação afetiva com os filhos quando, em sua fala, podemos perceber um certo ressentimento, evidenciando que sua expectativa era a de que houvesse tal proximidade e diálogo. Eis aqui alguns trechos que exprimem essa expectativa: *"(...) é a paternidade à distância né?"* [Devido aos filhos estudarem fora] *"(...) hoje é aquela história, hoje é... pai carteira né?"* Apesar de buscar maior contato, sente que os filhos preferem a distância:*"(...) eu tento tento manter um certo canal de comunicação, mas eu sinto que existe um afastamento, não sei se afastamento natural ou não, mas eu não tenho... o diálogo que eu tinha antigamente antes da da da ida dela pra X"*.

Para esse Entrevistado, a presença do impedimento afetivo pode, inclusive, ser reflexo da separação entre os valores das duas gerações. O modo como foi

educado e os valores que gostaria de ver os filhos seguirem parecem, em sua fala, não terem sido aceitos pelos filhos, o que lhe desperta um certo pesar.

Desvela-se aqui – seja por meio da verbalização de relações de amizade ou companheirismo, seja por meio da expressão, ainda que velada, de ressentimento quando o distanciamento se faz presente – que a afetividade do homem de meia-idade para com o mundo existe e é relevante para esses homens. Sendo faceta essencial do existir humano, ela se expressa no modo como as relações humanas ocorrem. O *Dasein* sempre já se encontra envolvido afetivamente. Em especial, no que diz respeito aos outros seres humanos os estados de ânimo, ou estados de humor, revelam-se significativa e constantemente nos relacionamentos.

Enquanto para os Entrevistados 2, 3, 4, 5, 6 e 7 a paternidade como possibilidade de expressão de sentimentos é uma vivência positiva e realizadora, para o Entrevistado 1, ainda que seja verbalizada a realização enquanto pai, parece haver certo descontentamento em face da distância na relação com os filhos, distância que não é somente física, mas também emocional o que dificulta a expressão, de modo satisfatório para si, de seus anseios, valores e crenças de vida aos filhos.

Fazendo uma síntese de nossa interpretação dessa faceta do existir do homem na meia-idade, qual seja, a paternidade, chama-nos a atenção primeiramente a relevância e significação que o relacionamento com os filhos apresenta na vida dos sete homens por nós entrevistados.

Todos, sem exceção, com maior ou menor ênfase, referiram-se à vida dos filhos, à preocupação com seu futuro, com sua educação, bem como com a possibilidade de construírem uma relação de amizade ou, ao menos, de transmitir-lhes valores, normas e direções de conduta.

Emerge nitidamente o ser-no-mundo-com-os-outros, enquanto possibilidade de realização do ser de cada um de nós. É por intermédio de nossas relações que nos constituímos enquanto seres, e nossa subjetividade só é possível de ser acessada, seja por nós, seja por outros, pelo uso da linguagem. Quando afirmam preocuparem-se com a violência, as drogas, o excesso de permissividade em relação à sexualidade, os entrevistados revelam que a educação e o cuidado com os filhos não são prerrogativas somente das mães. E mais, revelam que, enquanto seres humanos, são seres de Cuidado (Cura) tal como expressa HEIDEGGER (1995) e que esse modo inerente de ser não é específico de um ou outro homem, mas de todos, independente do sexo biológico.

A dimensão ontológica do ser-no-mundo-com-os-outros é desvelada pela perspectiva existencial por intermédio do conceito de *Mitwelt*, ou seja, de mundo compartilhado. Nossas relações ocorrem no mundo, compartilhadas com outros entes e seres. E é nessa teia relacional que vamos tecendo os fios de nossa existência, a partir da inter-relação, do com-partilhar de sentidos e significados e da internalização dos mesmos por meio de nossas elaborações pessoais. Dessa perspectiva, os homens vivem, na relação com seus filhos, oportunidades de ampliarem seus horizontes de compreensão em relação a si próprios e, em especial, o depoimento do Entrevistado 1 é esclarecedor nesse sentido.

O modo como a relação dele com os filhos ocorre, bem como suas citações de conteúdos verbalizados pelos filhos, é percebido por ele de modo explicitador de um sentido que, mesmo sendo negado em sua fala, parece tê-lo atingido a fundo. Quando os filhos o vêem como alguém cujas idéias e diretrizes não mais lhes servem, quando demonstram não ter tanto interesse em conversar com ele, mostram-lhe de certa

forma, que seu papel como pai, talvez já tenha diminuído em importância. Os filhos, na visão do Entrevistado 1, em sua perspectiva, em alguns momentos possuem maior conhecimento que ele e deixam de lado sua experiência e tentativas de alertá-los ou ajudá-los. Diz esse homem então: *"Quer dizer hoje em dia, por exemplo, hoje em dia eu sinto até um pouco de de de de dificuldade 'tá, em tentar mostrar com palavras 'tá o que é certo e o que é errado (...)"*. E mais adiante diz: *"Porque o pai não... o pai é burro é obsoleto né, não viveu, não tem experiência que eles têm hoje, né?"* Por outro lado, há momentos em que sua fala denota uma percepção de outra faceta do mesmo assunto – relacionamento com os filhos – talvez uma busca por outros significados, talvez uma forma de ver-se próximo, ainda, dos filhos: *"(...) não abrem o jogo né mas, sei lá, eu sinto que eles ainda... sentem falta do do do do... sei lá, da da união da família entendeu?"*.

Esses são apenas alguns trechos que mostram como o relacionamento com-os-outros, o mundo compartilhado é de fundamental importância para nos percebermos enquanto seres importantes para outras pessoas. O que acontece muitas vezes é que o modo impróprio de ser manifesta-se em especial quando colocamos os outros desempenhando o papel principal em nossas vidas. Acatamos o discurso do impessoal, deixamos de viver nossos anseios e planos e vivemos a vida anônima tal como "se vive".

E, nessa linha de raciocínio percebemos que, do mesmo modo que a paternidade desvela-se como possibilidade de realização do ser de cada entrevistado, quando os homens afirmam buscar no diálogo uma forma de aproximação com os filhos, a possibilidade de velamento desse ser, por intermédio da atuação única e exclusiva do seu papel, deixando de lado outras facetas de si e, portanto, definindo-se

a partir dessa função de pai (Entrevistado 1), é também uma possibilidade existencial bastante presente em nosso cotidiano.

Transparece, aqui, ainda que de modo sutil, importante direção do modo de ser homem na meia-idade: viver sua vida tendo como eixo norteador o mundo externo. Essa direção ficará mais clara quando, diante da sexualidade dele, outros véus forem sendo afastados de nosso fenômeno interrogado: a existência do homem na meia-idade.

Sexualidade: o velar e o desvelar do universo afetivo

O sentido norteador do modo de expressar os significados atribuídos à sexualidade na vida dos entrevistados é a dificuldade em expressar conteúdos vinculados à sua pessoa. O modo como os homens, em especial, mas não só eles, falam de si quando o assunto envolve a intimidade, facetas de seu ser mais recôndito, revela o velamento, enquanto sua marca principal no universo masculino. O que não significa negar-se a falar, para alguns. Laconismo, dificuldade de colocar em palavras sentimentos e experiências, usar pronomes indicativos de outra pessoa, que não o narrador foram as pistas seguidas por nós para buscar ir além do explícito nas falas dos entrevistados. Pistas essas que, a nosso ver, não deixam de ser significativas e, também desveladoras de um modo de ser construído e internalizado ao longo da história da humanidade e também de cada homem ouvido por nós.

Ser-no-mundo, tal como vimos no Capítulo V é ser em um contexto permeado pelo convívio social, demarcado pela temporalidade, espacialidade e

historicidade. Ao mesmo tempo, permeado pelo trânsito de sentidos e significados, nem sempre explícitos, a respeito do que pode ou não ser feito pelos seres que convivem neste tão rico e difuso palco que é a vida.

Sendo assim, tal como expresso na temática anterior, a paternidade, o modo de ser e de aparecer dos homens na meia-idade, bem como suas facilidades e/ou dificuldades em verbalizar determinados assuntos que envolvem suas experiências subjetivas mais íntimas, revelam importantes facetas do mundo em que vivem, deixando, sem dúvida, outras tantas veladas.

Mas, tal como nos diz REZENDE (1990), sempre há sentidos a serem explicitados, de modo que o desvelamento nunca é completo e pleno. Até porque, de acordo com a perspectiva de Heidegger, o existir humano é, ontologicamente, envolto em possibilidades, as quais só se esgotam com a ocorrência da morte que é o máximo de nossa possibilidade, culminando em nossa derradeira impossibilidade de ser.

Tendo essa idéia sempre em nossos horizontes abordaremos então, os significados da vivência da sexualidade na meia-idade para esse grupo de sete homens.

Como facetas que emergiram nos depoimentos e que indicam uma mesma direção, está a importância do relacionamento afetivo e sexual em suas vidas. Os Entrevistados 3 e 4 não chegaram a tocar no assunto, mas para os Entrevistados 1, 2, 5 e 6 houve uma convergência no que diz respeito ao planejamento do casamento, ainda que por motivos peculiares a cada um deles. Com relação a terem escolhido o casamento, os Entrevistados 2 e 5 relatam inclusive que já se casaram mais velhos, sendo que o Entrevistado 5 assim afirma: *"(...) o nosso... o nosso casamento foi bem*

programadinho (...) já casei maduro, já casei... logo que eu casei já montei a minha casa, já tinha meu carrinho...". Além disso, houve a afirmação de que o relacionamento com a esposa é relevante em seus horizontes existenciais.

O Entrevistado 2 diz que

> *"(...) [estou] casado ãh, esse ano fez... 20 anos e durante esse tempo nosso relacionamento tem sido bom, assim... dentro do possível entre casais né porque marido e mulher é... tem momentos muito bons, tem momentos bons, tem alguns críticos né (...)".*

Na sua visão, o casamento em sua vida possui um significado importante de troca, de compartilhar momentos, sejam eles bons ou maus, de dividir responsabilidades. Diz a nós ainda este mesmo homem: *"(...) a convivência familiar assim, você constrói né? (...) eu acho que a vida conjugal é super-legal, assim, eu realmente é... é... não me arrependo assim em nenhum momento de de ter casado, sabe?".*

A convergência na direção dos discursos evidencia algo que já havia sido abordado com relação à vivência da paternidade: a de que a afetividade é fundamento do existir humano e que o mundo das relações nos é essencial. No entanto, a manifestação da afetividade, ou seja, sua dimensão ôntica, é plural, de acordo com o contexto sócio-histórico e com as construções pessoais de cada ser. As falas dos homens entrevistados deixam explícitas que suas vidas pautam-se pelo compartilhar com outras pessoas, sendo o casamento uma importante faceta em suas existências.

O planejar (Entrevistados 1, 5 e 6) e o casar com uma idade mais avançada (Entrevistados 2 e 5) revelam que além de ser importante, o casamento ocupa lugar de destaque.

O Entrevistado 6 afirma que percebe que *"sexualmente a gente tem amadurecido (...) eu acho que a gente vai evoluindo nisso (...)*". Para ele, há uma transformação ao longo da vida sexual de um casal que seria natural, como se ela passasse por diversos estágios. Assim afirma: *"Primeiro... quando você é... casa você, quando namora, você tem uma paixão, você é muito mais afoito, né e depois o sexo passa a ser uma coisa natural na vida do casal então é... com menor freqüência menos int... mas não com menos intensidade (...)".*

Interessante notar que a idéia de que a freqüência do ato sexual com o passar dos anos na vida de um casal deve diminuir. Esse conceito é bastante comum no cotidiano das pessoas e remete-nos à história da sexualidade em que, uma de suas facetas é a de que a atração e a paixão vão diminuindo com o passar dos anos de uma relação, bem como com o envelhecimento dos parceiros.

Nessa direção, de modo talvez ainda mais explícito, temos o depoimento do Entrevistado 1. Ele nos diz:

> *"(...) Ah, já virou irmão, né, nessa altura já virou mais hábito do que afetivo, afetivo, paixão essas coisas assim não, eu, eu sei lá, na minha relação não existe mais, é mais parceria é mais... amizade... mais... entendeu? Os laços mudam entendeu?"*

E apresenta mais à frente como explicação para essas transformações nos

laços afetivos o direcionamento das atividades do casal para o cuidado e educação dos filhos. Assim se expressa: *"(...) eu acho que na parte da adolescência dos filhos o casal praticamente deixa de ser casal pra se tornar... vamos dizer, uma equipe de educadores".* Sua fala exprime que seu existir, sua vida pauta-se prioritariamente pelo desempenho de funções sociais, deve realizar o que "esperam" que ele realize e ele acredita que tal deva ser realmente realizado.

Seu discurso, ao explicitar que a tônica de seu relacionamento sexual é a amizade, amizade esta que acabou surgindo na relação a partir do acomodar-se à ausência da paixão, do desejo e do assumir prioritariamente o papel de pai, em detrimento do de marido, revela que a inautenticidade permeia seu existir.

Esse modo de ser está presente não no fato desse homem expressar que a amizade é a principal tônica na relação com a esposa, mas quando afirma que o hábito tornou-se o principal norteador desse modo de ser.

A trajetória humana mostra que a sexualidade esteve, e ainda está, enredada em normas e regras repressoras, ainda que elas sejam manifestas em menor grau para os homens. Mesmo assim, existem expectativas sociais e culturais no que tange ao modo de ser homem, modo este que é permeado pelas contradições, crenças e valores construídos ao longo desse processo. De acordo com NOLASCO (1993), determinados aspectos da afetividade do homem, como a sensibilidade e a expressão de sentimentos "femininos" foram, ao longo da história, cindidos de seu ser, impedidos, muitas vezes de serem expressos. Durante muito tempo só lhe era possível e aceitável expressar agressividade e força física.

Da mesma forma, a sexualidade masculina pautou-se muito mais no ter e fazer do que no sentir. Assim, muitos homens não aprenderam a alimentar em seu

cotidiano relações afetivas em que o erótico pudesse ser manifestado unido a sentimentos como o amor. Sexo e afeto, de modo geral, são vividos separadamente pelos homens, e a prática da prostituição nos auxilia na compreensão desse fato.

E esse modo de ser relaciona-se à construção histórica da feminilidade a qual durante longo período esteve vinculada à maternidade e à repressão de desejos sexuais que não estivessem vinculados a fins procriativos.

A construção de nossa afetividade vincula-se ao modo como a sexualidade é vivida nos diversos períodos do desenvolvimento humano. Ao longo de nosso existir, a repressão sexual é a principal marca que levamos conosco em nossas relações.

Nesse sentido, o depoimento do Entrevistado 1 revela uma faceta bastante presente no cotidiano das pessoas após o casamento e, em especial, na maturidade e na velhice: o sentimento de conformismo em relação à expressão do desejo sexual. É uma crença bastante difundida a de que após determinada idade o desejo sexual deixa de existir. Crença essa que encontra raízes na visão da atividade sexual vinculada à reprodução e não enquanto expressão de nossa afetividade, aspecto inerente e essencial ao nosso ser.

O depoimento do Entrevistado 1 evidencia a internalização dessas idéias e de sua aceitação permeada pelo conformismo e pela passividade. Seu horizonte afetivo não é vivido tendo como referência principal seus desejos e aspirações, mas pelo que "os outros" afirmam ser correto, pelo que é esperado e visto como aceitável.

Sendo assim, a maneira de ser-no-mundo desse homem desvela toda uma trajetória social e histórica que permeia a construção da sexualidade a qual dificulta a manifestação do ser, trajetória que só pode ser transformada quando cada pessoa conhecer estes aspectos, refletir criticamente a seu respeito e buscar novos rumos

existenciais em seu cotidiano no mundo, assumindo as possibilidades e também os riscos e dificuldades inerentes ao existir de cada um.

Com relação ao Entrevistado 7, o que mais verbalizou dúvidas e questionamentos relativos à vivência de sua sexualidade, temos uma experiência em que a relação também é percebida como mais "fria" em termos de afeto, paixão, mas no caso desse homem tal acontecimento é por ele percebido, analisado, questionado, sendo que, em alguns momentos expressa, inclusive a percepção de sua responsabilidade nessa realidade. Primeiramente, o Entrevistado, cuja característica principal parece ser a busca por compreender melhor sua relação afetiva, nos diz que sua sexualidade parece estar passando por transformações palpáveis. Ele diz:

> *"(...) parece que a... não sei as coisas parece que ficam mais... não em termos de de... atividade sexual, mas de... visualizar a sexualidade em tudo sabe? (...) parece que você começa a achar que... que 'tá acima do normal mas em termos de observação. Você começa a ser mais sensual eu acho, não sei, eu senti... eu, vê mais sensualidade nas coisas do que eu via (...).*

Não sabe dizer ao certo se essa percepção está relacionada à idade ou à fase do relacionamento propriamente dita. Mais à frente diz: *"(...) parece que intensificou um pouco mais isso aí e... (...) não é que a... potência sexual deve ter diminuído, mas a o desejo parece que aumentou, sabe alguma coisa..."*. Relata que em sua perspectiva a alteração do desejo é momentânea, apesar de ter dificuldade em expressar explicações. Conta ainda que sua percepção dessas transformações *"não é*

boa na verdade porque... é uma inquietude é uma coisa que... parece que foge um pouquinho do controle, 'cê começa a perder as rédeas, eu sempre fui muito é... de de de me... ãh não controlar mas conseguir ãhn... limitar minhas emoções (...).

Expressão de que a cisão razão/emoção está presente em sua vida. Ao sentir algo que não consegue explicar ou controlar, há um certo receio de "perder o controle". Medo de, talvez, entrar em contato com uma faceta de si desconhecida? Feminina? Possibilidade de ampliar sua perspectiva existencial? Quem sabe? Mais uma vez as marcas da história se deixam entrever. No entanto, ao buscar questionar, compreender o sentido dessas mudanças, o entrevistado evidencia o jogo existencial humano em que o velar e o desvelar estão em constante ir e vir.

Outro assunto, citado pelo Entrevistado 7, é a transformação pela qual sua relação conjugal está passando, a qual pode ter relação com a intensificação do desejo, direcionado de modo mais amplo e citado anteriormente. Relata o Entrevistado: *"(...) depois de de do tempo que a gente tem por exemplo de relacionamento tem mais ou menos isso né uns 16 anos (...) já é um relacionamento às vezes desgastado assim que a gente já sabe tudo o que o outro pensa o que o outro fala... né?* Seus sentimentos diante desta realidade? Eis sua resposta: *"(...) tem uma hora que parece que o negócio fica meio, meio... desestimulante né?"*. Em seguida, comenta que embora sem ter certeza a este respeito, uma das possibilidades desse desgaste poderia ser a idade: *"(...) parece que junta junta esse tempo assim do do relacionamento, dele 'tá um pouquinho desgastado junto com essa idade não sei se... se..."*. Seus sentimentos relacionados às possíveis variáveis vinculadas a essa vivência são assim verbalizados: *"(...) é meio confuso a gente não consegue saber direitinho que que começa antes que..."*.

Vivendo essa dúvida diante dessa situação de desgaste na relação, intensificação de desejos e transformações físicas o entrevistado, em sua busca por compreendê-las ou explicá-las, volta-se ao mundo que o cerca. Eis um trecho significativo dessa tentativa, e ao mesmo tempo de sua insegurança pessoal:

> *"(...) eu não me considero um uma pessoa pra falar de relacionamento assim como se eu entendesse porque eu nunca observei o relacionamento dos outros, e o meu eu tive um só e e e o problema é esse se você tiver um pouquinho de experiência ou de vivenciar outros relacionamentos ou de observar, alguma coisa assim, você tem uma referência pra entender o seu também, e saber se é uma coisa normal... (...)"* (Grifos nossos)

Esse trecho é bastante significativo, pois desvela que em sua existência o homem é um ser com-os-outros. Seu mundo-próprio (*Eigenwelt*) está conectado ao dos outros. Ao buscar uma diretriz existencial para suas dúvidas, o Entrevistado 7 vai buscar um ponto de referência, um apoio no mundo externo. Não se sente apto a tecer opiniões certas a respeito do que sente, deve observar, ir atrás de outros referenciais além do seu. É como se necessitasse do outro para lhe dizer se está, ou não no caminho certo. Para saber se o que vive é algo "normal", precisa da concordância de outras pessoas. Sua dificuldade é inerente ao ser humano: como explicar, como estabelecer critérios objetivos, quando o assunto em questão é o que temos de mais íntimo? Nossas emoções e sentimentos são explicáveis?

A realidade é que esse homem sente algo que tem dificuldade em nomear, em

colocar sob o âmbito da palavra, mas que, de qualquer forma lhe é bem vivo, nítido e em relação ao qual não tem controle. Onde estarão as respostas? Talvez esse homem ao tentar buscá-las já iniciou o processo que o possibilite encontrar seu caminho existencial.

Do que foi exposto até aqui, evidenciamos que o principal sentido desvelado com relação à vivência da sexualidade na meia-idade é o de que os homens buscam um relacionamento com uma pessoa, com uma companheira com quem possam compartilhar suas vidas. O outro mais uma vez se faz presente.

A mulher é vista como outro ser com quem eles podem trocar idéias, dividir responsabilidades e sonhos e, com quem podem, quem sabe, alcançar uma maior realização do ser. O que ocorre é que, estando mergulhados no mundo, esses homens ora expressam valores e crenças a ele vinculados, no que diz respeito ao que deve fazer e como deve ser um homem em sua idade (Entrevistado 1), ora se voltam para esse mesmo mundo com o intuito de buscarem um ponto de referência seguro para suas dúvidas e receios (Entrevistado 7).

Ao nosso ver, as falas dos entrevistados nos possibilitaram ampliar nosso horizonte compreensivo por intermédio da interpretação dos conteúdos verbalizados na medida em que nos lançaram diante de um mundo que, muitas vezes, não é conhecido, mas apenas citado tendo como ponto de referência "os outros". Essa compreensão fica evidente diante da riqueza e pluralidade de significados atribuídos por esses homens à sua vida afetiva e sexual, bem como ao modo como se vêem nesse contexto. A dificuldade para alguns em expressar seus sentimentos além de revelar o modo como os homens comumente são socializados – distanciando-se de si, de reflexões e verbalizações relativas a seus sentimentos, dúvidas, incertezas e medos

– pode também desvelar algo que é eminentemente humano: a linguagem não se manifesta somente pela fala, mas também no silêncio. Talvez o não falar indique uma dificuldade que pode não ser somente desses homens, mas do ser humano em geral, na medida em que temos na impropriedade e, portanto, na fala "vazia" do discurso anônimo, nossa maneira de expressar cotidiana e próxima.

Por outro lado, ainda que predominante em nosso dia-a-dia, esse modo de expressão, quando voltamos nosso olhar de modo mais atento e perscrutador ao homem em sua individualidade e subjetividade, quando o interrogamos acerca dos sentidos e dos significados do ser homem, como a sexualidade aqui abordada, vamos perceber que ir além dos véus do desvelamento unívoco, ou do aparente velamento dos modos de pensar e ser é possível, ainda que sob as marcas da dificuldade em expressar verbalmente estes sentidos. Marca socializatória dos homens? Ou o significado de que aquilo de mais íntimo que temos nem sempre é dizível em palavras? Duas possibilidades, duas verdades, característica do existir humano: sua multiplicidade.

Multiplicidade que se desvela e vela, de acordo com a direção de nosso olhar, que traz as marcas do mundo em que vivemos, de nosso tempo, de nossa história, do caminho que percorremos...

Multiplicidade que, ao questionarmos os projetos de vida desses homens, deixa mais um pouco à mostra de que o sentido do existir do homem na meia-idade parece ser sua afetividade, mais uma vez.

Projetos de vida: ser-no-mundo em uma mescla de projetos

Do mesmo modo que nas facetas abordadas anteriormente, – Paternidade e Sexualidade – a maneira como os homens na meia-idade vislumbram seus projetos revela-nos sua maneira de ser-no-mundo, bem como a relação que empreenderam com o contexto sócio-histórico e cultural que compõe o universo em que vivem.

Apesar de terem sido questionados acerca dos projetos de vida vinculados à sua existência, enquanto homens, o principal sentido de suas falas novamente aponta o outro como fundamental em suas relações. Outro aqui que se personifica na figura dos filhos e também na preocupação com os projetos de vida dos mesmos.

Os Entrevistados 3 e 4 não expressaram conteúdos verbais acerca desse tema. Já os Entrevistados 2, 5 e 6 expressaram suas metas de vida para os próximos anos, cada um dentro de sua maneira de viver e se relacionar.

Evidenciamos que a impropriedade e a propriedade existencial dividem espaço no modo de ser dos homens.

O Entrevistado 1, que ao longo de nossa análise tem sua existência bastante pautada no ser pai nos diz:

> *"(...) quer dizer, a situação do pai na atual conjuntura, nessa conjuntura familiar hoje é... esperar pelos netos né, porque eu sinto que eu não tenho mais o que falar, o que fazer e o que participar."*
>
> *"(...) o meu papel nisso* [de pai] *é que não, não, vamos dizer não, não veio a calhar com os projetos entendeu?"*

> *(...) sei lá, eu acho que eu saí, já fui posto de escanteio um pouco mais cedo do que eu esperava. (...) o negócio é conformar e rever os os daqui pra frente o que a gente pode fazer pra eventualmente, não digo retomar a posição de pai, porque pai a essa altura não é muito figurativo."*

Nesses trechos fica bastante explícito que ser homem e ser pai para este entrevistado se enredam, se misturam. Seus projetos vinculam-se ao modo de ser dos filhos e, como sua expectativa de pai não foi alcançada, o conformismo, que já havia sido evidenciado nos trechos de sua fala relativos à vivência da sexualidade, novamente se faz notar com força. Em um único momento, refere-se aos projetos mais específicos enquanto homem, embora dentro do contexto familiar e diz:

> *"(...) vamos dizer uma uma providência natural seria, vamos dizer, viajar. Mas não há meio de viajar porque ela* [esposa] *não admite ficar longe de telefone, ficar longe dos filhos mais do que..." "(...) então no meu caso, vamos dizer, no meu modo de ver 'tá, seria seria a atitude mais natural procurar aproveitar um pouco já que os dois* [filhos] *estão praticamente criados e praticamente formados né, que a gente fosse viver um pouco né, usufruir um pouco a vida e tal".*

No entanto, esse vislumbre do que seria o seu projeto, em que inclui a esposa, no modo como as coisas foram sendo construídas e se configuram na atualidade não

é possível. Mais uma vez a evidência do conformismo: *"(...) Mas no meu caso particular não, isso não é... não é factível, então é esperar os netos né, fazer o que"* (risos).

Para HEIDEGGER (1995), enquanto ser de projeto (poder-ser) o *Dasein* tem abertas a si inúmeras possibilidades de existência. Uma delas é a de aceitação e entrega ao discurso do impessoal, destituindo-se, então, da responsabilidade em relação ao seu ser e, refugiando-se no modo inautêntico de existir. Outra possibilidade se aproxima quando, por intermédio do estado de ânimo da angústia, abre-se a tomada de consciência de que, ainda que lançado de modo inexorável ao mundo e sendo um ser-para-a-morte, cabe a si, e unicamente a si, tomar as rédeas de seu existir assumindo os riscos, oportunidades e, em especial, as responsabilidades por sua vida.

Tendo essas idéias como referência, percebemos que a temporalidade, enquanto faceta inerente do Ser-aí, pode também ser vivida de diversas maneiras. O homem pode projetar-se temporalmente de diferentes modos. Os trechos dos discursos do Entrevistado 1 desvelam de modo nítido o modo inautêntico, impróprio de ser. Mergulhado no mundo dos papéis sociais, das expectativas para desempenhar a função paterna e tendo como eixo norteador a idéia de pai-conselheiro, o Entrevistado 1 projeta-se no mundo por intermédio dos outros. São os outros que lhe concedem a oportunidade de ser alguém. Mesmo que, sob a aparência do comodismo e do conformismo, ele tenha a possibilidade de se ver como responsável por sua existência, como um ser a quem são possibilitadas escolhas e re-organizações em sua vida, sua fala deixa explícito que se satisfez com o conformismo, com o "não tem mais jeito".

Esse não é o único modo de ser do homem, embora não seja incomum. Ao longo de nossa trajetória, percebemos que a autenticidade também se mostra, ainda que de modo sutil, enquanto possibilidade existencial.

O Entrevistado 5 vê no futuro não muito distante, dado que está próximo de se aposentar, a oportunidade de realizar um sonho antigo:

> *"(...) o que eu pretendo... eu quero... terminar me aposentar (...) vou tentar fazer alguma coisa nova... tenho algumas... uma ou duas opções: ou eu vou partir pra agricultura que é um negócio que eu gosto, nasci na roça e tal vou comprar o meu pedaço de terra e vou mexer com isso ou... vou advogar (...)".*

Para esse entrevistado, o momento de proximidade da aposentadoria lhe é bastante significativo, dado que a expectativa é muito grande. Vê nesse momento realmente uma oportunidade para colocar em prática seus projetos. Afirma ainda que *"(...) a família 'tá incluída né, isso aí já 'tá tudo incluído então não é um projeto próprio meu, porque eu não faço nada sozinho entendeu?"* Relevante faceta do ser homem desvela-se aqui: a possibilidade de incluir a família em sua vida sem, no entanto, deixar de viver a sua própria. Ao incluir os familiares em seus projetos, esse homem revela que não há egoísmo em sua tentativa de concretização de um sonho. Por outro lado, explicita que, apesar do laço que o une à família, vive sua vida de modo independente, enquanto ser único que é.

Percebe-se uma diferença fundamental nos modos de ser do Entrevistado 1 e

do Entrevistado 5: o viver para o outro e o viver com o outro.

Por outro lado, o momento da aposentadoria para o entrevistado parece ser de grande importância, como se fosse um divisor de águas. O modo de ver a aposentadoria, ainda que com nuanças peculiares, é expresso também pelo Entrevistado 2.

As falas desse homem revelam uma outra maneira de viver a meia-idade e ver o futuro, ainda que, em alguns momentos, também se aproxime de um ideal construído e alimentado no convívio social: o de que a aposentadoria é um momento paradisíaco, em que todos os problemas seriam sanados. Assim se expressa esse entrevistado: *"(...) a partir do momento que eu aposentasse, assim, é um sonho que a gente tem, né, (...) o grande sonho que a gente pensa, assim, é ir morar numa cidade (...) numa cidade praieira, sabe, onde você tivesse... é, toda tranqüilidade possível"*. Embora tenha uma filha de 19 anos e tenha relatado inclusive sua grande proximidade e afeto, expressa-se de um modo que fica evidente o conhecimento de que em breve ela seguirá sua vida. Neste sentido diz:

> *"(...) assim mas... então a partir do momento que você, os filhos já não vão te acompanhar mais, né, conforme eu já tinha te falado, e você tenha todo o tempo livre que que você pode fazer? Passear, curtir, aproveitar as coisas belas da vida né?"*

O Entrevistado 6, em seu depoimento, amplia nossos horizontes de compreensão de como o futuro é visto pelos homens ao dizer que ao longo de seu trajeto de vida algumas escolhas foram feitas e alguns projetos transformados ou

adiados, mas com sua participação consciente e, até mesmo, com a concretização de uma reflexão constante. Vê no futuro a possibilidade de retomar os projetos adiados. Nessa linha de raciocínio nos diz: *"(...) Eu gostaria como um plano futuro né, não sei como mas é... começar a ficar parcialmente trabalhando numa universidade"*. Essa sempre foi sua intenção, porém devido a uma série de fatores (casamento, morar próximo à família, ter que trabalhar para ganhar dinheiro logo) foi adiada. Mas sua maneira de expressar não coloca a "culpa" nos outros ou nas circunstâncias. As facetas temporais de passado, presente e futuro no existir desse entrevistado parecem estar bastante integradas, apontando o seu discurso para nuanças do modo autêntico de ser. Sua vida é vista como de sua responsabilidade e suas escolhas, bem como os riscos e ganhos a elas vinculadas, também. Este trecho de seu depoimento ilustra essa faceta:

> *"(...) eu... sempre tentei enxergar dois três anos pelo menos na frente ou 5 anos e sempre procurando ver o que era melhor pra mim né... de momento e... de futuro, sem muita ambição, sem muita coisa mas é, sempre olhando pra dentro, tem que 'tar bem consigo mesmo né (...")*.

Já o Entrevistado 7 revela que: *"(...) na verdade eu sinto às vezes algumas... ãh... metas assim pra cumprir com relação a... aos filhos né?"* No entanto, sua fala é diferente da do Entrevistado 1 por perceber sua vida enquanto homem desempenhando outras funções além da de pai. Além disso, diverge do Entrevistado 1, o Entrevistado 7 ainda diz:

> *"E... enquanto isso eu vou tentando viver a vida da melhor maneira possível, a vida no momento mas não 'tô pensando muito em futuro não, pra mim o futuro não 'tá... não 'tá me perturbando nem fico pensando se vai... se vai ser de um jeito ou de outro vou tentar... viver da melhor maneira possível e... sem por enquanto sem projetos".*

Embora possa parecer que há um descaso em relação à sua vida, no sentido de haver um imediatismo evidenciado na centralização no presente, mais à frente esse homem diz, quando está se referindo à sua vida de modo geral e ao seu modo de ver as coisas:

> *"(...) 'cê começa a perceber que... a... o que você tem pra viver é o dia-a-dia (...) então de um tempo pra cá 'cê começa a perceber assim: eu não tenho plano eu... e também não 'tô muito ligado nem preocupado com o meu passado o que que eu fiz o que que eu deixei de fazer eu acho que tudo o que eu fiz precisou ser feito e... e eu vou vivendo cada dia, tanto é que... eu procuro sempre não... não ficar pensando em... férias em... quando me aposentar ou quando isso ou quando aquilo".*

Esse trecho mostra um modo de ser que surgiu a partir de uma constante reflexão a respeito da vida, de como as coisas acontecem. Esse homem parece

perceber que, ao não se preocupar de modo excessivo com o passado ou com o futuro, há mais tempo para viver bem o presente. Ele nos diz logo em seguida: *"pra mim se eu 'tô vivendo bem dia de semana e fim de semana eu tenho que viver bem"*. E a frase a seguir deixa bem claro seu modo de viver e ver a vida em seu aspecto temporal:

> *"(...) Então eu... na verdade eu não tenho planos assim de... de fazer alguma coisa no fim de semana ou fazer alguma coisa nas férias* (fala com certa ênfase as palavras grifadas) *ou fazer alguma coisa no futuro.* (...) *O presente e todos os dias tem que ser... tem que ser legal* (...)".

Evidências de autenticidade? Talvez. Ao menos a percepção de que passado, presente e futuro são facetas da temporalidade, e que seu encadeamento faz com que mais do que se preocupar é necessário viver.

Quanto aos *Projetos de Vida*, percebemos nitidamente que o existir humano é povoado de sentidos e significados os quais evidenciam aqui tanto o modo inautêntico como o modo autêntico de ser.

Alguns assuntos vinculados ao existir humano e que não estiveram presentes de modo direto em nossos questionamentos foram verbalizados pelos homens, tais como: o **trabalho**, a **relação com o corpo**, o **envelhecimento**, razão pela qual abordaremos os mesmos a seguir.

Com relação ao *trabalho* os Entrevistados 2, 5, 6 e 7 a ele se reportaram de modos diversos.

Os Entrevistados 2 e 5, tal como já citamos, referiram-se a ele ao citarem a expectativa em relação ao momento da aposentadoria.

O Entrevistado 6 ao longo de seu depoimento relata que sua vida foi pautada por uma continuidade em que afirma:

> *"(...) eu mesclo muito as coisas* [vida pessoal e profissional] *né. É, de repente eu 'tô no meio de uma reunião eu não deixo de atender um telefonema de um filho meu (...) e da mesma forma o contrário né, num final de semana de repente eu venho trabalhar, eu acho que as coisas caminham juntas e num determinado momento algo é mais importante do que o outro a ser decidido no momento 'tá, então eu não divido muito as coisas não".*

O depoimento do Entrevistado 7 é mesclado com uma referência ao mundo do trabalho, mas com a intenção de inserir um outro aspecto citado apenas por ele e pelo Entrevistado 5: a percepção de *transformações corporais* com a idade.

Além do aumento do desejo sexual, já citado anteriormente, o Entrevistado 7 afirma que a outra transformação percebida e que lhe abalou bastante foi a ocorrida em sua vista. Ele relata que *"(...) da vista só que foi exatamente com 40 anos também que foi uma coisa que me pegou eu fiquei... né? (...) eu nunca achava que eu ia enxergar mal, eu sempre achei que ia ser perfeito o resto da vida* (risos)".

Nesse trecho evidenciamos que, em nosso modo de ser, pensamos que jamais envelheceremos. Não estamos preparados para lidar com as mudanças naturais

relativas ao nosso desenvolvimento. Perceber essas transformações, vê-las concretamente, vislumbrar de modo cada vez mais nítido os limites de nosso organismo nos traz à realidade que permeia nosso existir: nossas limitações, nossa finitude, nossos medos e inseguranças são, mais cedo ou mais tarde, desvelados sob a capa do heroísmo e da idéia de imortalidade que nos acompanha ao longo da vida. Assim, a fala do Entrevistado 7, em relação aos seus sentimentos diante da vivência do processo dessa alteração, é bastante elucidativa:

> *"(...) Ah, a da vista é decepcionante foi porque... a primeira coisa tem gente que às vezes acha ruim de, sei lá, de queda de cabelo, de gordura, de barriga, de não sei que mas o meu foi... nada me incomoda assim sabe? Mas a vista foi... minha vista era muito perfeita, comecei a perceber assim com 39 anos eu já percebi que... eu tinha que, demorava pra focar um pouco as coisas – isso só a vista de perto, visão de perto – aí... chegou nos 40 já... sabe? Demorava um pouquinho mais e eu achando, eu falei 'não, não é possível' e e e aí eu comecei a perceber que não tinha jeito mesmo que eu não... e ela foi assim em 3 anos foi muito rápido o que caiu de visão, de perto então de vez em quando eu falo 'nossa que saudade que eu tenho daquela vista!'"*

Optamos por colocar o trecho inteiro, pois ele nos traz uma série de informações elucidativas do modo como o indivíduo percebe e vive seu corpo e,

conseqüentemente, seu existir. No início fala que uma série de transformações corporais citadas por muitas pessoas como significativas – queda de cabelo, gordura, barriga – não o são para ele. Seu universo e seu modo de viver, portanto, seu existir manifestam-se a partir da especificidade de atribuir significados a uma mudança em especial: a da vista. É esta capacidade de viver de modo único, ainda que inseridos em um mundo, que nos faz humanos. Talvez para outra pessoa a alteração da vista não tivesse importância.

Sua fala exprime outra característica relevante: a de que o ser humano tende a valorizar algo quando o perde. Isso fica evidente quando o Entrevistado 7 se refere a ter a vista perfeita e posteriormente sentir saudade de quando a tinha. Nem sempre valorizamos em nosso cotidiano, características e capacidades que possuímos. Isso, também ocorre muitas vezes em nossas relações interpessoais. Eis a temporalidade que se manifesta. Nosso gerenciamento do tempo se pauta pelo privilégio do presente de um modo impróprio, quando nele deixamos de considerar o que fazemos de modo pleno. Ou nos envolvemos de modo superficial em nossos afazeres e metas, postergando para o futuro o que deve ser realmente significativo, ou privilegiamos o passado, pensando que o que já aconteceu era melhor do que o que está acontecendo no agora.

Olhamos mais para os outros, atentamos mais para o que faremos no futuro ou o que já fizemos no passado e assim, deixamos o tempo nos levar ao invés de levarmos o tempo. Esquecemos, então, que nosso corpo se transforma, nossa vida também, mesmo quando dela não seguramos as rédeas condutoras.

No que diz respeito às transformações que ocorrem na meia-idade, que alguns autores denominam *andropausa*, o depoimento do Entrevistado 5 a elas se refere

ainda que de modo não muito detalhado. Sem muita certeza do significado do termo esse homem expressa que sentiu mudanças corporais vinculadas à resistência física: *"(...) o problema é que nessa fase começa a surgir... problemas de saúde né, 'cê começa a sentir diferencial no corpo, 'cê começa a ficar mais cansado..."*. Diz ainda: *"(...) hoje eu me canso muito mais do que há 10 anos atrás (...).*

Relata que estas mudanças foram sendo percebidas após os 30 anos.

> *"Até, até até os 30 anos você não sente nada, depois dos 30, 30 35 pra 40, digamos, aparece uma... uma mancha no seu olho. Aquela mancha não sai nunca mais. Ah, te aparece uma dor... no tornozelo, aquela dor... pelo menos é o meu caso assim, parece que você vai conviver, você pode até melhorar mas você não sara"*.

Para ele, esse aprender a conviver com as mudanças corporais *"(...) é coisa própria da idade, começa a se manchar, isso aqui não sai mais e isso aqui vai, tudo isso vai acumulando e você vai é... convivendo com isso, você entendeu?"*

Sua fala nos remete a algumas direções. Ao afirmar que é "natural da idade", podemos perceber as marcas do fatalismo, da idéia de que as coisas "não têm mais jeito", facetas do inautêntico. Por outro lado, pode evidenciar que o envelhecimento, bem como suas marcas visíveis no corpo, pode ser vivido como fazendo parte do existir de cada um. Vislumbres do autêntico.

Mais uma vez desvelar e velar, multiplicidade de significados perpassam por nossa interpretação.

O corpo é novamente citado, enquanto alvo de mudanças visíveis e concretas. Uma dor, uma mancha nos remete a ele, nos lembra de que somos nosso corpo. Esse corpo com o qual acessamos o mundo, nos apresentamos aos outros e que somos nós. Corpo que é mais que organismo, dado que as transformações a ele inerentes são mais que naturais, pois somos nós quem as dotamos de sentidos e significados. Significamos nossa relação com nosso corpo, com o espaço em que nos inserimos e com o tempo. Tentar negar as transformações, é tentar negar nossa humanidade, porém podemos em nossa capacidade simbólica re-significar nosso corpo, nosso modo de lidar com o espaço e com o tempo.

A meia-idade masculina vista por nós, sob a óptica da *paternidade*, da *sexualidade* e dos *projetos de vida* foi sendo desvelada em sua miríade de significados os quais foram evidenciados por nós nos depoimentos dos homens. Percebemos a fluidez, a mutabilidade, o emergir de facetas do modo inautêntico de ser, descoberto na maior parte das vezes, deixando entrever, muitas vezes de modo sutil e fugaz, vislumbres de autenticidade, bem como tentativas de trilhar caminhos outros que não os já presentes no mundo.

Tentativas que escondem o ser que se encontra no âmago de cada um. Para chegarmos ao nosso ser, é necessário que tenhamos força para, no silêncio que nos aproxima da angústia, ouvir a voz que diz quem somos. Mas, apesar de tudo, já o sabemos e é por isso que, tal como nos explicita HEIDEGGER (1995), fugimos de nós mergulhando na inautenticidade.

Assim, os discursos dos homens aqui destacados revelam-nos, portanto, fragmentos, nuanças tanto do existir inautêntico como do autêntico.

A fala do Entrevistado 1 evidencia nitidamente que a existência do homem de

meia-idade entrelaça-se com seus papéis sociais, dentre eles destacando-se o de pai. Depreende-se que seu horizonte existencial, enquanto ser de projetos, limita-se ao exercício correto e satisfatório dos papéis sociais aprendidos ao longo de sua vida. Em sua fala revelam-se contradições e conflitos inerentes ao existir humano, mas que o mantêm no modo inautêntico de ser. Ainda que pareça existir uma expectativa de maior participação na vida dos filhos, o que aponta para uma busca de caminhos do exercício menos tradicional da paternidade, quando tal não se concretiza sua existência parece resvalar para o discurso do conformismo, evidenciando a ausência de sua autonomia e autenticidade. Isso porque seu existir revela-se dependente dos seres com quem compartilha suas relações para existir. Ao deparar-se com a não-concretização de suas aspirações, o Entrevistado 1 não evidencia a capacidade de trilhar novos e diferentes caminhos do que os que havia proposto para si.

Nesse contexto *"esperar pelos netos"* evidencia-se como única alternativa existencial.

A fala do Entrevistado 2, ainda que reportando-se a um projeto existencial que muitos alimentam – o de após a aposentadoria viver com tranqüilidade longe do mundo dos afazeres cotidianos do trabalho –, parece indicar que esse projeto é alimentado já em seu existir presente. Sua vida neste momento do hoje não parece evidenciar sentimentos de desagrado ou um aprisionamento do ser cuja libertação ocorrerá num futuro distante, mas em seu discurso o Entrevistado parece mostrar a possibilidade de que o futuro seja uma continuidade de um presente vivenciado de modo prazeroso e de cujas limitações ele tem consciência. Assim, sua fala evidencia a possibilidade de integrar em seu projeto de futuro a percepção de que o vínculo com a filha passará por transformações e que, mesmo tendo consciência das

dificuldades inerentes a essas mudanças, não perde de vista seu próprio ser de projetos, ou seja, de que sua vida e a de sua filha estão entrelaçadas, mas não são dependentes.

O Entrevistado 5, do mesmo modo que o Entrevistado 2, cita a aposentadoria como um momento de grande expectativa. Talvez por não ter vivido tudo o que havia planejado? De certo modo quando diz *"nunca me frustrei muito não, tem muita coisa que você gostaria de ter atingido, mas você não consegue mas é por circunstância alheia à vontade da gente então..."*

Ambigüidade discursiva em que o não se frustrar é verbalizado junto com as muitas coisas que "você" gostaria de ter atingido, mas "você" não consegue por circunstância alheia. Esse modo de se expressar, tal como citado no início da interpretação da temática *sexualidade* é bastante comum. É como se não fosse fácil se colocar no discurso fazendo uso da palavra eu. Marca de nosso medo de ser? De nossa história em que quase não nos percebemos como sujeitos responsáveis? Talvez, dado que "os outros" exercem sobre nós grande poder sem que, muitas vezes, percebamos.

Os Entrevistados 6 e 7 evidenciam que é possível empreender uma reflexão acerca do modo de ser-no-mundo. Seja por uma busca constante de manter vivas crenças e estilo de vida (Entrevistado 6), seja olhando para si em constante exercício de auto-observação e reflexão, ainda que buscando uma referência exterior (Entrevistado 7).

A temática *projetos de vida* nos mostra quão envolvidas no existir do homem estão as exigências de âmbito social. O desempenho de funções sociais no trabalho, na família e na sociedade em geral leva o homem, muitas vezes, a esquecer de si

próprio, mergulhando no mundo e projetando-se nas solicitações que "os outros" lhes apresentam. Seu ser fica então, muitas vezes esquecido e, mesmo nesses momentos que poderiam ser propiciadores de uma tomada de consciência, como no caso do Entrevistado 1 o esquecimento de si permanece manifesto em um sentimento de conformismo e de espera passiva do que o futuro lhe reserva.

Percebemos que, em todos os depoimentos, os outros são fundamentais para a existência dos entrevistados. Nesse sentido, não há como descartá-los de nossas vidas. Entretanto podemos tentar gerenciar nosso existir tomando consciência de que o referencial de nossas vidas somos nós.

CAPÍTULO VIII

QUEM VELA – DESVELA O SER?

EXPLICITANDO SENTIDOS...

Alétheia[*]. Velamento e desvelamento. Impropriedade e propriedade. Ambigüidade existencial. Ter adiante de si a possibilidade de ser-si-mesmo apenas vislumbrada, pois que tal possibilidade só será real com a morte. Ser humano.

A trajetória empreendida abriu-nos ao contato o mundo do homem na meia-idade, mundo que, sendo humano, é caracterizado pela riqueza, variedade e pluralidade de sentidos e significados.

Ao serem indagados, a respeito do modo como vivem esse período existencial, tendo como eixos norteadores a paternidade, a sexualidade e os projetos de vida, os homens explicitam idéias, conceitos construídos sócio-histórico-culturalmente e vinculados ao ideal de ser homem. Por outro lado, apontam-nos para a possibilidade de ser-si-mesmo ou, ao menos, buscar sê-lo, para isso criando e re-criando caminhos em um processo onde a linguagem é fundamental. Isso porque é ela que nos coloca em contato com nossos desejos, dúvidas, anseios, inseguranças e certezas, que nos faz, ou nos impede, entrar em contato com o âmago de nosso ser.

Talvez já houvessem refletido a respeito dessas questões. Talvez não. Mas ao serem interrogados por um outro, ao buscarem a sistematização de idéias e

---

[*] *Alétheia – "palavra grega cuja etimologia 'alfa privativo + velamento' embasa a idéia matriz do método de Heidegger, a matriz velamento–desvelamento".* (STEIN, 1973, p. 125).

sentimentos com vistas a falar para alguém, fizeram importante exercício: o de buscarem responder a si e ao outro que lhes indagou, quem são, como vivem, quais são suas expectativas e modos de ser.

Podemos afirmar, então que, ao analisarmos os depoimentos dos sete homens entrevistados, nossos objetivos iniciais, mobilizadores da realização desta tese, foram alcançados. Seus discursos foram esclarecedores, pertinentes e suficientes para ampliarmos nossos horizontes de compreensão do modo de ser do homem na meia-idade pela perspectiva da vivência da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida. Esses homens, por intermédio de seus depoimentos, explicitaram a pluralidade existencial que envolve a vida de cada homem. Aproximaram-se, ou não, de seu ser, na medida em que revelaram-se na impropriedade ou puderam vislumbrar a angustiante propriedade de ser.

As transformações experienciadas por esses sete homens desvelam aspectos convergentes como a importância dos filhos em suas vidas, o papel que os relacionamentos afetivos e sexuais têm em seu cotidiano, a dificuldade, em maior ou menor grau, para falarem de si, enfim, o aspecto ontológico de sermos-no-mundo-com-os-outros foi explicitado. É por intermédio de nossas relações com os outros que nos constituímos enquanto seres humanos. Não existimos em um vácuo, isolados. Somos seres de história, lançados de modo irrevogável a um mundo que não foi escolhido por nós, mas do qual temos a responsabilidade de mantê-lo ou destruí-lo. Lembrando que, ao destruirmos o mundo, destruímos a nós mesmos enquanto humanidade.

O mundo compartilhado (*Mitwelt)*, uma de nossas facetas essenciais enquanto seres-no-mundo, é evidenciado em sua significação quando os entrevistados

expressam seus anseios vinculados ao papel de pai, à sua vida afetivo-sexual e aos seus projetos de vida.

Relatam-nos suas idéias e expectativas, bem como, quando as mesmas não foram totalmente alcançadas, suas frustrações e sentimentos de resignação e comodismo (sendo que esses relatos foram mais presentes no depoimento do Entrevistado 1). Falam ainda de seu trabalho, das transformações corporais, das dúvidas quanto aos relacionamentos afetivo-sexuais, das dúvidas em sua atuação como pais. Lançados em um mundo, acolhem as idéias, conceitos, normas, padrões que lhes são mostrados. Porém, ao longo da trajetória existencial de cada um, sendo seres únicos, embora mergulhados no mundo das relações, apreendem essas idéias de modo peculiar, ainda que haja manifestações em suas falas dos valores que são sociais.

Nosso modo de ser, portanto, não é exclusivamente nosso, mas é tecido na nossa relação com os outros. O que não significa, e isso é de fundamental importância, que somos moldados pelo meio ou totalmente passivos diante do que nos é apresentado no mundo. Não, tal não ocorre, pois cada ser atribui significados às suas vivências que, apesar de denotarem facetas do mundo em que vivem, guardam aspectos peculiares e idiossincráticos, pessoais portanto. Nesse sentido cada ser é seu próprio projeto, possui a responsabilidade pela direção que sua vida irá tomar, mesmo estando situado no mundo com outros seres e compartilhando idéias, cultura, história.

A riqueza que é a vida humana foi desvelada ao questionarmos os sete homens vivendo no período chamado meia-idade. Significados foram apreendidos e interpretados, porém não podemos dizer que são os únicos. Podemos afirmar que esta

foi a nossa leitura a partir do lugar em que estamos inseridos. No entanto, o fenômeno por nós interrogado – a meia-idade masculina – ao fazer parte do universo humano, do universo do existir do homem nos diz muito dos modos de existência, mas não se esgota, dado que novos sentidos e significados poderiam ser captados a partir de outros olhares, outras leituras.

Tal como nos explicita HEIDEGGER (1995), o *Dasein* é um ser de pro-jeto, de Abertura, possui em seu âmago múltiplas possibilidades de existir, dado que é em seu ser possibilidades. Nesse sentido a linguagem é a mediadora entre ele, seu ser e o mundo. Ao *Dasein* é dada a característica primordial de questionar a si, ou seja, seu ser. Neste sentido nossos questionamentos em relação ao mundo não se esgotam, do mesmo modo que ao buscarmos ampliar nossos horizontes de compreensão da meia-idade masculina o fizemos tendo a certeza de que o mesmo não se esgotaria.

Não queremos dizer, contudo, que não houve compreensão alguma. Ao contrário, percebemos que os homens na meia-idade hoje vivenciam dificuldades seja pela fase do desenvolvimento, seja por serem homens, seja por viverem em um contexto social complexo e em profundas mudanças. Os entrevistados parecem estar buscando novos rumos para suas vidas, ainda que sob a marca da masculinidade construída ao longo de um processo histórico extenso. Deixam transparecer em suas falas a preocupação com o outro, o zelo, a afetividade inerente ao ser.

A busca pelo sentido existencial, a afetividade, o estabelecimento de projetos, ainda que mesclados, muitas vezes, aos dos filhos, permeiam a vida dos homens evidenciando que ao lhes ser possibilitada uma oportunidade de se expressar, de organizar suas idéias, esclareceram-nos e, quem sabe também a si próprios, a respeito da pluralidade de seus horizontes existenciais.

Possibilitaram-nos perceber que há possibilidades de re-pensar, re-significar os valores, normas e crenças aprendidos em seu processo de socialização. Possibilitaram-nos também perceber que, apesar da dificuldade de alguns expressarem verbalmente seus sentimentos e pensamentos, a oportunidade de falar de si foi bem aproveitada. E, ao falarem de si, falaram do mundo em que se inserem, mundo este que coloca um grande peso, uma grande responsabilidade na constituição do sujeito, a partir do discurso veiculado em seu cotidiano, do que "pode" ser feito, do que "deve" ser realizado, enfim, por intermédio do discurso do impessoal que, ao ser acatado pelos seres, lhes oferece a sensação de segurança, de pertencimento ao grupo, de ser humano.

Discurso que fica evidente, por exemplo, na fala do Entrevistado 1, cujo depoimento expressa a busca pela concretização de um modelo de homem e pai autoritário, ainda que não déspota, em que se encontram embutidos a noção de hierarquia, o poder e a sabedoria vinculados à idade cronológica de cada componente relacional. Em sua linha de raciocínio, o pai deveria ser respeitado, ouvido, seus conselhos e diretrizes, seguidos.

Evidente também fica a "fala" do impessoal no depoimento do Entrevistado 7 que se questiona a respeito de seu modo de experienciar seu relacionamento afetivo-sexual como mais "frio" do que no início da relação e da falta de parâmetros externos para saber se "é assim mesmo" ou se esta experiência é vivida "somente por ele".

Duas vivências, duas histórias, um sentido: o de que balizamos muito do que somos no que os outros nos dizem: ficamos mais seguros e tranqüilos, quando nos utilizamos do ponto de referência dos outros seres que compartilham nosso existir.

O impessoal e a impropriedade, desvelam-se como facetas ontológicas do existir do homem, até mesmo de forma mais sutil quando colocam em suas falas expressões como "acho que todo pai sente" "é o que todo pai quer".

Por outro lado, para HEIDEGGER (1995; 1996), o modo impróprio, inautêntico de ser faz parte do existir humano e, nesse sentido não possui nenhum valor comparativo em relação ao modo autêntico. São possibilidades de ser, sendo que a inautenticidade é a que na maior parte das vezes se manifesta no existir humano por já se mostrar ao homem em seu cotidiano. Isso não significa fechamento, impossibilidade de viver de modo autêntico.

Percebemos que há alguns depoimentos que denotam tentativas de sair dessa maneira de ser, de ir além do mero repetir o já dado, seja nas falas dos entrevistados, seja em suas ações. Nesse sentido, os Entrevistados 6 e 7, cada um à sua maneira, deixam entrever que, apesar de viverem em um mundo, buscam analisar como ocorre sua inserção dentro do mesmo. O Entrevistado 6 tenta traçar um parâmetro de vida, um sentido que lhe seja satisfatório, coerente, mesmo que para isso aos olhos "dos outros" pareça meio otário, bobo, por não buscar o que as pessoas "geralmente" buscam, remando contra a maré. Ao longo de todo o seu depoimento, passado, presente e futuro parecem estar unidos, sendo percebidos como um todo que constitui sua vida. Ao fazer escolhas quando mais jovem e revê-las no presente, sua maneira de vê-las não mudou. Percebeu as perdas e ganhos a elas inerentes, assumindo-os em sua trajetória existencial como algo que ele decidiu e, portanto, não se arrependeu. Por outro lado, não deixou de lado seus objetivos traçados que era o de priorizar sua qualidade de vida, que como ele mesmo diz: *"eu acho que as coisas caminham juntas* [vida profissional e vida pessoal] *e num determinado momento algo é mais*

importante do que o outro a ser decidido no momento 'tá, então eu não divido muito as coisas não".

O Entrevistado 7 deixa transparecer, ao longo de todo o seu discurso, questionamentos relativos à sua relação afetivo-sexual. Nuanças de autenticidade dividem espaço com retomadas do discurso "alheio", revelando a incerteza que é peculiar ao existir humano. Apesar de afirmar constantemente não ter tido planos, de ter vivido um casamento meio "inesperado" deixa transparecer em sua fala que havia alguma expectativa, ou seja, alguma representação de como poderia, ou deveria ser o casamento. Quando diz esperar que as coisas não fossem tão monótonas, tão frias, está desvelando uma idéia corrente em nosso imaginário cultural: o de amor romântico. Neste ideal haveria uma pessoa com quem pudéssemos ser felizes, com quem nos realizaríamos enquanto pessoa. No entanto, esse homem de uma certa forma está tentando ir além desse ideal, ainda que seu caminhar seja marcado por tropeços e retrocessos.

Afirma estar feliz, em especial quando vê os filhos, mas ao mesmo tempo diante de uma relação de 15 anos, percebe o distanciamento como algo que o deixa infeliz. Infelicidade, talvez, trazida pela não-realização do "sonho romântico" ou, como ele mesmo diz por ter percebido que as coisas estão como estão por participação ativa de sua pessoa, *"(...) talvez seja mais culpa minha, na minha opinião"*. Tomada de consciência? Possibilidade de autenticidade? No ir e vir existencial, apesar de perceber que sua vida decorre de como ele mesmo age e é no cotidiano, deixa transparecer também o comodismo, a covardia, pois já havia vivido em outra ocasião o esfriar da relação. Diz-nos o entrevistado: *"(...) 'mas já aconteceu e 'cê não mudou nada agora aconteceu de novo e 'cê não muda nada 'cê não...'"*.

Diz ainda *"(...) às vezes eu me sinto covarde (...) o relacionamento não 'tar grande coisa e eu não ter coragem de mudar nada, de deixar o negócio correr pra ver o que acontece (...)"*.

Sua fala é bastante ilustrativa do modo de ser humano: dúvidas, incertezas, questionamentos, medo de errar, comodismo, percepção de que a responsabilidade por sua vida é sua, única e exclusivamente sua... Ser de questionamentos, ser de dúvidas, ser que busca aceitação social, mas ao mesmo tempo é corroído em maior ou menor grau, por novas buscas, novos significados.

Percebemos em nossa trajetória que, ainda que a inautenticidade seja evidente em maior grau em alguns depoimentos, nuanças de autenticidade se fazem vislumbrar. E esse acontecimento mostra exatamente como é ser-no-mundo. Velamento que, por alguns instantes é alcançado pelo desvelar, impropriedade que se deixa varrer por *flashes* da propriedade. Esse é o homem. Esse é o modo de sermos-no-mundo. Esses somos nós.

Ao final desta trajetória vislumbramos algumas paragens significativas as quais serão apresentadas no próximo, e último, capítulo.

CAPÍTULO IX

HORIZONTES...

Ao analisarmos o modo de ser do homem na meia-idade, à luz do referencial ontológico-existencial de Martin Heidegger, vislumbramos facetas fundamentais não somente relativas a essa fase da existência como também ao ser humano de modo amplo.

A impropriedade e a propriedade do existir fazem parte do nosso com-partilhar o mundo com-os-outros em sua temporalidade, espacialidade e historicidade. Não vivemos isolados do mundo e das pessoas, pois trazemos em nosso âmago a volta ao nosso exterior via Cuidado. Somos seres de Cuidado o que implica dizer que somos seres cujo modo peculiar de ser se dá por intermédio de possibilidades.

Podemos ser isto ou aquilo, tendo maior ou menor consciência de nossa parcela de responsabilidade diante dos rumos de nossa existência, mas, mesmo quando nosso ser vela-se, por intermédio de nosso total voltar-se ao exterior, lá continua ele, como que à espera...

Questionar o modo de ser do homem na meia-idade, lançar um olhar em direção à maneira como os homens constroem seu mundo de relações, seu ser de projetos, foi uma das nossas preocupações. Ampliaram-se, assim, nossos horizontes de compreensão do mundo em que estamos inseridos.

Homem–mundo , realidade indissociada que nos remete à reflexão de que não é possível pensar o mundo sem pensar o homem e vice-versa. Mundo que hoje se revela como possibilitador de relações entre os homens até há pouco tempo impossíveis de serem concretizadas como as dissoluções matrimoniais, recasamentos, uniões consensuais e mesmo entre pessoas do mesmo sexo. Por outro, lado há hoje uma certa sensação de perda de referenciais, de que as certezas, construídas ao longo do processo histórico, não mais dão conta de alicerçar o existir. O Caos, a oscilação entre permanência–impermanência, estabilidade–instabilidade, e, conseqüentemente ou talvez concomitante a elas, o consumismo desenfreado, a valorização do ter em relação ao ser, o mergulho cada vez mais fundo na impropriedade, ressoam em nossa maneira de viver no mundo pós-moderno.

Este mundo, por suas características de flexibilidade e mutabilidade, deixa em aberto as possibilidades dos modos de ser impróprio e próprio inerentes ao existir humano. Essas se mostram exatamente porque temos na exacerbação de valores vinculados ao acúmulo de bens materiais, à busca desenfreada pelo lucro, um esvaziamento existencial, demarcado pelo anseio por algo novo, diverso do que se apresenta neste momento à humanidade.

Muitas pessoas estão mergulhadas neste mundo ansiando por corresponder a essas expectativas e valores. Há, ao mesmo tempo, outras que empreendem questionamentos, reflexões e buscas por alternativas em seu modo de existir, para que outros caminhos sejam desvelados.

Essas buscas envolvem, muitas vezes, a tomada de consciência de nossa responsabilidade no modo como o mundo está configurado. O processo de ampliação

do entendimento do contexto em que vivemos nos leva a vivenciar a angústia, a qual possibilita nos percebermos como co-responsáveis por nosso modo de ser.

Assim, a impropriedade existencial, desvelada na busca por manter os valores e normas que alimentam a ênfase na ampliação e manutenção de bens materiais, envolve a participação dos homens em sua exacerbação ou questionamento.

Afinal somos nós que construímos e mantemos nosso modo de ser ou, por meio de uma tomada de consciência, a qual implica em viver a angústia, podemos nos alçar para novos horizontes.

É nessa realidade que os homens na meia-idade por nós entrevistados vivem e explicitam que a impropriedade pode ser mantida por intermédio do comodismo e da insegurança em buscar o novo. Por outro lado, a propriedade existencial pôde ser vislumbrada nos discursos de alguns homens que estão buscando valores e crenças diversos dos predominantes no mundo pós-moderno.

Esta tese traz, então, como horizonte de reflexão a possibilidade de compreendermos que, por intermédio da linguagem, podemos manter a impropriedade de nosso ser fazendo uso do discurso de "todos" que também é de "ninguém", qual seja, o falatório, mas podemos, também, alçarmo-nos à propriedade existencial fazendo uso da reflexão e do mergulho no mais íntimo de nosso ser, vivenciando o silencioso apelo da voz do Ser que se aproxima de nós pela angústia.

A meia-idade, enquanto fase do desenvolvimento que envolve oportunidades de olhar para trás visualizando o que já foi realizado e avaliar o que será deixado às próximas gerações – que nesta tese foi explicitado na fala dos entrevistados quanto à preocupação com o futuro dos filhos –, pode ser importante momento existencial

para reflexões críticas e buscas por novos rumos, seja no mundo pessoal, seja no mundo social.

Esse período da vida mostrou-se como fase da existência em que as possibilidades existenciais vislumbradas no processo de reflexão crítica podem ser ouvidas por pesquisadores e profissionais que trabalham com as diversas instâncias do mundo no qual estamos inseridos: família, trabalho, escola, meios de comunicação e serem transmitidas às gerações que estão chegando.

Somos todos co-responsáveis por nosso mundo, o que implica dizer que podemos, em cada uma das instâncias citadas acima, empreendermos nossa busca pela compreensão e interpretação de nosso modo de ser bem como por suas transformações de maneira a que nosso ser possa ampliar-se e aproximar-se da autenticidade.

Podemos afirmar que esta tese desvelou que o homem na meia-idade, ao questionar seu mundo, o modo como construiu valores, normas e crenças pode contribuir para que seus filhos e pessoas que com-partilham seu mundo venham a vislumbrar alternativas existenciais diferentes daqueles que predominam no mundo atual.

Vemos, nese contexto, nitidamente a pluralidade e a multiplicidade de possibilidades que caracterizam nosso existir na qual podemos com maior ou menor percepção e consciência de nossa responsabilidade, realizar escolhas. Essas poderão contribuir para manter o mundo tal como está ou mostrar alternativas em que o ser de cada um seja vislumbrado e valorizado. Vemos mais: a responsabilidade que cada ser humano tem em relação a este mesmo existir, pois somos nós que fazemos e refazemos nossos caminhos e, ao fazê-los podemos desconstruir ou manter a maneira

como nos relacionamos, bem como as idéias, crenças, valores e sentimentos a ela envolvidos. Essa responsabilidade envolve inúmeros aspectos de nosso círculo existencial e hermenêutico: política, educação, economia, família, escola, relações interpessoais, meios de comunicação e nossa afetividade vivida no cotidiano. Relações mediadas pela linguagem, povoada de sentidos e significados cujas alterações estão única e exclusivamente sob a responsabilidade de cada homem.

As idéias de Martin Heidegger utilizadas nesta tese nos levam a compreender de modo explícito que o binômio homem–mundo envolve uma relação indissociável sob a mediação simbólica concretizada na linguagem. Relação povoada de infinitos sentidos, tantos quantos couberem nas possibilidades existenciais humanas. Relação que se vela e desvela no modo como somos, manifesta na linguagem...

Mundo humano que aí está para ser, sempre, um pouco mais descoberto, ainda que pela marca do velamento. Horizontes que se descortinam, talvez apenas vislumbrados neste momento de nossa trajetória. Na realização de pesquisas, na continuidade de estudos conduzidos pelo modo fenomenológico de ver e refletir sobre o mundo, na busca por aprofundar a compreensão das possibilidades da hermenêutica para o campo da Psicologia anuncia-se, fortemente, o próximo horizonte para o qual nosso olhar se dirige.

Compreender o ser humano, interpretá-lo em seu existir. Caminho com inúmeras paradas, clareiras iluminadas, trechos de maior escuridão. A hermenêutica se mostrando enquanto uma entre tantas possibilidades de guia neste caminho. Metodologia que se vislumbra, à frente, como objeto de estudo.

Anexos

Anexo 1

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA
DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CEP. 14048-900
RIBEIRÃO PRETO - S.P.
BRASIL

CAMPUS UNIVERSITÁRIO – MONTE ALEGRE
FONE: 602-1000 - FAX (016) 633-1144

Ribeirão Preto, 03 de setembro de 1999

Ofício nº 2477/99
CEP/SPC

Senhora Professora:

O trabalho intitulado **"SER PAI: A VIVÊNCIA DE PAIS DE ADOLESCENTES"**, foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em sua 71ª Reunião Ordinária realizada em 30/08/99, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo HCRP nº 5482/99.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.

PROF.DR. SÉRGIO PEREIRA DA CUNHA
Coordenador do Comitê de Ética
em Pesquisa do HCFMRP-USP

Ilustríssima Senhora
Profa. Dra. MARIA ALVES DE TOLEDO BRUNS
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Depto. Psic. e Educação
Em mãos

Anexo 2

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO

(Anuência do entrevistado)

(De acordo com a Resolução nº 196/96 sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde - Brasília - DF)

Nome da pesquisa

Horizontes do existir masculino: Paternidade, sexualidade e projetos de vida do homem de meia idade.

Pesquisador responsável: *Ellika Trindade*

Registro profissional nº - CRP 06/ 47796-5

Descrever abaixo as informações dadas aos entrevistados sobre:

1 - A justificativa e o objetivo da pesquisa;

2 - Os procedimentos que serão utilizados e seu propósito.

As informações supra citadas devem ser redigidas em termos simples conhecidos pelos participantes e de forma que possam entender:

Sr. pai:

Sou psicóloga, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP Ribeirão Preto, em nível de Doutorado e estou realizando uma pesquisa acerca da masculinidade nos dias atuais.

Objetivos: Explicitar o modo de ser do homem de meia idade tendo como veios norteadores desta investigação a vivência da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida. Busca-se compreender como estes aspectos são vivenciados por homens com idade entre 40 e 50 anos e que significados estes homens atribuem a eles em um momento sócio-histórico que passa por transformações tanto em nível

macro (relações de trabalho e família) como em nível familiar (novas possibilidades de exercício do masculino e do feminino, da paternidade e maternidade, maior liberdade sexual dos filhos, vivência de uma fase de transição por parte dos homens, vivência da meia idade).

Justificativa: Sua relevância social justifica-se no sentido de ampliar a visão acerca das necessidades e problemas do homem de meia idade, auxiliando na atuação de profissionais das áreas da saúde, educação, considerando a sociedade como um todo.

Procedimentos: Para poder conhecer acerca do modo como o homem vivencia seu existir em um momento específico de seu desenvolvimento – a meia-idade – tendo como focos de atenção a *paternidade* (seus significados para este homem e quais são os sentimentos envolvidos); a *sexualidade* (como vivencia suas relações afetivo-sexuais nesta fase da vida) e seus *projetos de vida* (o que realizou até o momento e o que almeja realizar), faz-se necessário um contato com homens nesta fase de desenvolvimento, preferencialmente com idade entre 40 e 50 anos, que sejam pais de adolescentes, solicitando-se deles que falem livremente sobre o modo como estão vivenciando estas facetas de suas vidas.

Este contato será mediado pela questão: *"Agora que você está vivendo a meia idade e seu/ sua (s) filho/a (s) está (ão) na adolescência gostaria que você falasse a respeito de como você percebe este momento de sua vida, ou seja, como está vivenciando a paternidade, sua sexualidade e mesmo seu projeto de vida"*. Caso necessário esta pergunta pode ser apresentada de outras maneiras quais sejam: *"Como você se sente com a chegada da meia idade sendo pai de filho (a)/ filhos (as) adolescente (s), como você está vivendo sua sexualidade e seus projetos de vida?"* ou *"Com a chegada da meia idade gostaria que você falasse sobre os significados da paternidade, de sua sexualidade e de seus projetos de vida neste momento de sua vida"*. Será, então, solicitada permissão para gravar a entrevista, uma vez que esta possibilita uma melhor apreensão do que o entrevistado disser. Todavia, caso o entrevistado não concorde em gravar, serão utilizadas anotações por escrito.

A pesquisadora colocar-se-á à disposição para esclarecimento de dúvidas em relação aos objetivos e procedimentos do estudo.

Eu (Nome do entrevistado)_____RG n º (_____) após tomar conhecimento das informações referentes à minha disposição em participar desta pesquisa, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar do trabalho, declarando conhecer os termos da Pesquisa, bem como afirmo que minha participação é totalmente espontânea e livre.

1 - O local e o horário da entrevista a ser realizada serão escolhidos pelo participante da pesquisa.

2 - Sendo uma pesquisa que envolve conteúdos pessoais e íntimos, haverá a garantia de que o nome do entrevistado e o de outras pessoas citadas em seu depoimento não aparecerão em momento algum na pesquisa, mantendo-se sigilo completo da entrevista.

3 - A qualquer momento em que desejar interromper sua fala ou desistir de dar seu depoimento, o entrevistado será prontamente atendido.

Após estes esclarecimentos, solicito ao prezado Sr. que date e assine este termo, o qual será assinado também pela pesquisadora e do qual existem duas cópias, uma delas ficará com o entrevistado e outra arquivada com a pesquisadora.

Local e data: _____

Assinatura do entrevistado:_____

Assinatura da pesquisadora:_____

Anexo 3

ANEXO 3

DADOS DE CLASSIFICAÇÃO
A. Quem é o chefe de família aqui (lá) na sua casa?
( ) O próprio entrevistado ( ) Outrem:_____.
B. Qual foi o grau de instrução que o Chefe de Família obteve?
Qual o último ano de escola que Chefe de Família cursou?

	Pontos ABIPEME
Não estudou	0
Primário incompleto Primário completo	5
Ginasial incompleto Ginasial completo	10
Colegial incompleto Colegial completo	15
Universitário incompleto Universitário completo	21

C. Na sua casa tem... (CADA ÍTEM ABAIXO)

	NÃO	SIM
Aparelho de videocassete / VCR	( )	10
Máquina de lavar roupa	( )	8
Geladeira	( )	7
Aspirador de pó	( )	6

D. Quantos... (CADA ÍTEM ABAIXO) existem em sua casa?

	Número de ítens possuídos / pontos						
	Nenhum	1	2	3	4	5	6 e mais
Carros	0	4	9	13	18	22	26
TV a cores	0	4	7	11	14	18	22
Banheiros	0	2	5	7	10	12	15
Empregada mensalista	0	5	11	16	21	26	32
Rádios	0	2	3	5	6	8	9

CLASSES

A (89 pontos ou mais)	( )
B (59 a 88 pontos)	( )
C (35 a 58 pontos)	( )
D (20 a 34 pontos)	( )
E (0 a 19 pontos)	( )

Tabela de Classificação Socioeconômica modificada da elaborada por ABA e Abipeme. (CLASSE A, 1991, p. 11)

Anexo 4

Entrevistado 1. 49 anos, casado, securitário, 1 filho de 21 anos e 1 filha de 18, nível sócio econômico A.

P. Agora que você está vivendo a meia-idade e seu/ sua (s) filho/a (s) está (ão) na adolescência gostaria que você falasse a respeito de como você percebe este momento de sua vida, ou seja, como está vivenciando a paternidade, sua sexualidade e mesmo seu projeto de vida.

R. O Ellika a questão é a seguinte, agora que porque o que ´tá acontecendo é o seguinte os meus filhos ‘tão estão adolescentes só que saíram de casa, né, saíram, quer dizer foram estudar em X., então... vamos dizer é a paternidade à distância né, quer dizer eu passei, o período anterior foi período de convivência maior, com os dois né e...A nível... bom, aquela história, eu sou do... eu tenho uma formação mais ou menos rígida né, minha mulher não, minha mulher já é mais... aberta mais liberal e tal. E eu sempre fui, eu sempre fui da opinião de que dois pais, ‘tá têm que vamos dizer, manter uma certa... uma certa autoridade né, conseqüentemente o que que acarreta isso acarreta em... em não se abrir muito ‘tá. Não que bloqueie informações nem que... entendeu, mas pra poder... eventualmente dar um respaldo né, pra outra parte, no caso a mãe né que, por conviver mais tem o tempo, ela praticamente é obrigada a manter um relacionamento mais mais estreito com com os filhos entendeu? Pra pra provocar uma... um canal de acesso livre pra eles, no caso de qualquer problema que haja. É aquela história, vamos dizer, a nível do que... do que enfoca a pesquisa... a parte que... dos conhecimentos sexuais e tal ‘tá em casa essa conversa sempre foi totalmente franqueada tá? nunca houve um bloqueio, nunca houve coação nem nem nem nem constrangimento tá, de se abordar qualquer assunto que fosse, tá, pertinente a essa área. Desde pequenininhos eles... vamos dizer, já ouviam quer dizer entendeu, vamos dizer o sexo nunca foi tratado como um tabu, tratado como uma coisa... às quais as crianças não estivessem acessíveis, tá, a não ser pra... depois da maioridade e com isso o que que houve, vamos dizer, houve uma... um reflexo a nível de... dos coleg dos amigos deles ´tá no sentido de buscarem em casa, na nossa casa ´tá, esclarecimentos que eles não tinham com os pais ´tá? Aquela história, vamos dizer, pra eles era motivo de de de de, pra eles e pra nós também né, sempre foi um motivo de orgulho né porque, pelo fato de nós nunca bloquearmos esse assunto, ´tá, eles comentaram com os amigos né e os amigos por não terem esse acesso em casa vinham, claro que não não não abertamente mas... né... pegar... pegar esclarecimentos né ‘tá, lá em casa.

P. E como que era isso, era aberto?

R. Não não não é que... vamos dizer não é que... a gente conversava sobre sexo 24 horas por dia entendeu? Mas vamos dizer, qualquer questão que fosse levantada, ´tá, não era motivo de de de de risada nem de de “não isso não é hora pra conversar sobre isso” entendeu, não tinha essa restrição. É aquela história, vamos dizer, de vez em quando os colegas iam estudar com eles lá em casa e tal e aquela história, na hora do

recreio, né que era a maior parte do tempo ficava-se batendo papo tal quer dizer nem tanto eu porque eu saio mais pra trabalhar, e ficava ficava a minha mulher em casa e eles faziam, vamos dizer, faziam... que no começo é aquela história, vamos dizer, os de fora né por terem por terem ainda um certo... melindre na abordagem desse tipo de coisa.... tentavam ridicularizar, mas aí aos poucos eles iam, tá, convergindo pro pro pro... pra seriedade do assunto, entendeu? E aquela história vamos dizer, pra mim e pra minha esposa sempre foi motivo de de de de orgulho, tá, saber tratar com as crianças de qualquer assunto, tá, de forma tranqüila como nós estamos conversando aqui, 'tá? Agora... qual outro aspecto que você queira que você... teria necessidade da abordagem?

P. Os aspectos foram os citados na pergunta e você fala como é pra você, como você está vivendo.

R. Bom, é aquela história, vamos dizer... eu graças a Deus... tenho tenho tenho orgulho de dizer que... vamos dizer que nós dois criamos os filhos... é, com a cabeça no lugar entendeu? Quer dizer... todos... desde pequenos, desde pequenos eles sempre tiveram... inclusive eu, particularmente até até... tentei de uma certa forma coagir essa liberdade porque... minha mulher, quer dizer, pra minha mulher, pra minha mulher não, pros meus filhos a minha mulher era uma irmã deles entendeu? Então é aquela história é... a nível de hierarquia ´tá, ficou um pouco comprometido 'tá, por conta desse, desse comportamento dela. Agora... por outro lado, vamos dizer, eles sempre sempre se expressaram da da... dos problemas deles da.... abertamente, ´tá. Quer dizer hoje em dia, por exemplo, hoje em dia eu sinto até um pouco de de de de dificuldade ´tá, em tentar mostrar com palavras ´tá o que que é certo e o que que é errado ´tá, porque... porque eles praticamente adquiriram a... eles acham [com ênfase] ´tá? Que adquiriram conhecimento de vida né. E... aquela história, nessa nessa fase atual meu filho ´tá com 21, minha filha ´tá com 18... Não há Santo que faça eles acreditarem naquilo que a gente tenta... mostrar, entendeu? É aquela fase da da da tem que levar porrada pra... pra errar pra aprender entendeu? Porque o pai não... o pai é burro é obsoleto né, não viveu, não tem experiência que eles têm hoje, né? Por outro lado... eu não sei, eu sinto, eu sinto que... da parte deles, ´tá, vamos dizer, se fosse, fosse, se tivesse sido um ambiente ruim ´tá, eles estando em X não veriam necessidade de... de ´tar vindo com freqüência pra passar fim de semana em casa essa coisa toda 'tá? Então eu acho que dessa forma é uma... quer dizer, é claro que eles não abrem o jogo né mas, sei lá, eu sinto que eles ainda... sentem falta do do do do... sei lá, da da união da família, entendeu? Quer dizer, adquiriram as rédeas mas... não têm, entendeu, não têm convicção plena de que estão preparados pra... pra... pra encarar a vida lá fora. E muitas vezes eles apelam pra.... –se bem que eu ´tô falando mais deles do que da paternidade né? – mas... eles... eu sei, eu sinto que eles, vamos dizer... filtram aquilo que a gente fala, ´tá? Muito embora eles não abram, não deixem transparecer ´tá que eles ´tão aceitando parte daquilo que a gente tenta expor a eles, né? Agora, sei lá, o que mais a gente pode falar de paternidade? Dá uma uma diretriz mais ou menos porque... é o tipo da coisa, vamos dizer eu não sou muito... né... extrovertido pra... pra... abordar esse tipo de assunto, mesmo porque eu não tenho experiência em entrevistas assim... [risos]

P. A idéia é você falar como que é... como que você vive. Como que é ser pai, como é ser homem nesta fase...

R. Não, não hoje é aquela história, hoje é... pai, pai pai carteira né? Porque, vamos dizer... o que a gente tinha que... instruí-los, né eu acho que já foi instruído embora, é aquela história, vamo dizer, vamo dizer, você nunca, nunca, nunca, nunca esgota a oportunidade de tentar transmitir alguma coisa a eles. Só que na atual conjuntura... sei lá eu acho que... que eles já estão buscando fora, ´tá, o que eles acham que 'tá, quer dizer, não digo que eles estejam buscando fora mas eles acham que o que a gente fala hoje já é, vamos dizer, é é... repetitivo, 'tá, então... vamos dizer... não tem, não nos consultam tanto quanto antigamente, 'tá? É claro que, vamos dizer, sempre sempre existe o... vamos dizer... um bate papo sobre... troca de idéias sobre determinados assuntos e tal mas... nada nada mais vamos dizer que parta, única e exclusivamente da iniciativa deles, ´tá, às vezes a gente tenta aproveitar, tem algum material que que ou passa na televisão, ou então que o jornal traga e tal, só que aí começam aqueles conflitos, né, quer dizer, cada um tem a sua opinião, se bem que também se tivesse uma opinião só não teria graça, mas eles não aceitam os argumentos da gente, acham, já cai naquele esquema de que você é velho né?

P. E como é pra você isso que você fala?Como você se sente nesta fase da vida, envelhecendo?

R. Não, não, não, não, você sabe que... não, não não [com certa ênfase]
É aquela história, vamos dizer...eles sempre brincaram negócio de velho, essas coisas todas. Eu não me considero velho de forma nenhuma mas... é claro que... vamos dizer, existe uma uma uma certa distância de... de épocas de vida né, entendeu? Vamos dizer, nestes últimos tempos da... com a evolução tecnológica e tal, vamos dizer, com alguns assuntos a gente deixa escapar, com os quais eles, não. Então, muitas vezes eles se se vangloriam de dominar determinado tipo de assunto entendeu? Computador. Computador é um negócio que eu sou totalmente, totalmente eu não digo, mas... sou bem mais lerdo que ele, do que meu filho, minha filha já é mais outra cabeça, minha filha é mais pro social. Pro social "perua", não pro social, socialista não[risos]. Então ela não ´tá muito ligada nesse... na parte de dominar tecnologia, essas coisas. Mas é aquela história a gente a gente de fora fica observando, eles manipulam esse tipo de coisa com muito mais desembaraço do que a gente, entendeu? Mesmo porque é aquela história, eu, sei lá, aí é mais pessoal, existe aquele bloqueio nosso também né de... tentativa e erro, né, quer dizer 'cê põe na cabeça que você chegou na idade que você não... que você não se admite mais ser passível de cometer erros bobos né, o que quer que seja 'tá, quer dizer então o bloqueio agora é, o bloqueio é inverso né, não não não que a gente não recorra a eles pra determinado tipo de informação... mas eu acho que chegou naquele limiar em que se você abre muito, tá, ele vai se achar superior né? Ainda não é o, ainda não é, sei lá do meu ponto de vista, tá, ainda não chegamos neste ponto da da da inversão dos valores, 'tá?
Aquela história, vamos dizer, eu me preocupo com os dois, 'tá, de formas diferentes né? Por exemplo, meu filho. Meu filho 'tá fazendo engenharia na P. 'tá só que, é aquela história, vamos dizer, genética não, nunca falha, como tanto minha mulher

quanto eu nunca fomos grandes alunos na escola, muito pelo contrário, e ele não, ele pô ele sem cursinho, sem nada prestou e entrou na P., então, quer dizer, isso pra ele já é um ponto de de vantagem sobre a gente entendeu? Só que, essa é, vamos dizer, ele pôs na cabeça que em ele indo pra X., que ele adquiriu vida própria 'tá, então relaxou. E se coloca a questão naquele ponto, como ele está fazendo P. que a gente não paga o estudo, nós não temos a obrigação de cobrar. Então, é aquela história, o bicho 'tá marcando passo lá já fazem três anos, três não, quatro e não passou do terceiro ano. É aquela história, vamos dizer, a gente sabendo do potencial dele isso de uma certa forma... sei lá, dá um certo desânimo entendeu, porque, vamos dizer, ele poderia se auto-aproveitar muito melhor né se ele, vamos dizer, se sacrificasse mais cinco anos, tá, pra depois passar a viver a vida, vamos dizer, não vou dizer que ele viva, passe necessidade, mas ele não tem uma vida farta, 'tá, como estudante, o custo de sustentá-lo em X não nos permite, vamos dizer, dar um... uma mesada né que lhe fosse satisfatória. De uma certa forma nós também nos forçamos a isso pra ver se se... provocava nele vamos dizer uma iniciativa de sair pra procurar alguma coisa pra fazer fora. Só que o duro é o seguinte, vamos dizer ele procurou só que ele procurou ligado única e exclusivamente à carreira dele, então ele trabalha num escritório piloto, tá, de de E. só que não lhe remunera em nada, né, quer dizer eu 'tô vendo que ele 'tá se tornando um idealista, 'tá. Esse aí nunca se preocupou muito com o bolso entendeu? Esse sempre foi mais... mais de viver a paixão dele do que do que em... do que se... como se diz? Se tornar rico. Já por outro lado, a minha filha é o contrário. A minha filha ela... não é chegada no estudo, 'tá, foi pra X esse ano pra fazer cursinho porque não entrou no vestibular, só que o que que acontece vamos dizer, também. Ela sabe que nos custa caro né, então como ela não vai ter uma passadio muito bom, que que ela fez a primeira coisa que ela fez foi correr atrás de um emprego. Já arrumou um emprego, esse emprego 'tá sacrificando ela com o cursinho, 'tá, e por mais que a gente fale por mais que a gente cobre ah... 'tá mais disposta a se dedicar ao trabalho do que do que ao estudo entendeu? E vem com aquele papo de que não sabe o que vai fazer ainda, porque "era isso mas agora eu 'tô vendo que não é..." então, quer dizer, então 'tá lá, 'tá só "peruando" e... quer dizer, agora com esse primeiro emprego, a hora que ela puser mão no dinheiro, no próprio dinheiro, aí que eu quero ver o que que vai virar, muito embora eu vou dizer, ela... ela é uma pessoa assentada, 'tá? Mas é... é muito vaidosa e muito senhora de si, apesar de ser, vamos dizer pra mim 18 anos não é nada, né, pra ela ela já acha que é tudo, quer dizer, entendeu? Então eu não sei, a minha preocupação é maior com ela do que com ele. Agora quanto a a... quer dizer à sexualidade nessa fase, quer dizer, o meu filho, se teve alguma experiência foi muito pouca tá? Já a minha filha não, a minha filha, o relacionamento dela com o namorado já é um negócio bem mais aberto, já... já chegaram às vias de fato [tosse] vez por outra viajam juntos, tá, mas é aquela história vamos dizer, por um lado... que a gente fica sabendo né, vamos dizer que... o sexo hoje 'tá muito mais, muito mais... não digo liberal, muito mais aberto do que na nossa época então o que que acontece, como a gente conhece a fundo o namorado dela, entendeu, quer dizer que a gente sabe que ele é uma pessoa com a cabeça no lugar e tal, pessoa mais velha que ela, então... sei lá é aquela história, vamos dizer, nós chegamos conversamos com ela quando ela... quer dizer ela já toma pílula exige camisinha, essas coisas todas, quer dizer, então, já era! Essa não não não tem mais o que reprimir nesse aspecto, então, quer dizer, eu eu eu pra mim ainda me causa uma certa estranheza esse tipo de de relacionamento né, não que eu, que eu que

eu que eu me revolte porque é aquela história são três contra um em casa né, então pra passar por carola, né tem que acabar se forçando a... acostumar o ouvido com isso né, que não me deixa numa posição muito tranqüila não me deixa não.

P. E como que é isso?

R. Ãh?

P. Como que é isso pra você?

R. Não, aquela história, vamos dizer, eu no caso, vamos dizer eu falo nas entrelinhas, 'tá, que eu não sou totalmente favorável, nem nem nem quero ficar sabendo, 'tá, dessas coisas. Já a minha mulher me conta que, vamos dizer, tudo o que acontece, não não detalhes, mas, mas tudo o que acontece ela, a minha filha, conta pra ela. Então vamos dizer, a tratativa nesse... entre as duas é totalmente... como se fossem duas amigas, entendeu? E... vamos dizer, e a recíproca também quer dizer ela ela a minha mulher procura... né não é que fique especulando a respeito né, mas procura sempre tentar cada vez mais abrir o caminho para que ela não se, vamos dizer não se não se... se sinta totalmente à vontade pra, pra pra né? E eu só fico sabendo dos relatórios né? [risos] É, então é aquela história, eu me manifesto mais com a minha esposa né, sobre isso mas como a distância de de de de abertura é muito grande quer dizer.... ela acha que eu 'tô... que eu "tô fazendo papel de de de otário, otário entre aspas né? Parece que eu 'tô sendo muito conservador pros dias de hoje. Eu não pretendo mudar minha posição sobre isso. Por que? Porque há questão de dez anos atrás quando minhas sobrinhas mais velhas começaram a ter relações, 'tá, minha esposa se manifestava totalmente... contrária, né, a esse tipo de de liberalismo da, da... parte delas. E eu, vamos dizer, nunca mudei minha opinião, eu sempre... eu sempre expus que, vamos dizer, que... sei lá, eu acho que deve haver um... tudo bem não não, quer ter sua relação tudo bem, mantenha sua reserva, 'tá não precisa ficar também né, abertamente, pô. Hoje a minha esposa exige que eu conceda o direito da minha filha, vamos dizer, trazer o namorado pra casa 'tá? Eu ainda não deixo não. Então ainda, assim, ainda existe da minha parte uma certa reserva quanto a isso, que eu, sei lá eu não... eu sei que ela que ela que ela que ela, tem relações 'tá, não posso, quer dizer, é até ridículo da minha parte tentar coibir, né, mas... eu só exijo que, sei lá... quer dizer, eu eu ainda não dei o meu alvará e pretendo não dar tão cedo, pelo menos pra dentro de casa. Em contrapartida, quer dizer eles argumentam que é muito mais seguro minha filha estar dentro de casa do que estar fora. Não sei se... Eu fico ruminando esse tipo de coisa mas eu ainda não consegui engolir não. Não que, é aquela história, não que não sejam dois pesos e duas medidas 'tá, eu também não não admito que meu filho traga uma menina de fora, né? Porque casa é casa, 'tá não que, não que vamos dizer que seja relacionamento sem sem sem maiores sem maior profundidade entendeu, quer dizer, ela já namora há dois anos com esse mesmo rapaz... Porque é aquela história, eu sou da seguinte opinião não faça aos outros, né, o que não querem... então... sei lá.
Mas eu vejo o seguinte, vamos dizer, a minha filha, por ser do tipo mais social, mais perua, ela é muito mais voltada pra pra pra parte sexual do que o meu filho entendeu? Então sei lá eu acho que... basicamente o dilema que nós estamos vivendo hoje, quer

dizer eu [com ênfase] particularmente 'tou vivendo, porque pra minha esposa isso aí já é caso encerrado, é mais esse, é aceitar, não aceitar, quer dizer aceitar a gente aceita, mas tentar manter uma certa reserva, 'tá? É... não soltar a guarda total 'tá pra não, pra não, sei lá, não ficar um negócio muito permissivo demais, sei lá, a minha posição sempre foi essa e por enquanto continuo mantendo 'tá, pode ser que... seja obrigado a ceder à pressão dos tempos e à pressão dos jovens mas por enquanto não... Então basicamente seria isso.

P. É você que... se quiser falar de mais coisa, o que que você considera significativo, alguma coisa que você acha que não tenha falado...

R. Não, eu acho que eu falei tudo.

P. ...do significado de ser pai, homem, da sua sexualidade.

R. Não, aquela história o significado de ser pai. Eu fui camarada que casei, casei com 27 anos praticamente... quer dizer... 27? 27. É, é isso aí, entende? Então... sei lá, eu não pretendia 'tá, ser avô dos meus filhos, né, então praticamente o nosso casamento... foi mais voltado já a a a a partirmos em busca de de de... de ter filho logo, entendeu? Não casamos grávidos, 'tá, por que? Porque a contingência na época também não... Não, não, quer dizer, porque em primeiro lugar nós nos preocupávamos com... como era a sociedade paulista, quer dizer havia um certo... receio em chocar... então... vamos dizer, nós casamos aí fomos morar no Pará né? Então, quer dizer, tudo isso por um lado retardou um pouco a.... a partida em busca dos filhos, 'tá?. Só que, aí é aquela história, vamos dizer, por um lado 'cê 'tá lá no meio da mata lá do Pará e... por outro lado existia aquele negócio de não ser avô dos filhos, entendeu? Então... seja o que Deus quiser, quer dizer, fomos logo no primeiro ano já já, ela já engravidou já teve o primeiro. Aí por problemas psicológicos, teve distúrbio, glândula, essa coisa, engordou um pouco tal, tivemos que esperar um pouco pra ela emagrecer pra ela ter o segundo porque a idéia já já era liquidar o assunto né... entendeu?

P. A idéia era dos dois?

R. É, é dos dois, porque? Porque aquela história se você cria uma diferença muito grande do mais velho pro outro, praticamente vamos dizer, eles não vão se se se se juntar né, tanto pra trocar, pra brincar, quanto pra.... pra serem companheiros um do outro, né? Então quer dizer são... o que que é... dois anos e um pouquinho de diferença entendeu? Que graças a Deus deu certo, 'tá? eles se dão super bem porque sempre foi a nossa maior preocupação né? É claro, de brigas não há casa que não haja, mas... vamos dizer, pelo menos cresceram juntos, sempre se se se ajudaram um ao outro inclusive contra nós [risos] Mas graças a Deus eu me considero um pai realizado. Quer dizer, falta alguma coisa ainda né, vamos dizer, falta a gente ver os dois encaminhados na vida mas por enquanto... eu sou... meu Deus, até hoje só me deram prazer. Eu posso dizer que eu sou um pai satisfeito. Não tenho frustrações,

vamos dizer, eu poderia fazer isso pra eles... eu sei que o que nós pudemos fazer foi melhor do que aquilo que eu tive. Que eu sei que é sempre o que a gente busca né, vamos dizer, é dar pros filhos uma condição de vida melhor do que... né? Então Ellika eu acho que é basicamente isso. Não sei se... vai ajudar... O que eu poderia te dizer na minha idade é isso aí, o meu sentimento né?

P. Quer falar mais alguma coisa?

R. Não, creio que não.

OBS. Como não este entrevistado não abordou as facetas da sexualidade e de seus projetos de vida foi realizado novo encontro, o qual encontra-se abaixo.

P. Como conversamos em nossa conversa anterior você falou bastante da paternidade, da relação com seus filhos, das dificuldades, gostaria que você retomasse a questão que eu havia feito naquele encontro e falasse da sua sexualidade e também de seus projetos de vida.

R. Bom, mais ou menos dando uma pincelada geral no que seria. A minha posição como pai hoje é, bastante, sei lá, eu sinto 'tá, bastante... superficial, porque o que que acontece, vamos dizer, na atual conjuntura a mãe 'tá, que 'tá praticamente assumindo a coordenação né, e depois o seguinte, vamos dizer, como a mãe tem mais, tem mais facilidade de acesso, não sei que, tal e coisa, telefonemas e tal, tudo é com ela, né, e eu fico só sabendo por respingos que sobram e mas, vamos dizer, o meu filho vem mais pra pros fins de semana, ele vem mais está mais presente, tal, com ele é mais fácil o acesso 'tá? Ela [filha] já fica mais fixa lá em X. porque ela 'tá trabalhando, mas eu... é aquela história, vamos dizer, eu tento tento manter um certo canal de comunicação, mas eu sinto que existe um afastamento, não se se afastamento natural ou não, mas eu não tenho... o diálogo que eu tinha antigamente antes da da ida dela pra X. E nisso, aquela história, vamos dizer... eu praticamente fico dando respaldo à minha mulher e ela que fica dirigindo mais diretamente a vida dos dois, com isso, sei lá, eu tenho pra mim né, vamos dizer que a minha situação é mais figurativa do que do que ativa hoje 'tá? Não sei, não sei mais o que, o que poderia somar nisso aí.

P. E como você se sente nessa situação? Nessa distância... com essa mudança né?

R. Não, não, porque é aquela história, vamos dizer, a gente... sei lá, de repente vê, quer dizer, vê não, a família em si não vou dizer que tenha se se desmembrado porque os dois estão juntos em X, meu filho e a minha filha, minha mulher 'tá mantendo contato, 'tá e no quadripé, ou pé manco, o véio aqui, né, não é uma situação confortável mas ao mesmo tempo não é uma situação desesperadora né, vamos dizer, nesse aspecto a gente se volta mais ao trabalho pra ver se complementa

alguma coisa. Quer dizer, a situação do pai na atual conjuntura, nessa conjuntura familiar hoje é... esperar pelos netos né, porque eu sinto que eu não tenho mais o que falar, o que fazer e o que participar.

P. E do homem nessa conjuntura? Do homem que na sua idade, pai e que espera os netos?

Aí é que 'tá, veja bem, existem várias posições, não vou dizer o meu caso específico mas para o homem em si né? Vamos dizer, tem o mais o mais é... pacato que é uma posição mais passiva que é esperar pelos netos, tem os "lobos do mato" né, que saem, saem buscando outros outros relacionamentos, porque é aquela história né, o que acontece né, vamos dizer, nesse papel passivo, né, quer dizer, ou você busca uma terapia, uma ocupação ou então, sei lá, eu me ponho na posição do aspecto homem né, nessa conjuntura, entendeu, porque o que acontece é o seguinte, vamos dizer, tédio mata, você ficar esperando pelos netos cansa, né, aí 'cê tem que arrumar uma ocupação, tem o esportista que vai atrás de academia, de malhação, não sei que, tal e coisa, tem a parte social, né, mas a parte social não vai encher o tempo todo e tam a parte do gavião, sei lá, há quem se aventure né nesse segmento.
Bom, outra coisa, vamos dizer, seria o aspecto da da família, muito embora nessa mesma faixa etária mas a família vivendo junta, mas aí eu não posso dizer nada porque não é uma experiência minha entendeu?

P. E você nesses exemplos a,í está em algum?

R. Eu 'tô no passivão [risos]. Eu 'tô enchendo o tempo ou através de trabalho e através de terapias alternativas como o próprio... cantar em coral, tá, tentar retomar um pouco a parte social mas não é fácil porque houve um afastamento natural e agora a retomada disso aí demora um certo tempo né?

P. Quer dizer, se você fosse pensar em termos assim do seu projeto de vida, como que você vê, desde quando você casou, que você até falou que teve a questão de ter filhos logo que você não queria ser avô de seus filhos né, para hoje?

R. Você diz do meu projeto pra realidade?

P. Sim.

R. Ah! Nada a ver. Quer dizer, nada a ver não, os filhos vieram, cresceram, entraram na faculdade. Agora... o meu papel nisso é que não não, vamos dizer não, não veio a... a calhar com os projetos entendeu? Vamos dizer, eu esperava ter uma uma... Em primeiro lugar, vamos dizer, eu esperava, não meu filho, o meu filho precisava realmente andar pelas próprias pernas mas a filha eu não esperava ter que deixar que ela fosse estudar em X. Não que isso me constranja né, mas... gera um certo afastamento e a mulher, bom, a mulher ela ela é sempre mais independente, então ela

praticamente hoje ela já é dona do próprio nariz e com isso, sei lá, eu acho que eu saí, já fui posto de escanteio um pouco mais cedo do que eu esperava. Rebelar-me não há porque, o negócio é conformar e rever os os daqui pra frente o que a gente pode fazer pra eventualmente, não digo retomar a posição de pai, porque pai a essa altura não é muito figurativo.

P. Como que você vê esta situação, até disso que você falou, que você disse que você tinha uma expectativa, principalmente em relação à sua filha e que ela bateu asas, vamos dizer, um pouco antes do que você esperava, parece que você disse tinha uma expectativa um pouco diferente, como você se sente diante desta situação?

R. Tinha, muito embora, é aquela história, vamos dizer, eu nunca, praticamente, vamos dizer, não acompanhei a a... quando filho, né, quando irmão eu não acompanhei a formação das minha irmãs né, e a minha única experiência com menina adolescente seria como pai mas aí houve essa, adolescente não porque ela foi pra lá com uma certa idade né, mas aí houve esse afastamento então eu não sei, não sei, juro eu não sei, eu não sei até que ponto que eu fui até que ponto que eu deveria ter ido que eu deixei de ir, sei lá. Mas de qualquer forma sei lá, eu tenho ciência de que a cabeça dela já 'tava feita, quer dizer, não era a presença do pai junto no acabamento da personalidade já, vamos dizer, já não tinha mais tanta influência né. Seria apenas mais como companheiro, como um consultor ou qualquer coisa assim entendeu? Porque muito embora ela tenha praticamente hoje 20 anos 'tá, e se julgue experiente o suficiente pra levar a vida sozinha mas sempre existe uma certa, certos parâmetros, certos balizamentos que ainda... que a gente ainda acha que sejam... válidos transmitir né, não que, não que... pra ela esse afastamento esteja sendo prejudicial não acho, eu estou sendo mais egoísta né, porque eu 'tô pensando mais no convívio dela com a família né?

P. E com relação à sua vida pessoal, afetiva, sexual, casamento....

R. Ah, já virou irmão, né Ellika, nessa altura já virou mais hábito do que afetivo, afetivo, paixão, essas coisas assim não eu, eu sei lá, na minha relação não existe mais, é mais parceria é mais... amizade... mais... entendeu? Os laços mudam entendeu? Pode ser que ainda haja... não vou dizer, eu 'tou dizendo por mim não digo que seja regra geral.
É o seguinte, vamos dizer, justamente na fase da adolescência que a gente acha que que a nossa atuação tem que ser mais, mais efetiva e mais próxima, que aí é o seguinte, quer dizer, forma-se a parceria né, eu não ei pelo menos comigo foi assim, quer dizer, esquece um pouco a parte conjugal em si né, a parte afetiva e vê-se mais a parte mais educativa da família no sentido de procurar manter a estrutura em si não deixar, não deixar que fatores externos provoquem qualquer tipo de desagregação. E aí, vamos dizer, aquela parte mais de, vamos dizer, procurar sair juntos, não sei que, tal e coisa, 'tá... e ao mesmo tempo estar um pouco a parte de de de conflitos conjugais, não na parte de na frente deles por conta de não gerar traumas, coisas assim, embora não dê pra, com essa questão de convívio direto com a família, algumas coisa sempre escapam né, mas, sei lá, eu acho que na parte da adolescência

dos filhos o casal praticamente deixa de ser casal pra se tornar... vamos dizer, uma equipe de educadores.

P. E nesse momento como você se sentiu? Você percebeu essa mudança na hora, ao longo da adolescência deles, ou você percebeu depois?

R. Não, não, isso eu 'tô analisando agora entendeu? Porque sei lá, eu vi praticamente como uma conseqüência natural das coisas 'tá? À medida que os filhos vão crescendo eles vão debandando mais da gente e... e a gente tem que se juntar né, trocar idéias entre nós dois no caso, pra pra pra pra escolher as melhores atitudes e procedimentos a serem adotados pra entendeu, pra encaminhar os dois. Os dois que eu digo são os dois filhos, e não eu e ela, não. Mas isso eu vou dizer, é mais uma visão hoje, porque naquela época a gente não pára pra pensar né, a própria necessidade faz com que... direcione dessa forma, praticamente quase que como... sei lá, uma atitude natural, pelo menos da gente, né? porque existem também, existe os casais que acham que... põem o dinheiro na mão, deixando que a coisa flua por conta deles mesmos no sentido de fazê-los andar pelas próprias pernas né, movidos a dinheiro o que não foi esse o caso mesmo porque não havia tanta disponibilidade assim e nós achamos por bem que até enquanto nós pudéssemos a gente manteria uma presença mais próxima, mais atuante junto a eles.
Você me perguntou agora, e hoje como é que está, estou ocioso praticamente na íntegra em termos de família porque a mãe... a mãe pra começar já era dominadora por si né, então ela... interferir na atual conjuntura é bobagem, então deixa pra ela que ela, vamos dizer, pilote, mais por tranqüilidade, porque eles não precisam mais ser pilotados mas ela sentisse necessidade. É aquela história "síndrome do ninho vazio", entendeu? Que, segundo ela, nós estávamos conversando outro dia, diz que existe, né, levou um tempo pra ela dizer ela ela levantou também a existência da "síndrome do ninho cheio" onde o pai passa a sobrar [risos] que isso é uma certa, um certo comportamento de... revolta da min da parte do pai, no caso. Eu não sei, acontece que... quer dizer... a gente vê que ela é demais na na no... como é que eu vou dizer, na proteção a eles então a gente procura tentar afastá-la um pouco deles tal aí é onde ela se rebela e diz que é síndrome do ninho cheio a posição do pai. Pode ser que exista isso sei lá, a minha no meu modo de ver a situação é só essa. É isso aí.

P. Você falou a questão de se sentir mal com essa situação.

R. Posto de lado.

P. E enquanto homem, enquanto projetos, você falou de esperar os netos, tem a questão de se dedicar ao trabalho...

R. É, exatamente, mas o que que acontece, vamos dizer uma uma providência natural seria, vamos dizer, viajar. Mas não há meio de viajar porque ela não admite ficar longe de telefone, ficar longe dos filhos mais do que... Isso virou basicamente uma psicose ´tá, então ela tem uma... medo de não estar próxima e caso eles precisarem de socorro, entendeu? Então ela não admite viajar, viajar só dentro do raio de distância

que nós estamos hoje, quer dizer ir pra praia no litoral de São Paulo ou então viajar junto, mas viajar junto não tem cabimento então no meu caso, vamos dizer, no meu modo de ver ‘tá, seria seria a atitude mais natural procurar aproveitar um pouco já que os dois estão praticamente criados e praticamente formados né, que a gente fosse viver um pouco né, usufruir um pouco da vida e tal. Mas no meu caso particular não, isso não é... não é factível, então esperar os netos né, fazer o que [risos].

P. Você gostaria de falar mais alguma coisa?

R. Não sei o que que você sentiu que tenha faltado ou que eu pudesse complementar mas vamos dizer, você sabe que eu não sou dos dez mais prolixos [risos]

P. Era isso quando eu pedi pra você complementar era saber como que é pra você, como você sente esse contexto. Agora disso que você falou se você quiser falar mais alguma coisa...

R. Eu não sei. Dizer que eu me sinta realizado como pai, não. Não sei se eu esperava mais de mim, ou se... sei lá eu fazia uma idéia diferente... não que eu me sinta frustrado porque, vamos dizer, eu tenho ciência de que, vamos dizer, da minha parte eu ajudei a formá-los pessoas direitas, pessoas decentes, agora talvez dentro da expectativa que eu tenho feito né, como pai, como educador, como formador não sei que, tal e coisa, eu acho que ficou faltando da minha parte alguma coisa mais, não sei se eu poderia me dar mais, ou se eu iria ser mais é... requisitado, alguma coisa assim. A mãe não, a mãe ´tá perfeitamente satisfeita porque até hoje ela ´tá, ela se julga no comando da coisa.

P. E qual era sua expectativa?

R. Não, aí que ´tá Ellika é difícil descrever, é difícil descrever.

P. Você tinha alguma imagem, alguma idéia...

R. Não, eu imaginei que fosse alguma coisa um pouco... bom se bem que eu vou dizer eles ainda não entraram a bem dizer na vida profissional em si, não tiveram sucesso que muitas vezes possa ser, vamos dizer, o que eu estou sentindo como como falta na minha, no meu contexto geral de pai mas ainda, na realidade eu ainda não ´tô realizado por enquanto sinto que ´tá faltando alguma coisa ainda.

P. Mas você ainda não sabe o que poderia ser.

R. É, talvez seja justamente esse complemento da vida profissional e do sucesso profissional deles, sucesso profissional e sucesso pessoal como pai, como marido, tal

como... Eu não sei, eu não vou dizer que eu até hoje, que esse período de paternidade em si tenha me me me satisfeito tá? Não sei se talvez talvez eu... eles tenham me solicitado mais como pai, como orientador ou alguma coisa assim, entendeu? Alguma coisa onde eu pudesse ter tido alguma influência maior na vida deles entendeu? Mas o que a minha, o meu sentimento é esse. Não sei se é voz geral isso, mas no meu caso é assim que eu vejo. Eu acho que é isso aí.

Entrevistado 2, 51 anos, casado, secretário, 1 filha de 19 anos, nível sócio-econômico B.

P.*Agora que você está vivendo a meia-idade e seu/ sua (s) filho/a (s) está (ão) na adolescência gostaria que você falasse a respeito de como você percebe este momento de sua vida, ou seja, como está vivenciando a paternidade, sua sexualidade e mesmo seu projeto de vida.*

R. Não sei se é pela característica de ser ela minha filha, mas acho que todos os pais devem falar a mesma coisa mas minha filha ela é assim, aquele assim ela é muito... apegada, assim, à família né, então ela valoriza muito assim é... o ambiente familiar, festas em família, é... sair comigo e com a mãe, né, ãh... Então é assim, a gente tem um relacionamento assim, muito legal assim, sabe assim em termos de família, às vezes, como todas as famílias, às vezes tem as as desavenças né, mas, assim, com ela assim é, pelo menos assim é... todas as coisas que a gente tem mais atrito com ela assim, com relação a... também né, a fase de adolescência assim mas, mais teve a fase assim de de puberdade, assim de puberdade não sei, de pré-adolescência foi questão de de de escola, assim, a gente teve que... a mãe é meio estressada, assim sabe, com relação a rendimento escolar, assim, eu já sou mais assim, pacato assim pra... mas às vezes ela deixa assim de, deixava às vezes de de repreendê-la assim e pedia pra eu fazer, então as dificuldades que a gente teve normalmente era essa, assim, porque ela realmente nunca foi muito... ela nunca foi muito apegada, assim, a gostar muito de estudar. Então os maiores atritos que a gente teve com ela assim em termos assim de, de de adolescente, assim é... foi essa, os atritos normalmente que a gente tem é em função disso, fora disso a gente tem tido assim uma... convivência ótima, ela é... ela é muito tranqüila assim, sabe, ela não é assim, não é de sair sabe? Porque normalmente o tipo de preocupação que os pais têm mais com os filhos, eles vêm, de saber pra onde vai, o que 'tá fazendo, sabe? Eu acho que isso realmente é a grande preocupação que tem mas nesse aspecto, ela é bem tranqüila assim, sabe? Ela, quando ela vai sair ela avisa pra onde vai, o que 'tá fazendo, com quem 'tá, sabe, isso é... tranqüiliza bem a gente assim, às vezes, de vez em quando ela, assim, começa a demorar demais. Agora com o celular tem essas vantagens né, a gente liga, ela atende fala "ah 'tô, mas daqui a pouquinho eu vou", sabe, então a gente fica mais tranqüilo, a gente fica assim né, eu e a mãe fica dormindo lá no sofá assim [risos] na porta da sala, na entrada da porta da sala esperando chegar, mas assim, sabe? Nunca tivemos maiores preocupações com ela com relação a isso. Então é... a não ser há algum tempo atrás que ela teve um... namorado, namorou algum tempo e... aí quando eles... mas assim mesmo quando época de namorado às vezes a gente saía também, os quatro sabe, o rapaz assim... sabe, gente fina assim, muito legal pra se tratar também, então às vezes a gente saía, saíamos algumas vezes saímos pra jantar, pra ir no shopping tal a gente saía, então era um relacionamento bem tranqüilo, só na hora de de que eles brigaram lá, que largaram foi o que, uma hora que a gente sentiu mais assim, o drama de adolescente assim sabe, porque ela ficou muito nervosa, muito irritada sabe? Então foi um negócio que foi muito, realmente desgastante. Mas assim e ela, ela tem assim, jeito de não... de não trazer muita preocupação pra gente, assim,

sabe ela o máximo que ela procura é... evitar de passar problemas pra gente, ela consegue segurar mais por demais os problemas dela, tanto é que ela acabou tendo uma briga assim, ela, o rapaz, três horas ele ficava em P. na A. quando eles brigaram, um dia ele veio tentar reconciliar, acho que era três horas da madrugada, ela queria que o menino fosse embora né, não tinha nem aonde ficar, a família dele era do R. né, "ô W., a casa é dele... dorme aqui, né e amanhã ele..." "não, ele que vai embora não sei que". Até que, enfim acabamos convencendo ele, só que ele dormiu num lugar aí nós colocamos, assim na casa é praticamente três ambientes, aí nós colocamos ele num quarto, assim, mais distante, ela no outro, aí no outro dia acho que antes de ir embora conversaram lá mais um pouco, eu sei que também depois disso ele foi embora, não voltam mais, ela ficou assim curtindo, sabe, às vezes a gente achava que ela 'tava assim meio chateada tal, mas ela realmente não dava muito o braço a torcer. Então nessa fase foi foi um pouco difícil também, mas aí também o tempo passou e... mais recentemente assim, também a gente 'tá, ela tá com problema assim de... pesinhos a mais, ela 'táva preocupada e atualmente ela 'tá numa fase assim também, aí ela andou fazendo um *spa* então 'tá numa fase ótima, assim, então é o que eu falo, realmente a gente não tem tido assim muitas preocupações, muitos problemas com ela assim, sabe, a gente... tanto é que a gente sai pra passear, sai pra... pra shopping, a gente sempre vai junto, a gente vai viajar ela vai junto então a gente tem uma convivência bem... sabe, bem juntinho assim, não tem... Agora às vezes a gente acaba tendo algumas preocupações. Agora recentemente, hoje mesmo que eu te falei que fomos ao médico, é coisa de adolescente também né que... não bem de adolescente mas de mulher que ela apareceu, teve um problema no... apareceu um negócio assim no seio, assim, que a gente ficou preocupado, levou no médico, pediram uma série de tratamento, então a gente fica assim, sabe, daquele jeito achando que, né, na idade que 'tá assim né, não é pra 'tar passando por esse tipo de problema assim, sabe, mas de qualquer forma ela leva, assim, numa boa, sabe, nem parece que ela tem o problema, parece que o problema é só nosso, sabe, eu e a mãe a gente fica descabelando, super preocupado e ela leva na boa assim, sabe, sem reclamar, sabe, assim do jeito que ela é, sabe, sempre assim cantando, brincando, ela continua do mesmo jeito, não mudou.

P. E pra você, como você se sente com ela nessa fase, sendo pai?

R. Bom, eu sou o paizão coruja né? [risos] Eu acho que todos devem ser. Eu acho muito legal assim, é... quando era... quando você casa né, você tem aquela expectativa assim de que homem 'cê quer ter uma filha, né, e tal, mas eu acho que eu fiquei muito contente com ela e... eu me sinto assim, sabe, eu acho que eu poderia ter feito... a gente sempre acha que pode ter feito mais eu acho que a gente é pai em algumas coisas, mas eu não sei, se a gente falha assim em questão de... por proteger, não sei se a gente acaba protegendo muito também né. Por exemplo, o que a gente fala com relação à questão de escola não sei se também não foi porque a gente, tudo o que fez sabe, tudo o que ela queria a gente se prontificava a fazer, não sei se ela se folga um pouco nesse aspecto sabe é... então eu acho assim, eu não sei assim que... eu falo fora disso assim, não sei, com relação à questão de educação, não vejo assim que a gente é... tenha falhado, assim, em alguma coisa, talvez, esse né, mas não sei, é

difícil saber. A gente procura fazer o máximo, mas não sei se o máximo é o essencial.

P. E pra você como que é com ela nessa fase de adolescência e você tendo 50 anos em termos de vida, projetos de vida, de seus projetos de vida?

R. Então, isso também é o tipo de preocupação que realmente a gente tem né, é... com relação à questão de futuro dela assim, sabe, por exemplo, eu já 'tô num momento assim, que eu já tô praticamente quase pra aposentar, né, já já fiz minha parte e a gente fica muito preocupado assim, com relação ao que ela pode fazer né, o mercado de trabalho realmente 'tá muito difícil e... a gente assim, você fica preocupado de 'tá fazendo o 2º ano de faculdade e a gente fica assim, apesar de tudo não, não vê uma perspectiva a gente não consegue ver assim, sabe, vislumbrar o que que ela pode fazer, sabe? O que pode, o que que ela pode atingir, se se vai se dar bem na vida, se não vai, sabe? Outra preocupação, de repente quem encontra, se... vai ter um nível de vida bom, se não vai, sabe? Isso realmente é o tipo de preocupação que a gente... acaba tendo de qualquer jeito né e... e aí a gente fica assim, sabe, 'cê fica um pouco indefeso né, assim de de tentar fazer alguma coisa né, de que maneira você pode ajudar sabe? Fica difícil achar, né, que jeito que pode ajudar. Porque o mercado de trabalho hoje, você vê, 'tá difícil né, a pessoa às vezes 'tá... hoje em dia a pessoa tem que 'tar num nível né, apesar de ter destinado bastante, ter feito bastante cursos tal e a pessoa não consegue se encaixar no mercado de trabalho né, e isso é uma preocupação que realmente passa né, porque a pessoa, assim, a mãe dela até outro dia a gente 'tava discutindo a mãe dela falou assim "mas a gente tem que procurar fazer um meio que ela, que independente assim, né, se de repente ela não conseguir fazer nada, pelo menos que ela tenha um jeito de viver" assim, mas eu acho que não é só isso, também né, a pessoa tem que, né, se ajustar na sociedade, procurar fazer alguma coisa, se achar útil, né, ou outras pessoas acharem que ela tem alguma utilidade e ela mesmo 'tá sentindo isso também, outro dia ela 'tava perguntando: "tenho que fazer um estágio, não consigo, todo mundo trabalha, não trabalho" sabe, já começa a ficar, já começa também a ter esse tipo de preocupação, de 'tar se engajando também.

P. Você falou dela né, da preocupação com o futuro dela, e o seu?Você enquanto homem, enquanto pai, nesse momento da sua vida como você vislumbra, em termos de projetos de vida, você casou, você teve toda essa trajetória e, diante disso tudo como você se sente, o que você vê em termos de seus projetos de vida?

R. Eu... hoje inclusive a gente, na hora do almoço a gente 'tava vindo embora pra cá, também a Z.. 'tava comentando isso de... que uma colega de trabalho aqui apareceu dizendo que ia ser avó né e que o filho tinha... a namorada do filho tinha ficado grávida mas que há algum tempo né, ele já 'tava, há algum tempo atrás ele já tinha falado que era assim, essa era pra casar que realmente ele gostava dela, mas ela não esperava que fosse dessa maneira né, dessa maneira assim como aconteceu que que poderia ser mais bem planejado entendeu? Aí a Z.. falou "só espero que a W. quando tiver que casar seja assim, sabe, tenha uma programação melhor, sabe, não seja dessa forma assim." Eu até comentei com ela, eu também acho, eu também acho que...

deva ser desse jeito. Mas hoje em dia por exemplo é... esqueci o que que eu ia falar. Fugiu o que eu ia falar... mas é assim, eu acho que tem que ter um planejamento, mas também eu acho assim, eu até falei brincando é claro que eu não quero isso pra minha filha, eu quero realmente que ela siga, mas assim ela já 'tá começando bem né porque... pelo menos filho assim eu acho que é legal, se aceita o pessoal dos dois, porque filho eu acho super legal, assim, sabe, eu pelo menos já fui, eu demorei pra ser pai, talvez seja por isso, eu fui pai um pouco mais velho, mas eu acho legal assim, sabe, a questão de ser pai, assim, eu acho que algo que você volta, por exemplo quando é criança você volta a ser criança né, você participa das brincadeiras com os amigos né, tanto é que na escola dela eu acho que eu era o mais popular assim entre os pais das crianças, todos me conheciam e aí quando vai chegando nessa fase de adolescência, também, sabe, você participa muito porque tem coisas que você, às vezes né, você não... você vai chegando numa certa idade você vai se distanciando né, daquela faixa etária da juventude, de adolescente assim, de pessoas mais jovens né, e quando você tem um filho assim eu acho que você vai, que você vai voltar a reviver todas essas etapas de forma diferente né, convive sabe, você participa, você vê como as coisas 'tão acontecendo, né, naquele momento praquela faixa etária sabe, eu acho isso legal. E quando o casal não tem filho, assim, eu acho que é... fica muito tempo casado e não tem filho, eu acho que até certo ponto, eu acho que, eu acho que o filho preenche né, acho que você você volta a viver novamente.
P. E como que é essa coisa, como você acabou de falar, como se você voltasse a viver, você volta a viver a sua infância? Não sei se eu 'tô entendendo, como que é?

R. É muito legal, pôxa, eu acho que assim, não sei se você volta mas eu acho assim, você... é assim, como que eu poderia dizer? Às vezes você viveu de uma forma diferente, por exemplo, eu já tive quando eu fui criança, é... até a fase assim de adolescência, a minha família assim, 'tava, a gente nunca passou fome, assim, sabe, meu pai sempre foi de trabalhar bastante, nunca... nunca faltou nada, assim em termos de de de comida, roupa, calçado essas coisas, sabe, isso realmente a gente não pode... mas a gente não tinha assim, uma vida, assim, igual à que a gente proporciona pra W., então 'cê fica imaginando assim "pôxa vida e naquela época se eu tivesse o que tem hoje como será que eu seria?" Sabe? Esse tipo de coisa, assim. Por exemplo, na minha época quando eu era jovem o pessoal vivia desse jeito, por exemplo, hoje eu já vejo que eles vivem de uma outra forma, qual será que é a mais legal, será que esse jeito que eu vivi, o jeito que eles vivem hoje, qual que é mais legal será aquele ou esse? Sabe? Coisa que se eu não tivesse um filho adolescente, uma filha adolescente, é coisa que eu não saberia, entendeu? Eu não saberia. Você vê falar mas você não convivendo eu acho que é diferente, quando você convive você vê de uma forma, quando você vê outra pessoa falar, né, você vê de outra. Então nesse aspecto eu acho, eu acho que você volta a viver e você fica... e você fica assim, imaginando sabe, é... você vivendo daquela forma, vivendo naquela idade, com o que você é hoje, entendeu? Eu acho legal.

P. E já que você está falando de como era na sua infância e como é hoje com sua filha, em termos de educação como você vê, como você percebe em termos de como foi educado e como você educa? Como é pra você?

R. É, isso eu acho que... também eu acho que também eu acho que a gente convive, isso também em função da maior convivência, maior intimidade assim, né, que você tem com os pais também. O meu pai sempre foi assim, sabe, de... o meu pai, a minha mãe é... sempre 'tavam presentes, não é, 'tava ali mas não 'tava 'tão presente assim na vida do filho como eu sou com ela entendeu? A gente tinha tudo mas eu não tinha assim... a gente não saia pra passear junto... assim, até ia, entendeu, por exemplo, com o meu pai a gente foi muito assim, inclusive eu até 'tava comentando com a W., o meu pai, assim, eu e o meu outro irmão né, nós somos em dois só, mas assim, sempre eu é que 'tava acompanhando ele, a gente ia nos treinos do C. que era ali onde era o M., a gente saía do trabalho, aí naquela época estudava na cidade e aí voltava com ele a gente... de bicicleta aí ele parava lá e a gente ia, às vezes a gente ia, sabe, ele era fiscal de jogo de futebol a gente ia com ele, às vezes a gente ia pescar também naquele riozinho aí debaixo, 'tava sempre junto mas é o tipo de convivência que a gente vivia assim mas não tinha tanta intimidade assim igual a W.. tem comigo e com a mãe sabe, de 'tar participando mais assim, um da vida do outro.

P. Como que é essa intimidade? Essa participação maior?

R. É em termos de conversa, de você... contato, contar assim, em termos de contato, mais intimidade assim, sabe, de por exemplo falar de... ela falar de namorado, falar de garotos que 'tá paquerando ela, sabe esse tipo de coisa assim? Coisa que com o meu pai a gente não tinha, apesar de ter um relacionamento, mas a gente não tinha esse tipo de, falar de coisas mais pessoais assim, sabe, agora com a W.. já tem mais comigo e assim até acho legal porque é... até bem pouco tempo atrás, na fase assim, antes da adolescência, assim, ãhn... ela e a mãe assim... a mãe é meio estressada, assim, então elas tinham muitas desavenças, assim, então ela é mais chegada a mim sabe, de vir falar as coisas, tal. Eu ficava preocupado assim de chegar nessa fase de adolescência e ela 'tar mais distante da mãe porque eu acho que é aí nesse período né, onde a mãe tem uma atuação maior né, com a filha, assim. Mas hoje as duas 'tão num relacionamento ótimo, assim, sabe, então foi, então agora eu acho que 'tá legal assim.

P. E você, nesse momento, você falou tudo isso, como você se vê enquanto pai, enquanto homem mesmo, a maneira como você viveu todo esse período que foi diferente de como você viveu quando você foi criança, foi adolescente, todas essas diferenças como que é ser homem, ser pai nessa idade, nesse momento que você tem 50 anos e sua filha é adolescente, em termos de sentimentos, expectativas suas, pra sua vida?

R. Eu não sei, eu acho que chega num ponto, claro que daqui pra frente, não sei se é isso o que você 'tá perguntando mas daqui pra frente, eu acho que, assim, eu acho que a minha, a nossa preocupação é realmente de dar um encaminhamento na vida dela pra que ela se ajuste profissionalmente, também no campo amoroso né, que encontre uma pessoa que realmente seja legal pra ela e que a gente também... tenha uma interação né, com a pessoa porque pra que não crie atritos né, dentro da família, porque às vezes quando arruma uma pessoa às vezes as coisas ficam meio

complicadas. Com esse outro rapaz que ela namorava foi tranqüilo assim, não tinha... o rapaz era bonzinho assim não tivemos é... nenhum problema, muito educado mas de repente você... ela arruma... isso é o que a gente sempre fala, conversa com ela também de procurar conhecer bem as pessoas, né, com quem ela se relaciona né, pra que de repente não arranje alguém que que venha causar um transtorno geral na família, e que aí fica todo mundo contra todo mundo né e aí vira um caos né? Então eu acho que a partir do momento que ela direcionar isso eu acho que na idade que ela 'tá assim, 19 pra 20 anos acho que se ela arrumar, organizar, claro que primeiro ela tem que procurar ver é... é a vida dela de estudante, de profissional e aí... aí é a esperança que a gente, o que a gente deseja é que a família da gente continue né, que arranje alguém, que tenha filhos que a gente possa curtir os netos que a partir do momento que você, o pessoal fala "ah, você não quer ter mais filho?" não, daqui pra frente só netos, né, filhos deixa pra outro [risos]. Então eu acho que é isso que a gente espera, sabe, que ela se dê bem que consiga alguém, que arrume uma família, que continue a vida dela a partir desse momento eu acho que a nossa tarefa 'tá cumprida né, e aí a tarefa passa a ser dela né? A vida é dela né?

P. A tarefa dela continua, e a sua? Como você se vê, sente a partir daí? Seria curtir os netos, como você falou?

R. Não sei, viu, eu não me vejo muito assim, não. Assim, é claro, né, eu por exemplo gosto muito de crianças né, então eu acho que eu curtiria bastante também essa parte mas eu acho que a gente tem que... ter a vida independente também da gente, você tem que... eu acho que ela vai ter a vida dela e eu vou ter que seguir a minha né, é claro que que que que nunca vai conseguir é... desvencilhar esse laço. Esses dias conversando numa pizzada que teve na sexta feira, 'tava conversando com o G. e a S., aí ela 'tava falando que os filhos 'tão quase todos casados, ela tem quatro, só um que não está, os outros já estão, ela falou: "Quando você imagina que você vai, que os filhos casam né, que você vai conseguir soltar, muito pelo contrário até eles é... se libertarem, né, seguir a vida deles demora", porque os outros filhos dela ainda 'tão nessa ainda, na dependência, o pai ainda precisa financiar e... vai indo né, ainda tem todo aquele laço que não se desfez com o casamento né, provavelmente às vezes quando casa acaba... casa vai contribuir com a família dele, tal, então até que isso não ocorra, então 'tá lá ainda até que a coisa... E eu acho que, a partir desse momento eu acho que você tem que procurar, é claro é você dando suporte pra nova família que 'tá saindo né, mas em compensação você tem a sua ainda né, e tem a sua vida pela frente que você tem que cuidar, inclusive a gente, nessa idade de adolescente por exemplo é... quando é criança você vai, o lugar que você vai o filho 'tá, ele 'tá junto né? Por exemplo, nessa fase já não são em todas as oportunidades. Esse final de semana nós fomos é... numa festa de aniversário de uma senhora de 77 anos. Os japoneses lá nessa idade é uma idade que eles, uma coisa lá que eu não sei o que que é que é uma data especial, fazem uma festa tal. Aí por toda lei né nós pedimos "vamos W." "ah, eu não vou" e não quis ir de jeito nenhum, então você... e aí chega lá todo mundo "e a W., cadê?", sabe, todo mundo já conhece desde pequenininha né, a gente vai, 'tá sempre junto e é o mesmo grupinho de amigos, inclusive essa senhora tem netos, né, que são filhos dos nossos amigos são da mesma idade assim, mas assim, ela não quis, acabou indo pra outros lados e algumas oportunidades também,

eu até comentei com a Z.., cada vez mais a gente está saindo sozinho, sabe, normalmente ela 'tá sempre junto mas muitas outras coisas a gente vai, a gente vai pra um lugar ela vai pra outro, mas que há algum tempo atrás não era muito normal a gente sempre saía juntos. Então eu falei pra ela, a gente tem que começar, né a seguir a nossa vida, mas é o tipo de coisa que... não sei, acho que depende de filho, não sei, mas... de pais também né, mas que é difícil pra gente é, muito difícil até pelo que eu te falei da gente que ela é muito família, muito caseira, muito caseira assim, gosta muito de família, assim, até que fica até chato pra gente quando ela não sai pelo jeito dela ser toda extrovertida, assim, ser muito falante. A gente não consegue por exemplo viajar e não levá-la você entendeu? Se a gente vai em algum lugar, por exemplo aqui, sair em algum lugar ou outro a gente vai assim, até nessa festa que eu te falei e algumas outras coisas que eu não lembro um outro dia que ela não foi, mas tudo bem sabe, a gente vai tal, mas esse tipo de laço assim de viajar, sabe, a gente não conseguiu ainda se soltar, apesar da gente saber que cada vez mais ela vai se distanciando sabe, é pouquinho assim,s sabe, é uma coisa aqui, outra, mas a gente 'tá sentindo assim que já começa a sentir, sabe, o drama assim, de que ela já 'tá procurando a... já tem outro meio da gente e... então vai assim, sabe, então você fica naquela de que um dia você vai 'tá acabando sozinho né, então você vai, então as coisas vão sendo feitas aos pouquinhos sabe, então um dia de uma forma ou de outra e aí você tem que procurar a sua vida né?

P. E aí como que é, pensando nesses momentos?

R. Ainda não pensamos, viu Ellika? Ainda não pensamos que jeito que vai ser porque... não tivemos esse tipo de coisa ainda, sabe, ela 'tá sempre junto com a gente e... não sei ainda como que vai ser. Eu acho que vai ser traumatizante, não sei. Depende né tudo de como for feita né, essa fase de transição.

P. Então você ainda não pensou, mesmo nesses momentos que ela já não sai e que vocês vão sozinhos pra algum lugar e que de repente ela não está, você ainda não pensou em quando isso for uma constante, né, em termos assim, de futuro?

R. Não. Então, a única coisa que eu acho assim, mas isso é mais é questão de... não sei como te dizer mas... eu acho que a partir do momento que você é... sentir que tem esse afastamento mas você achar que a pessoa 'tá bem, assim, eu acho que isso não é traumatizante eu acho que você, é... vai sentir, mas eu acho que você vai sentir prazer, assim, prazer interior em saber que você 'tá levando sua vida legal e que ela 'tá levando a dela legal também. Agora... esqueci o que que eu 'tava falando.

P. Dela, os momentos que ela não vai mais estar junto, aí você começou a falar...

R. Esqueci, eu 'tava pensando num negócio acabei esquecendo o que era. Mas no fundo é isso, por exemplo, é... mesmo quando a gente... e a gente sente também a mesma coisa com relação a ela, às vezes ela viaja também e... inclusive quando ela foi pra... ficou na E. lá uns dias, assim a gente, a gente ficou aqui né, aí ela falou "ah,

mas eu gostaria que vocês estivesse, né, comigo, tal" aí esses dias ela foi na D. "gostaria que você estivesse lá sabe, chega lá tem", que a mãe é toda assim, "você estivesse lá que tem um negócio lá que dá susto eu queria ver você lá e eu morria de rir de você", sabe, então ela ainda é muito apegada, assim, nesse aspecto. Então a gente vai levando né?

P. Você falou agora a pouco, nesse momento que você esqueceu, desde que ela esteja legal e você também esteja legal. Como seria esse estar legal seu vivendo longe? O que você estaria fazendo?

R. Olha, eu não sei, eu tenho, e a Z.. também compartilha da mesma idéia, eu gostaria, por exemplo... a partir do momento que eu aposentasse, assim, é um sonho que a gente tem, né, eu não sei se isso, se depois que acontece a gente é... faz mesmo ou não, mas, assim, o grande sonho que a gente pensa, assim, é ir morar numa cidade, não sei se é sonho que todo mundo tem, mas de morar numa cidade praieira, sabe, assim, onde você tivesse ahn... toda tranqüilidade possível, sabe, não sei se só isso completa, né, talvez tenha que ter alguma outra coisa mais, mas eu não sei o que mas, assim, sabe de 'tá... 'ta usufruindo, uma coisa que futuramente, a partir do momento que eu me aposentasse, 'tá um pouco distante mas um dia a gente chega lá, mas assim, se um dia eu for fazer alguma coisa eu gostaria de 'tar igual a gente agora sabe, 'cê 'tar... não sei, de você realmente poder fazer as coisas que você... gosta, sabe, não sei o que precisamente, assim, coisas que realmente te dá prazer e que você não tenha por que ficar alguém que tenha que estar... prestar conta, sabe que você tenha... você trabalha, tal e você pode, a partir do momento que você não queira mais aquilo lá você pega e...não quer, entendeu como que é? Você pega e "não vou fazer nado do que fazer coisa que eu não quero" de você ter essa liberdade de poder 'tar fazendo... coisa que agora a gente não tem né, 'tá chato ou não 'tá você tem que engolir sapo, fazer de conta que 'tá bom e ir né? A partir do momento que você não tem mais essas coisas você vai, tem coisas que você não quer você não faz, deve ser uma maravilha né? [risos] Mas é isso.
Outra coisa, que o pessoal fala assim né, que normalmente o homem né, quando é mulher assim, ele tem... um ciúme né da filha, assim, quando 'tá namorando né, esse tipo de coisa, assim, ou então interferir sabe, no que 'tá, na pessoa que 'tá escolhendo sabe. Eu acho que eu, por exemplo assim, você tem que a sua parte de pai, assim, eu acho que é você... às vezes quando... não é só adolescente, quando você tem um relacionamento assim, você não consegue ver outras coisas, né, fica naquela lá, lá se você fala qualquer tipo de coisa, acha que é pegação, sabe, você não gostou disso ou daquilo, então nesse aspecto eu acho que... você poderia 'tar orientando, mas assim, se de repente a pessoa, você orienta, você... entendeu, você fala "ó, é isso, isso, isso" agora, a vida é dela, você entendeu? A vida é da pessoa. Se ela achar que, apesar de tudo, ela quer ir, porque às vezes, às vezes você 'tá distante de uma pessoa, a imaginação que a gente tem, e de repente a pessoa é muito, completamente diferente né, então nada como a convivência pra, pra você realmente des... tem algumas pessoas que você vê que não tem como, né? A gente vê aquele Linha Direta [programa da Rede Globo a respeito de reconstituição de crimes e prisão de bandidos] 'tá na cara assim o que a pessoa é e acaba entrando. É claro que a gente não quer isso pro filho da gente, por isso eu acho que a gente tem que procurar

alertar, ver, procura saber quem é a pessoa, sabe, o que faz, os comportamentos que tem, então eu acho que isso é importante, fazer né. Agora com relação assim de pai, de ser ciumento, de ter ciúme da filha realmente eu não tenho, sabe, eu acho assim, quando você tem, o mesmo ocorre com relação a marido e mulher, se você tem um relacionamento de confiança, sabe, não tem porque você... ter ciúme, porque a partir do momento que você tem ciúme é porque você não tem confiança e a partir do momento que você não tem confiança é a coisa mais chata que tem né, você não confiar, você ter desconfiança porque aí você não vive né?

P. Confiança você está entendendo como?

R. Assim, o que eu falo é, assim, por exemplo de mulher você sabe, não precisa nem explicar, mas por exemplo de filha, se você, o que que você tem que fazer pra sua filha é, assim, você tem a sua parte de fazer, de orientar e de procurar dar os melhores caminhos sabe, agora, achar porque ela 'tá namorando, 'tá beijando outro sabe você ter ciúme, porque ela 'tá... não, realmente isso não, eu acho que ela tem que seguir a vida dela entendeu, todo mundo passou por isso não é porque é minha filha que ela não vai, não tem que passar por isso, é regra da vida não é? Então você, então é, nesse aspecto eu realmente não... às vezes minha filha fala que eu <u>tenho</u> mas realmente eu não <u>tenho</u> [as palavras grifadas fala com ênfase] ela fica: "Quando eu namoro, ah, o meu pai fica com ciúme, não sei que lá", realmente eu não tenho, mas eu acho assim, o mais importante é você ter um... por exemplo, no caso de namorado assim, como pai claro que você tem que procurar o que há de melhor pra filha, então se você vê que uma pessoa não é legal eu acho que você... lá em casa não é só eu, mas a gente é muito de falar a respeito disso, não teria uma atitude assim isolada sabe, a gente teria uma conversa em casa com ela e com a mãe e tentar, tentar fazer uma... resolver a questão mas realmente essa questão, assim, de pai de adolescente eu me sinto muito à vontade, eu pelo menos até agora é... não tive problemas maiores com a minha filha, assim, a gente 'tá sempre numa boa, não temos problema nenhum e acredito que não vá ter não. A única coisa realmente que acaba complicando a gente, que deixa preocupado é com relação à questão de saúde, essas coisas assim, isso é que fica preocupando, fora, as outras coisas é a vida né, normal, ela segue, é um fluxo né. O correto é que tenha que leve sempre à continuidade né, você foi filho, agora você é pai, depois do pai você vai ser avô e isso realmente é o que eu desejo pra ela, que ela... e assim de uma maneira... legal né, que encontre a pessoa certa, que tenha um bom... que hoje em dia queira quer queira ou não mas a questão financeira, por mais que a gente fale que não, mas é um bem né, porque não existe amor se passando fome né, então o que a gente deseja pra ela é isso, sucesso profissional e não só profissão, financeiro e amoroso né e que a vida dela continue, eu acho que...

P. E aí, a sua também continua?

R. E a minha também, claro! E porque a gente e que a gente consiga, né, eu acho que a maior alegria que tem de um pai é quando você chega numa determinada idade que você vê que os seus filhos estão realizados né, eu acho que isso é... o que todos os pais querem né. Eu acho que a partir do momento que você vê, que você fala é... seus

filhos estão bem encaminhados, sabe que você... que o que você podia fazer você fez, que os filhos, já 'tão todos nos seus caminhos certos, estão bem eu acho que uma... felicidade maior do que essa eu acho que não deve existir e aí o resto é conseqüência né, e você seguir a sua vida porque aí... né, o que você vai desejar eu não sei, você quer tudo de bom né? É passear, é... uma das coisas que eu nem falei mas... que realmente é... o que que eu quero fazer, pô, viajar bastante, coisa que a gente, eu e a Z. a gente gosta muito, só não fazemos mais em função de trabalho, porque a partir do momento que você tenha todo tempo, agora por exemplo não só de trabalho né, mas a W.. também 'tá fazendo faculdade então ela não pode sair assim mas... então a partir do momento que você, os filhos já não vão te acompanhar mais, né, conforme eu já tinha te falado, e você tenha todo o tempo livre que que você pode fazer? Passear, curtir, aproveitar as coisas belas da vida né? A gente aproveita mesmo, a gente viaja bastante apesar de que não ter asssim né, se a gente tivesse mais grana seria até melhor né? Mas é legal a gente por exemplo, semana passada, final de semana nós fomos a P. era um negócio desses de vender... de produtos e a gente foi, era em P, né, aí, nós era uma amiga da Z.. que vende aí nós fomos, o hotel 'tava a metade do preço sabe, por causa dos eventos aí nós fomos em vez de assistir as palestras nós fomos passear por P. né e era um dia que tinha... não sei o que que 'tava tendo na cidade, 'tava tendo algum evento assim, a cidade 'tava superlotado, foi super legal. E é isso né que eu tinha pra dizer.

Após este encontro foi solicitada nova entrevista com o intuito de esclarecer os significados atribuídos à sexualidade, tema não abordado pelo entrevistado.

P. Como você vive hoje a sexualidade?

R. Bom atualmente né, eu tenho... a idade 'tô com 51 anos, casado ãh, esse ano fez... 20 anos e durante esse tempo nosso relacionamento tem sido bom, assim... dentro do possível entre casais né porque marido e mulher é... tem momentos muito bons, tem momentos bons, tem alguns outros críticos né, mas que a gente consegue levar bem, mas nada de de de de que seja crítico assim a ponto de que a coisa não seja é... resolvida assim né? Consegue é... não conseguia que fossem resolvidos nossos problemas né? É difícil né você ter uma convivência a dois sem ter as rixas né porque você... você pensa de um jeito a outra pessoa pensa de outro. Se bem que em casa a gente até pra evitar... maiores conflitos assim é... a gente usa praticamente é... é... bom banheiro a gente não usa o mesmo, a gente usa banheiro diferentes né, ela usa um banheiro eu uso outro porque, começa aquele tipo de coisa assim, sabe, se você deixou, se você apertou a pasta de dente de um jeito ela gosta que aperta de outro [fala rindo] aí você usa os creminhos aqui, 'tava assim, você virou assim, entendeu? Então pra evitar esse tipo de coisa, mulher tem muito essas coisas assim de cosméticos, de creminho, não sei que lá, eu já sou um pouco assim mais relaxado assim com as minhas coisas, não sou tão assim... organizado assim quanto a Z. então... é... então a gente tem tem isso né? Eu acho que é uma boa porque pelo menos assim, pelo menos por causa disso a gente quase não briga, ao menos que eu invado o banheiro dela que ela fala assim "ah mas você entrou lá" "ah, não sei se eu entrei"

"ah você entrou porque eu vi que o negócio 'tava assim e 'tá diferente" então "ah não, 'tá, entrei" então esse tipo de coisa assim. Agora... não sei se, com relação à nossa sexualidade eu acho que 'tá tudo bem não tem... não temos nenhuma diferença assim, pelo menos por enquanto né?

P. Como assim, diferença?

R. Assim de ter qualquer tipo de de atrito assim sabe, conjugal assim mais grave assim. 'Tá tudo dentro dos conformes. E... você coloca também assim com relação a... projeto de vida né? Isso é realmente uma coisa que que nessa idade a gente começa, não sei se eu já falei da outra vez ou não mas, você já 'tá mais próximo assim da aposentadoria né? Que é aí onde você começa a pensar, né, começa a replanejar né, de novo a vida como vai ser, assim se de repente você aposente, se aposente, se aposentar como que vai sabe como que vai fazer, , se não mora aqui, se não mora, se muda, aí se de repente, no meu caso por exemplo, a Z. ainda trabalha aqui não tem algum tempo né de trabalho aqui. E aí a gente fica pensando como que eu vou mudar se também se ela [esposa] continuar trabalhando né? Projeto de vida, assim, que eu pensava assim era assim, sabe? Aposentar e morar num lugar assim... sabe? Mais tranqüilo, onde você consiga curtir um pouco mais a vida assim, mas também não sei se é isso o que eu quero também, de repente um lugar mais tranqüilo não sei se você vai pra um treco chato pra burro, né, então... E também em outros aspectos né também é difícil mudar também porque a filha ainda 'tá fazendo faculdade, pelo menos mais dois anos né? É... tem pelo menos mais dois anos de faculdade pela frente. Então é difícil né, eu penso assim, só quando chegar mais pra frente é que vai dar pra ver pra ver o que que vai fazer. Mas... Eu acho que é isso viu Ellika, não sei.

P. Você falou mais no começo assim, com relação à sexualidade: há momentos muito bons, momentos bons e alguns, poucos assim, mais... críticos. Como que você se sente né, diante desses momentos e o que seriam esses momentos bons, os mais ou menos e os críticos?

R. É porque... você sabe a convivência... você não casou você ainda, você vai ver (risos) convivência a dois, sabe, isso que eu já tinha te falado, não é muito fácil assim, sabe? De, de, de são pessoas né, que pensam diferentes, assim, sabe? Inclusive eu e a Z. nós somos... praticamente... opostos assim, sabe, água e vinho porque a Z. é toda... ãh... toda certinha assim, sabe? E eu já tenho um jeito mais... maleável, a Z. é super nervosa, eu já sou mais tranqüilo e... a Z. tem um jeito assim, sabe, tem um gênio muito forte e se irrita com com com... pequenos detalhes assim ela se irrita sabe? Aí quando acontece esse tipo de coisa aí fica um relacionamento assim meio chato assim de de de é... de não conversar, de virar a cara, esse tipo de coisa assim, sabe, que perdura às vezes por alguns dias a... é um troço muito chato né? E... e aí fica naquelas sabe? Eu tenho um jeito assim não sei se o jeito que eu vou fazer se vai agradar a ela, se não vai, se... sabe esse tipo de coisa? Então a gente fica assim. Então esses é que eu acho que são os momentos mais... mais críticos assim, mais chatos sabe de de um relacionamento assim. Agora também tem os bons momentos né que

quando as coisas ‘tão relativamente né, quando não... ‘tá tudo correndo bem, não tem atrito nenhum, aí quando aparecem essas coisas é que a gente para, né que aí as coisas ficam mais... um tanto assim... chatas.

P. Quando tem algum tipo de desentendimento?

R. É, é, isso, é.

P. E esses desentendimentos são... Como que é isso? É por qualquer coisa, ou dependendo da situação?

R. Não, não, é o que eu falo a Z. é um pouco nervosinha assim, sabe, qualquer coisa ela se irrita então ‘cê tem que ter muito cuidado, assim, com as coisas que fala, o jeito que fala pra... porque qualquer coisa e... E ela se irrita assim muito facilmente e...

P. E essa maneira dela ser, você acha que afeta a relação? Como que é?

R. É o que eu falo, briga nunca é bom né? É sempre... É melhor que as coisas estejam mais assim... mais tranqüilas.

P. E no geral?

R. No geral eu acho assim a vida... eu acho a vida conjugal assim muito legal. Eu acho que...

P. Como assim? Como que é no cotidiano?

R. A gente conversa... você tem você tem com quem você... sabe, dividir, com quem com quem você... é tipo d’uma sociedade, sabe? Você, você depende, você não consegue fazer coisas é... separadas do seu sócio, no caso, da sua mulher né? E a convivência familiar assim, você constrói né? Você você faz... você tem projetos de vida, sabe, de fazer, acontecer, planejar... atividades, planejar passeios, sabe? É... planejar o futuro do filho, sabe, e isso isso eu acho legal. Por exemplo tem coisas que assim, às vezes é até simples de tudo, por exemplo, até o fato de você às vezes você ‘tá, fazer uma compra no supermercado por exemplo, né? Você ‘tá acompanhado você ‘tá... sabendo isso compra, isso não compra, isso serve, isso não serve, sabe? Sabe esse tipo de coisa assim? Então eu acho que a vida conjugal é super legal, assim, eu realmente é... é... não me arrependo assim em nenhum momento de de ter casado, sabe? De ‘tar envolvido com outra pessoa, assim. Porque eu acho que é legal você... porque quando você vive sozinho assim né, pelo menos no meu caso, eu pelo menos assim quando eu casei já era um pouco mais... 31 anos, né então chega um certo momento que você sua vida fica um pouco vazia, assim, sabe? Você não tem com quem dividir... normalmente as pessoas que que que os relacionamentos, dos

amigos que você conhece geralmente já são pessoas assim... mais novas né, que você, já não pensam igual você pensa. Então quando você quando você... tem uma pessoa assim, que você é casado, você tem uma... você divide responsabilidades né, você planeja, então é legal.

P. E nesses vinte anos que vocês estão casados o que que você tem de mais significativo, como que foi ao longo desse período?

R. É o que eu falo é o tipo de casamento assim tem mui tem muito, claro que tem né tem muitas, muitas desavenças mas... mesmo porque é o que eu já te falei n', algum problema, mas é muito legal assim porque... durante 20 anos a gente fez muita coisa, muita coisa boa, assim, sabe, nossa filha, cuidamos dela, assim, é... né? Fizemos... né, o que? Passeamos muito, viajamos, nos curtimos bastante também, nos curtimos, é claro, até hoje também...

P. Se você for pensar assim, hoje você 'tá com 51 anos, você casou com 31 né? Teve algum, mudou alguma coisa em termos de sexualidade, se você for pensar assim hoje eu 'tô com 51 anos. Como que 'tá sendo pra você assim, a qualidade da relação, o dia-a-dia?

R. Não eu acho assim, sabe, eu acho que... Não sei, mas eu acho que que que a gente continua a mesma coisa, sabe, eu acho que 'tá até melhor eu acho que a gente vai vai se conhecendo mais, assim, sabe? Eu acho que isso é... isso é bom, pelo menos você sabe né o que agrada a pessoa, o que não agrada. Eu acho que isso é...

P. Você acha, se você for pensar hoje, que até melhorou?

R. Eu acho que sim, eu acredito que sim.

P. Pra você?

R. É, pra mim, falar pra mim. Eu acho, pra Z. eu não sei se...

P. Se você quiser falar mais...

R. Ah, Ellika...

P. Você como homem de 51 anos, como você vive a sua sexualidade hoje, na sua experiência né.

R. Olha Ellika... eu acredito que que eu até me prefiro, eu me prefiro mais hoje do que há algum tempo atrás, sabe, no começo assim, é o que eu te falo a gente vai... vai

amadurecendo né você vai adquirindo mais experiência, assim, sabe, de de vida e de de de relacionamento também. E é assim, apesar da idade, ter 51 anos, normalmente eu não percebo, assim... diferença assim com relação a 20, 30, pode ser que mais pra frente eu comece a ter algum problema, mas eu não percebo assim... diferença eu até acho... acho que foi até, acho que eu melhorei assim, nas experiências.

P. Melhorou como?

R. Assim, em tudo de de de... Assim, eu acho que eu melhorei em tudo, assim, em todos os quesitos, assim, sabe? De de de de conseguir dar mais carinho, mais prazer, esse tipo de coisa.

P. E os seus projetos você vê, como você falou no começo, de estar continuando junto de quando se aposentar ir pra um lugar mais tranqüilo...

R. Isso é uma coisa que ainda, eu estou pensando. Isso de projeto realmente é uma coisa que, ultimamente é a coisa que tem mais me passado assim pela cabeça, porque... agora, por exemplo, faltam... se eu quisesse me aposentar por exemplo falta 1 ano e... 1 ano e 3 meses por aí, mas a minha intenção realmente não é essa é ficar um pouco mais. Se realmente eu tiver... essa oportunidade eu realmente vou me aposentar. Aí de repente você ouve eu outro dia aí veio um rapaz que trabalhava aqui, trabalhou na X. depois mudou pro C. tinha se aposentado aí doido procurando alguém que ele queria arrumar alguma coisa pra fazer, que ele queria trabalhar mas não... que o pessoal acho que pagava só 200 reais aí ele... não quis, sabe? E aí você vê... e assim, as pessoas que se aposentam e vêm aqui você vê que as pessoas que vêm aqui você até eu até dou bastante atenção sabe porque eu até entendo porque... normalmente as pessoas que se aposentaram já se aposentaram são pessoas que trabalharam aqui muito tempo né? Que que ultimamente aqui mudou muito né, as pessoas mais antigas todas já aposentaram, só ‘tão nós, as pessoas mais novas, então conhecem muito poucas pessoas, então eles vêm aqui ficam doido assim, pra conversar né? E aí eu dou a maior atenção assim, de conversar, inclusive eu até ‘tava perguntando pra ele “e aí você se arrependeu?” porque pelo jeito que ele ‘tava falando assim, “e aí se arrependeu?” “ah, não, me arrepender não arrependi não mas...” Mas eu percebo assim, sabe, as pessoas que aposentam, elas dizem que não... é... que iriam aposentar se tivessem pra aposentar aposentariam de novo mas... eles é... mas assim, ‘cê percebe que a pessoa fica meia meio vazio assim, sabe? Algumas pessoas quando têm alguma atividade que saem fora pra outra coisa, ainda até que se envolvem, vai, tudo bem, mas outras pessoas que saem fora e não têm muita coisa não se planejou muito bem, aí eles ficam assim, eles chegam aqui sabe, meio per, ‘cê sente que o pessoal ‘tá meio perdido assim no mundo. Então eu penso nisso também sabe porque é... seu eu aposento, se eu aposentar como é que vai ser, sabe? Se eu vou ‘tar desse jeito, se eu vou ‘tar... nesse vazio total, ou se não, sabe? Se vai ser bom, se não vai... Assim, realmente aposentar... eu quero chega quando eu fizer eu realmente tenho int tenho intenção mas eu gostaria assim, sabe de de de fazer isso mas... sabe, a partir desse momento você mudar de vida, sabe? Mudar radicalmente assim, sabe? Porque... é uma outra fase né da sua vida que você vai passar a ter. Às vezes eu

imagino desse jeito. Sabe, porque do jeito que a gente é atualmente 'cê fica preso né ao seu trabalho né, né, você não pode fazer outra coisa porque... você tem compromisso, a partir do momento que você 'tá livre pra fazer o que você quiser... Não sei que que a gente vai fazer tem que ser o que que a gente planeja... né? Porque você...
E eu tenho pensado muito, assim, como seria. E até agora eu não achei resposta não. Sabe o que que é se depende, se depende só da gente, por exemplo, igual pra Y. que não tem ninguém, não tem compromisso com ninguém assim, pra ela é tranqüilo, ou então... gente que não tem família assim, que é solteiro é mais tranqüilo né, você tem você tem toda a sua... você tem toda liberdade pra fazer o que você quiser na sua vida daí pra frente, você pode mudar, não pode mudar, se quiser continuar do mesmo jeito que 'tá você continua, né?

P. Por que a Z. ainda continua trabalhando?

R. Porque a Z. ainda continua trabalhando e aí também tem compromisso com a W. também porque vai 'tar numa fase que ainda 'tá... possivelmente ainda vai 'tar solteira, espero né? Que ela se organize na vida primeiro pra depois (risos) arrumar algum enrosco né? E... e aí fica difícil né, pra você fazer, planejar qualquer tipo de coisa assim, tudo o que a gente planeja fazer é tudo fictício né? Porque na realidade você não sabe o que que vai acontecer. É, e aí a gente fica né, conjeturando...
Porque também chega um certo ponto é... chega um certo ponto que também você já fica cheio sabe, do tipo de coisa que 'cê 'tá fazendo também, né? Você 'tá a tantos anos você fala "pô, de repente eu não preciso mais 'tar fazendo isso eu posso... fazer outra coisa, fazer o que eu gosto..." Porque na verdade você vai 'tar trabalhando mas vai 'tar trabalhando de graça, pô se eu já 'tô aqui porque que em vez de eu 'tar fazendo isso, por que que eu não 'tô fazendo outra coisa? Então você fica, eu acho que assim... também eu percebo assim você fica é... eu ainda não 'tô nessa ainda não eu 'tô bem entusiasmado ainda, mas eu acho que você vai perdendo assim todo aquele entusiasmo, assim, sabe, do trabalho igual quando você tem, quando você 'tá... no início do trabalho. Eu me lembro quando eu comecei a trabalhar aqui ficava todo empolgado né. Hoje, pô, eu cumpro as coisas, cumpro a minha rotina de trabalho, faço, entendeu, mas eu não tenho mais aquela empolgação que tinha antes né, de repente se eu vou me aposentar, fazer outra coisa, talvez eu consiga né, me empolgar com outro tipo de atividade que eu vou fazer, eu acho que no momento é o que os aposentados fazem né? Eu vejo aí a Y a todo vapor lá com os negócios dela.
Eu acho que é isso.

P. Então 'tá, quer falar mais alguma coisa?

R. Ah... é difícil falar né? Eu não sou de falar muito né Ellika (risos), quando eu tenho que falar aí é um sufoco.

Entrevistado 3. 44 anos, casado, bancário, 2 filhos, 1 de 16 e 1 de 15 anos, nível sócio-econômico B.

P. *Agora que você está vivendo a meia-idade e seu/ sua (s) filho/a (s) está (ão) na adolescência gostaria que você falasse a respeito de como você percebe este momento de sua vida, ou seja, como está vivenciando a paternidade, sua sexualidade e mesmo seu projeto de vida.*

R. Em casa é tem... um... em casa é... como posso dizer pra você, os dois nasceram muito próximos 'tá? Um 'tava fazendo aniversário o outro nasceu, então quer dizer nem andava, aí nasceu, aí veio o acompanhamento né? Aí chega nessa fase agora de... adolescente, pré-adolescente, chegando agora na adolescência os dois, eu concluo que são pessoas extremamente diferentes né? Sob todos os aspectos. O X. o mais velho é uma pessoa mais organizadinha, é cumpridor de horários sabe? Tem, assim, responsabilidade nesses aspectos. O Y. já é um pouquinho é... mais desleixadão, mas é mais assim esforçadinho na escola é... agora relacionamento entre os dois, ou dos dois com outras pessoas não vejo dificuldades que eles tenham, 'tá. Agora a dificuldade que tem talvez por essa proximidade dos dois estão passando pela mesma fase, dá muito atrito, há bastante atrito de, até talvez briga por posse de alguma coisa, por espaço mesmo "ah, eu sou melhor nisso" "Não, não é" tal. Aí 'cê tem que intervir. Às vezes dá aquelas brigas de... brigas de dar baixa mesmo. Aí 'cê tem que entrar no meio também e às vezes ficá meio nervoso né, oras com um oras com outro. O mais velho até reclama muito "Pô, 'cê é muito puxa saco dele, papapa, papapa". Até não vejo dessa forma não, se fosse eu teria que ser até crítico pra realmente fazer uma análise disso aí parar e pensar né? Mas não é bem isso. É que o X é muito mais ativo assim é... a parte física, é mais saidão, sai por aí, já se vira, companheiro de cá, companheiro de lá, o Y já é um pouco mais... mais quieto, não é assim uma pessoa tímida não, 'tá? Timidez todo mundo tem né? Mas aquela pessoa assim é... que pra você arrancar algumas palavras dele é difícil. Não, ao contrário, é uma pessoa assim bastante doce, tranqüilo mesmo 'tá? E... Então essa é a dificuldade maior que a gente tem e, na verdade tem hora que a gente pára e pensa, eu e a mãe deles, a questão de impor limite, 'tá? A questão do impor limite é... a gente talvez um pouquinho aí atrás deu assim em algum, alguma bobeira ou talvez por melar demais os filhos né? Querer proteger demais, esqueceu um pouco deste detalhe. Não sei se é bem esquecer não. Eu trabalho muito. Chego por volta das 18:30, 19, às vezes 20 horas por força do trabalho. A mãe trabalha fora o dia inteiro, 'tá? Tem duas ocupações, trabalha em dois lugares, tem dia que ela chega, nove, dez [da noite]. Então é... a meninada 'tá, na hora que 'tá no período da escola, então já tem a sua ocupação né? Depois volta pra casa, até então quando o X estava na 8ª série é, os dois estudavam no mesmo horário. Então a parte da manhã era tomada, a parte da tarde ficava-se em casa né?

Não são meninos de ficar saindo na rua durante o dia, durante à noite é mais assim no fim de semana, o X agora é que 'tá mais saidinho, vai fazer 17 então vai assistir jogo na casa do colega "me leva, me busca" e é, as coisas normais, né? O Y já é mais de ficar em casa, mas de fim de semana sai, sexta, às vezes no sábado, saiu na sexta

não saiu no sábado, o X já sai na sexta, sai no sábado [risos]. Então é essa a dificuldade que a gente tem de colocar um pouco de limites 'tá? Embora a gente também, não é uma pessoa... faz o que quer não. Aqui existem regras pra se cumprir aqui dentro da casa deles e... eu sinto assim que eles me respeitam muito, às vezes até pelos bate boca até, respeito e temeroso né? Nem sempre né? Por exemplo, numa situação dessas tem que chegar e chegar bravo né? Mas... é assim, nunca usou de violência aqui, mas assim, a gente chegava e conversava realmente, às vezes ficar bravo né, fica bravo mas bravo mesmo, fazer o bicho ficar bem pequenininho porque não tinha jeito, chegava um momento que não dava, bate, bate e é pontapé, chegava até a uma agressão desse tipo, daí 5 minutos 'tava tudo certo, entre eles, conversa acaba ou meia hora passa, fica lá se mordendo né?
É eu tenho um pouco de dificuldade de fazer o rendimento escolar do X melhorar. Isso aí eu acho que vaI de cada um mesmo né? Então o rendimento escolar dele nunca foi excepcional né? Já foi razoável e de 7ª série pra cá, 8ª, aí ficou de razoável pra pior [risos]. O Y sempre foi bom, depois melhorou, depois piorou um pouquinho mantém uma regularidade aí é... considerável né? Mas na realidade o que a gente pode se dizer aí falta só um pouquinho de empenho pra ser ótimo. Que mais que eu posso te dizer sobre essa, esses adolescentes?
Por enquanto eles não despertou aquele interesse namoro só que "eu fiquei com não sei quem, porque eu fiquei com não sei quem, eu já beijei três" é desse jeito, sabe? Então tem um interesse mas assim, de ficar preso com alguém nenhum dos dois não percebi, não percebi e nem deixaram assim, a gente perceber também, se é que aconteceu. O Y nunca ficou preso com ninguém. O X já é mais livre mesmo tal, mas o X já é mais livrão mesmo e... é, não é de esquentar muito a cabeça com isso não. O Y por ser mais calmo talvez até tenha assim alguma coisa um pouco diferente mas também não... eles são bastante paqueradinhos né, então ficam aí todo cheios, tal... e... que mais?
O X adora esporta, por um período da vida a gente deixou de motivá-lo porque 'tava muito cansativo, tanto pra gente como pra ele. Ele adora jogar futebol, tanto é que 'tá tentando lá no B. é a paixão da vida dele, "não gosto de estudar pai" a nossa briga é essa, não pode parar, não pode parar [de estudar] e a gente escolheu uma escola até que razoavelmente forte que é o C., ele não suportou o ano passado aí, aí veio aquela situação: se ficar leva pau, vai ser bom num aspecto, mas aí a gente investiu em algumas coisas, 'cê investiu dinheiro é... se eu levar ele p'ruma escola pior ele, talvez ele vai ver a realidade da... das duas né? As duas realidades de uma escola e da outra, vai ver o que que tem lá não é... ver se valoriza um pouco mais. Então a gente partiu pra esse lado, aí eu levei pra uma estadual em S. onde eu trabalho, a avó dele mora lá, então ele ficou, outubro, novembro, dezembro lá na cidadezinha. Ah! Aí 'tava uma borboleta né! Aproveitou o que queria né? Quer dizer, até passou pra 2ª série do colégio mas, na verdade sem mérito, mas a gente também se pergunta né: 'cê vai forçar o cara a pegar assim... realmente não é o que ele quer [com ênfase], 'tá? Fazer, obrigar é a mesma coisa que te fazer obrigar a comer uma comida que você não gosta nem a pau né? Você é obrigado a comer aquilo. Então a gente pensou desse lado também. Hoje ele 'tá numa escola bem forte, melhorou um pouco, um pouco mas é ainda há o aspecto assim de frutraçào né, acho que dele principalmente, na gente também né, de não ter conseguido... então a gente sente assim que realmente é.... no sentido de frustração pra ele de não... ele até... fica estudando, sabe, a empregada 'tá em casa, "e o X?" "Não, 'tava estudando" tal mas... não consegue, talvez pela

dificuldade, ou talvez até o momento da vida dele né, de repente ele mais agora pra frente desperta e vai embora.
Eu também fui assim, então a gente sabe e... mas a mãe não foi, então a mãe cobra demais esse aspecto. A cobrança da mãe é, em cima nele principalmente nesse aspecto é... é muito forte né, tem um choque entre os dois, briga, aquelas situações que às vezes tem que intervir mesmo, você não pode só dar razão só pra ele... e então você também não pode ficar contra a esposa, não é por ser esposa né, porque também " 'pera lá, 'cê quer o que? né, a gente 'tá te, pelo menos tentando te proporcionar o que a gente pode de melhor então você precisa ter uma forcinha de vontade é o mínimo que a gente pede pra você." Mas aí o cidadão não quer saber de nada então a gente 'tá pleiteando com ele nesse aspecto.
Mas é uma fase que eu acho que não deve 'tá aí por muito tempo não, principalmente assim dizendo o X, a gente fala mais no X porque não é porque a preocupação é maior nele não, mas por ele ser mais ativo, uma pessoa mais atirada, ele 'tá numa fase meio perigosa né? A gente não descuida muito não.

P. Como assim?

R. Fase de transição né? De repente ele 'tá indo buscar lá fora alguma coisa que... frustração na escola e aí como é que fica? Termos de alguma coisa diferente, né, então essa é uma preocupação nossa. Agora a gente torce muito, também fazendo muita força pra que ele continue jogando bola porque é uma motivação nele muito grande pra ele. E 'tando ali que que ele corta: começou a cortar, chegar mais tarde em casa, tomar uma cervejinha, que infelizmente esse é um mal dessa juventude aí o alcoolismo, tá. Qualquer menino desse aí entra num bar e toma. Os caras "ah não pode entrar menor de 18", eles dão um jeito, entram, acaba ficando por lá, a gente ouve as historinhas deles e é uma preocupação grande essa, o álcool é... algo... O Y não, o Y não bebe por natureza mesmo de não gostar, 'tá bebe um copinho de cerveja e não precisa, nem metade desse copo bebe. Então essa por enquanto não é, ele não é uma preocupação nesse aspecto. O X já te falei é mais atirado, portanto ele é preocupante. Quando você tem um jovem nessa situação e pegue outros companheiros iguais um vai dando força um pro outro né? Aí vem as briguinhas, de vez em quando 'cê fica assuntando assim, ouvindo eles conversarem, 'cê percebe "ah, pô fulano é bom de briga, não sei que lá" já preocupa, daonde vem isso? Do álcool, das grandes companhias né? Um com o outro alí cria força e fica valentinho. Então é, eu acredito, está até passando com uma certa facilidade essa, essa situação, com alguma dificuldade como já coloquei a respeito de colocar alguns limites mas, não é tanto assim essa dificuldade não. Se eu falar "tal hora eu te quero aqui" aí a gente negocia meia hora a mais, meia hora a menos, acaba dando certo. De vez em quando até escapa né? Fala "não vai sair hoje", vai, fica meio emburradão, retruca um pouquinho. O Y é diferente. "Ó não vai". Acabou. Ele não retruca, talvez seja uma desvantagem né, não sei. A gente não sabe o que ele 'tá pensando, como é que vai 'tar mais pra frente. A vida cobra muito essas situações da gente, de... tomar certas decisões né? Então eu acredito que a gente esteja aí, a gente vive muito bem aqui em casa, tanto eu como a minha esposa, com eles, é assim uma relação... é muito gostosa mas tem alguns, alguns aspectos que às vezes causa até algum ciúme né?

P. Por exemplo?

R. É... da mãe em relação... tudo eu né? Eles vêm muito comigo então, não que a mãe cobre mais, eu cobro até mais mas... eu não entendi porque mas quando tem alguma coisa pra definir, só quando a gente 'ta meio brigadão né, mas, vem comigo. Não é que eu sou bonzinho também que cedo tudo não, mas... é questão de relacionamento né? Aí de vez em quando a mãe fica com ciúme e reclama, "ah, vai lá com seu pai então!" [risos] É, televisão. Televisão é essa porcaria, né? Mas a gente gosta. Eu e eles. Ela detesta. [risos] Ela detesta. Tanto é que ela chama isso aí de divórcio. "Já vai ligar o divórcio". E aí corta, né, o diálogo Porque nunca gostou mesmo né. O irmão dela, é... na casa era só ela e o irmão também. O irmão dela sempre gostou de televisão. Então é de cada pessoa né? Ela foi muito ligada a trabalho, começou a trabalhar muito cedo e... assim, o pai muito severo com tudo principalmente no que se diz a horário, não dava liberdade pra menina então..., então isso ela cobra de mim e deles. Toda essa situação, horas, tem hora que isso não dá certo né? Eu por exemplo trabalho no banco o trabalho ele... não é bem que exige, não sei porque os caras "ah, vamos tomar uma cerveja, tal" e, já até uns tempos atrás eu ia. Hoje já, agora eu vou pouco, um outro período que não ia nada sabe? Mais realmente pra contentar, né, o outro lado de que provavelmente se contentar né? Aí, é bom 'cê fazer uma mediana né? Um pouco pra você, um pouco pra mim. Então ela sempre foi uma pessoa cobrando muito e cobra muito deles, 'tá. Cobra uma postura mais forte deles. Isso é muito bom, eu acho muito válido. Então, é... a gente é bastante amigo, a gente vai num campo de futebol junto, "me leva não se pra onde, pai?" "Levo", "eu 'tô precisando disso" [risos] me chamam de 'véio', "ah, 'cê 'tá véio, sô!". Nós vamos jogar bola no clubinho do banco, toda quinta tem um jogo né? A gente vai, eu jogo com eles, né. Na empolgação do jogo "Uh, X. pô, não faz isso!" "Ah, que que foi ó véio?" [risos] Coisas dessa natureza assim né? Então a gente tem medo, né, porque afinal de contas, 'cê 'tá cuidando de dois jovens, te dá uma certa insegurança em relação a esse mundo inteiro em que 'cê 'tá vivendo aí de violência, de consumismo, coisas de impacto né? É assim com eles e eu vejo os outros colegas deles às vezes estão numa situação pior ainda de... "hoje é isso, hoje é aquilo" e, mostra aquela situação, então esse consumismo, essa violência que 'tá aí imperando, esse alcoolismo liberado preocupa muito a gente. A gente conversa, procura orientar mas eu não sou o guarda, o anjo da guarda deles todo ali, toda hora, então cabe também a eles ainda absorver muita coisa né? Absorver muita coisa. Só repetindo: um pouco ainda da minha preocupação maior ainda de adolescente 'tá mais com o X do que com o Y. Eu acho que o Y 'tá assim atravessando, pelo menos aparentemente nas coisas que a gente conversa, muito mais tranqüilo, menos questionador do que ele [X]. O X não, sempre questionando, sempre procurando atividade. Depois que fez 15 anos, ich!, aí... a gente foi perdendo um pouco a... situação né? Talvez até natural da gente né? Vai se desligando mesmo né? É até bom né?
Agora recentemente com essa história de futebol aí, tem um cara que chamou ele pra fora do país aí, nossa! 'Tá que 'tá doido, ele quer, ele não quer nem ouvir falar em estudo, ficou empolgado: "Puxa pai! Olha só essa oportunidade eu não posso perder." "Calma rapaz você 'tá novo ainda, té o final do ano a gente vê direito, você não vai perder contato com essa pessoa, espera mais um pouquinho" acaba, normalmente, caindo na real, é que essa pessoa gosta tanto daquilo, tanto daquilo que de repente vêm <u>vem</u> uma possibilidade aqui né? Então é... a nível do que eu posso te

falar do nosso relacionamento, da nossa vivência é isso daí. A gente tem assim, um nível de confiança, embora eles quebram a situação 'tá? Por isso a história do futebol ser extremamente benéfica pra ele, porque com essa história ele 'tá no clube não 'tá bebendo, chegando tarde, chega 6ª feira saiu com os colegas pra S. 'tava tendo uma festa lá chegou um pouco tarde, sem permissão né? Quer dizer, ele falou "pai, te liguei, 'cê não 'tava em casa, não ia falar pra mãe que eu ia lá senão ela ia encher o saco". Eu falei: "Ô cara 'cê pisou na bola, preocupado não sabe onde você 'tá." "Então, mas eu 'tava com meus primos lá, 'tava bom, 'tava..." Deve ter tomado umas lá. Não, embora dessa vez não tomou nada não, até a mãe recebeu ele no portão, normal. Mas a preocupação nossa é essa né? E atrás do álcool vem outras coisas né? Pode te dar coragem pra outras coisas né? Sei lá, despertar uma vida em droga aí, a gente não sabe né? Ou não conhece bem as companhias né? Conhecer quem é, porque é, a gente até conhece, 'tá estudando junto, mas a fundo a gente não conhece. Então é isso aí. Que mais que eu posso te falar?

P. Como que é isso tudo pra você, como você se sente...

R. Não, eu vejo, eu vejo assim a preocupação assim, mas até com bastante naturalidade, a gente viveu um mundo um pouco diferente deles né? Quando eu 'tava com a idade deles no começo dos anos 70, a realidade era um pouquinho diferente né? Ou bastante diferente do que é hoje, mas... então a gente passou por isso também. Vontade de... eu um pouco mais dificultoso porque economicamente a gente não pode nem se comparar né? Com a minha juventude né? E isso aí é um motivo de preocupação também talvez essa facilidade que talvez você cria pra pessoa é... ela pode vir a atrapalhar num determinado momento na frente. A história do futebol, um dia eu conversando com ele e a mãe "muito simples: 'cê joga bem, todo mundo diz que você joga bem futebol, mas te falta alguns predicados, um deles: 'Pai, eu preciso disso.' 'Toma.' 'Pai eu quero uma chuteira não sei que lá' 'toma'. Você acha que todo mundo é o... que você já é o bom de bola que o cara vai te pegar e te colocar lá. Na hora que você chegar lá dá uma força, aí que você vai ver quem é quem, quem tem personalidade, tem um caráter formado, se você não tiver isso não vai pra lugar nenhum né? Falo muito pra ele "quando eu jogava futebol na tua idade pra ganhar uma chuteirinha nossa! Mas deu o que fazer." Então a gente dava valor nessas coisas. Não que eles não dêem valor. Mas tem muitas facilidades, essa facilidade talvez atrapalhe em algum aspecto né? Ajuda em algumas coisas, acredito eu que atrapalhe em algumas coisas, a pessoa isso e dá isso, acham que tudo é muito fácil, qualquer coisa compra, não é isso, não é bem assim né? A vida, o dinheiro, 'cê consegue ele, mas ele não ele não é tudo não. Então isso a gente tenta passar pra eles né? Que mesmo 'cê tendo muito dinheiro mesmo assim você não consegue ter sucesso na vida, é assim, estar feliz né? Porque cria um vazio tão grande que nada faz sentido, e se precisar a gente entra no assunto um pouco mais apimentado como é... falando de algumas pessoas que tinham dinheiro e até cometeram suicídio né? Tem que se... se dinheiro vale tudo porque esse cara fez uma asneira dessa né? Então... coisa desse tipo. A gente procura sempre falar também é sobre essa liberdade sexual aí que hoje 'tá impressionante né? Então tenta sempre orientar, essas coisas a gente não tem tabu aqui em casa, isso não pode falar ou... perguntou tem resposta, pra mim pergunta sempre tem um questionamentozinho né, "Ó, cuidado. Cuidado

com o que você faz". Aí, de vez em quando solta aí umas conversas a gente orienta, dentro do que a gente conhece e dá assim liberdade pra pessoa mesmo conversar né. Aqui em casa não tem uma barreira assim, a gente sai do banheiro, sai às vezes até nu mesmo, ninguém tem assim um... vamos assim dizer um preconceito entre eu e eles e até mesmo com a mãe, mesmo assim tem já um respeito né? Assim, mas... se tiver necessidade sai tranqüilo sem... sem problema nenhum. Tanto um como outro nessa parte eles não... eles se portam bem, sabe? Que mais eu posso dizer pra você?
A ansiedade, né, do cara ter um carro. [risos] Tudo na mão. Inclusive esse X me aprontou uma no final do ano 'tava no avô dele, de madrugada, catava o carro do avô chegou a vir até em R. Nossa! Foi um caso sério. E o avô descobriu, antes ele tinha me contado eu falei: "Pára rapaz, se acontecer um negócio, 'cê pode morrer, matar, eu posso ser preso, teu avô, que é dono do carro, 'cê imaginou o que pode acontecer? Tudo tem seu tempo, o seu 'tá chegando já, daqui a pouco 'cê tem sua idade, 'cê vai ter a sua carteira de motorista." Aí a mãe briga "porque o carro 'cê não pega." "Não, mãe, não sei que lá, pa pa pa..." "Conversa com seu pai." "Não rapaz, espera lá na frente a gente vê. Aí se bebe, não sei que lá, vai ficar igual morto aí." [risos] Aí ele fica bravo com ela né? Então... a gente, eu sempre 'tô falando mais em relação ao X porque ele é onde a gente identifica mais problema. Talvez o outro tenha até mais, mas não aponta, mas pelo que a gente conversa, pelo que a gente sente, pelo que a gente vive, não tem assim uma coisa assim vamos dizer séria que de repente transforme assim numa pessoa um pouco fora do normal, mas não tem não é realmente uma pessoa extremamente tranqüila mais equilibrada e... 'Cê conversa, 'cê determina uma coisa, aceita, às vezes até contesta assim, mas aceita então é um menino que preocupa menos, o X preocupa mais, o X realmente eu digo pra você não é de todo não mas é mais ou menos uma fotografia do que essa juventude mais saída, retrata bem mas muita coisa positiva nele também né responsabilidade que ele tem assim de horário, se ele marcar com você de hoje 8 horas dez pras 8 ele 'tá chegando pode ficar tranqüila. Se ele não tem como ir ele fica, ele me liga lá no "pai eu preciso que você" dá um jeito de ele ir lá no compromisso dele. Compromisso até de aula, não falta à aula É raro o dia que... vai chegando finzinho de ano, fim de semestre, falta lá um ou dois dias, três mas o resto... 'tá lá agora 7ª 8ª, o ano passado também ele me deu um trabalhinho. Com macaquice né? Acho que é aquela fase de ficar aprontando gracinha, estudava ali no S. Nossa! Ia naquelas reuniões [risos] A mãe ia, a mãe, os dois estudavam na mesma escola né? A mãe ia na do Y que não tinha reclamação nenhuma tinha que sobrar pra mim né? De vez em quando eu falava: "não, pelo amor de Deus vai lá porque eu já não agüento mais né?"
Ah, mas quando eu fui exigir também uma vez ele me aprontou umas coisas lá, acho que quebrou o serrote lá que 'tava usando, os caras... faz muita gracinha, o professor marca um pouco aí me chamaram, eu não fui a favor dele não, fui a favor do diretor, cheguei nele tanto na frente lá na escola, como depois em casa
Sempre foi assim sabe, aqui em casa, mexe, sai fora, aí acaba sobrando ou pro irmão ou pra outro, é o espertão sabe? Sempre arteiro. Tem umas passagens aí dele, de vez em quando a gente fica lembrando... Rapaz! 'Tava bravo.
Então quando ele era menino, tinha uns sete, oito anos, o vô dele tinha um sítio, então na época então a adoração dele era ir pra lá ficar no meio de vaca, cavalo, até comprei cavalo pra eles, comprei e agora recentemente perdeu, os cavalos 'tão lá, as vacas vendeu. Então é... então tinha essas coisas, viveu essas coisas também sabe, ia nesse sítio, montava o cavalo, andava com o avô dele, e ficava lá fim de semana,

"onde vai?" "vai pra cá com o vô dele, vai pra lá". Então teve essa vivência. O Y não, ele sempre foi mais pregado em casa, não gostava de sair, e hoje também ele não é muito de sair, sai, sai dentro da normalidade. Sexta, sábado, não, sexta teve uma festinha de aniversário, aí não tinha saído durante a semana "ó pai, eu preciso ir" " 'cê vai né?", vai, está sempre dançando valsa, as meninas convidam ele toda festinha de 15 anos, o irmão fica com ciúme né? "Pô ninguém me chama, só chama..." [risos] Aí começa a cutucar né, a cutucar. "Pô, seu barrigudo!" Chama o Y de barrigudo, gordo, aí ou outro, "barrigudo, pqp", e por aí vai né? Mas a gente ainda tem que, 'tá passando por essa fase aí sem grandes sustos, por enquanto. E vamos torcer pra que continue assim né, pra que cada dia que passe a pessoa se firme mais né? Pelo menos exemplo tem de pai e de mãe, a gente nunca foi assim pessoa que ficava aí, pra cá, pra lá, tirando essas, às vezes de tomar uma cervejinha com os amigos que a esposa acaba brigando comigo, e às vezes eles falam, ainda lembram né, então falo "sua mãe tinha razão né?" Acabou o trabalho vem pra casa. É que a gente 'tá cansado, o colega convida, talvez eles ainda vão viver isso. Eu, a gente 'tá passando assim, sem grandes sustos mesmo, eu espero que a gente consiga atravessar inteiro né? Sem surpresas desagradáveis né? A preocupação nossa com drogas é muito grande [fala com ênfase] porque, porque a gente conhece vários, vários aí da idade, talvez menos que... 'tão numa situação hoje complicada, então a gente procurar tirar como exemplo isso, orientar eles nesse aspecto mas você nunca sabe o que passa né? Ou entre os colegas o que 'tá... A gente é contra o cigarro, ninguém nunca fumou aqui, quem bebe uma cerveja de vez em quando sou eu, a mãe não bebe absolutamente nada, de vez em quando um copo de Maltzbeer [cerveja preta] e... a tendência dele é o que a gente sempre conversa né? Essa tendência veio pelo meu lado, ele ser um pouquinho mais avançadinho, de não ser muito tímido não mas, parece que vai indo bem, vai fazer 17 anos agora, tem, acho que tem mais dois aninhos aí de [risos] pelo visto aí pelo menos mais um aí de tentar aí colocar a rota certa de vez né? E vamo ver o Y também se continua desse jeito né, é o que a gente torce pra ele mesmo, pra que ele seja, sente assim que ele é uma pessoa mais tranqüilona mesmo, de certo modo pra ele é bom. Que mais? Eu acho que tudo que eu poderia te falar...

P. Como você se sente, como você está vivendo esta fase da vida...

R. Exatamente. Agora a gente sente do jovem uma falta de respeito muito grande, não, eu não posso reclamar isso deles, aqui em casa, 'tá isso eu, às vezes conforme o jeito d'eu olhar ainda, ainda 'tá funcionando. Mas existem alguns... me assusta algumas atitudes, falta de respeito para com as pessoas e a gente procura orientar nesse aspecto também, orientar é... sobre meio de comportamento, para pessoa ser gentil, educada, mas é difícil 'cê acompanhar o cidadão viu? Eu não 'tô na sala de aula, de repente a diretora me chama lá e aí? [risos] E eu também não posso cobrar uma atitude muito diferente dele porque afinal de contas esse jovem 'tá passado por uma transformação e pelo menos pelo pouco conhecimento da gente essa transformação às vezes mexe muito com a pessoa a nível de comportamento, parte física, então é uma coisa que a gente tem que ser mediano aí e compreender né? Nem pra ele, nem pra mim. Quando tiver que ser pra mim, pra mim, quando tiver que ser dele né, aí a gente tem que ceder mesmo, pra não criar assim, um conflito. Tem

determinados momentos aí, é... no passado, que a gente teve alguma discussão assim de realmente eu impor a minha condição de pai. Condição de pai, condição de pessoa que eu 'tô... 'tava lá, "ô cidadão, você tem que respeitar". Quer ver um exemplo? Esse é até meio machista, mas é um exemplo. Eu nunca adotei a prática do brinco. Até que um dia ele convenceu, a mãe veio me convencer, 'tá bom, então vamo fazer uma troca, usa isso daí e você vai me dar isso de nota, tal, mas não funcionou muito não [risos] 'tá, então eu briguei com ele até tirar esse brinco. Aí um dia até que realmente começou, lá em S., começou a usar essa porcaria de novo. Aí eu falei: "Ah!" mas aí ele andou aprontando essa situação de carro, essas coisas aí eu já aproveitei e falei: "bom agora é comigo, 'tá" "ah, ah" [faz não com a cabeça e o dedo] "Ah, porque não sei que, pa pa pa...". "Não, agora nós não vamos conversar dessa forma." A gente acabou brigando, torci ele, ficou meio arisco, nunca mais, não tocou mais no assunto, sabe? Então de certo modo ele até deu motivos pra isso né? Ele sabia que eu não gostava, aí ele vai fazer o que 'cê não gosta. Ele deve estar sob aí a... maior parte dos coleguinhas usam, aí os primos que reprovaram e quando os dois vieram aí, chegou esse fim de semana, eu já havia visto né, chegaram esse fim de semana ah, os dois lá de brincão, aí " 'cê 'tá vendo pai?" eu falei "eu já 'tô sabendo" falei, "mas ele é ele, você é você, vai, parece homem rapaz!" [risos] Aí essa idéia ele não tornou mais não. Aí vem essas idéias de relacionamento, amigo aí sabe até onde é, se ele pode relacionar, "não porque o meu amigo tem um pit bull eu quero um pit bull de aniversário", ichi!! aí a mãe já entra né? E eu "calma, calma, vamo conversar" "eu quero um pit bull, porque eu vou fazer uma tatuagem não sei que lá..." "Ah! Acabou o pit bull, acabou tudo já [risos] não quero saber de tatuagem, não quero saber de nada." Aí parou, aí aquietou.

Esse futebol 'tá fazendo muito bem pra ele, 'tá, ou levanta ele ou afunda ele, porque se ele tiver uma frustração pode até complicar né, mas eu não vejo dessa forma. Então o que eu posso passar de vivência que eu tive e você vê são dois irmãos, nasceram tão pertinho um do outro, praticamente uma gestação junto ali né? Mas a diferença é tão grande que não dá nem pra falar, você fala assim pôxa vida é do signo de não sei que lá, quem acredita né?, não tem nada a ver, são de características extremamente diferentes, não têm absolutamente nada nada, assim, não tem nada a ver. Mas na maior parte das situações é comum né? E não tem nada, nada a ver nem com o outro mesmo então é... o que eu posso te passar é isso daí, pelo menos que eu me lembre assim do nosso relacionamento das situações que envolveu aí essa experiência até agora é tudo isso daí.

Entrevistado 4. 52 anos, casado, bancário, 2 filhos, 1 de 16 e 1 de 14 anos, nível sócio-econômico B.

P. *Agora que você está vivendo a meia-idade e seu/ sua (s) filho/a (s) está (ão) na adolescência gostaria que você falasse a respeito de como você percebe este momento de sua vida, ou seja, como está vivenciando a paternidade, sua sexualidade e mesmo seu projeto de vida.*

R. Eu não perco a oportunidade em ter um relacionamento com eles, embora com esse nesse tempo de idade eles procuram se afastar em termos de passeio da convivência ou do passeio em conjunto com os pais. Mas na maioria das vezes nós temos tido até esse privilégio de acompanhá-los né? No mais não há nenhuma dificuldade assim que eu tenha no relacionamento, inclusive até no texto até fala aí em relacionamento sobre informações sexuais... tudo aí isso nós temos conversas boas né? De tal maneira que a gente vai também orientando no sentido de dar aquele conhecimento que nós temos de leitura ou de vivência em termos de de de sexo. E também com referência a drogas, a gente tem sempre conversado abertamente. Embora eu tenha a impressão que ambos, tenho a impressão não, tenho a certeza que ambos ainda não, eles são mais retraídos eles não 'tão saindo assim com constância, muito difícil eles vão... dificilmente eles vão pro shopping, eles saem além da da da família. Ou vai pra casa dos avós em S. ou pra casa dos... dos meus irmãos em P. Então ainda não estou vivenciando aquele crava ?? de chegarem tarde é de ter uma liberdade muito maior, eu também não permito isso aí, a liberdade deles quando saem, mesmo quando vai pra esses lugares eles têm horário de volta, até no máximo 11 horas... da noite. Eu não tenho tido nenhuma dificuldade em conviver com eles adolescentes. Embora eles sejam bem mais... rápidos nas respostas bem mais ágeis do que éramos eu, minha mulher com referência a nossos pais. Quer dizer eles são mais... contestadores, mais debatedores, eles têm alguns aspectos interessantes, por exemplo, é de achar, de opinar fortemente contra os nossos argumentos, e o argumento deles às vezes prevalece ao argumento da gente né? E esse é uma evolução interessante é no aspecto do relacionamento adolescente eu digo até filho pai, filho pais. Qualquer assunto que você demanda, um assunto político, assuntos de sexo, é econômico, você sente que eles já começam a formar uma opinião e normalmente não é coincidente com a dos pais. Embora na linha em geral eles tendem a sempre ter uma tendência pra aquela informação dos pais. Principalmente quando você mostra argumentos, comprova isso até através de livros é noticiário, jornal. Os professores têm uma influência muito grande a partir do... segundo grau, do segundo colegial eles passam, principalmente aquele professor que passa uma visão mais socialista em termos de ideologia política, eles passam a ter uma informação, talvez até distorcida pelo mestre mas mais arraigada, influenciada mais pelo mestre do que pelos pais. Nisso aí eles começam a formar também opiniões diferenciadas. Isso eu 'tô falando com referência ao mais velhos que já cursa isso. Mas têm os adolescentes hoje uma opinião é diferenciada que nós tínhamos, ou seja, passam a ter informações de outros lados, de outras é do meio ambiente que passam a formar opinião que não é a dos pais e que nós temos que conviver isso com... com

malabarismo até pra não ter um impasse uma discussão.

P. E como que é quando tem uma situação assim de... de diferença de opinião?

R. Um impasse né? Olha ou eles acabam ficando convencidos por nós numa maneira não bruta, numa maneira razoável ou eles, a gente acaba aceitando que o argumento [fala rindo] deles é correto pra não chegar num... num impasse que chegasse a vias de fato, em discussão exagerada, exasperada e... Às vezes até chegamos viu? Quando é futebol, por exemplo o assunto é polêmico [risos]. Aí como nós três somos corintianos e a mãe gosta do Palmeiras aí eles se exasperam um pouco com referência ao... aos comentários da família até da I. que é toda palmeirense. Nesse assunto há uma discussão. E há polêmica. E há até irritação é é mais pro lado do adolescente do que propriamente dos mais é... dos mais velhos. [pausa de 10 segundos]
Mas o que que nós temos assim na política, por exemplo, política a gente tem uma visão, eles têm uma visão politizada mais por causa minha, né, não partidário político, partidarismo nós não temos é visão política, é... macro né? Sem ter assim aquela política do dia a dia é politizada via jornais. Aí nós também temos algumas diferenças é de opiniões. Eles, até o mais velho vem com uma tendência a me acompanhar em detrimento de acompanhar a mãe que tem uma visão diferenciada da que eu tenho na formação de política, na formação de assuntos políticos. [pausa, olha interrogativamente]

P. Você falou, assim, que não tem muita dificuldade, né, normal, mas como que é isso?

R. Talvez essas dificuldades venham pela forma de criação que nós tivemos. Nós mudamos demais nós moramos em dez cidades durante esse período. E nós é... nesse período eles não formaram nessas cidades, como nós somos casados é... também há dezesseis anos a idade, e nós mudamos dez vezes de cidade, eles não formaram uma uma... é grupo de amigos. Então nesse aspecto, e uma criação muito forte de acompanhamento, tendo essa obrigatoriedade porque eles ficavam sozinhos, nós morávamos longe da família, é... nós não tivemos dificuldade é... de criá-los, criá-los em termos dos nossos objetivos. São crianças razoáveis, não são rebeldes né? Têm opiniões contrárias em vários assuntos, da gente, nós debatemos, mas nesse aspecto [fala com ênfase] nós não tivemos dificuldade eles vêem, nós não... ou seja, nós não liberamos é de tal forma que eles pudessem ter uma liberdade é... forte. Hoje é que a gente 'tá começando a soltá-los. Então nós não criamos dessa forma como diz os psicólogos, os novos educadores que você deve dar liberdade, dar uma uma mesada, isso aqui não acontece 'tá? Nós acompanhamos de tal maneira de que ele tenha que seguir aquelas regras mais rígidas sem ser déspota, sem ser... é... maior castra castrar... ser um cara duro no trato né, mas nós atuamos sem que der sem dar... muita... muita liberdade nesse período, é a chamada liberdade vigiada, vigiada. Nós, eles quando saem têm horário definido se eles não chegarem naquele horário eu telefono e às vezes dou um tempo e vou buscá-los. Então essa é uma criação um pouco diferenciada dessa liberdade... Acompanho os amigos eles têm alguns amigos

que freqüentam aqui a nossa casa e eles freqüentam a casa de outros amigos né? Nessa freqüência que eles fazem eu conheço todos os amigos, eu não deixo é... de conhecer o pessoal que eles gostam de receber em casa ou que gostam de freqüentar. Outros amigos deles são conhecidos. Têm, eles têm liberdade, também, com anuência nossa de convidar os amigos pra vir aqui e com anuência nossa têm liberdade de ir pra qualquer de qualquer das casas desses amigos. O passeio deles é *shopping* quando eles vão lá vão pra passear, vão ver loja. Na maioria, o hábito mais comum desses adolescentes hoje é o computador principalmente navegar na internet ou fazer pequen os jogos, os jogos que eles têm e que eles ficam quase que o dia, se deixar o dia todo no computador. São os hábitos mais comuns.
Em termos sexuais eu não acredito por exemplo que o meu 'tá tenha tido qualquer iniciação nessa área né? Eu tenho a impressão que agora que ele 'tá , 'ta observando as meninas, olhando né? Pode ser que desse instante, dos dezesseis anos em diante é que ele vá, que eu vá ter que liberá-lo e que acompanhá-lo mais de... mais de longe talvez.

P. Acompanhar de longe... como assim?

R. Acompanhar de longe sem ficar é... no percalço. Acompanhar de longe que eu digo, dar mais liberdade mas sabendo onde ele esteja conforme, sem... essa marcação cerrada. Eu tenho a impressão que agora pode sossegadamente liberar, eles têm consciência de que se numa relação sexual usar preservativos, isso é orientado, inclusive eu já dei vários preservativos pra que eles conheçam, e também é é orientando sobre drogas. De forma nenhuma desde a maconha a qualquer outra experimentar em nenhuma das hipóteses. E se afastar daquelas pessoas ou dos amigos que venham com essa possibilidade de um novo, da tentativa de experimentar. Então essa orientação é dada muito... muito fortemente, mas não só isso cumpre também ao... a... as conseqüências desse vício, doença, doenças transmissíveis como AIDS, sífilis é... todas essas doenças que são possíveis de, é inclusive hepatite. E também orientando quanto ao vício, o vício ao que ponto que pode chegar uma pessoa viciada em drogas, a situação, a degradação onde se passa. Isso é colocado com bastante franqueza, eles sabem. Se amanhã houver um desvio não é por falta de conhecimento não, isso é bem alertado.
É, ao álcool. Eu não sou abstêmio, eu gosto de vez em quando de tomar cerveja e alguma, e eles não bebem nada e nós fumamos, quanto ao cigarro também nós não fumamos e pelo jeito nenhum dos dois fumará. Eles têm consciência de de que o cigarro é prejudicial. É, quanto à bebida eu às vezes sou criticado por eles né? E essa crítica ela não é, não é uma crítica efetuada na hora, quando eu resolvo tomar uma cerveja, eu tomo várias cervejas tal a ponto de que passar um determinado dia que eu falei: “Ó vocês 'tão tomando muita coca-cola, muito ref...” “Ah mas pai, o senhor tomou muita cerveja ontem.” Então eles demonstram na na nessa fala uma crítica velada de que eu deveria reduzir, quando bebo, a quantidade que bebo. Então nisso é bem forte a posição deles, a gente sente. [pausa, 6 segundos]
O que eu posso passar assim enquanto modelo certo, é... eu tenho procurado ser um modelo razoável pra influenciá-los tenho um monte de defeitos e eu sou, e eu tenho uma opinião muito forte também e sou turrão, às vezes é nós chegamos num impasse dessas opiniões e eu acabo cedendo pra que não gere um desconforto maior. Eu sou

mediador, eu tenho muito mais paciência do que a minha mulher na relação com os meus filhos. 'Tá? Emocionalmente falando assim a gente tem um contato muito bom. Eu gosto de estar com eles e eles gostam de estar comigo. Embora, quando eles estejam com os amigos eles [fala rindo] prefiram os amigos a ponto de falar "pai pode ir agora que nós já 'tamo aqui depois eu ligo pra que você venha buscar."
Em termos de produtividade escolar. É, o mais velho meu eu não tenho dificuldade nenhuma ele estuda sozinho, ele consegue bons resultados, ele não é um aluno excepcional, mas é um aluno acima da média, eu não tenho dificuldade em em acompanhamento. O mais novo tem é eu preciso acompanhar mais fortemente em termos de resultado escolar, ele é mais dispersivo nos estudos então eu tenho que acompanhar, mandar estudar, eles, ele é, como se diz, mais preguiçoso, por exemplo, na hora de estudar, o mais novo. Não sei se é uma ca não sei se é problema da idade eu acredito que pode até ser, mas o primeiro não teve essas essa essa preguiça que tem o segundo. Mas também o resultado dele é acima da média não é um resultado ruim, só que nós temos que ficar acompanhando muito fortemente. Com referência à área de prática de esportes. Ambos praticam esportes eles gostam de futebol mu ambos fizeram caratê, tá, ambos em termos de de esporte gostam de qualquer um inclusive de praticar e de olhar de ver e de ler sobre esportes. Um gosta mais do futebol do que o caratê, um gosta mais do caratê do que do futebol. Mas ambos praticam esportes, é igual. Ocupam o tempo todo porque eles 'tão ocupados ou com o estudo de inglês, porque eles também estudam uma língua, não sei se é bom, eu acho que... importante primeiro aprender o português porque nós temos várias pessoas que falam vários idiomas e não conseguem escrever e ler corretamente. Mas no âm no global eles, eu acho que eles não são aqueles adolescentes problemáticos.

P. O que você entende por adolescente problemático?

R. Um menino que... saísse que já tivesse com meandros do... da utilização de drogas, fumando... Quanto por exemplo a desenvolver atividades mais ditadas pela idade motorista de veículo, é... eles nunca pegaram qualquer veículo nunca me pediram porque eles já sabem que só começarão a utilizar os veículos quando completarem a idade permitida após fazerem os cursos, é as aulas normais. São, aquelas atividades proibidas, eles respeitam normalmente.

Entrevistado 5. 50 anos, casado, 2 filhos. 1 filha de 16 e 1 filho de 11 anos, nível sócio-econômico

P. Agora que você está vivendo a meia-idade e sua filha está na adolescência gostaria que você falasse a respeito de como você percebe este momento de sua vida, ou seja, como está vivenciando a paternidade, sua sexualidade e mesmo seu projeto de vida.

R. Quase concluídos né... a minha filha 'tá quase com 17 anos, vai fazer 17 anos já fez 16, já 'tá entrando pra 17 e... 'tá correndo tudo como eu esperava eu não tenho problema, os filhos 'tá graças a Deus 'tá tudo bem, 'tão estudando, 'tão saindo bem na escola os dois, em casa 'tou bem também graças a Deus, o problema é que nessa fase começa a surgir... problemas de saúde né que é normal né, 'cê começa a sentir diferencial no corpo, 'cê começa a ficar mais cansado... essas coisinhas e... a gente vai se acomodando mais, sabe 'cê já fica mais acomodado, 'cê quer mais é cuidar da família, ficar em casa né... eu tenho muito... o meu problema de trabalho aí né que eu 'tô numa fase de final de carreira e... o meu serviço é um serviço estressante. Às vezes a resposta não... pode falhar um pouco por causa disso, eu trabalho muito à noite então eu tenho um pouco de estresse de trabalho e... só isso.

P. E como que você 'tá se sentindo com relação a esses aspectos que eu falei? Você falou que os projetos já estão concluídos, que você 'tá concluindo com relação aos filhos...

R. É, os filhos eu pretendo... formá-los né, a minha intenção é... dar uma boa educação pra eles pra ver se eles conseguem... formar e pegar um caminho né. Porque a gente... eu já 'tô saindo né, e eles 'tão entrando na na na vida do trabalho né, agora no mais...

P. E os seus projetos, você tinha comentado que tinha alguns projetos seus... [antes da entrevista começar, na conversa inicial o entrevistado havia comentado que tinha alguns projetos para após a aposentadoria].

R. É... a minha nova fase é é coisa muito simples, o que eu, o que eu, o que eu pretendo... eu quero... terminar me aposentar, isso aí eu vou apagar essa fase e vou começar uma fase nova, sabe? Vou tentar fazer alguma coisa nova... tenho algumas... uma ou duas opções: ou eu vou partir pra agricultura que é um negócio que eu gosto, nasci na roça e tal vou comprar o meu pedaço de terra e vou mexer com isso ou... vou advogar, sou bacharel em direito, não sei qual dos dois que eu vou fazer. Isso ainda não 'tá decidido, entendeu?

P. E como você 'tá... como que 'tá sendo pra você esse momento?

R. De expectativa e expectativa é... a expectativa na na na aposentadoria é muito grande, é muito... trabalho... é um negócio que... não dá pra explicar. É mais difícil do que quando você 'tá entrando, a expectativa de quando você 'tá entrando você não 'tá nem aí, a hora que você 'tá saindo você não... você começa a contar os dias 'cê entendeu? É difícil, é difícil pra... pra você contar esses dias.

P. Por que? Como foi assim... ao longo desse período?

R. Ao longo da minha carreira transcorreu normal, normal, trabalhei... Comecei em Z., trabalhei em Z. vários anos de 72 até 86, 86 quando nasceu minha filha eu falei "vamos mudar de vida né" porque Z. é uma cidade muito... já era brava naquela época, hoje 'tá pior, aí eu vim pro interior vim pra M. aí já me acertei, já mudei de vida, já é outro clima né? Daí pra cá não teve muita mudança porque de cidade do interior pra cidade do interior não muda muito né? É só isso.

P. Você falou do seu trabalho, dos seus filhos, das expectativas com relação a esse novo momento e com relação à sua vida afetiva, à sua sexualidade, como que foi ao longo desse período? Como está sendo pra você?

R. Foi tudo normal porque eu sempre fui bastante fiel, então eu sempre fui muito caseiro, marido né, então não, pra mim não teve alterações, eu nunca fui um cara de de... de digamos assim de de ficar pela... pelo mundo apesar da minha da minha função me permitir isso né, sair pra noite, pra... pra boates essas coisas, eu nunca fui disso, embora tendo essa... esse privilégio de trabalho (fala rindo) eu nunca usei disso porque... o meu negócio é é... em casa, eu me dou bem em casa sabe, com a minha mulher entendeu? Não tem assim... crise em casa, tem vezes que eu falo, até brincando: eu nunca tive discussão com a minha mulher. Então a gente leva a vida tranqüilinha... sabe? Sempre construindo alguma coisa então... a gente anda sempre olhando pra frente.

P. Como que é no dia-a-dia?

R. A gente... sei lá a gente não discute, é muito difícil a gente brigar, não tem esse negócio de brigar hoje, brigar amanhã, em casa a gente não tem. Fica às vezes meio chateado mas briga não existe, nunca teve né, a gente vai levando assim, a gente não concorda muito com o que o outro fala... e a gente vai tocando né?

P. E qual é o significado pra você de estar casado, desta relação?

R. Ah, pra mim é bom, eu pra mim 'tá dentro do que eu queria sabe? Eu sou um cara caseiro, eu gosto de ficar em casa, então pra mim não tem lugar melhor que ficar em casa, diz que é o signo né que é caseiro, signo de câncer né, então pra mim é ótimo.

A gente, normal, assiste televisão, conversa, passear a gente passeia muito pouco, a gente quase não sai, quando sai pra casa de parente né, a gente 'tá sempre viajando né, a gente é muito caseiro e é só.
P. E assim, em relação aos seus projetos, você tem alguma relação da sua vida afetiva com esses projetos novos que você falou?

R. Ah, isso aí a família 'tá incluída né, isso aí já 'tá tudo incluído então já não é um projeto próprio meu, porque eu não faço nada sozinho entendeu? A gente faz tudo em conjunto entendeu? Desde se vai, se vai comprar alguma coisa, qualquer coisa que a gente vai fazer não tem esse negócio de chegar em casa "comprei isso" então a gente faz é tudo mais ou menos estudado sabe, eu sou um cara que controlo... muito, tento controlar bem a vida da gente sabe, pra não ter tropeços né?

P. E com relação à paternidade? Você ao longo deste período desde que seus filhos nasceram, agora com sua filha na adolescência, como você tem sentido... como que 'tá sendo pra você? A vivência da paternidade?

R. Ah, eu sempre fui um pai muito... muito apegado né, assim... desde pequeno e até hoje eu até brinco, onde eu vou enrabicha atrás, quando não é um é o outro, vai levar a mãe é aquela briga porque quer ir atrás eu vou, eu gosto de andar por aí à pé, vou pra cidade, é eu sair se 'tão em casa... [faz um gesto de que vão atrás] entendeu? Então a gente tem a relação de amizade muito boa, um relacionamento muito bom, não tem com o que se preocupar.

P. Como é que é no dia-a-dia?

R. É, o dia-a-dia é aquele negócios né, filho você tem que pôr limite né porque senão não tem a... você não consegue né, porque eu explico pra eles, eles querem... às vezes eles querem coisas que a gente não pode comprar 'cê entendeu, se não compra né... eu explico às vezes, "ah porque fulano lá na escola tem isso" o problema é o seguinte: tem porque o fulano lá na escola o pai é rico, eu não sou rico, a gente trabalha pra... paga a escola razoável pra eles pra ver se futuramente... ter um... futuro mais tranqüilo né, menos é... cansativo do que a gente né, é isso o que o pai quer pros filhos né?

P. E como que é a vida de casado? Era um projeto que você tinha já, 'táva dentro desse projeto de vida?

R. Não isso aí foi... o nosso... o nosso casamento foi bem programadinho, não foi nada assim... não foi nada assim de... coisa... os filhos veio tudo na hora que a gente quis, não foi assim casei porque veio o filho, não. Já casei maduro, já casei... logo que eu casei já montei a minha casa, já tinha meu carrinho... então já 'tava estabilizado, dentro da vidinha de pobre. Aí depois os filhos... veio a Y. mesmos de três anos depois que nós casamos, aí depois dela pro X. tem mais cinco anos de

diferença, então foi mais ou menos programado. Não é um programado, mas foi mais ou menos previsto que... que a gente queria né. E por aí nós 'tamo até hoje.

P. E como você sente toda essa trajetória que você falou, como é pra você, você acha que ao longo dessa trajetória, essa chegada próxima da aposentadoria... você sente que mudou alguma coisa, em relação às expectativas que você tinha e com relação ao futuro, às expectativas de futuro com relação à vida?

R. Não, eu não sinto que mudou não, e em relação agora só com as expectativas de vida pra frente né porque... assim, a... sei lá eu não eu não sou, nunca nunca me frustrei muito não, tem muita coisa que você gostaria de ter atingido mas você não consegue mas é por circunstância alheia à vontade da gente então...

P. Por exemplo...

R. Não, eu estudei pra fazer uma carreira né e não consegui... galgar porque... fiz concurso, estudei bastante, cheguei a a fazer exames por exemplo pra outros cargos, cheguei até no exame oral, no exame oral como é subjetivo, de cada examinador... aí você não tem o que discutir né, não tem... é um negócio que não te cabe recurso, mas até onde cabia recurso eu cheguei a fazer fui bem, normal, sabe, aí depois passou o tempo também eu conforme fui né amadurecendo até parei, falei "não vou mexer mais com isso porque... vou me dedicar mais à minha casa e acabou" entendeu, aí dei uma parada e tudo sossegado.

P. E como que você vê as mudanças que você viveu em sua vida?

R. O problema é o seguinte: eu saí do interior mas eu fui, eu fui jogado no centro de S, largado lá "se vira" eu saí da... de lá da roça fui pra Z. o meu irmão pegou eu me levou, você vai tirar sua carteira de trabalho aqui e daqui você vai embora pra casa. Então 'cê imagina, você sair lá da roça que você tinha até medo de ir na cidade, chega lá na... te solta você lá no centro de S e se vira. Então a partir desse momento eu aprendi a me virar sozinho entendeu?

P. E como que foi, em que circunstâncias? Você morava na roça...

R. Eu morava na roça e... o problema é o seguinte, é coisa de família né? Nós era tudo rural... meu irmão mais velho foi embora pra Z. chegou em Z. aí daqui a pouco ele aparece lá, de paletó e gravata e aí... eu falei Z. é uma cidade boa pra viver né, aquelas ilusões né, aí já logo atrás vai outro, aí eu o que que aconteceu comigo eu completei 18 anos, fui pra Z. aí cheguei lá já fui batalhar com a vida né? Então Z. é diferente, a vida é dura lá, o pessoal fala que é fácil, mas não é não, tanto é que você vê o pessoal, os retirantes que 'tá lá sofre né? A gente já não sofreu muito porque quando eu fui já tinha uma estrutura dos meus irmãos né, já tinha um apoio, aí passado esses tempos depois que eu fui eu já ajudei a construir uma casinha lá,

minha mãe já foi já fomos morar em Z. já em casa própria sabe, simples mas própria então nós não tivemos assim muita dificuldade lá, aí depois de lá eu fui me... arrumei emprego em firmas, trabalhei em firmas depois, aí depois eu prestei pro serviço público, fui trabalhar lá na X. de Z., trabalhei lá 3 anos, fui vigilante na X depois surgiu um concurso na função que eu 'tô até hoje. Daí não teve muita mudança não.

P. E como que você se considera, se fosse pra falar de tudo o que você fez e o que você pretende ainda fazer?

R. Quase realizado.

P. Como assim quase?

R. Falta ainda algumas ainda coisinhas né, o projeto que eu te falei que ainda vou ter que terminar a hora que eu me aposentar. Sonho é sonho né, sonho de criança então eu não sei se...
De comprar uma terra... posso até me frustrar, os caras fala que eu posso me frustrar, mas eu não sei, eu quero fazer né, só isso, não é um sonho impossível, é possível né, dentro da minha realidade.

P. E você falou que a família 'tá toda incluída, e a sua esposa?

R. Nós não fazemos nada sem planos, sem conversa. Mesmo a faculdade dela foi planejada, ela não... já 'tá com 50 anos aí surgiu abriu a faculdade de P. "ah, vou fazer faculdade", "vamos fazer, vai fazer? Vai fazer até o fim ou vai desistir no meio do caminho?" Porque eu acho que você pega alguma coisa tem que ir até o final. Aí com incentivo ela vai, já 'tá no terceiro ano, e acredito que vai chegar até o fim se Deus quiser. [Pausa]

P. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar? Porque a pergunta era aquela.
R. Justamente aquilo que eu falo pra você, não dá pra... responder justamente por causa de... um pouco fechado entendeu? É difícil de... num primeiro contato você começar a se abrir, eu acho, entendeu? Às vezes se fosse assim num, numa... digamos, num almoço, num jantar, ou numa confraternização você conheceria eu melhor (risos).

P. Então 'tá. Você quer falar mais alguma coisa? Dos três assuntos principais?

R. Acho que não.

OBS. *A conversa durou em torno de 50 minutos. Após o encerramento a conversa continuou a respeito de assuntos gerais e em determinado momento o entrevistado começa a falar das mudanças que tem percebido no corpo e de como isso interfere em sua vida. Assim, neste momento peço para ligar novamente o gravador.*

R. Até, até até os 30 anos você não sente nada, depois dos 30, 30 35 pra 40, digamos, aparece uma... uma mancha no seu olho. Aquela mancha não sai nunca mais. Ah, te te aparece uma dor... no tornozelo, aquela dor... pelo menos é o meu caso parece que você vai conviver, você pode até melhorar mas você não sara, então aquilo é... são uma série de coisas que vão acumulando, eu acho que é do próprio organismo do do ser humano né porque eu 'tô na minha fase agora que eles falam da andropausa né, que não tinha antigamente mas hoje tem né, então eu 'tava vendo outro dia sobre reposição hormonal e tal, então eu acho que pode ser, talvez seja pode ser isso que aconteça e a gente, meio despreparado a gente, você, a gente não procura muito assim essa parte de saúde, então 'cê procura um médico quando 'cê 'tá precisando né, que a hora que 'cê 'tá com saúde 'cê não vai né, então... pode ser isso aí né? É o que eu falo, vai surge uma dor, aquela dorzinha ela sempre, ela vai te persistindo, surge uma mancha na pele, é coisa da própria da idade, começa a se manchar, isso aqui não sai mais e isso aqui vai, tudo isso vai acumulando e você vai é... convivendo com isso, você entendeu? Você vai ter que, você começa a conviver com aquilo e fica... até tornar-se normal né, então em princípio o homem "puxa que aconteceu isso aí, ela vai ficar por aqui", a não ser que você leve ela pra queimar, mas ela vai vai te acompanhar o seu resto da vida, entendeu? É mais ou menos isso aí.

P. E como é essa coisa de, que você comentou assim, que depois dos 35, você começa a sentir uma série de mudanças?

R. Você começa a sentir, o seu próprio organismo começa a sentir é... se você passa uma noite acordado, por exemplo, hoje eu me canso muito mais do que há 10 anos atrás, 'cê entendeu? Já... entendeu? Agora... que eu até converso: trabalho, né, no meu trabalho a gente trabalha à noite, então se você fica uma noite acordado nessa idade é muito mais difícil pra você recuperar pelo próprio organismo seu demorar mais pra... pra responder.

P. Sei. E com relação à andropausa que você comentou?

R. Então, eu não sei porque... eu já li sobre isso aí mas eu não sei os sintomas 'cê entendeu? O único sintoma que a gente fala é cansaço. O cansaço é, que nem, eu tem dia que eu trabalho 24 horas então é impossível não ter cansaço 'cê entendeu? Eu trabalhei, por exemplo terça-feira passada, eu trabalhei o dia inteiro até às 6 horas da tarde, 6 e meia da tarde, saí peguei, vim em casa tomei um banho, vou levar o menino na escola de violão, quando eu 'tô chegando lá toca o telefone lá, "ah pai tem reunião lá no serviço", eu vou pra lá, moral da história, entrei, voltei pro serviço, fui sair 2 horas da manhã, no outro dia entrei às 9 horas então você não dá pra saber

muito bem isso aí, eu acredito que influi um pouco na saúde da gente, só que até hoje eu não procurei um médico ainda pra ver isso aí.

P. E como é conviver com essa nova... com essas mudanças?

R. Então, muda eu não... eu tenho a cabeça boa graças a Deus e também tive um pouco de... um pouco meio estressado, agora até há uns 15 dias atrás mas problemas de trabalho, sabe, muito estresse do trabalho, até fui no médico eu 'tava eu 'tava me sentindo mal, o médico me fez exame de cardiograma, fez eletrocardiograma, e um monte de exame "ó, você não tem nada, só o que pode ser é um princípio de estresse né" aí... eu, graças a Deus consegui mudar de onde que eu 'tava pra outro lugar, faz 3 dias eu já 'tô me sentindo noventa por cento melhor, não sei, eu acho que mais uma semana, quinze dias eu estou, estou zerado de novo, entendeu? Então isso era só mesmo problema de trabalho.

P. Então são mudanças que você percebe e...

R. Você percebe o peso inclusive no trabalho né, as cobranças no trabalho pesa muito em cima disso entendeu? No dia-a-dia.

P. Como assim?

R. Cobrança de trabalho, trabalho perigoso. O meu trabalho é, o meu trabalho tem um certo risco né, eu trabalho com gente né e é perigoso então que nem agora nós estamos numa fase, aí esses últimos 15 dias aí de de extrema tensão. Mataram dois colegas lá em X. e... então nós estamos de sobreaviso total e tem é... superiores da gente que às vezes chega e fala... "Pôxa até tal mês" teve um lá que falou, "até no mês de outubro nós vamos ter policiais mortos e tal". Isso aí não te ajuda em nada, isso aí só te deprime entendeu? É um negócio que você sabe que a realidade não é aquilo, o risco existe, o risco existe, é é patente e tudo, mas não é que, porque você vai sair pra trabalhar que você não vai voltar, mas tem gente que fala isso, isso aí é uma tensão... e outra, aí você chega você... você deita na cama, você 'tá pensando naquilo, você levanta você 'tá pensando naquilo até que... entendeu? Então você está sempre em estado de tensão, é o que eu falei, agora de uma semana pra cá que eu mudei de serviço estou fazendo um servicinho mais *light*, então eu 'tô mais tranqüilinho, entendeu? No mais é só.

P. E como é pra você perceber essas mudanças que você falou? Como você se sente?

R. Eu não sei, eu não sei se essas mudanças é é a respeito da andropausa ou se é estresse de trabalho, eu ando sentindo isso de uns anos pra cá, eu tenho sentido um pouco de mal até falo, eu comento com a X (esposa) hoje eu estou meio... a gente levanta levanta, 'cê 'tá com o corpo abafado, depois 'cê melhora, outro dia a mesma

coisa então eu não sei se seria esse sintoma porque a gente, eu nunca fui no médico ver isso.

P. E você já pensou em ir no médico?

R. Eu já pensei, sim porque eu 'tô precisando ir e... Só que tem o seguinte eu fui no clínico geral, nada. Aí fui num cardiologista aí pediu lá eletro, pediu ecocardiograma também "ah, 'cê não tem nada", aí me mandou pro... psiquiatra "ah vai vai pro psiquiatra" que eu 'tava sentindo isso aí, o psiquiatra não 'tá nem aí "ah vou te receitar esse Valium aqui, não sei que, isso você toma". Eu não preciso de remédio assim pra dormir, essas coisas, que o tal de Valium diz que é pra dormir, eu não 'tô precisando de dormir, eu durmo até muito bem, então eu parei, agora eu 'tô querendo ver se eu procuro outro médico, uma alternativa que chama... medicina ortomolecular. Eu vou ver se procuro esse médico aí, não fui ainda não, 'tô pensando ainda.

P. Como que você está vivendo, pra você como que 'tá sendo esse momento? De perceber essas mudanças?

R. Ah, a gente vai encarando né? Não tem... tem que ir tocando a vida né?

P. Como assim? Vai encarando de que jeito?

R. Vai vivendo né (risos). Não tem, não sei, não dá pra explicar como, é um negócio que não tem... muita explicação.

Entrevistado 6. 42 anos, casado, 2 filhos. 1 filho de 19 e outro de 17 anos, nível sócio-econômico

P. Agora que você está vivendo a meia-idade e sua filha está na adolescência gostaria que você falasse a respeito de como você percebe este momento de sua vida, ou seja, como está vivenciando a paternidade, sua sexualidade e mesmo seu projeto de vida.

R. 'Tá. Ah... eu tenho levado isso muito tranqüilamente... como uma... uma evolução do amadurecimento normal da minha vida de casado a gente é... 'tá há 20 anos casado, tem um garoto de 19, um garoto de 17 a gente... sempre conversou muito, sempre foi muito aberto quanto a sexo quanto a... a tudo né, em termos de filmes, de televisão, tudo aberto, nunca teve restrição nenhuma, e... parece que a gente 'tá passando bem tranqüilo, não 'tô sentindo nenhuma mudança né, 'tá sendo uma coisa natural, meus filhos 'tão crescendo, 'tão... um saiu de casa agora né, foi estudar fora e... eu não sei objetivamente o que você quer mas tem sido uma coisa natural, 'tá, se essa é é a resposta.

P. E como seria esse natural?

R. Eu digo... Eu na meia-idade como você 'tá chamando né, eu 'tô vivendo muito parecido com o que eu vivia no começo da minha vida de casado. Não mudou muito, nós temos uma certa rotina de de trabalho, uma rotina de atividades, a gente sai muito... tem muita diversão fora de casa, esporte é... então eu não tenho notado assim uma... uma diferença na minha vida "agora eu "tô numa meia idade", não me sinto restrito a coisa alguma ainda não... nesse momento né, então eu não sei se eu 'tô respondendo...

P. Então fala um pouco então como que era né, parece que tem um contínuo, é um contínuo, eu 'tô entendendo assim.

R. Isso.

P. Então, como que tem sido mesmo, que você casou... então você falou que não tem sentido mudanças, como que você tem vivido?

R. Não, na realidade como é que a gente encara encara a vida né, com... com algumas metas é... profissionais né? Algumas metas em termos... de vida, você se propõe a alguma coisa e vai sempre buscando isso, quer dizer... então aí que eu falo que não é porque parou no tempo, é que você continua buscando, almejando algumas coisas correndo sempre atrás de alguma coisa seja na área profissional, seja na área de... sentimental, de amadurecimento você muda um pouco o enfoque da coisa né

mas a... a... vida em si motiva você na mesma coisa né, então eu não sei aonde que eu 'tô... aonde que você quer chegar com a pergunta específica em termos de sexualidade, ou de sexualmente a gente tem amadurecido é óbvio né, você é menos... eu acho que a gente vai evoluindo nisso, vai aprendendo a cada vez mais né, mas dentro como eu te falei, dentro de um contínuo, dentro de uma coisa muito natural, muito normal.

P. Qual seria essa linha, esse objetivo que você sempre 'tá buscando atingir tanto na vida profissional como na vida pessoal?

R. É, eu sempre busquei né é... comigo mesmo, eu sempre busquei 'tá, tranqüilo comigo mesmo no aspecto de... preservar alguns valores tipo honestidade, tipo sinceridade né é... então eu adotei isso como meta, muito mais do que ser um grande executivo ou ser um... ou ser rico ou ser... então eu coloquei isso na minha vida por ser talvez o... primeiro que eu valorizo mais determinadas coisas e também por ser mais fácil até de você atingir, eu acho que você com objetivos pequenos é mais fácil você ter realizações né, então a minha vida tem sido uma constante nesse aspecto.

P. Tanto na vida profissional como na vida pessoal?

R. É porque eu, eu, eu, mesclo muito as coisas né? É, de repente eu 'tô no meio de uma reunião eu não deixo de atender um telefonema de um filho meu, às vezes paro o que eu 'tô fazendo pra ir buscar ou pra ir trazer e da mesma forma o contrário né, num final de semana de repente eu venho trabalhar, eu acho que as coisas caminham juntas e num determinado momento algo é mais importante do que o outro a ser decidido no momento 'tá, então eu não divido muito as coisas não.

P. 'Tá. E você falou com relação à vida sexual que... é lógico que tem um amadurecimento mas também não teve grandes mudanças, como que é esse amadurecimento que você sente?

R. Primeiro... quando você é... casa você, quando namora, você tem uma paixão, você é muito mais afoito, né e depois o sexo passa a ser uma coisa natural na vida do casal então é... com menor freqüência menos int... mas não com menos intensidade é isso o que eu queria dizer, então a gente tem levado isso realmente como um algo mais um algo... que faz parte da nossa vida né... eu não sinto como aquele cara nos 40 que sai que vira... o lobo né, então o cara sai pra, fica que nem doido e começa a ficar preocupado e não sabe se com 50, 55 ele vai 'tá ainda sexualmente ativo então o cara fica... não, quanto a isso eu não... não notei essa mudança embora eu tenha alguns amigos que a gente sente que já começa a se preocupar com iss, ainda não 'tô nessa fase, acho (risos).

P. É, porque o foco, o objetivo é saber como você 'tá sentindo, você 'tá vivendo, né, então o que você quiser falar...

R. 'Tá. É... o que eu quero resumir né, a minha vida tem sido bastante tranqüila até nesse sentido por causa disso: eu faço alguns alguns objetivos a serem cumpridos nesse sentido, algumas metas até é... de... fáceis de serem cumpridas propositadamente né, e... tenho conseguido levar e passar passar por todos esses dissabores aí que a gente vai tendo em termos de economia, em termos de país, em termos é... olhando um pouquinho mais com o foco um pouquinho mais próximo né, você ajuda o cara que 'tá perto, você se sente um pouco mais realizado, você participa um pouquinho mais da vida da sua família, dos seus filhos, da sua mulher, eu trabalho aqui no fundo da casa da minha mãe, também foi uma opção minha de... de sair da indústria, pelo menos ficar um pouco livre de de horário, de chefia, de de um ambiente mais mais carregado politicamente né, é, é... perdi bastante, perdi profissionalmente com isso, perdi financeiramente com isso, mas perdi entre aspas né, é... eu ganhei uma qualidade de vida do outro lado que eu acho que... é o preço que eu queria pagar. Então é... é isso né, 'tô levando a vidinha assim muito, muito regular, muito sem altos e baixos.

P. Mas dentro do que você se propôs?

R. Sim, sim é... é isso eu sempre fui assim desde desde garoto, desde criança né, eu... sempre tentei enxergar dois três anos pelo menos na frente ou 5 anos e sempre procurando ver o que era melhor pra mim né... de momento e... e de futuro, sem muita ambição, sem muita coisa mas é, sempre olhando pra dentro, tem que 'tar bem consigo mesmo né, então isso foi um propósito. E ... a gente consegue, não é muito fácil não, parece simples né mas não é muito fácil, você vai um pouquinho contra a corrente das coisas 'tá, mas eu acho que 'tá 'tá valendo a pena.

P. Você acha que o saldo final assim... apesar das perdas...

R. É na realidade não são perdas porque... isso tudo você tem um preço a pagar pra você, se você quiser subir realmente profissionalmente é... financeiramente, você não pode muito se prender, na minha profissão né, eu sou engenheiro, você não pode muito se prender a local de trabalho, por exemplo, a uma cidade ou a uma região então eu já comecei a me limitar por aí, eu achava que valia a pena vir pra X. depois de ter estudado fora, eu estudei em S. em C. É... a amizade que eu tenho aqui, o grupo de amigos que eu tenho e a família tanto minha como da minha esposa sendo daqui eu achei que era melhor pra gente, pros meus filhos é... viver aqui né junto desse ambiente que a gente conhece. Com isso é óbvio que eu fui colocando restrições é... as primeiras oportunidades que eu tive de sair de ir pra B, depois de ir pra C. é... foram sempre promoções e eu acabei não aceitando porque eu achava que não valia a pena, mesmo ganhando mais, mesmo tendo uma chance de subir.

P. E como que é assim, no dia-a-dia, família, filhos...

R. 'Tá. Bom, eu trabalho pra uma empresa em C. é uma empresa comercial eu tenho bastante experiência nisso, 'tou há vinte anos formado, então o meu dia, quando eu não 'tô viajando, quer dizer sempre que... eu trabalho na área comercial, sempre que há um projeto que começa a... a tomar forma mais concreta né, porque tem um monte de proposta de consultas, são produtos bastante caros que eu trabalho. Aí eu começo a fazer contatos e normalmente 'tô viajando, tem épocas que mais, épocas menos e aí isso envolve o Brasil como um todo, eu posso 'tar no Nordeste, posso 'tar no Sul, eu posso 'tar na América Central que agora também tem alguma coisa. Fora disso eu tenho uma vida é... de rotina, de acordar sem muito horário, tipo 8 8 e pouco venho pro trabalho moro aqui a duas quadras né, e... também não tenho muito hora pra pra terminar, isso vai até a hora que precisar, às vezes num sábado a gente vem trabalha, às vezes domingo né, é sempre, é sempre é... em... como é que se diz, em concordância com aquilo a que eu me propus né, não significa trabalhar pouco mas trabalhar sem horário isso... graças a Deus as pessoas estão entendendo pelo menos na empresa que eu trabalho. É, uma coisa que era importante pra mim era almoçar em casa, foi uma coisa que eu senti muito na indústria porque eu queria ver... exatamente, participar um pouco da vida dos meus filhos e eu acho que almoço em casa é um negócio importante, é a hora que a gente senta, conversa, terminando o almoço vamos todos pra sala, fica ah uns 10 minutinhos trocando uma idéias, é a hora que eu sei o que aconteceu na escola com um, com outro, é a hora que eu converso um pouco com a minha esposa também, que que tem pra pagar, conta, vamos no banco, não vamos, a gente costuma dividir todas as funções né. Mesmo em casa, função doméstica. Eu chego normalmente eu que faço jantar coisa do tipo assim, até porque eu gosto é um *hobby* de final de semana e a meninada gosta então eu chego em casa e acabo aí assumindo às vezes um pouco de... quem chega primeiro começa a se virar né. Então é isso é uma vidinha até bem parada mesmo, de de interior que eu até por... por gosto né, preferia que fosse um pouco menos do que X 'tá hoje eu acho que só... com 300, 400 mil habitantes é um tamanho muito bom hoje a gente já começa a preocupar com com violência, com tudo isso que 'tá acontecendo por aí, coisa que não passava pela nossa cabeça até um tempo atrás né.
A meninada parece que 'tá indo bem, têm crescido sem maiores problemas né, são... são garotos que... embora não sejam muito CDF como é o termo, mas 'tão indo razoavelmente, são socialmente são... apesar de mais quietos, mais tímidos mas se dão bem no ambiente de faculdade ou de colegial, parece que é... 'tão indo bem.
Todo final de semana a gente faz esporte, a gente joga futebol eu e os dois garotos né e... aos domingos normalmente é reservado à família, família ou aqui com a minha mãe ou na família da minha esposa... ela tem... 3 irmãs em X. então quase todo final de semana já 'tá comprometido com uma festa ou um aniversário na casa de alguém, então é mais ou menos isso.

P. E com relação a seus projetos pro futuro?

R. 'Tá. É... Aí tem... um... um ganchozinho né na minha vida que eu te falo que a gente perde alguma coisa quando... quando você começa a escolher né, a região de trabalho esse tipo de coisa é, eu sempre fui um pouco frustrado né, porque.... por eu

ter optado logo que eu formei pra uma área industrial e comercial e quando eu tinha uma tendência maior a projeto, a ficar na universidade né e... na época eu cheguei, eu cheguei a trabalhar vinte dias num emprego e... desisti, aí voltei pra faculdade fiz e não dava mais tempo de fazer pós, comecei a fazer cursos lá como ouvinte pra depois ver se valia alguma coisa. E... aquele medo das bolsas né que eram um valor tão pequeno e não mudou muito de 20 anos pra cá, e a gente já namorava há um bom tempo eu e a minha esposa já 'tava pensando em casar já e não sei que, o próprio pessoal da faculdade todo mundo revoltado com a situação me desincentivou, eu fui pra indústria, no início tudo é novidade e... e a indústria sempre investe né, no pessoal mais novo então no começo é tudo novo, né você começa a viajar, viajar de avião, eu nunca tinha viajado até então, você começa a se sentir importante pra tomar decisões pra empresa, começa a fazer cursos que você... é, normalmente não teria acesso né, deixa e passa um tempo aprendendo e nesse momento você se sente realizado profissionalmente. Passou aí 5 anos, 6, 7 anos, inverte né aí a empresa começa a mais te cobrar tudo aquilo que você aprendeu e... e você vai levar muito pouco em termos de conhecimento né. Você pega uma pessoa com uma carreira, conhecimento técnico, vamos dizer, você continua a aprender outras coisas na vida, a parte de gerenciamento de pessoas e não sei o que, técnicas de custos, mas é, pra gente que faz um curso mais técnico e gosta é... não chega a ser compensador, você sempre acha muito pequeno aquilo né, é... frente ao que você poderia 'tar ou se comparando com quem ficou realmente no ambiente universitário então é a... é a balança que você sente né. Eu gostaria como um plano futuro né, não sei como mas é... começar a ficar parcialmente trabalhando numa universidade né voltar a fazer um MBA ou sei lá eu, fazer uma pós normal e tentar pegar uma bolsa e tentar ir vendo se eu boto um pé em cada barco aí, como eu gosto muito de dar aula quem sabe no fim da vida aí eu vire professor e... tenha aí... quem sabe aí algo a mais pra ler e pra estudar, porque a indústria principalmente no Brasil eu não sinto é... pelo contrário, você hoje tem que é, cada vez se especializar mais em informática, os *softwares* vem prontos né e... cada vez menos você 'tá se envolvendo com conceitos técnicos, conceitos de engenharia. Eu sinto realmente isso bastante até porque eu desde que formei por problemas de... de de conjuntural, sei lá, eu na época o que tinha de emprego eu fui pra área comercial que não era o meu negócio, então tem tem esse gancho, esse negócio mal resolvido vamos dizer assim, que eu acho que ainda dá tempo de de fazer alguma coisa. Se a gente tivesse uma aposentadoria decente no país, quem sabe eu aposentava e podia tocar mas... não é o que ocorre.

P. Então você tem essa... meio que voltar a fazer alguma coisa que você até pretendia, tinha até vontade mas que naquele momento...

R. É, no momento era o caminho mais difícil pros outros projetos que eu tinha né, que aí passava por uma parte financeira, meus pais não... não 'tavam em condições de ficar me sustentando mais estudar, é as bolsas além de difíceis dificilmente iam me manter né, eu eu estudei em C., quer dizer, eu não moraria em casa, teria que pagar aluguel e tudo mais e a gente já 'táva com o projeto aí de casar, ter filhos e... tocar em frente né? Então são é... não são arrependimentos porque em cada momento se você decidiu que caminho deveria tomar somando prós e contras né, mas eu tenho, tenho vontade sim sempre é... apesar de eu 'tar na área comercial eu sempre me considerava um cara bastante técnico e eu vou atrás, eu gosto, eu 'tô me divertindo a

hora que eu vou procurar algo um pouco mais técnico, pego um caderno um pouco mais antigo mesmo um livro que tem aí e isso sempre dá uma certa satisfação aí no... maior até do que quando você realiza uma venda que seria aí o objetivo principal né? Hoje a gente trabalha muito com projetos, projetos de geração de energia tal, ah, no fundo o trabalho nosso é fazer exames você faz um estudo de um trabalho técnico, a hora da venda mesmo que o pessoal vibra, vendedor vibra né, liga, vai pagar jantar pra não sei quem normalmente o fato já 'tá consumado você não tem surpresa então você já sabe quando perdeu e quando ganhou e é normalmente fruto do trabalho de todo mundo, então eu acho que perde um pouco até a né graça aquele negócio de de emoção entendeu? É... mas é, bom em princípio é isso né, como projeto futuro eu gostaria de ter um contato maior com a universidade, não sei como , ou estudando lá ou tentando, ou tentando aproximar é, é utópico isso né, a a a universidade da... da indústria né que é sempre muito complicado né, a indústria não paga por papel né, o estudo, quer saber quanto que ela vai ganhar com aquilo, não adianta o cara ficar estudando né, você tendo hoje uma globalização é... você tem empresas já com modo de governo de determinada área você contrata um *software* contrata seja aí o que for e é mais fácil você colocar um cara pra apertar botão e o *software* vem pronto do que ficar pesquisando né, então é difícil essa ligação. Então tem que trabalhar realmente depois que os meninos aí conseguirem aí andar com as próprias pernas, tomara que consigam né, dentro de uns 10 anos aí. De qualquer forma eu vou voltar a estudar nem que for pra fazer um curso noturno aí pra pra me divertir um pouco, eu vou fazer história, vou fazer qualquer negócio aí que eu goste independente de... mas é algo que eu quero (pausa de alguns segundos).

P. Você quer falar mais alguma coisa?

R. Não, Ellika, eu... não sei se eu preenchi muito o... sei lá eu, o que você estava imaginando né, porque é um nome todo... a sexualidade, o adolescente e blá, blá, blá então.,.. eu não sei se era bem isso se a gente foi bem pra esse lado.

P. O foco é você, é a pessoa, é o homem que está vivenciando a meia-idade, suas relações, então... o que você quiser falar mesmo da sua experiência que você achar que é importante.

R. É... o que eu julguei importante né, e que eu acho importante até é... se a... eu não vou falar em Brasil mas se a humanidade como um todo né olhasse um pouquinho mais sério pra sua família e pro seu ambiente familiar né acho que ia ser bom pra todo mundo. É... quando eu falo em ambiente familiar não só mãe, pai e filho mas as relações com quem eles têm também com nível de amizade... e tudo o mais, então é... eu só tentei levar minha vida sempre pra esse lado, sempre pra um ambiente saudável, um ambiente.... mais... mais puro até né em relação a política, às grandes jogadas né, eu nunca fui muito adepto disso e eu acho que eu 'tô tendo um um... uma certa satisfação pessoal com isso. E é o que vale né? Eu acho que isso pra finalizar é mais ou menos isso.

P. Como você se percebe neste contexto?

R. Olha... é difícil é é... sintetizar as coisas né [pausa]. Olha eu diria que eu sou uma pessoa bastante comum, bastante simples né, e com boa vontade pra viver, só isso, pra... pra barganhar com as pessoas e de não querer ou não precisar ser o esperto, o Gérson [refere-se à "Lei de Gérson" relacionada ao político de mesmo nome ao qual foi associada a corrupção e desonestidade] o esperto é... é você cumprir com as suas obrigações da melhor maneira possível né... ajudar ou se relacionar com as pessoas da melhor forma possível, só isso, eu acho que esse foi o básico que que eu sempre tentei passar pros meus filhos 'tá, honestidade consigo mesmo não é aquele negócio de não roubar, né, sinceridade, só isso o que eu que eu sempre pedi e exigi deles né, que eles fossem bem francos, bem abertos tanto comigo como com os outros. Eu acho que quando você vive com a verdade você vive melhor né, você vive mais fácil. É só isso o que eu quis dizer.

P. E como você sente essa tua proposta de relação tanto sua como de passar para os filhos?

R. Eu acho legal, eu acho legal porque a... as pessoas passam a te entender e a te respeitar como tal, em algum momento você passa meio por bobo, né, depois os caras vêem que não é tão bobo assim é... mas é um propósito, é difícil as pessoas aceitarem no começo que você tem um propósito, "pô mas você não quer ganhar dinheiro?", quer dizer quando o cara fala isso ele perpassa outras coisas, não tudo bem mas né... "mas você vai pagar esse imposto de renda de bobeira? Pede uma nota aí pro dentista", não não porque eu não vou ficar nem mais rico e nem mais pobre, eu vou economizar vinte reais no final, entendeu? Eu me sinto muito mais tranqüilo pagando o imposto e podendo, tendo a liberdade de criticar o que não 'tão fazendo e eu realmente pago do que é... eu sonegar também e aí meto pau no governo, meto pau em todo mundo então é só uma, é só uma forma de de... se pensar dentro da empresa, dentro da indústria as pessoas com o tempo vão te entendendo, 'tá e não precisa muito tempo, não precisa muito esforço pra isso não 'tá é... é o que eu te falo, quando você não tem também aquele interesse comum de querer subir a qualquer custo tal você encontra menos inimizade porque o cara percebe logo que você não é um concorrente natural então você passa a ser amigo de todo mundo 'tá? É... eu acho que era isso não sei se eu respondi.

P. E de tudo o que você falou parece que é tudo muito assim, tranqüilo, tem uma seqüência né? Eu gostaria de saber um pouco das dificuldades, se é que tem alguma né?

R. É óbvio que tudo é difícil, sempre você cobra mais dos seus filhos do que eles podem te dar, no fundo, no íntimo você cobra mais do seu relacionamento com a esposa do que ela pode te dar, você cobra mais de você do que você pode dar, quer dizer é é que eu paro muito pra pensar e reflito mas no dia-a-dia é óbvio que uma cobrança natural como todo mundo, a vida não é um mar... um mar de rosas né, é duro pagar conta, é duro brigar, você tem que engolir sapo e tem que responder às

vezes, às vezes tem que ficar quieto, então sob esse aspecto não adianta você querer ter um propósito sabe? Querer ser um grande... sei lá filósofo, um negócio assim, você não pode estar alheio ao seu dia-a-dia, é óbvio que tem implicações, brigas e decepções o tempo todo.

P. E como são essas... brigas?

R. Você sempre né é... você sempre se cobra um pouco mais eu acho que é isso né... a gente sempre busca.... você espera o melhor pro seu filho, você 'tá buscando, ele tira um 7 'cê acha legal mas você viu que dava pra tirar um 8, um 8,5 né, pô, "se esforça mais aqui, você podia ter..." entendeu? Então é... e muitas vezes ele chega com um zero lá em casa e aí você foi ver ele não estudou e não estudou porque foi... e aí é a hora duma dura e aí você briga entendeu? É quanto a isso mesmo sabe que eu 'tava te falando.

P. Sempre no sentido de ir em direção aos seus objetivos é isso?

R. Como eu te falei eu eu faço força pra tentar olhar pra vida, pra nossa missão aqui como uma coisa muito simples, até porque eu acho mais fácil de conseguir 'tá? Então quando eu falo em anseios, em projetos [com ênfase] não eu quero ter uma vida tranqüila, eu quero me dedicar às minhas leituras, eu quero é poder e ajudar o filho quando precisar entendeu? É... Então isso não não sobra muita... muito tempo nem muita coisa pra ficar ... elocubrando muita coisa não. É continuar trabalhando porque você precisa ter um ganha pão no final do mês, tem que se dedicar um tempo pra conversar né? Com filho, com mulher você tem que fazer de gato e sapato pra isso é... e ao mesmo tempo não esquecer de você como pessoa, tem que ter o seu tempo né de fazer o teu esporte, ter os teus amigos, de sair pra tomar sua cerveja longe de todo mundo e... é o que eu te falei, essa preocupação começa a existir com o futuro aí de... de sei lá eu, de querer ter lá uma velhice aí um pouco mais... tranqüila o que eu acho difícil porque... não vou poder parar de trabalhar nunca né é... e as preocupações naturais que todo mundo 'tá vendo agora de... de violência, de de de crescimento muito rápido das cidades isso é claro que 'tá mexendo, 'tá mexendo com todo mundo. Então, mas é mais ou menos isso aí que eu queria dizer.

P. Então 'tá. Você falou o que gostaria, quer falar mais alguma coisa?

R. Não, acho que era isso, espero ter colaborado com seu trabalho.

Entrevistado 7. 41 anos, casado, profissional liberal (dentista), 3 filhos, 1 filha de 23, 1 filho de 20 e 1 filha de 15, nível sócio-econômico B.

P. *Agora que você está vivendo a meia-idade e seu/ sua (s) filho/a (s) está (ão) na adolescência gostaria que você falasse a respeito de como você percebe este momento de sua vida, ou seja, como está vivenciando a paternidade, sua sexualidade e mesmo seu projeto de vida.*

R. Bom, posso começar por qualquer um deles né? Das questões da pergunta. Eu acho assim, com relação a... a projeto realmente eu não... eu tive muitos projetos, todo mundo tem quanto mais novo tem mais sonho, mais projeto né? Eu... tive mas hoje em dia eu não tenho muito projeto assim, na verdade eu sinto às vezes algumas... hã... metas assim pra cumprir com relação a... aos filhos né? E...enquanto isso eu vou tentando viver a vida da melhor maneira possível a vida no momento mas não 'tô pensando muito em futuro não, pra mim o futuro não tá... não 'tá me perturbando nem fico pensando se vai... se vai ser de um jeito ou de outro vou tentar... viver da melhor maneira possível e... sem, por enquanto sem projetos, eu não consigo lembrar de nenhum projeto falar assim "ah não eu tenho um projeto, eu tenho um sonho" alguma coisa assim, não sei, se eu lembrar alguma coisa durante a conversa eu falo (fala rindo). E... com relação à paternidade principalmente assim, eu 'tô achando assim muito ãh... eu 'tô curtindo bastante, eu 'tô achando assim... aliás eu curti todas as fases eu peguei... criança de de 0 até 23 anos né? E deu pra mim... vivenciar um pouquinho de cada fase e eu 'tô achando a mais gostosa essa na verdade, pra mim, eu me dou melhor eu acho que às vezes com jovens às vezes mais maduros do que criança muito novinha. E... inclusive agora 'tá até interessante que... nessa fase eu 'tô com os três filhos adultos praticamente, adultos assim de conversa adulta né, de cabeça de... então... a gente conversa todo mundo no mesmo nível. O respeito é igual, assim, sem você exigir mais de um porque é mais novo do que aquele que é mais velho, parece que 'tá tudo nivelado, agora ficou um negócio super legal. E a gente consegue sentir também que eles também curtem isso, não é todos os amigos deles que têm essa mesma situação. Eles curtem bastante isso aí. Inclusive teve uma época que eles deram uma afastadinha assim que a gente percebia que era uma época da adolescência que eles começam evitar os pais um pouco, não querer sair junto, e a gente sentiu que a partir do ano passado parece que voltaram tudo assim agora eles querem fazer férias junto, querem sair junto e... de vez em quando ficam em casa só pra ficar com a gente, e eles não faziam isso, assim... passaram um período sem fazer. Então... esse lance assim da... da relação com eles 'tá muito legal eu acho que... aliás eu acho talvez eu acho que a parte melhor no momento assim, da família é esse relacionamento com filho, eu acho que é a coisa que mais... e a gente sabe também que é também por pouco tempo né daqui a pouco começa a sair todo mundo porque já 'tão numa idade já... né? E... [Pausa de 9 segundos]
E a... eu não sei agora com relação por exemplo sex sexualidade nessa idade eu já ando me observando em relação a isso assim sabe, porque tem tanta gente que fala tanto de algumas alterações... e do homem com 40 não sei que, idade do lobo, alguma coisa eu procuro às vezes me observar pra ver se tem alguma coisa a ver. Eu

acho que até tem alguma coisa a ver não é à toa que o pessoal fala de alguma alteração. Tem (risos) eu até faço às vezes uma piadinha assim, que eu acho que é o pessoal fala assim que todo carro quando 'tá pra fundir o motor anda pra caramba né? (risos) E parece que... a... não sei as coisas parece que ficam mais... não não em termos de de... atividade sexual mas de... visualizar a sexualidade em tudo sabe? Uma coisa que parece que... não dá muito... sabe de repente parece que você começa a achar que... que 'tá acima do normal mas em termos de observação. Você começa a ser mais sensual, eu acho, não sei, eu senti... eu vê mais sensualidade nas coisas do que eu via, aquilo que eu falei pra você, então eu achei alguma coisa diferente assim, eu notei alguma coisa diferente com relação à idade por volta de... 40 mesmo, 39, 40, alguma coisa assim, eu notei alguma coisa diferente não foi sugestivo não porque na verdade... e também não sei se é porque também a gente tem, eu tive eu sempre fui muito prematuro eu tive todas as experiências mais cedo na minha vida, tudo e... até o caso de pegar os dois filhos também que... que acabou fazendo com que eu, com pouca idade já tinha contato com as tr com várias idades assim... né durante a educação né.

P. Você tinha quantos anos?

R. Porque quando a X. nasceu o Z. tinha 5 e a W. tinha 7 ou 8, eu 'tô com eles acho que desde que o Z tinha 4 e a W. tinha 7, 6, acho que uma coisa assim. Então na verdade eu peguei a... uns já começado e o outro no comecinho então eu tive contato muito... muito cedo, quantos anos eu tinha? Você perguntou quantos anos eu tinha?

P. É quando...

R. É... foi... fazem... 15, 16 anos atrás, 'tô com 41...
E... Então eu não sei aconteceu uma coisa assim, na parte emocional de a gente parece que quanto mais você vivencia as coisa começam, parece que as coisas vão perdendo a graça né, as coisas que você vai passando é como se você fosse superando elas e elas não têm mais graça, é que nem o lance do desejo né? Você deseja uma coisa você consegue aquilo não tem mais graça que você quer outro, e na vida parece que tudo é assim toda experiência, todas as coisas que acontecem na vida parece que aquilo não é mais novidade pra você então não sei se... inconscientemente a gente não busca mesmo sem ser consciente isso, a gente não busca alguma coisa diferente, uma emoção diferente, alguma coisa que que você não consegue nem perc nem sentir, perceber que isso 'tá acontecendo mas às vezes acontece então... talvez essa mudança talvez 40 seja uma coisa assim uma etapa que realmente ela vai de repente parece uma... segunda vida, uma coisa estranha.

P. E aí, nisso que você 'tá falando com relação a ver sexo em tudo parece que tem uma intensificação?

R. É... eu não sei se isso daí também tem muito a ver com a... sei lá com a mídia a gente vê que isso daí também 'tá muito, eles 'tão colocando em tudo, ou se tem

alguma coisa a ver com a idade, eu não saberia dizer, eu notei alguma diferença mas não sei se... se tem a ver com isso ou se tem a ver com alguma sugestão dos meios de comunicação... essas coisas que a gente confunde.

P. E como que você sente essas mudanças? Como que é pra você perceber isto?

R. Não é boa na verdade porque... é uma inquietude é uma coisa que... parece que foge ah, um pouquinho de controle 'cê começa a perder as rédeas, eu sempre fui muito é... de de de me... não controlar mas conseguir ãnh... limitar minhas emoções assim eu sempre fui às vezes talvez até mais do que deveria né deveria às vezes até soltar um pouquinho mais, e às vezes essas coisas começam a falar assim, de repente fala assim "pô não tem nada a ver não..." né é... aqueles pensamentos que a gente... pensamentos e coisas que você vai tentando ver que é coisa que você só tem que perceber ele passar e não ficar alimentando né mas parece que o negócio repete muito assim, independente de... de você começar a procurar outras coisas, saber que isso daí é uma coisa que é... pura emoção assim pura... e não conseguir e não... parece que a gente tem menos força as coisas parece que pegam mais não sei... dá pra sentir que é provisório.
'Cê começa... eu não sei eu começo a observar coisas que não observava antes ou observar mais, do que observava... sentir mais, parece.

P. Por exemplo?

R. Ah eu acho que...
É... eu acho que atração, coisa que a gente eu acho que sempre tem uma coisa ou outra mesmo você tendo um relacionamento assim estável mas sempre tem uma coisinha ou outra de atração que aquilo simplesmente era uma atração assim de achar uma pessoa... bonita, atraente, tal mas uma coisa normal né? E de repente isso parece que é um pouco mais forte só do que era, é isso que eu acho que é um pouco diferente sabe ou começa a achar... é todo mundo atraente (risos).
É eu eu não sei se de repente você começa a ver beleza em, até nas pessoas que não que você não via antes né? Talvez misturar um pouquinho de... é você você começa a ver beleza às vezes também... não só exteriormente... aí você começa a ver todo mundo é bonito um pouco né de uma maneira ou de outra.

P. E como que é essa tua percepção de mudança em relação ao seu relacionamento, ao seu casamento? Você sente que tem alguma interferência?

R. Eu sinto que tem sim, eu sinto que tem porque existe um... nessa depois de de do tempo que a gente tem por exemplo de relacionamento tem mais ou menos isso né uns 16 anos que eu 'tava dizendo e... já é um relacionamento às vezes desgastado assim que a gente já sabe tudo o que o outro pensa o que o outro fala... né? E... e de repente 'cê, não sei, você começa a tem tem uma hora que parece que o negócio fica meio, meio... desestimulante né? E talvez... e parece que junta junta esse tempo assim do do relacionamento, dele 'tá um pouquinho desgastado junto com essa idade

não sei se... se... é uma coisa que pode ser at é meio confuso a gente não consegue saber direitinho que que começa antes que... mas tem uma... uma, comigo pelo menos eu tenho percebido as duas coisas acontecerem ao mesmo tempo entende, uma coisa de... de desgaste de relacionamento e... talvez alguma mudança... da personalidade acho. De....

P. De ver as coisas externas com mais atenção?

R. Isso. Eu continuo eu eu eu faço tudo isso, todas as alterações que têm, eu consigo às vezes me observar acontecer isso não fica inconsciente, entendeu? Mas eu também não tento mudar elas totalmente eu... eu observo e vivo, e vivo aquilo... é lógico que que a gente não faz o que a gente sente, tudo que a gente sente vontade assim mas... mas sente né? Mas é uma coisa meio... difícil de explicar né? Complicado de você colocar para...

P. E como que era antes então? Antes dos 40?

R. Não eu achava que, eu acho que na verdade não é assim tão diferente, simplesmente intensificou esse negócio, sabe é uma coisa que parece todo ser humano tem ou todo homem tem não sei direito mas... parece que intensificou um pouco mais isso aí e... e eu não acredito assim, é que nem a gente fala não é, não é que a... a potência sexual deve ter diminuído mas a o desejo parece que aumentou, sabe alguma coisa... e não... não é e não é uma coisa, é uma coisa assim, que eu fico observando e até acho estranho né porque a gente fala... pô parece que vai virando... vai andando pra trás em vez de andar pra frente na parte.... (risos). Mas eu sinto que é uma coisa momentânea que é uma coisa que parece que 'tá acontecendo por... alguma coisa que eu não consegui entender ainda né, por algum motivo, acredito que é alguma coisa assim...
Aliás uma mudança assim que também me peg eu não... não tenho muito sinais de de velhice assim que eu sinto... mal né que eu assim que eu sinta "minha vida 'tá mudando, eu 'tô ficando velho", eu não consigo perceber nada em mim. Alguma alteração que foi essa alteração foi uma das alterações assim que eu percebi uma mudança que eu achei estranho e... acho que essa e da vista só que foi exatamente com 40 anos também que foi uma coisa que me pegou, eu fiquei... né? Que a vista assim eu falei, eu nunca achava que eu ia enxergar mal, eu sempre achei que ia ser perfeito o resto da vida (risos). Mas só, o resto não mudou nada assim em termos de... fisiológico na minha vida foram essas duas coisas que eu consegui perceber assim.

P. E a vista como foi?

R. Ah a da vista é muito decepcionante foi porque.... a primeira coisa tem gente que às vezes acha ruim de, sei lá, de queda de cabelo, de gordura, de barriga, de não sei que mas ou meu foi... nada me incomoda assim sabe? Mas a vista foi... minha vista era muito perfeita, comecei a perceber assim com 39 anos eu já percebi que... eu

tinha que, demorava pra focar um pouco as coisas – isso só a vista, visão de perto – aí... chegou nos 40 já... sabe? Demorava um pouquinho mais e eu achando, eu falei "não, não é possível" e e e aí eu comecei a perceber que não tinha jeito mesmo que eu não... e ela foi assim em 3 anos foi muito rápido o que caiu de visão, de perto então de vez em quando eu falo "nossa que saudade que eu tenho daquela vista!" Eu não dava... importância. Agora precisei pôr óculos e lupa pra enxergar igual ou talvez até menos do que eu enxergava sem nada... Mas assim alteração que eu notei às vezes mais fisiológica no tempo que eu observei foi isso daí só, mas também coisa que... pode-se dizer que com certeza tem a ver com a idade e sim com a fase... da vida, do relacionamento da de tudo o que eu vivi até agora... né? Às vezes é um... um uma var uma parte desses altos e baixos que tem durante... durante o relacionamento... uma coisa assim

P. Você comentou né, você começou a falar dos projetos, você falou a gente tem, tinha uma série de projetos assim, não tem com relação ao futuro hoje, mas como que foram os projetos que você tinha né, que você realizou... por exemplo a questão do casamento, profissão, você comentou também a questão dos projetos... a questão da relação com os filhos né?

R. É, eu acho assim, na verdade eu s... a gente tinha um pouquinho de sonhos quando... eu sem é lógico que quando você, principalmente quando você é bastante jovem você sempre acha, fica sonhando, achando que vai ser tudo... uma coisa muito maravilhosa que você pode ter uma vida... quase perfeita, uma coisa... assim muito... de felicidade assim constante depois 'cê vê que isso não vai acontecer não, só se você se, você vai conseguir alguma coisa disso, dependendo de você mesmo do teu estado consigo mesmo em qualquer lugar que você 'teja, com qualquer pessoa ou... vivendo em qualquer lugar. Aí começa a cair um pouquinho essas máscaras, 'cê percebe que não existe isso, esse negócio de buscar, pra você ter o prazer 'cê tem que ter o desprazer então você tem que ver que vai acontecer de tudo na sua vida então 'cê... não vai ser aquilo que você imagina. Então primeiro dá uma desiludida, cê fica bem pé no chão mesmo né, aí 'cê começa a perceber que... a... o que você tem pra viver é o dia a dia, então é isso que eu comecei... quer dizer de um tempo pra cá 'cê começa a perceber assim: eu não tenho plano eu... e também não 'tô muito ligado nem preocupado com o meu passado o que que eu fiz o que que eu deixei de fazer eu acho que tudo o que eu fiz precisou ser feito e... e eu vou vivendo cada dia, tanto é que... eu procuro sempre não... não ficar pensando em... férias em... quando me aposentar ou quando isso ou quando aquilo pra mim... se eu 'tô vivendo bem dia de semana e fim de semana eu tenho que viver bem não adianta eu deixar tudo pra... né? Então eu... na verdade eu não tenho planos assim de... de fazer alguma coisa no fim de semana ou fazer alguma coisa nas férias (fala com certa ênfase as palavras grifadas) ou fazer alguma coisa no futuro. Entendeu? O presente e todos os dias tem que ser... tem que ser legal, tem que ser uma... [pausa de 7 segundos] e... Então no passado assim o que eu pensei nada aconteceu na verdade e... e é lógico que sempre tem, a gente tem uma desilusão pra poder aprender as coisas né? Se a gente não tivesse desilusão você não aprenderia nada eu acho que... que isso que levou a essa maturidade que na verdade não me deixa infeliz porque... eu não tenho planos ou porque eu não consegui fazer, viver do jeito que eu achava que eu iria viver mas...

me deixa contente de eu poder viver bem mesmo sem ser assim e sentir que eu não dependo das coisas... tanto das coisas exteriores que nem eu pensava.

P. Você fala que você não alcançou é... aquela idéia de que tudo seria perfeito?

R. É. Porque a gente imagina relacionamentos perfeitos, filhos perfeitos, profissionalmente perfeito, tudo né? Algumas coisa até até até chegam a ser melhor do que a gente pensou. Mas... a maioria não né?

P. Por exemplo.

R. Ah, eu não sei, outro dia eu 'tava pensando por exemplo de de filhos, por exemplo eu 'tava achando assim puxa, eu falei "nossa eu tenho muita sorte né? Eu não tenho nada (com ênfase) pra falar dos, desses, dos três filhos" assim sabe? Falar assim pô eu acho que o pessoal externamente pode até ver e falar "ah, são mimados, são isso, são aquilo" mas ó, eu acho que... e... eu tenho mais do que eu mereço assim, sabe? Em termos de... porque 'cê vê tanta coisa, mesmo entre, entre... é os três irmãos, eu e meus dois irmãos, a gente, tivemos muitos problemas muita... meu pai e minha mãe passaram cortado com a gente com um monte de... e eles, esses não... têm suas limitações cê vê que... tem certas coisas que você vai saber que um tem mais chance de conseguir do que o outro... você limita direitinho, trabalha mas... são tudo... é... ah 'cê consegue, você consegue perceber que valeu a pena o o... que você tentou passar pra eles que você pensa que não... tem momento que você pensa que não vai adiantar e você vê que adianta sim. E, aliás é uma coisa que eu sempre procurei mostrar, passar pra eles não foi nem muita falação não, a Y até é muito de falar assim pra eles, mas eu não... eu sempre passei exemplos só, assim tentava mostrar, não adianta nada falar pra eles fazer uma coisa se eu não fizer aquilo pra ele saber, então eu tentava simplesmente fazer o que eu achava que... o que eu gostaria que eles... que eles entendessem que deveria ser feito e... e a gente vê eles fazendo hoje, um monte, várias coisas. Então... isso aí por exemplo se eu fosse imaginar meus filhos quando eu era novo, como seria meus filhos eu não... talvez imaginaria não imaginaria tão bons (risos). [Pausa de 5 segundos] Que mais? (risos)

P. Que mais? 'Cê que manda aí...

[Pausa de 10 segundos]
R. Ah com relação, com relação também a essa idade não sei se tem muito a ver com essas três... esses três itens aí que 'cê falou que a gente iria conversar mas... é, eu sinto às vezes um eu tenho, duas coisas que eu tenho observado ultimamente em mim positivo e negativo, assim, uma a negativa seria essa que eu eu tava falando, dessa inquietude... talvez sexual aí, uma coisa assim meio... meio estranha (risos) meio fora, meio tumultuada, não 'tá muito sob controle, totalmente sob controle né, mas por outro lado é muito legal é o estado de consciência que a gente atinge assim não sei se tem a ver também com... com a experiência de cada um, mas comigo aconteceu de você se sentir muito tranqüilo em relação às coisas que te acontecem

sabe? Saber lidar com as coisas, eu acho que de repente essa ida essa faixa de idade aí dos 40 dos 50, 40 pra cima, a gente não tem problemas de aut, eu não tive não tenho problemas de auto-afirmação, problemas de... de vergonha de... sabe? Parece que essas coisas caem tudo... pra baixo, então a gente... ah... fica mais a vontade, vive mais à vontade parece, mais confiante... a gente sente se sente mais... experiente, se sente mais inteligente, sabe? Mas assim sem... não é que se sente, você percebe que você consegue sair de problemas com mais facilidade que antes você se mataria pra sair, ia se torturar, sofrer pra caramba, agora é difícil alguma coisa me fazer sofrer.

P. Isso em termos... em geral? Em que tipo de situação?

R. Em geral, em geral, em qualquer tipo de situação. E não é por ser uma pessoa sofrida, assim, porque eu também não fui, eu tenho eu tive uns momentos de... mas perto de 99% da população na verdade eu não tenho nada disso então não é por experiência de sofrimento fala assim sofreu e... por observação talvez da vida só né e... vivend vivências assim de... objetivas então a gente se sente mais... talvez é... algumas pessoas parece que não precisam sofrer tanto pra tomar certa consciência de certas coisas né? Eu acho que... tem muita coisa que eu percebo assim que eu sofri mas é como se eu não tivesse sofrido. Mas é uma sensação muito boa essa, inclusive até por causa pra educar né? Pra educar daqui pra frente parece que é muito mais fácil, do que quando a gente tinha 20 e poucos anos que era... a gente aprendia junto com eles né? Agora parece que fica muito mais fácil ‘cê conversar. Aceitar as coisas que às vezes você ficava brigando por coisas bobas né, com filhos ‘cê ficava lá exigindo uma coisa que ‘cê não... na verdade ‘cê não tinha o direito de exigir ainda né, não precisava ser tão duro... Agora parece que eu ‘tô mais mol é... às vezes eles falam assim “nossa, ‘cê não é mais daquele jeito que ‘cê era antes, antes ‘cê era mais durão, agora ‘cê ‘tá...” e aí acaba sendo assim né, o caçula acaba sempre tirando vantagem nisso né porque... e isso não acontece comigo só isso daí (risos) deve ser com todos, por que que sempre o caçula acaba tendo vantagem? Porque... a pessoa vai amolecendo, vai amadurecendo, vai percebendo que ser tão exigente em alguns aspectos... (pausa).
Mas às vezes eu continuo exigente, quer dizer, eu acho que eu ainda continuo só que sem sem brigar entendeu? Eu sou bem incisivo assim eu não... coisa que eu acho que não tem que ser discutido eu não discuto não. Não é tudo o que faz tudo tem que ser conversado, não, tem coisas que eu ainda não converso, eu acho que quando a gente percebe que ‘tá faltando limite, que eles tão querendo, pedindo limite eu dou o limite rapidinho e não converso vai nessa hora não tem discussão. Dou uma justificativa só (risos) não fico dando...

P. Você falou de sua visão dos projetos e sua relação com os filhos, né? E o casamento, como que é, dentro dessa mesma visão de projetos, que até você falou que não teve muito...

R. O nosso casamento nunca teve projeto nenhum, na verdade ah... depois do relacionamento né? Eu tinha uma visão de casamento que... uma visão de

relacionamento que acabou tendo uma... uma modificação. Mas a gente não teve... projeto assim, nós dois a gente, o pro o projeto era... educar os filhos o que às vezes aí o máximo que podia fazer "ah, o futuro a gente pode fazer isso, aposentar e ir pra não sei onde" mas também conversamos pouco isso porque eu acho tão longe uma coisa ficar pensando na velhice uma coisa tão... pra baixo né? (risos) Nunca me atraiu muito ficar falando que 'cê vai fazer quando ficar velho (fala rindo).
Agora a a o enfoque de casamento pra mim mudou assim, de relacionamento mudou muito, e eu acho que é até meio... pode ser que seja contraditório isso vendo os outros relacionamentos mas, assim: antes eu achava que existia várias pessoas, não existia uma pessoa certa pra pra você, existia várias pessoas que você poderia viver muito bem. O que eu mudei é que hoje eu acho que viver muito bem, não existe pessoa nenhuma que você vai conseguir viver muito bem (risos) entendeu? Eu acho que qualquer pessoa, você vai ter que aturar muita coisa, e ela de você e vai ser uma coisa assim sempre cheia de atritos sempre e isso não acaba. Isso acaba sendo no dia a dia e e eu acho até... a... que... isso aí acaba ficando assim... não se se... se uma das coisas que esfria o relacionamento porque eu não consigo achar mais que existe um jeito de ser assim aquelas pess as pessoas ser duas ser uma, às vezes 'cê vê uns velhinhos que parece que são tão... perfeito, aquela coisa maravilhosa, eu não consigo ver isso mais eu não sei nem se isso daí era coisa do passado, se a gente hoje em dia ainda vai conseguir ver, eu acho muito difícil, não... eu acho que na verdade ninguém consegue viver 100% bem com outra pessoa. Cada vez a gente 'tá mais exigente, mais individualista e... não sei se isso no passado não era tanto assim mas hoje em dia eu 'tô achando que 'tá ficando muito difícil. E o motivo até das... do grande número de separações eu até acredito que seja uma coisa mais ou menos assim porque o individualismo 'tá aumentando muito, todo mundo 'tá exigindo do outro, e pouca gente se se mudando, se adaptando à coisa, então é é uma certa desilusão, uma mudança de visão com relação a relacionamento né isso... isso mudou, e eu nunca fu não se se porque eu tive uma desilusão muito grande na minha juventude com relação a a relacionamento que... eu nunca acreditei num... é, nunca dei importância nenhuma à paixão, sabe, eu acho que paixão não tem nada a ver, a paixão é uma coisa que é doentia só, que não ajuda em nada só... é mais difícil de se lidar né e o meu a minha definição, por exemplo de amor em relação a homem-mulher, ficou sempre meio prejudicada por causa disso, porque eu não conseguia... eu achava assim, falava "não, esse amor... esse é amor por convivência, isso é afinidade, isso é atração física", sabe, começa, comecei a dar nome pras coisas, começou a ficar muita nomenclatura e eu acho que ninguém consegue definir mais o que que é uma coisa o que que é outra porque começaram a chamar amor tanta coisa que 'cê não sabe mais o que que é né. Então existe... amor por convivência, existe atração física, existe atração intelectual, existe paixão, que a gente sabe que é aquela coisa muito... muito doentia que às vezes é uma atração física doen muito forte, alguma coisa assim... mas... então eu nunca consegui me definir nesse... fala "ah, 'cê tem que que é exatamente o que sente" eu não sei exatamente o que sente ou eu não sei dar nome exatamente ao que... né. Aliás falar o que sente já é difícil né, dar nome quando tem um monte de nome que pode ser dado pra esses sentimentos é...

P. Mas se você pudesse falar em termos assim do que significa pra você, sem dar nome, como que você sente toda esta questão que você falou, de sentimentos, casamento, relacionamentos, sexualidade...
R. O que eu sinto? Ah...

P. Como que é pra você né? Você 'tá casado há um tempo, não tinha tudo isso essa coisa de planos...

R. Ah, eu não sei, de vez em quando eu sinto meio cansado assim, sabe? É... eu é é... meio cansado e meio... é como se eu tivesse buscando alguma coisa ainda ou... achando que... 'cê não tem certeza se é assim mesmo (risos) sabe às vezes você não sabe, você fica assim: "Será que é assim mesmo, com todo mundo..." talvez seria até interessante eu saber mesmo só que eu sou meio assim tímido... às vezes de ficar conversando, perguntando pros outros (risos). Mas às vezes eu fico meio assim será que é assim mesmo? Porque parece que 'tá tão... estranho, tão parado, tão... assim, sabe meio... ah... meio frio né? Hum... sei lá talvez um tanto diferente do que, bem diferente do que era no do começo né e... e esse desgaste não sei se é normal então de de vez em quando eu sinto meio infeliz por, mas não sei se sabe você fica meio em dúvida será que é assim, será que... a gente é... tem que 'tar sempre vivendo ah, 100% sabe é, curtindo sabendo que aquele mome que 'tá bom aquele momento, chega uma hora que acontece isso mesmo 'cê tem que esperar isso passar tem que trabalhar isso né? Então isso 'tá... de vez em quando dá uma... um desânimo assim né você acha que... que tem alguma coisa errada aí 'cê fica procurando o que que 'tá errado, aí... aí ao mesmo tempo dá uma dúvida pra ver se se se 'tá mesmo errado, às vezes você não tem nem certeza se 'tá né? Como é que vai procurar o que que 'tá errado. Então... eu acho que na verdade é uma fase do relacionamento que não é boa, essa fase pra mim que eu 'tô sentindo. Eu tive... alguns outros momentos assim... parecido com isso, talvez não 'tão forte. Eu acho que foi aos 30 anos eu não sei, 30 e poucos anos, foi, aconteceu umas duas vezes isso. Mas não é uma coisa com um motivo, não, falar tem um motivo... que 'tá acontecendo isso e isso não não 'tá acontecendo nada, ou talvez seja porque não 'tá acontecendo nada (fala esta frase rindo) mas é... tem alguma coisa diferente, tem alguma coisa enfraquecida, eu senti assim.

P. Enfraquecida como?

R. Do relacionamento, do casamento, eu acho que da minha parte, eu acho que da minha parte, talvez... um pouco também da dela mas assim, eu 'tô dizendo mais da minha 'tá a... as coisas às vezes acontecem meio junto, eu acredito que também tem da parte dela mas a minha principalmente eu 'tô... eu sei assim que se tiver que se falar assim ah não, qual o motivo maior de 'tar de 'tar um pouquinho mais frio o relacionamento, talvez seja mais culpa minha, na minha opinião [pausa de 15 segundos]
E isso aconteceu já uma vez assim uma sensação parecida, em que eu simplesmente não... eu não não sei se é de vez em quando eu fico falando assim "pô mas eu não tive coragem de mudar nada" então aí eu começo a me sentir um pouco covarde

assim né falar "pô mas já aconteceu e 'cê não mudou nada agora aconteceu de novo e 'cê não muda nada 'cê não..." então às vezes eu me senti um pouco... às vezes eu me sinto covarde, e já me senti né por às vezes o relacionamento não 'tar grande coisa e eu não ter coragem de mudar nada, de deixar o negócio correr pra ver o que acontece sabe alguma coisa assim, e às vezes eu penso que não é covardia, que às vezes é simplesmente é... um pouco de... sei lá, de pensar, às vezes eu penso mais nos outros e acaba se esquecendo um pouco assim sabe, você fala assim são 4 pessoas, não é eu que 'tô resolvendo a minha vida 'tô resolvendo a minha e mais quatro né, então às vezes isso dá... acaba fazendo com que a gente fica meio... aceite mais as coisas e deixe o negócio correr e... não vê um monte de problemas que às vezes 'tá até pintando, 'cê às vezes finge que não vê, passa por cima e... e diminui a intensidade das coisas né, deixa o negócio mais fraco e... pra poder suportar né, alguma... algum problema.

P. Quer dizer, de uma certa forma eu 'tô entendendo assim, existe ou existiu, não sei, alguma expectativa que você às vezes vê que... não foi atingida ou que dentro da sua expectativa você tinha uma idéia do que seria e isso nesses momentos não ficava bem claro, ficaria mais fraco? Como que é isso?

R. Eu não tinha, é que nem eu 'tava dizendo, eu não tinha um posicionamento, uma idéia do que seria, o nosso relacionamento foi um relacionamento assim que, ele não teve muito começo ele e ele foi... sabe foi uma coisa muito... atípica, na verdade, então... ficou, fica um negócio assim ah não foi um relacionamento assim que começou com namoro e foi amadurecendo e não sei que e aí houve o casamento, aí houve os filhos quer dizer foi de uma maneira diferente disso então foi meio sem projeto, a gente não teve projeto de nada, a gente é, quando... quando começou a morar junto já tinha casa montada já não... não teve casamento não teve nada, foi... assumi os filhos e e o relacionamento assim... e a gravidez e tudo junto sabe aquele negócio? Então já foi um negócio meio atípico então parece que não teve nem tempo de ter projeto sabe, de ter alguma coisa, foi um negócio meio diferente, então, é não teve desilusão com relação à expectativa, mesmo porque não tinha muita expectativa, a desilusão foi em relação assim ao conceito de relacionamento só uma coisa mais pessoal que eu 'tava dizendo, mas assim não teve muito "ah eu esperava isso de relacionamento" e...

P. Mas é nesse sentido mesmo quer dizer, tinha ou tem não sei um conceito de relacionamento?

R. Hum, hum. (no sentido afirmativo)

P. E qual seria? Porque quando você fala "ah, parece que 'tá meio frio, 'tá meio distante", você fala, "ah me sinto às vezes meio infeliz ou confuso..."

R. É, é justamente nessa hora que eu fico meio em dúvida né se isso daí faz parte de um de uma fase de um relacionamento, que é talvez é isso o que a gente 'tá

esperando pra acontecer, pra confirmar né isso der uma estabilizada e fique mais tranqüilo né? Porque... acontece justamente numa fase assim que que você sente aquela diferença, sente essa... talvez... esse aumento da da dessa parte sexual que a gente ‘tava comentando né então aí você não sabe se as duas coisas têm a ver com uma mesma se tem... uma ocasionou a outra né, se uma é conseqüência da outra ou não e... eu ‘tô exatamente numa fase de observação disso daí, eu ‘tô exatamente... assim meio... quieto vendo o que que ‘tá acontecendo. Porque é uma coisa assim de dois anos, um ano que eu ‘tô sentindo essas diferenças. Mas o... o conceito ainda de relacionamento ainda pra mim é totalmente eu não me considero um uma pessoa pra falar de relacionamento assim como se eu entendesse porque eu nunca observei o relacionamento dos outros, e o meu eu tive um só e e o problema é esse se você tiver um pouquinho de experiência ou de vivenciar outros relacionamentos ou de observar, alguma coisa assim, você tem uma referência pra entender o seu também, e saber se é uma coisa normal, se não é mas... é com as outras pessoas... Eu não tenho muitos amigos casais assim de conversar sabe, pessoal e os que têm são diferentes da gente né e você acaba não tendo uma abertura e não não não tem aquela... e a gente perde um pouquinho o padrão, a referência, ‘cê fica meio assim “pô como que será que é” porque não adianta você aprender depois que passou, você quer saber na hora né ou antes.

P. Mas quando você fala que essa coisa mais fria né ‘cê fica meio... não é uma situação muito agradável então quer dizer que talvez dentro da sua idéia de relacionamento, é isso que você ainda não falou né, qual é a sua visão, você tinha uma visão de algo mais agradável ou como você falou seria aquela coisa de altos e baixos?

R. Eu achava que a gente não ia, eu achava que a gente, a visão que eu tinha era que a gente não ia... enjoar sabe? Não ia cansar ou a coisa não ia ser tão repetitiva assim, sabe, que eu acho que, eu achava que ia ser ao contrário, que o negócio tinha tendência a você cada vez quanto mais você conhece a pessoa você saber mais do que ela gosta, saber o que você gosta e o relacionamento ser, ir melhorando e não... e não ser uma coisa meio cansativa que a pessoa em vez de... parece que as pessoas em vez de... entender a o outro ele começa a perder a paciência com o outro, entendeu? Por causa de você saber tudo, o que vai acontecer né, que fica uma coisa, uma rotina né. Então parece que tem um pouquinho mais de irritação em vez de tolerância sabe, uma coisa... E alguma coisa que eu vejo, eu não observo tanto, mas alguma coisa que eu vejo ‘cê vê às vezes o pessoal assim mais de idade uns esculachos às vezes um com o outro assim né, que talvez quando era novo não fazia né? (risos) Parece que tem uma perda de paciência parece que o negócio começa a repetir, repetir, repetir e em vez de você ficar com... sabendo “bom se repetiu assim tantos anos é porque é assim” e, não, você fica mais irritado. Então eu não imaginava que fosse, eu achei que ia ser mais... assim mais... um negócio mais amadurecido e que fosse melhorando.
Mas parece que tem uma coisa um fator meio... externo também agindo, a gente fica procurando tudo internamente e entre os dois mas parece que tem um fator externo da da da da nossa vida moderna agora assim de... de as pessoas serem mais intolerantes, talvez por causa daquela individualidade que eu ‘tava falando né? A

gente não aceita muito, você quer que as pessoas pensem dentro do seu padrão, ajam dentro do que ‘cê pensa e... e parece que ‘tá todo mundo num... a... buscando... todo mundo buscando a satisfação física mesmo, individual, ninguém ‘tá pensando muito no outro. Cada vez menos, até os pais nos filhos eu acho que ‘tão... ‘tão abandonando muito, não sei, você percebe que ‘tá... não só com o relacionamento né e ‘tá... e outra coisa também começa a ficar muito normal ‘cê vê as pessoas que não... quanto tem qualquer dificuldade entre... no relacionamento separar, então a própria “fulano separou, não sei quem separou” você vê que... parece que não não é pra se tolerar sabe? Dá a impressão né, que eles ‘tão, quer dizer, não é pra se tolerar mesmo, se não ‘tá bom larga e acabou né? E é uma coisa que quando a gente começou a gente não pensava que seria assim, achava que... né, achava puxa todo mundo separa e... com a gente não vai ser assim, tal, mas na hora, depois você começa a perceber que a separação às vezes é por motivos bobos, é por... intolerância só que acontece. E a pessoa vai pensar que vai achar um outro, mas o outro, 1 ano, 2 anos, 3 anos vai ‘tar ótimo, depois de 15, 20 é outra história (risos). Isso pode ser o relacionamento que for. Eu só meio assim... eu não acredito muito sabe no... naquele amor pra vida inteira então... talvez seja já um obstáculo pra mim não conseguir... ter um relacionamento melhor, é eu não acreditar muito nisso, eu achar que... que cansa mesmo né, que é uma coisa que acontece com todo mundo.
Porque quando eu penso em alguma coisa diferente desse relacionamento eu falo assim “não, eu acho que eu não vou achar ninguém pra ficar a vida toda”, então se eu sair desse relacionamento eu vou ficar um pouco com cada (risos) entendeu, aquele jeito assim de... (risos) chutar o balde mesmo porque eu não acredito muito mesmo que... Eu acho, eu acho por enquanto, por isso que eu ‘tô junto assim vivendo porque eu acho que na verdade é isso mesmo, por enquanto entendeu, mas eu não tenho certeza disso (risos) é isso o que eu ‘tô querendo ter ainda, mas...
Sei lá, alguma outra coisa assim que você gostaria de saber?

P. Não, acho que não. Muito obrigada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; A paternidade. In. _____; SALAS, E. J. ***A paternidade***: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, p. 68-87.

ALTAVILLA, E. ***O homem na menopausa***. Lisboa, Editorial Futura, 1979.

ARIÈS, P. ***História social da criança e da família.*** Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

_____. O amor no casamento. In. _____; BÉJIN, A. (Orgs.) ***Sexualidades ocidentais.*** São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 153-163.

ARILHA, M.; MEDRADO, B.; RIDENTI, S. G. U. Apresentação. In. ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Orgs.) ***Homens e masculinidades:*** Outras palavras. São Paulo, ECOS (Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana)/Ed. 34, 1998, p. 09-28

BADINTER, E. ***Um amor conquistado:*** O mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

_____ ***XY:*** Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

BEAINI, T. C. ***À escuta do silêncio***: Um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1981.

BEAUVOIR, S. de ***A velhice***. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BLEICHER, J. ***Hermenêutica contemporânea***. Lisboa, Edições 70, S/D.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. ***Investigação qualitativa em educação:*** Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Porto Editora, 1997.

BRUNS, M. A. T. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses entre a objetividade e a subjetividade. In. _____; HOLANDA, A. F. (Orgs.) ***Psicologia e pesquisa fenomenológica:*** Reflexões e perspectivas. São Paulo, Ômega Editora, 2001, p. 57-66.

BRUNS, M. A. T.; ABREU, A. S. O envelhecimento: Encantos e desencantos da aposentadoria. ***Rev. da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP)***. v. 1, nº 1, p. 05-33. Porto Alegre. 1º sem. 1997. (Rev. semestral)

BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. Gravidez na adolescência: Do problema à compreensão. Rev. ***Viver Psicologia***. Ano 35, p. 14-15, São Paulo, Ed. Pereira

de Castro, 1995.

BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. A presença da ausência. ***Jornal Correio de Campinas***. Campinas – SP, 24 maio, 1997. Caderno 1, Seção Opinião, p. 3.

BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. Meu filho vai ser pai!. ***Jornal Correio de Campinas***. Campinas – SP, 16 maio, 1998. Caderno 1, Seção Opinião, p. 3.

BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. ***Meu filho vai ser pai! E agora?!*** São Paulo, Ômega Editora, 2001a. (Coleção Conversando sobre sexualidade).

BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. ***A paternidade:*** Presença da ausência?! São Paulo, Ômega Editora, 2001b. (Coleção Conversando sobre sexualidade).

CANEVACCI, M. (Org.) ***Dialética da família.*** São Paulo, Brasiliense, 1985.

CHAUÍ, M. ***Repressão sexual***: Essa nossa (des) conhecida. São Paulo, Brasiliense, 1991.

_____ Apresentação: Os trabalhos da memória. In. BOSI, E. ***Memória e sociedade:*** Lembranças de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 17-33. (3ª edição)

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. ***Dicionário de símbolos.*** (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

CHODOROW, N. Estrutura familiar e personalidade feminina. *In* ROSALDO, M. Z. LAMPHERE, L. (Orgs.) ***A mulher, a cultura, a sociedade***. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 65-94.

CLASSE A. ***Jornal da USP.*** São Paulo. 28 out. a 03 nov. 1991, p. 10-11.

CORETH, E. ***Questões fundamentais da hermenêutica***. São Paulo, EPU - Ed. Pedagógica e Universitária, 1973.

COSTA, R. P. da ***Os onze sexos***. São Paulo, Editora Gente, 1994.

DAVIDOFF, L. ***Introdução à psicologia***. São Paulo, Makron Books, 2001.

DUPUIS, J. ***Em nome do pai:*** Uma história da paternidade. São Paulo, Martins Fontes, Coleção Fio da Meada, 1989.

ERIKSON, E. As oito idades do homem. In. _____***Infância e sociedade***. Rio de Janeiro, Zahar, 1976a, p. 227-253.

_____ ***Identidade, juventude e crise***. Rio de Janeiro, Zahar, 1976b.

ESPÓSITO, V. H. C. Hermenêutica: Estudo introdutório. ***Rev. da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos***. v. 2, nº 2. São Paulo, A Sociedade, p. 85-112, 1991.

_____ Pesquisa qualitativa: Modalidade fenomenológico-hermenêutica. Relato de uma pesquisa. *In*: BICUDO, M. A. V.; _____(Orgs.) ***Pesquisa qualitativa em educação***. Piracicaba, Editora UNIMEP, p. 81-83, 1994.

FEATHERSTONE, M. Moderno e pós-moderno: Definições e interpretações. In. _____ ***Cultura de consumo e pós-modernismo.*** São Paulo, Studio Nobel, 1995, p. 17-30.

FERREIRA, A. B. de H. ***Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI.*** Versão 3.0, Lexicon Informática Ltda., novembro 1999. [Corresponde à versão integral do Novo Dicionário Aurélio – século XXI, publicado pela Editora Nova Fronteira].

FLANDRIN, J-L. A vida sexual dos casados na sociedade antiga. In. ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.) ***Sexualidades ocidentais.*** São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 135-162.

FOLHA DE S. Paulo. A família. Mãe: de dona de casa a dona da casa. São Paulo, 20 de setembro 1998. Caderno Especial A, p. 01-16.

FOUCAULT, M. O eu e os outros. In. _____ ***História da sexualidade***. v. 3: O cuidado de si. Rio de Janeiro, Graal, 1985, Cap. 3. p. 79-101.

FREUD, S. (1905) ***Três ensaios sobre sexualidade***. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 118-228.

FREUD, S. (1923a) ***O ego e o id***. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 13-83.

FREUD, S. (1923b) ***A organização genital infantil:*** Uma interpolação na teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 177-184.

FREUD, S. (1924) ***A dissolução do Complexo de Édipo***. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 215-224.

GADOTTI, M. ***Dialética do amor paterno***: Do amor pelos meus filhos ao amor por todas as crianças. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo).

GIFFIN, K. Exercício da paternidade: Uma pequena revolução. In. SILVEIRA, P. (Org.) ***Exercício da paternidade***. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p. 75-80.

GILES, T. R. ***História do existencialismo e da fenomenologia.*** São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária (EPU), 1989.

GUIMARÃES, I. ***Educação sexual na escola***: Mito e realidade. Campinas-SP, Mercado de Letras, 1995.

HASHIMOTO, F. ***Ventos de outono:*** Uma fenomenologia da maturidade. São Paulo, Arte e Ciência, 1998.

HEIDEGGER, M. ***Todos nós... ninguém:*** Um enfoque fenomenológico do social**.** São Paulo, Moraes, 1981.

_____ ***Ser e Tempo***. Vol. I. Petrópolis, Vozes, 1995.

_____ ***Ser e Tempo.*** Vol. II. Petrópolis, Vozes, 1996.

KURY, M. da G. ***Dicionário de mitologia grega e romana***. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

KUSNETZOFF, J. C. ***Andropausa:*** A sexualidade masculina aos 50 anos. São Paulo, Editora Gente, 1996.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. ***Vocabulário de psicanálise***. São Paulo, Martins Fontes, 1986. (9a. edição)

LINTON, R. ***O homem:*** Uma introdução à Antropologia. São Paulo, Martins Editora, S/D.

MACEDO, J. R. ***A mulher na Idade Média***. São Paulo, Contexto. (Coleção Repensando a História Geral), 1995.

MALINOWSKI, B. ***A vida sexual dos selvagens***. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1983.

MARDEGAN, JR. E. ***A idade do lobo.*** Mercuryo, 1993.

MAY, R. Os três mundos. In. _____ ***A descoberta do ser:*** Estudos sobre a psicologia existencial. Rio de Janeiro, Rocco, 1988, p. 139-145.

MENEZES JR., A. de ***A conquista da autenticidade em Heidegger.*** Belo Horizonte. 1987. 143 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais.

MUCHAIL, S. T. Prefácio. In. BEAINI, T. C. ***À escuta do silêncio:*** Um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1981, p. 07-12.

NOLASCO, S. ***O mito da masculinidade***. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

NOVA família tem múltiplas faces. ***PSI:*** Jornal de Psicologia. Ano 19, nº 128. p. 10-15, maio/junho, 2001.

NUNES, B. ***Passagem para o poético*** (Filosofia e poesia em Heidegger). São Paulo, Ática, 1992.

NUNES, C. A. ***Desvendando a sexualidade***. Campinas, Papirus, 1987.

PALMER, R. E. ***Hermenêutica.*** Lisboa, Edições 70, S/D.

PARSEVAL, G. D. de ***A parte do pai***. Porto Alegre, L&PM Editores, 1986.

REIS, A. O. A.; ZIONI, F. O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência. ***Rev. Saúde Pública***, nº 27, v. 6, 472-477, São Paulo, 1993.

REZENDE, A. M. de ***Concepção fenomenológica da Educação***. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1990.

ROMANELLI, G. A paternidade em famílias de camadas médias. ***Trabalho apresentado na XIX Reunião da ANPOCS***, mimeo, 1995.

ROSENTHAL, S. R. ***Sexo depois dos 40, 50, 60, 70.*** Rio de Janeiro, Record, 1987.

SALEM, T. O casal igualitário: princípios e impasses ***Rev. Brasileira de Ciências Sociais.*** v. 3, n 9, fevereiro, s/r, 1989.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. ***Rev. Educação e Realidade***. nº 16, v. 2, 05-22. Porto Alegre, jul./dez., 1990.

SILVEIRA, P. O exercício da paternidade. In. _____(Org.) ***Exercício da paternidade***. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p. 27-39.

SPANOUDIS, S. Apresentação: A todos que procuram o próprio caminho. In. HEIDEGGER, M. ***Todos nós... ninguém:*** Um enfoque fenomenológico do social**.** São Paulo, Moraes, 1981, p. 09-22.

STEIN, E. ***A questão do método na filosofia:*** Um estudo do modelo heideggeriano. São Paulo, Duas Cidades, 1973.

TEM MENOS RICOS NO BRASIL. Pelo menos na divisão por classes. ***Jornal da USP.*** São Paulo. 28 out. a 03 nov. 1991, p. 09.

TRINDADE, E. ***"Eu, pai?!" A paternidade na adolescência e seu significado.*** Ribeirão Preto, 1997. 188 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - USP.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. Era isso o que eu queria? Um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência. ***Rev. Bras. de Sexualidade Humana***. v. 7, nº 2, p. 167-186, São Paulo, Ed. Iglu, 1996. (Indexada).

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. Pai adolescente: Quem é ele? ***Rev. Bras. de Sexualidade Humana***. v. 9, nº 1, p. 23-28, São Paulo, Ed. Iglu, 1996. (Indexada).

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. ***Adolescentes e paternidade:*** Um estudo fenomenológico. Ribeirão Preto, Holos Editora, 1999.

VAITSMAN, J. ***Flexíveis e plurais:*** Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**.** Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

VIZZOTTO, M. M. Sobre a importância da figura paterna no desenvolvimento. ***Cadernos de Pesquisa***. NEP (Núcleo de Estudos Psicológicos). Ano I, números 1 e 2, p. 03-16, Campinas – Unicamp - Faculdade de Educação, 1995.